



Sobre a Obra:

Moksha, que em sânscrito significa “liberação”, é uma coletânea de ensaios sobre psicotrópicos e experiências visionárias escritos por Aldous Huxley. Neste livro Huxley aborda o uso dos etheogenos (drogas psicodélicas) como uma ferramenta de exploração mental e espiritual como meios de expandir os níveis de consciência.

Sobre a Digitalização desta Obra:

Esta obra foi digitalizada para proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-livro ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.

A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

Distribua este livro livremente!

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

Incentive o autor e a publicação de novas obras!

Digitalização :: Kikoo

ALDOUS HUXLEY

Moksha

Textos sobre Psicodélicos e a Experiência Visionária 1931 – 1963

Organizado por

Michael Horowitz e Cynthia Palmer

Com introduções de

Albert Hofmann e Alexander Shulgin

Tradução de Eliana Sabino

“Mas aquele que contempla o terceiro mantra de OM, isto é, vê Deus como Ele Próprio, torna-se iluminado e obtém moksha. Assim como a serpente, liberta de sua pele envelhecida, torna-se outra vez nova, assim o yogi que cultua o terceiro mantra, aliviado de suas perturbações mortais, de seus pecados e suas fraquezas terrenas, e livre, com seu corpo .espiritual, para vagar por todo o Universo de Deus, goza a glória do Espírito Onisciente e Onipresente, para sempre. A contemplação do último mantra dá-lhe a bênção de moksha, ou imortalidade.”

De O Mandukopanisat sendo A Esposição de OM o Grande Nome Sagrado do Ser Supremo no Vedaa. Tradução inglesa de Pandit Guru, Datta Vidyarthi, Prof. de Ciências Físicas, Lahore. Lahore, 1898.

“– Abram bem os olhos e olhem para o Nataraja que está no altar. Observem-no detalhadamente. Na sua mão superior direita, como vocês já viram, ele segura o tambor que chama o mundo para a vida, e na sua mão superior esquerda segura o fogo da destruição. Vida e morte, ordem e desintegração, imparcialmente distribuídas. Agora, olhem para o outro par de mãos de Xiva. A mão inferior direita está erguida e com a palma voltada para fora. Qual a significação desse gesto? Ele quer dizer: ‘Não tenha medo, tudo está bem.’ Mas como pode uma pessoa sensata não ter medo? Como fingir que o mal e o sofrimento sejam coisas certas, quando a evidência de que são erradas é tão óbvia? Nataraja tem a resposta. Agora, observem a sua mão inferior esquerda e vejam que com ela está apontando para os pés. E os pés, que estão fazendo? Olhem com cuidado e verão que com o pé direito ele pisa numa pequena e repelente figura sub-humana – o demônio, Muyalaka, que, embora sendo um anão, é dotado de um imenso poder de Malignidade. Muyalaka corporifica a ignorância, representa a ganância e o egoísmo exagerado. Esmaguem-no, quebrem-lhe as costas! exatamente isso que Nataraja está fazendo. Esmagando o monstinho sob o seu pé direito. Mas notem que não é para o seu pé direito que ele está apontando com o dedo e sim para o esquerdo. O pé que, no ato de dançar, ele está levantando do chão. E por que aponta para ele? Por quê? Esse pé erguido, esse desafio dançante à força da gravidade é o símbolo da libertação, do *Moksha*, da liberação. Nataraja dança ao mesmo tempo em todos os mundos – no mundo da física e da química, no mundo da rotina, do demasiadamente humano e, finalmente, no mundo da Semelhança, da Inteligência, da Luminosidade...”

De A ilha, de Aldous Huxley (1962)

Prefácio

Em meados da década de 50, quando surgiram *As portas da percepção* e *Céu e inferno*, de Aldous Huxley, neles encontrei descrições de experiências e a articulação de idéias que, desde a descoberta do LSD doze anos antes, vinham ocupando constantemente o meu pensamento.

Nessa época, pesquisas científicas a respeito do LSD já tinham sido efetuadas nos campos da medicina, biologia, farmacologia e psiquiatria, e mais ou menos mil estudos já tinham sido publicados. Mas me parecia que uma potencialidade fundamental desse agente químico ainda não tinha sido suficientemente estudada ou reconhecida: sua capacidade de produzir experiências visionárias. Fiquei portanto muito contente ao saber que uma pessoa de tão alto nível literário e espiritual como Aldous Huxley, usando mescalina, que produz efeitos qualitativamente semelhantes aos do LSD, voltara-se para um estudo profundo desse fenômeno. Desde o início do século haviam-se feito pesquisas sobre a mescalina, mas depois o interesse por essa droga decaiu bastante.

Mais ou menos na mesma época em que Huxley levou a cabo suas experiências com mescalina, fiz algumas sessões de LSD com o famoso autor alemão Ernst Jünger, com o objetivo de obter um conhecimento mais profundo sobre as experiências visionárias produzidas na mente humana por essa droga. Ernst Jünger registrou suas experiências num ensaio intitulado *Besuch auf Godenhalm* (Em busca de Godenhahn) (Vittorio Klostermann, Frankfurt a.M., 1952), que nos dá, em forma literária, a essência de suas interpretações. Por outro lado, Aldous Huxley, nos livros acima mencionados, não apenas fornece uma excelente descrição de seu encontro com a mescalina, mas também uma avaliação desse tipo de droga a partir de um ponto de vista de elevado nível espiritual e mental, levando em conta aspectos sociológicos, estéticos e filosóficos.

Aldous Huxley realmente defendeu o uso de certas drogas, o que levou certas pessoas que estudaram suas obras superficialmente, ou de todo não o fizeram, a acusá-lo de ser, até certo ponto, responsável pela crescente onda de abuso de drogas, ou até mesmo de ser ele próprio um viciado. Essa acusação não tem, é claro, uma base justificável, pois Huxley só lidou com substâncias para as quais Humphry Osmond criou o termo “psicodélicos”. Trata-se de agentes psicotrópicos que até então eram denominados, em literatura científica, “alucinógenos” ou “psicotomiméticos”. Não são substâncias narcóticas que causam dependência, como a heroína, ou como a cocaína, com suas danosas conseqüências para o corpo e a mente, contra as quais Huxley nós preveniu enfaticamente.

Substâncias psicotrópicas de origem vegetal já vinham sendo usadas há milhares de anos no México como drogas sacramentais em cerimônias religiosas e como poções mágicas com efeitos curativos. Os mais importantes desses psicodélicos são: a mescalina, encontrada no cacto do peiote; a psilocibina, que isolei dos cogumelos sagrados mexicanos chamados *teonanacatl*; e, naturalmente, o LSD. Apesar de ser o LSD (*Lysergsäure-diethylamid*, ácido lisérgico-diethylamido) uma substância semi-sintética que preparei em laboratório a partir do ácido lisérgico contido na cravagem um fungo que cresce no centeio, ele pertence, do ponto de vista de sua constituição química e seu modo psicotrópico de ação, ao grupo de drogas sacramentais mexicanas. Essa classificação ainda mais se justifica porque encontramos em outra droga sacramental mexicana, o *ololiuqui*, as substâncias ativas ácido lisérgico-amido e ácido lisérgico-hidroxiethylamido, que são, como exprimem os

termos químicos, bem próximas do ácido lisérgico-dietilamido.

Ololiuqui é a denominação asteca para as sementes de certas espécies de ipoméia. O LSD de ser considerado uma droga *ololiuqui* elevada a uma potência mais alta, porque enquanto a dose ativa do ácido lisérgico-amido que constitui o *ololiuqui*, 'chega a 2 mg (0,002 g), um efeito semelhante pode ser produzido com apenas 0,05 a 0,1 mg de LSD.-

No peiote, no *teorranacutl* e no *ololiuqui* existem efeitos psíquicos que alteram profundamente a consciência, e que fizeram com que os índios dos países da América Latina respeitassem e temessem essas drogas, e as colocassem sob tabu. Apenas uma pessoa ritualmente limpa, preparada por meio de jejum e orações, tinha a qualificação e o direito de ingerir essas drogas, e mesmo assim apenas num corpo tão purificado quanto a sua natureza divina pudesse desenvolver, ao passo que os impuros sentiam-se enlouquecer, ou mortalmente atingidos.

Aldous Huxley dispôs-se a demonstrar como o poder interior dessas drogas sacramentais poderia ser usado para o bem-estar de pessoas que vivem numa sociedade tecnológica hostil a revelações místicas. Os ensaios e conferências reunidos neste volume vão permitir uma melhor compreensão dessas idéias. Na opinião de Huxley, o uso de psicodélicos devia ser parte de uma técnica de "misticismo aplicado" que ele descreveu para mim numa carta de 29 de fevereiro de 1962 como "Uma técnica para ajudar as pessoas a aproveitar o máximo de sua experiência transcendental e a usar suas percepções do 'outro mundo' ao lidar com 'este mundo'. Meister Eckhart escreveu que 'o que é recebido em contemplação tem que ser distribuído em amor'. Essencialmente é isto que deve ser desenvolvido – a arte de distribuir em amor e inteligência o que é recebido em visões e na experiência de autotranscendência e solidariedade com o universo."

Em seu último e mais comovente livro, o romance utópico *A ilha*, Aldous Huxley descreve o tipo de estrutura cultural na qual os psicodélicos – chamados, em sua narrativa, medicina-*moksha* – poderiam ser aplicados de maneira benéfica. *Moksha* é, portanto, um título bem apropriado para este livro, pelo qual devemos agradecer aos seus organizadores.

Albert Hofmann Burg i.L. Suíça

Introdução

Moksha é uma coletânea dos escritos de Aldous Huxley, a maior parte datando de sua última década de vida. Para a avaliação desses discursos, ensaios e cartas, e do valor que ele lhe atribuía, faz-se necessária uma apresentação do autor, assim como do legado literário que ele nos deixou. Aldous Leonard Huxley nasceu em 26 de julho de 1894, de uma notável família literária e científica. Era o terceiro filho do Dr. Leonard Huxley – professor, diretor editorial e literato – e de Julia Arnold, sobrinha do poeta Matthew Arnold e irmã da romancista Sra. Humphrey Ward. Era neto de T. H. Huxley, o cientista, e bisneto do formidável filósofo Dr. Thomas Arnold. Seu irmão mais velho, Julian, morreu em 21 de fevereiro de 1975, extinguindo-se assim essa geração de Huxleys mundialmente famosos.

Os próprios escritos de Huxley são o melhor documento de sua transição de poeta a romancista, a místico, a ensaísta, a cientista. Aos dezesseis anos, uma desastrosa infecção no olho deixou Huxley praticamente cego, impedindo a desejada carreira médica. Forçado a depender do *braille* para ler, de um guia para caminhar e de uma máquina para escrever, ele considerava sua incapacidade irreversível, e seus primeiros poemas, tais como *The defeat of youth* (A derrota da juventude) (1918) e *Leda* (1920) exprimem amargura. No entanto, o poema-título de *The cicadas* (As cigarras) (1931) mostra uma libertação desses sentimentos mórbidos, e numa enxurrada de criação Huxley trocou a poesia pelo romance, chocando o público leitor com *Crome yellow* (Amarelo-cromo) (1921), *Antic hay* (1923) e *Those barren leaves* (Aquelas folhas maninhas) (1925). Foi comparado a dois rebeldes literatos contemporâneos, Noel Coward e Richard Aldington; no entanto, enquanto esses últimos atacavam a classe média sem apresentar sugestões para seu aperfeiçoamento, os escritos de Huxley forneciam as sementes da síntese construtiva. Na coletânea de ensaios de viagem *Jesting pilate* (Pilatos galhofeiro) (1926) e em seu romance *Time must have a stop* (O tempo deve parar) (1944), pode-se encontrar o estilo brilhante que se tornaria sua marca, e vislumbres das preocupações filosóficas que logo lhe despertariam a atenção.

O romance *Brave New World* (Admirável Mundo Novo) (1932) precedeu o *1984* de George Orwell de uns vinte anos, e é hoje talvez o trabalho mais conhecido de Huxley. Um número perturbadoramente grande de suas profecias foram cumpridas.

Nesse romance, Huxley apresenta uma droga curativa chamada *Soma* (o Cristianismo sem lágrimas, a moralidade num frasco) que deve ser comparada com sua criação posterior, *Moksha* (um processo de educação e esclarecimento).

A opinião de Huxley sobre o cientista, uma pessoa que une as disciplinas da religião e da filosofia com a ciência, segue os princípios que ele apresentou pela primeira vez em *O tempo deve parar*. Nesse romance ele evitou cuidadosamente comprometer-se com extremos: sentia que, na busca da verdade e da compreensão, a ausência de uma hipótese significaria falta de motivo ou razão para experimentações, enquanto que construir uma hipótese por demais elaborada resultaria em descobrir o que se tem certeza de estar ali e ignorar todo o resto. Sua “hipótese de trabalho mínima” supõe a existência de uma Divindade ou Substrato, uma “ausência de ego” transcendente e imanente, da qual a pessoa deve tornar-se parte através do amor e do conhecimento.

O encontro com o Dr. Humphry Osmond, em 1953, que forneceu o cadinho para as experiências pessoais de Huxley em desafiar essa “hipótese de trabalho mínima”, é o ponto de parda lógico para a presente coletânea. A mescalina, então uma droga pouco estudada,

encontrada no cacto *Anhalonium lewimi*, serviria como catalisador dessa experiência. A mescalina foi pela primeira vez isolada da planta em 1894 por Heffter, sintetizada por Spath em 1919 e explorada farmacologicamente por Rouhier e Beringer na década de 20. No início da década de 50, porém, os únicos estudos a respeito dos efeitos dessa droga eram 'clínicos e fisiológicos; não havia qualquer pesquisa literária ou humanística.

Os resultados da pesquisa científico-humanística de Huxley foram profundos e logo se fizeram sentir. As conseqüências a curto prazo foram o registro de experiências produzidas pela droga em *The doors of perception* (As portas da percepção) (1954), e a elaboração a partir delas, e a sua extrapolação para outros fenômenos de consciência em *Heaven and hell* (Céu e inferno) (1956). A conseqüência a longo prazo dessa experiência e das diversas que a seguiram, convenceu Huxley da validade de sua hipótese de trabalho: havia um Substrato que era “tudo o que está acontecendo em toda parte do universo”, ou melhor, a consciência desse “tudo”. Ele ficou fascinado pelo potencial de drogas como a mescalina, o LSD e a psilocibina de proporcionar uma experiência de aprendizado que normalmente nos é negada em nosso sistema educacional. Suas conferências, seus romances e seus ensaios repetiam o tema do desespero e da esperança. Num artigo publicado em *Playboy* (novembro de 1963) ele exprimiu seu desespero porque “num mundo de explosão populacional, de um avanço tecnológico desenfreado e de um nacionalismo militante, o tempo à nossa disposição – para a descoberta de novas fontes de energia para ultrapassar a inércia psicológica de nossa sociedade – é estritamente limitado”. A esperança, expressa em sua fantasia utópica *Island* (A ilha) (1962), é de que “uma substância semelhante à psilocibina poderia ser usada para potencializar a educação não-verbal do adolescente e para lembrar aos adultos que o mundo real é muito diferente do universo deformado que eles criaram para si mesmos por meio de seus preconceitos de condicionamento cultural”.

Em *A ilha* o conceito de uma droga semelhante é desenvolvido com a apresentação de um fungo, o Moksha. Pelo nome é evidente que não se trata do Soma apresentado em *Admirável Mundo Novo*; “Moksha” deriva do sânscrito, significando “liberação”, e “soma” vem da palavra “corpo” em grego. Com esse livro, Huxley novamente acirrou a controvérsia muito à frente de seu tempo, com a descrição do processo da morte como um processo de aprendizado, que pode ser enriquecido pela administração de drogas psicodélicas. A sinceridade dessa opinião fica evidenciada em sua experiência final, na qual ele recebeu duas pequenas doses de LSD, uma delas algumas horas antes de morrer e a outra pouco antes da morte. Em seus últimos momentos ele estava consciente e tranqüilo.

Durante a última década de sua vida, Huxley mostrou-se intencionalmente controverso; no entanto era desesperadamente sincero. É impossível adivinhar o que ele escreveria hoje, uns quinze anos depois, diante da ampla proselitização para o uso de drogas psicodélicas que ocorreu no fim dos anos 60. Nessa época seu uso espalhou-se, freqüentemente por parte de pessoas que não se tinham preparado para a experiência ou para a integração pessoal dos valores dela. O que quer que ele pudesse ter escrito, o papel de Huxley na literatura e na expressão da filosofia da expansão da consciência jamais poderá ser negado.

Alexander T. Shulgin Lafayette, Califórnia

Nota dos Organizadores

A apresentação é cronológica, a não ser por pequenas discrepâncias surgidas de nossa tentativa de organizar a correspondência de cada ano. Os discursos estão organizados de acordo com as datas em que foram pronunciados, e não em que foram impressos; os ensaios, de acordo com a data da primeira impressão, e não da publicação em forma de livro. As memórias de Humphry Osmond e Laura Huxley foram colocadas na zona temporal a que pertencem, e não na data de sua publicação.

No interesse de reproduzir os textos completos de vários ensaios e conferências, muito escassos e difíceis de se obter, arriscamos algumas repetições ocasionais que esperamos sejam compensadas pelo mérito de proporcionar essas pequenas variações de linguagem e de idéias de um magistral estilista da prosa. [...]

A grafia de *mescalina* não foi padronizada, e as opiniões se dividem entre o uso popular da forma abreviada e o mais científico, por extenso. A grafia de Huxley da palavra *psicodélico* foi mantida, já que, claramente, esta era a sua preferência.

“Bedford” refere-se à obra de Sybille Bedford, *Aldous Huxley: a biography* (Chatto e Windus em associação com Collins, 1974). O nome “Smith” seguido de um número no cabeçalho de uma carta refere-se à edição de *Letters of Aldous Huxley* a cargo do Professor Grover Smith (Chatto & Windus, 1969).

Queremos consignar a contribuição de Robert Barker, diretor da Biblioteca Memorial Fitz Hugh Ludlow, que concebeu esta antologia e forneceu material de consulta e pesquisa. Agradecemos a Joan Wheeler Redington por comparar as versões inglesa e francesa dos artigos do *Planète* e do *Fate*. Somos muito gratos à Sra. Laura Huxley por seu inestimável apoio e ajuda em todas as etapas de nossos esforços, e a Michael É. Aldrich, Curador Executivo da Biblioteca Ludlow, pela ajuda editorial. Agradecemos também a Humphry Osmond, Alexander T. Shulgin, Timothy Leary e Ralph Metzner por fornecerem material de seus arquivos.

Acolheremos com prazer qualquer comunicação por parte de leitores de Aldous Huxley que possam ter ou conhecer qualquer material adicional para *Moksha*.

Michael Horowitz

Cynthia Palmer

PRIMEIRA PARTE

PRECOGNICÃO

Capítulo 1

1931

Um Tratado Sobre Drogas

ALDOUS HUXLEY

Phantastica, o histórico estudo das drogas psicoativas usadas em todo o mundo, surgiu em língua inglesa em 1931. Nesse mesmo ano – ou em Londres, onde sua primeira peça The world of light (O mundo da luz) foi produzida, ou na Riviera Francesa, onde ele estava escrevendo Admirável Mundo Novo – Aldous Huxley descobriu esse “tesouro de aparência pouco promissora” e leu-o “do início ao fim com interesse crescente e apaixonado”. Parece provável que o tratado de Lewin tenha servido para apresentar Huxley à história das drogas e seus efeitos, embora 22 anos se passassem antes que ele fizesse a primeira experiência ele mesmo, com mescalina – e pagou tributo a Lewin na primeira linha do livro resultante dessa experiência. (Não há provas que apóiem a afirmação de Francis King de que Aleister Crowley apresentou Huxley à mescalina nos anos 20.) O primeiro texto impresso de Huxley sobre o uso de drogas toca em temas aos quais ele retornaria várias vezes em seu trabalho posterior: o difundido uso de drogas, sua importância em cerimônia religiosas, a predileção do homem por escapadas ocasionais do mundo cotidiano, o problema da dependência, o fracasso da repressão e as drogas do futuro.

Outro Dia descobri, empoeirado e esquecido em uma das prateleiras mais altas da livraria local, um maciço exemplar da obra de um farmacologista alemão. O preço não era alto; paguei e levei para casa aquele tesouro de aparência pouco promissora.

Era um volume grosso e denso, e, de certo modo, um modelo do que não deveria ser o estilo literário. Um livro realmente ilegível. No entanto, li-o do início ao fim com interesse crescente e apaixonado. Pois esse livro era uma espécie de enciclopédia de drogas. O ópio e seus derivados modeiros, a morfina e a heroína; a cocaína e o peiote mexicano; o haxixe da Índia e do Oriente Próximo; o agárico da Sibéria; o *kawa* da Polinésia; o betel das Índias Orientais; o agora universal álcool; o éter, o cloral, o veronal do Ocidente contemporâneo – nada faltava. Quando cheguei à última página, eu sabia alguma coisa sobre a história, a distribuição geográfica, o modo de preparo e os efeitos fisiológicos e psicológicos de todos os venenos deliciosos por meio dos quais os homens têm construído, em meio a um mundo inamistoso, seus fugazes e precários paraísos.

A história do uso de drogas constitui um dos mais curiosos e também, parece-me, um dos mais significativos capítulos da história natural dos seres humanos. Em todos os lugares e em todos os tempos, homens e mulheres procuraram, e encontraram devidamente, os meios de tirar férias da realidade de suas existências geralmente enfadonhas e com frequência extremamente desagradáveis. Férias fora do tempo, fora do espaço, na eternidade do sono ou do êxtase, no céu ou no limbo da fantasia quimérica. “Qualquer lugar, qualquer lugar fora do mundo.”

É significativo que o uso de drogas desempenhe um papel importante em quase todas as religiões primitivas. Os persas e, antes deles, os gregos e provavelmente os antigos hindus usavam o álcool para produzir o êxtase religioso; os mexicanos alcançavam visões beatíficas comendo um cacto venenoso; um cogumelo enchia os xamãs da Sibéria de entusiasmo, e dava-lhes o dom de falar línguas. E assim por diante. Os exercícios devocionais dos místicos mais recentes são todos idealizados para produzir os miraculosos efeitos da droga por meios meramente psicológicos. Quantos dos conceitos atuais de eternidade, de paraíso, de estados supranaturais, são originalmente derivados das experiências de pessoas que se drogam?

O homem primitivo explorou os caminhos farmacológicos para fugir do mundo com uma perfeição realmente espantosa.

Nossos ancestrais não deixaram por descobrir quase nenhuestimulante, alucinante ou estupefaciente naturais. A necessidade é a mãe da invenção; o homem primitivo, como o seu descendente civilizado, sentia uma necessidade tão premente de escapar à realidade de vez em quando, que a invenção das drogas lhe foi quase forçada.

Todas as drogas existentes são traiçoeiras e malélicas. O paraíso aonde levam suas vítimas logo se torna um inferno de doença e degradação moral. Elas matam, primeiramente, a alma, e depois, em poucos anos, o corpo. Qual é o remédio? “Re-repressão”, respondem em coro todos os governos contemporâneos. Mas os resultados da repressão não são animadores. Homens e mulheres sentem uma necessidade tão premente de tirar férias da realidade de vez em quando, que farão quase qualquer coisa para encontrar os meios para a fuga. A única justificativa para a repressão seria o seu sucesso; mas isso não acontece e, segundo a ordem natural das coisas, não pode acontecer. O modo de impedir que as pessoas bebam álcool demais, ou se tornem viciadas em morfina ou cocaína, é dar-lhes um sucedâneo eficiente porém saudável para esses venenos deliciosos e (no atual mundo imperfeito) necessários. O homem que inventar tal substância será considerado um dos maiores benfeitores dessa humanidade sofredora.

Capítulo 2

1931

Procura-se Um Novo Prazer

ALDOUS HUXLEY

Morando na Riviera Francesa e observando os costumes de uma sociedade hedonista para a qual o álcool e a Cocaína eram as drogas escolhidas, Huxley, neste curto ensaio – uma pausa na criação de Admirável Mundo Novo – assume um tom de irônico gracejo ao descrever uma “droga celestial, que transfigura o mundo” que cientistas do futuro poderiam criar. A sensação mais próxima à experiência da droga é a emoção da velocidade – não significando, é claro, uma reação tipo anfetamínica, mas, literalmente, a rapidez.

A CIÊNCIA do século XIX descobriu a técnica da descoberta, e nossa era é, por consequência, a era das invenções. Sim, a era das invenções – e no entanto ninguém conseguiu inventar um novo prazer.

Foi durante uma visita recente à região que os anúncios das agências de viagem descrevem como o reino particular do prazer – a Riviera Francesa – Que esse fato curioso e um tanto deprimente primeiro me chamou a atenção. Da fronteira italiana até as montanhas de Esteres sessenta e cinco quilômetros da costa do Mediterrâneo foram transformados numa enorme “estação de prazer”. Ou, para ser' mais preciso, foram transformados num enorme subúrbio – O subúrbio de toda a Europa as Américas, pontilhado aqui e ali de núcleos urbanos, tais como Mentone, Nice, Antibes, Cannes. Os franceses têm o dom da elegância, mas têm também o dom da feiúra. Não há subúrbios tão horríveis quanto os que rodeiam as cidades francesas. O grande banlieue mediterrâneo na Riviera não é uma exceção à regra. A caótica miséria dessa comprida favela burguesa é, felizmente, única. As cidades são imensamente superiores, é claro, a seus respectivos subúrbios. Uma certa grandiosidade agradável e absurdamente antiquada e enfeitada adorna Monte Carlo; Nice é grande, clara e alegre; Cannes, gravemente pomposa e como se consciente de sua cara elegância. E todas elas estão equipadas com um esmeradíssimo e caríssimo aparato para dar prazer a seus hóspedes.

Foi enquanto eu me divertia, ou tentava me divertir, em meio a esse aparato, que cheguei à minha deprimente conclusão sobre a ausência de novos prazeres. A idéia, lembro-me, ocorreu-me numa melancólica noite de inverno, quando eu saía do Restaurant des Ambassadeurs em Cannes para um desses ventos fortes, meio alpinos e meio marinhos, que em certos dias transformam a Croisette e a Promenade des Anglais em imitações extremamente realísticas do Morro dos Ventos Uivantes. Percebi de repente que, no que se referia aos prazeres, não estávamos melhores que os romanos ou os egípcios. Galileu e Newton, Faraday e Clerk Maxwell tinham vivido, no que se referia aos prazeres, em vão. As grandes multinacionais que controlam as modernas indústrias de prazer nada nos podem oferecer que seja essencialmente diferente das diversões que os cônsules ofereciam à plebe

romana ou que os alcoviteiros de Trimalquião podiam preparar para o prazer dos ricos entediados e exaustos, na época de Nero.* E isso é verdade, apesar dos filmes, dos espetáculos, do rádio, do gramofone e de todo o mecanismo moderno destinado a divertir a humanidade. É verdade que esses instrumentos são todos essencialmente modernos; antes nada disso existia. Mas por serem as máquinas modernas não significa que a diversão que elas reproduzem e irradiam também seja moderna. Não é. Tudo o que essas máquinas novas fazem é tornar acessível a um público maior o drama, a pantomima e a música que, desde tempos imemoriais, divertiam o lazer da humanidade.

Essas diversões mecanicamente reproduzidas são baratas, portanto não são encorajadas em estações de prazer como as da Riviera, que existem com o objetivo único de fazer os viajantes gastarem o máximo de dinheiro num mínimo espaço de tempo. Nesses lugares, o drama, a pantomima e a música são portanto proporcionados na forma original, como eram proporcionados a nossos ancestrais, sem a interposição de um intermediário mecânico. Os outros prazeres dessas estações não são menos tradicionais. Comer e beber demais; observar bailarinas e acrobatas seminuas ou inteiramente despidas, na esperança de estimular o apetite sexual exaurido; dançar; jogar e observar o jogo, de preferência jogos sangrentos e ferozes; matar animais esses sempre foram os esportes dos ricos e, quando tinham oportunidade, também dos pobres. Não menos tradicional é essa outra estranha diversão tão característica da Riviera – o jogo de apostas. Apostar deve ser pelo menos tão antigo quanto o dinheiro; mais antigo, eu imagino – tão antigo quanto a própria natureza humana, ou pelo menos tão antigo quanto o tédio, tão antigo quanto a ânsia por excitações artificiais e emoções fictícias.

Oficialmente isso encerra a lista de prazeres proporcionados pelas indústrias de diversões da Riviera. Mas não se pode esquecer que, para aqueles que podem pagar por eles, todos os prazeres estão situados, por assim dizer, num certo campo emocional – no complexo de prazer/dor do esnobismo. O fato de poder comprar ingressos para as diversões “exclusivas” (o que geralmente significa “onerosas”) dá considerável satisfação à maioria das pessoas. Elas gostam de pensar no rebanho pobre e vulgar lá fora, exatamente como, segundo Tertuliano e outros Pais da Igreja, os Abençoados gostam de olhar os balcões do Céu para as contorções dos Amaldiçoados no fosso lá embaixo.

Gostam de sentir, com um certo orgulho, que estão sentados entre os eleitos, ou que elas mesmas são pessoas eleitas, cujos nomes figuram nas colunas sociais do *Daily Mail* continental ou da edição parisiense do *New York Herald*. É verdade que o esnobismo é com freqüência a causa de grande sofrimento. Mas é também causa de prazeres extraordinários. Esses prazeres, repito, são liberalmente proporcionados em todos os lugares e constituem uma espécie de pano de fundo para todos os outros prazeres.

Ora, todos esses prazeres das estações de prazeres, inclusive os do esnobismo, são imemorialmente antigos – no máximo, variações de temas tradicionais. Vivemos na era das invenções, mas os descobridores profissionais não foram capazes de pensar num modo inteiramente novo de estimular agradavelmente nossos sentidos ou evocar reações emocionais agradáveis.

Isso, porém, continuei refletindo enquanto abria caminho através do vento contrário na Croisette, isso não é, afinal, tão Surpreendente. Nossa estrutura fisiológica permanece em grande parte a mesma de dez mil anos atrás. É verdade que tem havido mudanças consideráveis em nossa forma de consciência; em tempo algum, é óbvio, *todas* as potencialidades da psique humana são realizadas simultaneamente; a História é, entre outras coisas, o registro de sucessivas atualizações, negligências e reatualizações em outro

contexto de conjuntos diferentes dessas quase inumeráveis potencialidades. Mas apesar dessas mudanças (a que se costuma chamar, erroneamente, de evolução psíquica), os simples sentimentos instintivos aos quais, assim como aos sentidos, os fornecedores de prazer fazem seu apelo, permaneceram notavelmente estáveis. A tarefa dos mercadores de prazer é proporcionar uma espécie de Máximo Denominador Comum de diversão que deverá satisfazer grande número de homens e mulheres, independentemente de suas idiossincrasias psicológicas. Tal diversão, é óbvio, tem que ser muito pouco especializada. Seu apelo deve ser às mais simples das características humanas gerais – aos alicerces fisiológicos e psicológicos da personalidade, e não à personalidade em si. Ora, o número de apelos que podem ser feitos ao que eu poderia chamar de Grandes Impersonalidades comuns a todos os seres humanos é estritamente limitado – tão estritamente limitado que, como se viu, nossos inventores não foram capazes até agora de descobrir outros novos. (Existe um exemplo duvidoso de um novo prazer; mais tarde falarei dele.) Ainda nos contentamos com os prazeres que encantaram nossos ancestrais na Idade do Bronze. (Aliás, há boas razões para considerarmos nossas diversões intrinsecamente inferiores às da Idade do Bronze. Os prazeres modernos são inteiramente seculares e sem a menor importância cósmica; enquanto que as diversões da Idade do Bronze eram na maioria ritos religiosos, e os que delas participavam sentiam-nas repletas de significados importantes.)

Pelo que posso ver, o único prazer novo possível seria derivado da invenção de uma nova droga – de um sucedâneo mais eficiente e menos maléfico do álcool e da cocaína. Se eu fosse multimilionário, financiaria um grupo de pesquisadores para procurar o intoxicante ideal. Se pudéssemos cheirar ou engolir algo que pudesse, durante cinco ou seis horas por dia, abolir nossa solidão como indivíduos, harmonizarnos com nossos semelhantes numa cálida exaltação de afeição e fazer a vida em todos os seus aspectos parecer não apenas digna de ser vivida, mas divinamente bela e importante, e se essa droga celestial, que transfigura o mundo, fosse de um tipo que pudéssemos acordar no dia seguinte de cabeça leve e físico ileso – então, parece-me, todos os nossos problemas (e não apenas o único pequenino problema de se descobrir um novo prazer) ficariam inteiramente resolvidos e a Terra se tornaria o paraíso.

A coisa mais próxima de uma nova droga como essa – e como é infinitamente distante do intoxicante ideal! – é a droga da velocidade. A velocidade, parece-me, proporciona o único prazer genuinamente moderno. É verdade que os homens sempre gostaram da velocidade; mas seu prazer vinha sendo limitado, até tempos recentes, pela capacidade do cavalo, cuja velocidade máxima não vai muito além de quarenta e cinco quilômetros por hora. Ora, quarenta e cinco quilômetros por hora a cavalo *parece* muito mais rápido do que oitenta quilômetros por hora num trem ou cento e cinquenta num avião. O trem é grande e estável demais, o avião fica muito longe de elementos estacionários para dar aos passageiros uma sensação de velocidade muito intensa. O automóvel é suficientemente pequeno e suficiente-mente próximo do solo para conseguir competir, como um fornecedor de velocidade inebriante, com o cavalo a galope. Os efeitos inebriantes da velocidade são sentidos, a cavalo, a mais ou menos trinta quilômetros por hora, e num carro mais ou menos aos noventa e cinco. Quando o carro ultrapassa os cento e quinze quilômetros, começa-se a sentir uma sensação sem precedentes – uma sensação que homem nenhum nos dias do cavalo chegou a sentir. Ela cresce em intensidade quando cresce a velocidade. Eu mesmo nunca passei muito de cento e trinta quilômetros por hora num carro; mas aqueles que beberam uma infusão mais forte desse estranho tóxico dizem-me que novas maravilhas aguardam quem quer que tenha a oportunidade de passar da marca dos cento e cinquenta quilômetros. Em que ponto o prazer se transforma em dor, não sei. De qualquer maneira,

muito antes de serem alcançadas as fantásticas cifras de Daytona. Trezentos e vinte quilômetros por hora deve ser pura tortura.

Mas nisso, é claro, a velocidade é como todos os outros prazeres; levados ao excesso, eles se tornam seus opostos. Cada prazer particular tem seu sofrimento particular que lhe corresponde – dor, tédio ou nojo. A desvantagem de demasiado prazer de velocidade deve ser, imagino, uma horrível mistura de intenso mal-estar físico e medo intenso. Não; se é preciso procurar os excessos, provavelmente será mais sensato ser antiquado e contentar-se em comer demais.

*Referência ao famoso banquete de Trimalquião, episódio-chave do *Satíricon* de Petrônio.
(N. do Editor)

Capítulo 3

1932

Soma

ALDOUS HUXLEY

Em seu romance futurístico Admirável Mundo Novo, uma suposta “droga perfeita” é desenvolvida comercialmente, e extensamente vendida. Huxley chamou-a soma, comp a mais antiga droga registrada, citada nas antigas escrituras hindus, o Rigveda, onde ela é considerada uma bebida inebriante: “Uma beberagem alcoólica muito forte .. [...] obtida da fermentação de uma planta e venerada como a própria planta”, (Lewin, Phantastica, p. 161). É. G. Wasson mais tarde tentou demonstrar que a infusão d.e. soma empregava o cogumelo psicoativo Amanita muscaria. Numa entrevista em 1960, Huxley descreveu o soma de seu romance como “uma droga imaginária”, sem qualquer semelhança com a mescalina ou o LSD.”, “com três efeitos diferentes: eufórico, alucinógeno ou sedativo – uma combinação impossível”.

– Agora temos o Estado Mundial. E as comemorações do Dia de Ford, os Cantos Comunitários, os Ofícios de Solidariedade à Ford! Como eu os odeio!”, pensava Bernard Marx.

– Havia uma coisa chamada Céu; entretanto, eles bebiam quantidades enormes de álcool.

“Tal como carne, como um pedaço de carne.”

– Havia uma coisa chamada alma e uma coisa chamada imortalidade.

– Pergunte a Henry onde o comprou.

– Mas eles tornavam morfina e cocaína.

“E, o que é ainda pior, ela própria se considera uma carne.”

– Dois mil farmacologistas e bioquímicos foram subvencionados pelo Estado no ano 178 D.F.

– Ele está mesmo com ar sombrio – disse o Predestinador Adjunto, apontando para Bernard Marx.

– Seis anos depois, era fabricado comercialmente. A droga perfeita.

Vamos mexer com ele.

– Eufórico, narcótico, agradavelmente alucinatório.

Sombrio, Marx, sombrio. – A palmada no ombro sobressaltou-o, fê-la erguer os olhos. Era aquele animal de Henry Foster. – Você precisa é de um grama de *soma*.

– Todas as vantagens do Cristianismo e do álcool; nenhum dos seus inconvenientes.

"Ford! Tenho vontade de matá-lo!" Mas limitou-se a dizer: – Não, obrigado – e a afastar o tubo de comprimidos que lhe ofereciam.

– Podem proporcionar a si mesmos uma fuga da realidade sempre que o desejarem, e retornar a ela sem a menor dor de cabeça e nem sombras de mitologia.

– Tome – insistiu Henry Foster. – Tome.

– A estabilidade estava praticamente assegurada.

– Com um centímetro cúbico se curam dez sentimentos lúgubres – disse o Predestinador Adjunto, citando um aforismo comum da sabedoria hipnopédica.

– Faltava apenas vencer a velhice.

– Ora, não me amolem! – gritou Bernard Marx. – Upa!

– Os hormônios gonadais, a transfusão de sangue jovem, os sais de magnésio...

– E lembre-se que um grama vale mais que o "ora" que se clama...

Os dois saíram rindo.

– Todos os estigmas fisiológicos da velhice foram suprimidos. E com eles, naturalmente...

– Não se esqueça de falar-lhe no cinto malthusiano – disse Fanny.

– Com eles, todas as peculiaridades mentais do velho. O caráter permanece constante por toda a vida.

– ...duas voltas de Golfe-Obstáculo antes do anoitecer.

Tenho de ir correndo.

– No trabalho, nas diversões – aos sessenta anos, nossas forças e nossos gostos são o que eram aos dezessete. Os velhos nos tristes dias de outrora, renunciavam, aposentavam-se, dedicavam-se à religião, passavam o tempo lendo e pensando – *pensando!*

"Idiotas, porcos!" dizia Bernard Marx consigo mesmo, caminhando em direção ao elevador.

– Atualmente, tal é o progresso, os velhos trabalham, os velhos copulam, os velhos não têm um instante, um momento de ócio para furtar ao prazer, nem um minuto para se sentarem a pensar – ou se, alguma vez, por um acaso infeliz, um abismo de tempo se abrir na substância sólida de suas distrações, sempre haverá o *soma*, o delicioso *soma*, meio grama para um descanso de meio-dia, um grama para um fim de semana, dois grammas para uma excursão ao esplêndido Oriente, três para uma sombria eternidade na Lua; de onde, ao retornarem, se encontrarão na outra margem do abismo, em segurança na terra firme das distrações e do trabalho cotidiano, correndo de um cinema sensível a outro, de uma mulher pneumática a outra, de um campo de Golfe Electromagnético a... [...]

O grupo estava agora completo, o círculo de solidariedade estava perfeito e sem falhas. Um homem, uma mulher, um homem – num anel de alternância sem fim ao redor da mesa. Eram doze, prontos a se reunirem em um, esperando aproximarem-se, fundirem-se,

perderem em um ser maior suas doze identidades distintas.

O Presidente levantou-se, fez o sinal do T e, ligando a música sintética, desencadeou o suave, infatigável rufar de tambores e um coro de instrumentos – de quase-sopro e supercordas – que repetiram expressivamente, muitas e muitas vezes, a melodia breve e absedante do Primeiro Cântico de Solidariedade. Outra vez, mais outra – e não era o ouvido que percebia o ritmo marte-lado, era o diafragma; o gemido e o clangor daquelas harmonias reiteradas obsedavam, não o espírito, mas as entranhas, criando uma ardente compaixão.

O Presidente fez de novo o sinal do T e sentou-se. A cerimônia tinha começado. Os comprimidos de *soma* consagrados foram colocados no centro da mesa. A taça da amizade, cheia de frescos de morango com *soma*, foi passada de mão em mão e, com a fórmula “Bebo ao meu aniquilamento”, levada doze vezes aos lábios. Depois, com o acompanhamento da orquestra sintética, cantaram o Primeiro Cântico de Solidariedade.

Nós somos doze, ó Ford; em tuas mãos reunidos Como as gotas que caem no Ribeiro Social; Ah! Faz com que corramos destemidos Como teu Calhambeque sem rival!

Doze estrofes anelantes. Depois, a taça da amizade passou. novamente de mão em mão. “Bebo ao Ser Maior”, tal era a fórmula. Todos beberam. Infatigavelmente, a música continuava. a se fazer ouvir. Os tambores rufavam. Os sons plangentes e atroadores das harmonias eram uma obsessão nas entranhas enternecidas. Cantaram o Segundo Cântico de Solidariedade:

Vem, Amigo Social, ó Ser Supremo e Forte, ó Aniquilador dos Doze em Um, gigante! Todos morrer queremos, porque a morte É desta vida o mais sublime instante!

Novamente, doze estrofes. A essa altura, o *soma* já começara a atuar. Os olhos brilhavam, as faces estavam coradas, a luz interior da benevolência universal irradiava-se de cada rosto, em sorrisos felizes e amistosos. O próprio Bernard sentiu-se um pouco enternecido. Quando Morgana Rothschild se virou e lhe dirigiu um sorriso radiante, ele fez o que pôde para retribuí-lo. Mas a sobrançelha, aquela escura duas-em-uma, continuava ali; Bernard não podia deixar de vê-la – por mais esforços que fizesse, não podia. O enternecimento ainda não fora bastante longe. Se ele estivesse sentado entre Fifi e Joana, quem sabe... Pela terceira vez, a taça da amizade circulou. “Bebo à iminência de Sua Vinda”, disse Morgana Rothschild, a quem tocava a vez de dar começo ao rito circular. Sua voz era forte, exultante. Ela passou a taça a Bernard. “Bebo à iminência de Sua Vinda”, repetiu ele, com um esforço sincero para sentir que a Vinda era iminente; mas aquela sobrançelha continuava a obcecá-lo, e a Vinda, para ele, era horrivelmente remota. Bebeu e passou a taça a Clara Deterding. “Será outro fracasso, eu sei”, disse consigo mesmo, mas continuou a fazer o possível para ostentar um sorriso radiante.

A taça da amizade completara o seu circuito. Erguendo a mão, o Presidente fez um sinal; o coro entoou o Terceiro Cântico da Solidariedade.

Senti que vem a vós o Grande Ser dos dias!

Alegrai-vos com a sorte ideal que ele vos deu!

Fundi-vos ao cantar das melodias,

Porque enfim eu sou vós e vós sois eu.

Capítulo 4

1936

Propaganda e Farmacologia

ALDOUS HUXLEY

A lavagem cerebral foi um tema ao qual Huxley retornou várias vezes. A ascensão do fascismo nos anos 30' deu lugar a um longo ensaio de sua autoria, "Escritores e Leitores", que inclui um trecho sobre os mais recentes métodos químicos de violentação da mente. Mesmo depois de suas experiências positivas com substâncias psicodélicas, duas décadas mais tarde, ele continuou a alertar contra o fenômeno do "ataque farmacológico".

[...]Os PROPAGANDISTAS do futuro serão provavelmente químicos e físicos, além de escritores. Um tablete contendo três quartos de grama de cloral e três quartos de miligrama de escopolamina vai produzir na pessoa que o ingere um estado de completa maleabilidade psicológica, semelhante ao estado de um indivíduo sob hipnose profunda. Qualquer sugestão feita ao paciente enquanto ele estiver nesse transe provocado artificialmente vai penetrar até as profundezas da mente subconsciente e poderá produzir uma modificação permanente no modo habitual de pensar e sentir. Na França, onde a técnica tem sido usada experimentalmente há vários anos, descobriu-se que dois ou três conjuntos de sugestões sob o cloral e a escopolamina podem alterar os hábitos até de vítimas do álcool e de vícios sexuais irreprimíveis. Uma peculiaridade da droga é que a amnésia que se segue é retrospectiva; o paciente não tem lembrança de um período que começa várias horas *antes* da administração da droga. Pegue um homem desprevenido e dê-lhe um tablete; ele vai re-tornar à consciência acreditando firmemente em todas as sugestões que você tiver feito durante seu estupor e desconhecendo inteiramente o modo como foi efetuada essa impressionante conversão. Um sistema de propaganda, combinando farmacologia e literatura, poderia ser completa e infalivelmente eficaz. Essa idéia é extremamente inquietante.[...]

Capítulo 5

1944

Uma Ausência Ilimitada

ALDOUS HUXLEY

O romance de Huxley O tempo deve parar contém uma notável e profética descrição de um estado após a morte que lembra bastante a anulação do ego sob um psicodélico de moderado a farte.

Desvanecera-se A DOR, a aflição da dispnéia, e o piso ladrilhado do banheiro perdera a dureza e a frialdade.

Tudo era treva e silêncio. Mas no próprio vazio, no silêncio mesmo, perdurava uma espécie de conhecimento, uma vaga consciência.

Consciência, não de nomes ou de pessoas, não de coisas presentes ou de recordações do passado, não de lugares ou situações, pois não havia lugares, apenas uma existência cuja dimensão única era essa consciência de personalidade atenuada, esbulhada de suas posses, irremediavelmente só...

Essa consciência só tinha consciência de si mesma, e não como uma presença, mas como a ausência de qualquer coisa...

E o conhecimento, fascinado pela ausência que era seu objeto, mergulhava na treva e no silêncio, cada vez mais fundo, ilimitadamente, pois não havia fronteiras.

Era o conhecimento de uma ausência ainda mais total, de uma privação ainda mais excruciante. E seu modo de perceber era uma espécie de fome crescente, mas fome por algo que não existia, pois o conhecimento era apenas de uma ausência, de uma pura e absoluta ausência.

A ausência se estendia por intervalos cada vez mais latos. Intervalos de inquietação. Intervalos de fome. Intervalos que se expandiam à medida que a febre da insaciabilidade se fazia mais intensa, intervalos que se prolongavam em eternidades de desespero.

Eternidades de insaciável e desesperado conhecimento de uma eterna e onipresente ausência, numa existência apenas unidimensional...

Mas, logo, abruptamente, surge outra dimensão, e o sempiterno perde a sua eternidade.

Aquilo dentro de que a consciência da ausência percebeu a si mesma, aquilo em que se incluiu, aquilo com que se inter-penetro, já não era uma ausência, mas sim a presença de uma segunda consciência. E a consciência da ausência se soube percebida por outra consciência.

No tenebroso silêncio, no vácuo absoluto de todas as sensações, uma nova presença tornava conhecimento da consciência. A princípio, vagamente, imensuravelmente remota. Mas, gradualmente, a presença se aproximou, e a tenuidade do outro conhecimento adquiriu luz. A luz do conhecimento pelo qual era conhecida.

Na consciência de que algo que não era ausência estava presente, a ansiedade encontrou sossego, a fome, satisfação.

Nem tudo era privação. Havia uma luz. Havia esse conhecimento de ser conhecido. E esse conhecimento de ser conhecido era um conhecimento tranqüilizador e ditoso.

Sim, ditoso, pois era agradável ser conhecido, era agradável ser incluído numa fúlgida presença, em ser interpenetrado por uma fúlgida presença.

E como a consciência era incluída e interpenetrada pela presença, identificava-se com ela numa entidade única. A consciência já não era apenas conhecida pela presença, mas conhecia-se através da presença.

E conhecia, não a ausência, mas a negação luminosa da ausência, não a privação, mas a felicidade.

A fome não se desvanecera, mas se transformara. Ansiava por mais conhecimento, por uma negação ainda mais absoluta da ausência.

Sim, havia fome, mas também a satisfação da fome, a felicidade. E, como a luz se fizesse mais viva, surgiu uma fome de satisfações mais profundas, de uma felicidade mais intensa.

Felicidade e fome, fome e felicidade. E por períodos eternos a luz continuava a brilhar, de beleza em beleza, e o júbilo de ser conhecido aumentava com cada incremento daquela beleza acalentadora e interpenetrante...

Brilhante, mais brilhante a cada período sucessivo, para finalmente expandir-se numa eternidade de júbilo.

Uma eternidade de conhecimento radiante, de felicidade in-variável, pois definitivamente intensa. Para todo o sempre, para todo o sempre.

A luz aumentou de brilho. A presença se fez mais urgente. O conhecimento, mais exaustivo e completo.

Impelida por essa intensificação, a ditosa consciência de ser conhecido, a ditosa participação nesse conhecimento tentou forçar os limites de sua felicidade. Premiu, cada vez mais forte, até que, finalmente, os limites começaram a ceder e a consciência varou-os e penetrou numa outra existência. Numa existência em que o conhecimento da inclusão na fúlgida presença era a re-voltada consciência de ser oprimido por um excesso de luz. Onde a interpenetração transfiguradora era sentida como uma força disruptiva agindo do interior. Onde o conhecimento era tão penetrantemente luminoso que dele participar transcendia a capacidade do participante.

A presença se fez mais próxima, a luz se fez mais brilhante.

Onde reinara a felicidade eterna, havia agora uma inquietude imensamente longa, um período de dor imensamente prolongado e, cada vez mais longos à medida que se intensificava a dor, eternos períodos de interminável angústia. A angústia de ser forçado, por participação, a conhecer mais do que era possível ao participante conhecer. A angústia de ser esmagado pela pressão excessiva da luz, de ser comprimido num volume menor, mais

densa e mais opaco. A angústia de ser despedaçado, pulverizado, ao choque de um conhecimento interpenetrante, in-vestindo do interior, desintegrado em fragmentos menores e menores, em poeira, em átomos de não-ser.

E essa poeira, e a densidade crescente daquela opacidade, julgados pelo conhecimento-participante, pareciam horrorosos, repulsivos, privados de toda beleza e realidade.

Inexoravelmente, aproximava-se a presença, a luz se fazia mais forte.

E a cada intensificação da luz, a cada intensificação daquele desejo que, investindo de fora, procurava penetrar a consciência. a cada intensificação do brilho disruptivo que procurava vará-la, de dentro, a angústia se tornava mais profunda, a poeira e o negrume compacto mais vergonhosos e, como participassem do conhecimento, sabiam-se a mais odiosa das ausências.

Vergonhosamente sempiternos, numa eternidade de vergonha e de dor.

A luz se fez mais brilhante, de um brilho cruel.

Tudo era brilho, exceto aquele grumo de ausência, impenetrável à luz, exceto aqueles átomos dispersos de um nada que, por consciência direta, sabia-se opaco e separado e, ao mesmo tempo, por uma excruciante participação na luz, sabia-se a mais odiosa, a mais aviltante das privações.

Era um brilho que transcendia os limites do possível, só comparável à quase incandescência da força que procurava invadir a consciência e da força que procurava desintegrá-la. Mas, ao mesmo tempo, havia o conhecimento, ainda mais penetrante e completo, dos processos de coagulação, dos processos de desintegração, mais acelerados à medida que a luz se fazia mais fúlgida, mais vergonhosos à medida que o período se prolongava, interminavelmente.

Não havia escapatória. Havia uma eternidade de não-escapatórias. E, por períodos cada vez mais latos, como se o tempo retardasse a marcha, de impossível a impossível, o brilho aumentava, urgente e dolorosamente próximo.

Súbito, surge um novo conhecimento contingente, a consciência condicional de que, se não houvesse participação no brilho, metade da angústia desapareceria. Desvanecer-se-ia a percepção do caráter hediondo daquela privação coagulada ou desintegrada. Restaria apenas uma separação opaca, que se saberia outra que a luz invasora.

Um pobre átomo de nada, um grumo indefeso de privação, esmagado de fora, despedaçado de dentro, ainda resistia, ainda se recusava, a despeito da angústia, a abdicar do direito a uma existência separada.

Súbito, a um novo lampejo de participação na luz surge a percepção dolorosa de que nunca existiu esse pretense direito a uma existência separada, que aquela ausência coagulada e desintegrada era vergonhosa, que devia ser negada, aniquilada, exposta corajosamente às radiações do conhecimento invasor, até dissolver-se na beleza daquela incandescência miraculosa.

Por um imenso período de tempo as duas consciências como que se equilibraram: a consciência que se sabia separada e que se julgava com direito à separação, e o conhecimento que sabia quão vergonhosa era a ausência, quão necessária a sua dolorosa aniquilação na luz.

Equilibradas, equilibradas no fio de uma espada, entre uma impossível intensidade de beleza e uma impossível intensidade de dor e de vergonha, entre o desejo pela opacidade, pela separação, pela ausência, e o desejo por uma participação ainda mais -completa no brilho.

Transcorrida uma eternidade, deu-se como uma renovação do conhecimento contingente e condicional: “Se não houvesse participação no brilho, se não houvesse...”

E, súbito, já não havia participação, mas sim um autoconhecimento do coágulo e da poeira desintegrada; e a luz que sabia essas coisas era um outro conhecimento. Ainda persistia a angustiada invasão de dentro e de fora, mas já não havia vergonha; a consciência resistia aos ataques, defendia os seus direitos.

Gradualmente, o brilho começou a perder uma parte de sua intensidade, a recuar, a se fazer menos urgente. Súbito, houve: como que um eclipse. Entre a luz ofuscadora e a consciência da luz como uma presença estranha à privação coagulada e desintegrada, algo se interpôs, algo da natureza de uma imagem, algo que participava de uma memória...

Uma imagem de coisas, uma memória de coisas. Coisas associadas a coisas de um modo tranqüilizadoramente familiar, mas que ainda não podia ser nitidamente apreendido.

Quase completamente eclipsada, a luz continuava a brilhar, mortiça, insignificante, nas bordas da consciência. Mas, no centro, só havia coisas.

Coisas ainda irreconhecidas, ainda não completamente imaginadas ou lembradas, sem forma, sem nome, mas definitivamente presentes, definitivamente opacas.

E agora que a luz fora eclipsada, agora que não havia participação, a opacidade não era vergonhosa. A densidade tinha consciência da densidade, o nada do nada impenetrável à luz. E esse conhecimento não era ditoso, mas infinitamente tranqüilizador.

Gradualmente o conhecimento se fez mais claro, as coisas mais conhecidas, mais definidas, mais familiares. Mais familiares até que a consciência hesitou nas bordas do reconhecimento.

Um coágulo lá, um coágulo aqui... Mas, que eram? E que eram aquelas opacidades correspondentes, pelas quais eram conhecidos?

Seguiu-se um longo período de incerteza, um longo tatear num caos de possibilidades ainda não manifestas.

Então, abruptamente, Eustace Barnack era quem tinha ciência. Sim, aquela opacidade era Eustace Barnack, aquele revoltear de poeira era Eustace Barnack. E o coágulo mais próximo, o coágulo que percebia como charuto. Lembrou-se do *Romeu e Julieta*, de como ele se desintegrara entre seus dedos. E, com a recordação do charuto, ocorreu-lhe à memória a expressão “Pra frente e pra trás” seguida de uma risada.

Palavras, sim, mas em que contexto? Risos, sim, mas à custa de quê? Como sabê-lo? Pra frente e pra trás... e a opacidade a desintegrar-se. Pra frente e pra trás... e a gargalhada, a súbita glória...

Longe, muito longe, além da imagem do cilindro marrom de fumo babado, além da repetição daquelas palavras e da gargalhada de que se faziam acompanhar, o brilho persistia, como uma ameaça. Mas, no júbilo de haver recuperado a lembrança das coisas, esse conhecimento de uma identidade capaz de memorar, Eustace mal deixara de ter consciência de sua existência.

Capítulo 6

1952

Transcendência Descendente

ALDOUS HUXLEY

Num epílogo para Os demônios de Loudun, seu relato Aistórico de histeria em massa e exorcismo num convento francês no século XVII, Huxley apoiou-se nas idéias de Philippe de Felice apresentadas em Foules en délire, ecstases collectives (Multidões em delírio, êxtases coletivos), de que havia três tipos de autotranscendência: descendente, ascendente e horizontal. O uso de drogas, a sexualidade elementar e o envenenamento em massa eram caminhos no sentido da primeira categoria. Os métodos químicos de autotranscendência davam, na melhor das hipóteses, uma revelação momentânea, a um custo considerável. Depois de tomar mescalina, no entanto, ele escreveu (a Osmond) sobre sua crença em que essa droga “pode ser usada para suscitar a autotranscendência horizontal que acontece dentro de grupos com um propósito consciente [...] de modo que se torne uma transcendência ascendente [...]”.

Sem uma compreensão do desejo profundo que têm os seres humanos de se autotranscenderem, da relutância natural que experimentam em tomar o caminho duro e difícil da ascensão espiritual, e da conseqüente procura por uma falsa libertação, ou em torno de um aspecto de sua personalidade, não poderemos entender a época em que vivemos ou mesmo a História em geral, a vida como foi vivida no passado e como o é em nossos dias. Por esta razão, proponho discutirmos alguns dos mais comuns sucedâneos da Graça, nos quais e através dos quais homens e mulheres têm tentado escapar da torturante consciência de serem apenas eles mesmos.

Atualmente, na França, existe um comerciante de bebidas alcoólicas para cada cem habitantes. Nos Estados Unidos, há provavelmente pelo menos um milhão de alcoólatras inveterados, além de um número bem maior de beberrões contumazes, cuja doença ainda não se tornou fatal. Quanto ao que se refere ao consumo de inebriantes no passado, não temos dados estatísticos precisos. Na Europa Ocidental, entre os celtas e os teutões, durante toda a Idade Média e o início da época moderna, o consumo do álcool era talvez maior do que é hoje. Enquanto tomamos chá, café ou soda, nossos ancestrais se refrescavam com vinho, cerveja, hidromel e, séculos depois, com gim, brandy e “usquebaugh”. Beber água regularmente era uma penitência imposta aos malfeitores, ou então, considerada pelos religiosos, juntamente com o vegetarianismo ocasional, como uma mortificação muito severa. Não tomar inebriantes era uma excentricidade bastante marcante, a ponto de despertar comentários e apelidos depreciativos. Daí tais sobrenomes como o italiano Bevilacqua, o francês Boileau e o inglês Drinkwater.

O álcool é apenas uma das muitas drogas utilizadas pelos seres humanos como meio de libertação para o eu insulado. Entre os narcóticos naturais, estimulantes e alucinatórios,

não existe um cujas propriedades não sejam conhecidas desde tempos imemoriais. Pesquisas modernas nos deram um bom número de novos sintéticos, mas no que se refere aos venenos naturais, simplesmente desenvolveram-se métodos mais aperfeiçoados de extração, concentração e nova composição dos elementos já existentes. Do ópio ao curare, do cânhamo indiano à cocaína da Andes e ao fungo siberiano, todas as plantas, arbustos e fungos capazes de quando ingeridos entorpecer, excitar ou provocar visões, já tinham sido descobertos e utilizados de forma sistemática. O fato é significativamente estranho; pois parece provar que sempre e em todos os lugares os seres humanos sentiram a precariedade absoluta de suas existências pessoais, a miséria de serem apenas o seu ser insulado e não outra coisa maior, alguma coisa, nas palavras de Wordsworth, “*far more deeply interfused*”.’ Explorando o mundo à sua volta, o homem primitivo “experimentou todas as coisas que o cercavam e se fixou no bem”. No que se refere à autopreservação, o bem era cada fruto e folha comestíveis, cada semente, raiz e noz salubres. Mas em outro contexto – o da insatisfação pessoal e do desejo de autotranscendência – o bem era tudo contido na natureza por meio do que a consciência individual pudesse ser transformada. As mudanças provocadas pelas drogas podem ser manifestamente para pior, podem causar mal-estar no momento e vício no futuro, assim como degeneração e morte prematura. Nada disso importa. Só o que interessa é a consciência, pelo menos por alguns momentos, por uma ou duas horas que seja, de ser alguém, ou na maioria dos, casos, outra coisa que não o ser insulado. “Eu vivo, ou por outra, não eu, mas o vinho, o ópio, a mescalina e o haxixe vivem em mim.” Atravessar os limites do eu insulado representa uma tal libertação que mesmo quando a autotranscendência é obtida por meio de náuseas que levam ao delírio, de paralisias que levam à alucinação e ao estado de coma, a experiência com drogas foi sempre considerada pelos primitivos, e mesmo pelos civilizados, como intrinsecamente divina. êxtases através do uso de inebriantes constituem ainda uma parte essencial da religião de muitos africanos, sul-americanos e polinésios. Foi também outrora, o que fica provado em documentos que se conservaram, parte não menos essencial da religião dos celtas, teutões, gregos, povos do Oriente Médio e dos conquistadores arianos da Índia. A idéia não se reduz a que a “cerveja justifica melhor que Milton os objetivos de Deus em relação aos homens”. A cerveja é o deus. Entre os celtas, Sabazios era o nome divino que se dava à alie-nação sentida quando sob os efeitos da cerveja. Mais ao sul, Dionísio era, entre outras coisas, a concretização sobrenatural e dos efeitos psicofísicos provocados pelo excesso de vinho. Na mitologia dos vedas, Indra era o deus de um entorpecente chamado *soma*, hoje em dia desconhecido. Herói exterminador de dragões, Indra era a projeção aumentada sobre o céu do estranho e glorioso não-eu experimentado pelo intoxicado. Identificado com a droga, ele se torna, como Soma-Indra, a fonte da imortalidade, o mediador entre o humano e o divino.

Nos dias de hoje, a cerveja e os demais tóxicos, atalhos para a autotranscendência, não são mais adorados como deuses. Houve uma mudança na teoria, mas não na prática; pois muitos milhões de homens e mulheres civilizados continuam a prestar sua devoção, não ao Espírito libertador e transfigurador, mas ao álcool, ao haxixe, ao ópio e seus derivados, aos barbitúricos e outros produtos sintéticos acrescentados ao velho catálogo de venenos capazes de provocar a autotranscendência. Em cada caso, é claro, o que parece um deus é na verdade um demônio, o que simula liberação é de fato escravidão. A autotranscendência é invariavelmente descendente, no sentido do sub-humano, da degradação pessoal. [...]

Até que ponto e em que circunstâncias é possível a um homem usar o caminho descendente para atingir a auto-transcendência espiritual? À primeira vista, tudo parece indicar que o caminho para baixo jamais terá a oportunidade de ser o caminho para cima. Mas no domínio da existência os problemas não são tão simples como são no nosso bonito e

bem organizado mundo das palavras. Na vida real um movimento descendente pode algumas vezes se tornar o início de um ascendente. Quando a concha do ego é partida e começa a surgir uma consciência subliminar e fisiológica do “não-eu” sob nossa personalidade aparente, acontece algumas vezes que captamos um lampejo, rápido mas apocalíptico, daquele “Não-eu”, que é o Fundamento de todo o nosso ser. Enquanto permanecemos isolados em nossa identidade não temos consciência dos diversos não-eus aos quais estamos ligados – o não-eu orgânico, o não-eu subconsciente, o não-eu coletivo do meio psíquico no qual nossos pensamentos e sentimentos possuem sua vida, e o imanente e transcendente não-eu do Espírito. Qualquer fuga, mesmo através de um caminho descendente, para fora da individualidade insulada, torna possível uma percepção ao menos momentânea do não-eu em cada nível, incluindo o mais elevado. William James, em suas *Variedades da experiência religiosa*, dá exemplos de “revelações anestésicas” que se seguem a inalações de gás hilariante. Teofanias semelhantes são algumas vezes experimentadas por alcoólatras, e existem talvez momentos durante a intoxicação produzida por quase qualquer tipo de droga, quando a percepção de um não-eu superior ao eu em processo de desintegração torna-se possível por um breve lapso de tempo. Mas esses momentâneos surtos de revelação custam muito caro. Para os viciados em drogas, o momento de percepção espiritual (se surge realmente) cede bem cedo lugar a um estupor sub-humano, exaltação ou alucinação, seguidas por terríveis ressacas, e a longo prazo, por um enfraquecimento permanente e fatal da saúde física e mental. Uma vez ou outra uma única “revelação anestésica” pode agir, como qualquer outra manifestação da divindade, no sentido de estimular quem a experimenta a um esforço de autotransformação e autotranscendência ascendente. Mas pelo fato de tal coisa poder eventualmente acontecer não se justifica o emprego de métodos químicos de autotranscendência. Esse é um caminho descendente, e a maioria dos que o tornam atingirá um estado de degradação, onde períodos de êxtase sub-humano serão alternados, por períodos de individualidade consciente tão miserável que qualquer fuga, mesmo que seja para o suicídio lento do vício das, drogas, será preferível.

*Muito mais profundamente entrelaçada. (N. da T.)

**No original, *Otherness* : Não-eu, Não-identidade. (N. da T.)

***Benjamin Blood criou o termo “revelação anestésica” em 1874.

SEGUNDA PARTE

EXPERIÊNCIA PSICODÉLICA E VISIONÁRIA

Capítulo 7

1953

Cartas

O Dr. Humphry Osmond era um psiquiatra pesquisador que estudava a relação entre a experiência com mescalina e a esquizofrenia, na Universidade de Saskatchewan, quando ele e Huxley encontraram-se pela primeira vez. O convite de Huxley ao Dr. Osmond e sua expectativa de tomar mescafina estão documentados nas cartas a seguir.

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 623]

740 N. Kings Rd., Los Angeles 46, Cal. 10 de abril de 1953

Caro Dr. Osmond,

Obrigado por sua interessante carta e pelo artigo que a acompanhava, e pelas coisas tão simpáticas e compreensivas que o senhor fala de meu livro *Os demônios**. Parece que a hipótese de trabalho mais satisfatória sobre a mente humana tem que seguir, até certo ponto, o modelo bergsoniano, no qual o cérebro, com seu eu normal associado, age como um mecanismo utilitário para limitar e selecionar o enorme mundo de consciência possível, e para canalizar experiências em canais biologicamente lucrativos. Doenças, mescalina, choque emocional, experiência estética e iluminação mística, todos têm o poder, cada um de um modo diferente e em graus variáveis, de inibir as funções do eu normal e sua atividade comum do cérebro, permitindo assim que o “outro mundo” invada a consciência. O problema básico da educação é como aproveitar da melhor maneira possível ambos os mundos – o mundo de utilidade biológica e bom senso, e o mundo de experiência ilimitada sub-jacente a ele. Suspeito que a solução completa para o problema só pode chegar àqueles que aprenderam a se estabelecer no terceiro e definitivo mundo do “espírito”, o mundo que subentende e interpenetra ambos os outros mundos. Mas além dessa solução definitiva, pode haver soluções parciais, por meio das quais a criança que cresce pode ser ensinada a preservar seus “indícios de imortalidade” na vida adulta. Sob o sistema atual, a grande maioria dos indivíduos perde, durante a educação, toda a abertura para a inspiração, toda a capacidade de estar consciente de outras coisas além das enumeradas no catálogo da Sears-Roebuck que constitui o mundo convencionalmente “real”. Este não é o preço necessário e inevitável exigido para a sobrevivência biológica e a eficiência civilizada, e isso fica demonstrado pela existência dos poucos homens e mulheres que mantêm seu contato com o outro mundo, mesmo enquanto cuidam de seus afazeres neste aqui. Seria demais esperar que possa ser criado algum dia um sistema de educação que dará resultados, em termos de desenvolvimento humano, proporcionais ao tempo, ao dinheiro, à energia e à dedicação empregados? Em tal sistema de educação pode ser que a mescalina ou outra

substância química qualquer seja usada, tornando possível que os jovens “proven e vejam” o que aprenderam em segunda mão, ou diretamente, mas num nível mais baixo de intensidade, nos textos religiosos, ou nas obras de poetas, pintores e músicos.

Espero firmemente que possa haver uma oportunidade de encontrá-lo durante o Congresso Psiquiátrico em maio. Uma das criaturas mais estranhas que o senhor vai encontrar no congresso será um amigo nosso, o Dr. (...), que é talvez o maior virtuoso vivo em hipnose. (Aliás, pelo menos para algumas pessoas um transe hipnótico profundo é o que leva ao outro mundo – um meio menos notável do que o da mesalina, visto que as experiências são inteiramente voltadas para dentro e não se associam a percepções sensoriais e ao caráter das coisas e pessoas “lá fora”, mas mesmo assim definitivamente um caminho.) Se o senhor vier para o congresso, podemos fornecer cama e banheiro – mas infelizmente as acomodações são exíguas demais para mais de uma pessoa. O senhor terá liberdade de ir e vir como melhor lhe convier, e sempre haverá algo para comer – embora possa ser um tanto precário nos dias em que não temos cozinha. De qualquer maneira, fico esperando ansioso a oportunidade de vê-la e de discutir com mais vagar alguns dos problemas levantados em sua carta e nos artigos do Dr. Smythies e nos seus próprios.

Cordialmente,

Aldous Huxley

*Os demônios de *Loudun*. (Trad. bras. : Porto Alegre, Globo, 1982)

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 624]

740 N. Kings Rd., L A 46, Cal. 19 de abril de 1953

Caro Dr. Osmond,

Ótimo! Vamos esperá-lo no dia 3. Gostaria de sugerir que o senhor pegasse o ônibus da companhia aérea para o Hollywood Roosevelt Hotel, onde poderemos ir buscá-la – ou onde é fácil pegar um táxi. Ir ao aeroporto tornou-se tamanho pesadelo, com o aumento do tráfego, que minha esposa, que dirige o carro, implora a todos que cheguem até o Roosevelt – o que fica mais rápido para o viajante assim como para quem vai encontrá-lo.

Hoffmann La Roche disse a meu jovem amigo médico que precisam mandar buscar na Suíça um suprimento de mesalina – de modo que podem se passar semanas antes que ele chegue. Enquanto isso, o senhor tem alguma coisa à mão? Se tem, espero que possa trazer um pouco, pois estou ansioso para fazer a experiência e ficaria particularmente feliz em levá-la a cabo sob a supervisão de um estudioso experiente como o senhor.

Muito cordialmente,

Aldous Huxley

Capítulo 8

1953

Manhã de Maio em Hollywood

DR. HUMPHRY OSMOND

Aqui o Dr. Osmond narra “aquela viagem improvável” que o levou a Los Angeles com uma dose (<0,4 g) de mescalina para Huxley, a quem ele guiou na viagem imortalizada em As portas da percepção. As apreensões clássicas do guia são expressas com humor: embora Aldous “parecesse o paciente ideal”, Osmond chegou a temer momentaneamente que se tornaria conhecido como “o homem que enlouqueceu Aldous Huxley”. Osmond permaneceu um dos mais íntimos amigos de Huxley durante seus últimos dez anos; muitas das mais importantes cartas de Huxley a respeito de psicodélicos foram endereçadas a ele.

Faz agora onze anos desde que fiz aquela viagem improvável a Hollywood. Eu estava trabalhando num hospital de doenças mentais nas campinas do Canadá, a três mil quilômetros de distância. Embora eu tivesse guardado comigo um exemplar da esplêndida antologia de Huxley *Textos e pretextos* durante os ataques a Londres, em comboios no Atlântico num destróier de escolta, e ele ainda me acompanhe em minhas andanças, nunca esperei conhecer pessoalmente seu formidável autor. Na verdade, se eu tivesse pensado sobre isso, teria duvidado de termos muita coisa em comum, pois na época, como agora, meu principal interesse e minha principal preocupação eram cuidar, tratar e aliviar pacientes que sofriam de esquizofrenia.

O Dr. John Smythies' e eu tínhamos colaborado num artigo para o *Hibbert Jourreal'* sobre o estado atual da medicina psicológica. Aldous leu-o; gostou dele; e nos mandou uma carta caracteristicamente amistosa e encorajadora, escrita em sua caligrafia vigorosa que ascendia ligeiramente ao largo do papel. Ele acrescentou que esperava nossa visita na próxima vez que fôssemos à Califórnia. Nem John nem eu estávamos suficientemente aclimatados na América do Norte para sentir que os três/cinco mil quilômetros não eram uma barreira particular ao encontro; isso foi antes que o avião a jato tivesse erodido inteiramente nosso senso espacial.

No entanto, menos de um mês depois dessa primeira carta, eu estava a caminho da Califórnia para ser hóspede de Aldous e Maria Huxley. Eu fora mandado, bastante inesperadamente, assistir ao congresso da Associação Psiquiátrica Norte-Americana que então se realizava em Los Angeles. Lembro-me de ter-me sentido ao mesmo tempo um pouco envergonhado e orgulhoso quando disse que não ia precisar de hotel pois ia ficar com eles.

Maria contou-me como aconteceu. Certo dia, no café da manhã, Huxley ergueu os

olhos de sua correspondência e disse: “Vamos convidar esse cara Osmond para ficar aqui.” Maria ficou surpresa, porque Aldous raramente sugeria hospedar alguém, e ela nunca tinha ouvido falar em “esse cara”. Aldous esclareceu: “É um psiquiatra canadense que trabalha com mesalina.” Maria respondeu: “Mas ele pode ter barba, e nós podemos não gostar dele.” Aldous pensou um pouco e disse: “Se não gostarmos dele, podemos sair bastante.” Maria achou que essa não era uma boa solução. No entanto, o convite de Aldous insinuava que, embora eu fosse bem-vindo, a natureza de seu trabalho exigia que ambos saíssem muito. Fiquei intrigado, especialmente desde que ele declarara que estava interessado em nosso trabalho e poderia até tornar-se objeto de uma experiência, se fosse possível. Fiquei também apreensivo, mas minha esposa assinalou: “Vai ser só por alguns dias, e você pode ‘ficar preso’ até mais tarde nas sessões da A.P.N.”

O convite era uma honra e uma oportunidade. Fiquei curiosíssimo em conhecer esse homem notável, cujas idéias eu tinha criticado de uma distância segura, mas não sou um homem versado em literatura e achava a perspectiva intimidante. Cheguei à casa dos Huxley na Kings Road, não muito longe de Sunset Boulevard, cansado e preocupado. Não tinha conseguido informar-me sobre os regulamentos a respeito de entrar com mesalina nos Estados Unidos. Quando os descobri, anos mais tarde, percebi que tinha motivos para ficar preocupado. Sentia-me também tímido e sem jeito; duvidava que pudesse sustentar o tipo de conversa que imaginava os Huxley estivessem acostumados.

Maria colocou-me à vontade imediatamente. Ela não era nem um pouco intimidante. Por seu lado, ela ficou aliviada porque eu não tinha barba. Declarou: “Eu sabia que você e Aldous, sendo ingleses, iam se dar bem.” Para Maria, os ingleses eram bastante incompreensíveis, a não ser um ao outro.

Aldous deslizou em minha direção, vindo da fresca penumbra da casa para o sol da varanda da frente. Parecia estar suspenso a alguns centímetros do chão, como uma das figuras alegóricas de Blake. Era muito alto. A cabeça era maciça, de belo formato, com uma testa esplêndida. Seu olhar, do olho bom, era aguçado e penetrante, mas parecia estar focalizado um pouco acima e abaixo de mim. Seu aperto de mão era breve e inseguro, como se ele não gostasse desse hábito, e isso era mesmo verdade, pois as pessoas de pele fina e estrutura leve, a quem Sheldon chama cerebrotônicas, não gostam de contatos físicos em demasia. A voz era clara e lindamente modulada, com uma qualidade penetrante, quase de pássaro, qualidade essa da qual tornei plena consciência alguns dias depois, no congresso da A. P.N. Estávamos parados no saguão, do lado de fora do salão principal, quando a voz de Huxley atravessou o burburinho como uma lâmina: “Mas, Humphry, que coisa incrível, num país marxista como este...” Era o ano de 1953, no auge da era de McCarthy. “Marxista” era uma palavra diabólica na cidade dos anjos.

O que impressionou desde o início, e continuou a me impressionar ao longo dos anos de nossa amizade, foi a bondade e tolerância desse homem cujas obras me tinham às vezes levado a supor que ele seria cínico, desiludido e até mesmo rude.

Levei algum tempo para compreender que “Bertie” significava Bertrand Russell, que “Tom Eliot” era T. S. Eliot, e “Lawrence” era, evidentemente, D. H. Maria contou-me que quando ela estava datilografando o manuscrito de *Lady Chatterley*, Lawrence procurou-a, aborrecido e embaraçado. Exclamou: “Maria, você nunca mais deve usar aquela palavra.” Maria quis saber qual podia ser essa palavra proibida, e Lawrence, com relutância, pronunciou um palavrão hoje em dia muito comum.

“Mas, Lawrence”, ela protestou, “você a usa várias vezes em *Lady Chatterley*. Além disso, é uma ótima palavra.” Lawrence explicou delicadamente que ela não deveria mais usar a palavra porque “ia chocar Aldous. Não é absolutamente uma palavra ótima, e de qualquer maneira serviria.” Maria ficou espantada, porque Aldous não parecera nem um pouquinho aborrecido com a palavra, mas já que Lawrence evidentemente ficava, ela parou de empregá-la. Ambos sempre falaram de Lawrence com muita afeição.

Eu tinha imaginado que Aldous era bem informado, mas desde o primeiro encontro até nosso último em Estocolmo, no ano passado, nunca deixei de me assombrar e deliciar com a ex-tensão, a abertura, a flexibilidade e a alegria pura de sua mente esplêndida. Quando ele estava à vontade, lançava idéias no ar com a graça, a elegância e o senso de humor que um golfinho treinado possui ao brincar com a bola. Estivéssemos nós numa reunião científica, fazendo turismo em Nova Iorque, visitando o grande cemitério de Forest Lawn, caminhando pelos Surrey Commons que ele amava tanto, jogando críquete no deserto de Mojave, abrindo nosso caminho para o Ateneu onde, ele declarava, “a gente mal consegue ouvir os próprios pensamentos, por causa do barulho dos facões políticos, acadêmicos e eclesiásticos sendoafiados”, ou numa expedição de compras ao Ohrbach’s, Aldous discutia assuntos sérios e triviais com seu imenso cabedal de conhecimento especializado. Adorava um bom mexerico, sobre qualquer assunto – a última descoberta científica, princípios teológicos, livros, pinturas, novos processos no sistema de esgotos, utopias, o sistema de abastecimento de água de Los Angeles (um particular favorito), o efeito de vestuário produzido em massa nos sistemas sociais e políticos, parapsicologia, ou o futuro da megalópole – sempre, desde que lhe proporcionasse ocasião de refletir e comentar sobre a infinita estranheza da vida. Embora fosse muito bem informado, estava sempre aprendendo mais, e o melhor tributo que se podia conseguir era o seu deliciado “Que coisa absolutamente incrível!”

Aqueles que não o conheciam, ou que não conheciam muito bem o assunto que ele estivesse discutindo, poderiam supor erroneamente que seu conhecimento era superficial, pois ele usava de maneira leve sua grande cultura e nunca era pomposo. Considerava-se um homem educado fazendo o possível para manter-se atualizado em sua época, e achava natural fazer isso. Acho que ele estava bastante cômico de que era imensamente inteligente e dotado, mas não considerava isso motivo de orgulho ou soberba. Seu orgulho era de poder ganhar a vida escrevendo, uma ocupação de que ele gostava e para com a qual tinha o amor e o cuidado de um artesão. Considerava-se um escritor que devia ser capaz de comunicar-se com todo tipo de pessoas, não apenas os sofisticados ou os eruditos. Nunca achou indigno de si escrever para filmes ou para revistas populares. Certa ocasião estava planejando transformar *Admirável Mundo Novo* numa comédia musical, porque achava que assim suas idéias seriam melhor compreendidas. Escrevia para *Playboy* e para *Daedalus*, para *Life* e para *Encounter*, e considerava-as igualmente aceitáveis como canais de comunicação com o povo. Ele gostava de conhecer e de escrever para homens e mulheres interessantes, em todos os lugares, e parecia igualmente à vontade com sábios, cientistas, milionários, gurus, teatrólogos e administradores, assim como com as pessoas mais loucas e exóticas. E todos pareciam apreciar muito sua inteligência crítica, imparcial, sábia, porém bondosa e entusiasta.

Levei Aldous a uma das principais sessões do congresso. Ele sentou-se lá, prestando a maior atenção, e fazendo o sinal-da-cruz entusiasticamente cada vez que o nome de Freud era mencionado. Em *Admirável Mundo Novo*, o Salvador era chamado “Nosso Ford”, ou, como certas pessoas, por alguma razão inexplicável, preferiam chamá-lo, “Nosso Freud”.

Tratava-se ali de uma congregação, incluindo muitos devotos freudianos, de modo que Aldous ficou ocupado. Felizmente meus colegas psiquiatras estavam tão absortos nas orações que ninguém percebeu.

Quando o congresso terminou, a mesalina veio à tona, pois eu tinha confessado ter trazido alguma comigo. Maria assegurou-me que Aldous estava ansioso por tomá-la, pois ela tinha imaginado, corretamente, que “você, ingleses” tinham evitado discutir o assunto. O médico deles não se opunha. Aldous não tinha problemas de fígado. Apesar dos comentários que às vezes ouvia sobre “as deploráveis tendências místicas dele nos últimos anos”, achei-o, tanto na época quanto posteriormente, sagaz, tranqüilo e acurado; mas é claro que a história do misticismo, apesar do conceito popular em contrário, preocupa um grande número de pessoas práticas, racionais e socialmente ativas.

Aldous arranhou um ditafone para a ocasião. Eu não via uma maneira decente de me escusar, e concordamos em fazer a experiência. Passei uma noite inquieto. Na manhã seguinte, enquanto eu mexia a água e observava os cristais branco-prateados da mesalina girando e dissolvendo-se com uma esteira ligeira-mente oleosa, pensava se a quantidade seria suficiente, ou demasiada. Era uma deliciosa manhã de maio em Hollywood, sem sinal de *smog* para irritar os olhos, e nem quente demais. Mas eu estava preocupado. Aldous e Maria ficariam tristes se não funcionasse, mas, e se funcionasse bem demais? Será que eu devia cortar a dose pela metade? O lugar não podia ser melhor, Aldous parecia o paciente ideal, Maria era eminentemente sensata, e nós gostávamos uns dos outros, o que era muito importante para a experiência; mas eu odiava a possibilidade, por mais remota que fosse, de ser o homem que tinha enlouquecido Aldous Huxley. Meus temores eram infundados. A amarga substância química não funcionou com a rapidez que Aldous impacientemente esperava. Foi apagando aos poucos a pátina de raciocínio conceitual; as portas da percepção foram purificadas, e Aldous percebia coisas com menos interferência de seu poderoso cérebro racionalizador. Dentro de duas horas e meia eu podia perceber que a droga estava agindo, e dentro de três horas eu sabia que tudo ia dar certo. Aldous e Maria ficaram muito contentes. Eu também, assim como muito aliviado.

Três dias depois voei de volta para o Canadá, para encontrar as campinas cobertas por uma nevada temporã. Eu tinha passado dias agradáveis, e esperava ansioso o relatório de Aldous, que ele desenvolveu num livro amplamente conhecido – *As portas da percepção*. Daí em diante nos encontrávamos pelo menos uma vez por ano, e estávamos sempre nos escrevendo. Tenho agora comigo a última carta dele, escrita em 15 de outubro de 1963. Ele discutia o perfil de um estudo sobre o potencial humano, em que estávamos ambos ocupados. Era característico dele... “Mas sendo o velho das Termópilas que nunca faz nada direito, não consigo encontrar a cópia...” A carta termina: “Sinto que nunca mais vou servir para coisa alguma, mas espero e acho que esse estado de coisas vai passar a seu tempo (vai passar – o único lema que serve para qualquer situação humana, boa ou ruim).”

Aldous era profundamente interessado na relação entre a psique e o caráter, e era amigo íntimo do Dr. William Sheldon, um dos notáveis pioneiros nesse campo. Através dele fiquei conhecendo Sheldon, que me declarou que Aldous era uma das pouquíssimas pessoas que realmente entendiam o que ele estava querendo dizer. Numa de nossas expedições de compras ao Ohrbach's, em Los Angeles, Aldous apresentou-me à arte de somatotipia de escada rolante. As pessoas na escada rolante estão distraídas, alheas a qualquer exame, e à vontade. Quando passávamos por elas na direção oposta, Aldous gritava: “Humphry, você viu aquela mulher maravilhosamente somatotônica com as feições astecas?” Ele próprio ilustrava as limitações impostas pela constituição na imaginação mais

vívida quando diz!a: “Sabe, não consigo imaginar como seria ser o Joe Louis.” Eu partira do princípio de que com seu temperamento profundamente compreensivo ele teria pouca dificuldade em entrar no mundo do lutador de boxe. É um mundo no qual tudo se concentra naqueles momentos eternos e altamente ritualizados dentro do ringue; momentos da verdade, para os quais vive o grande lutador, e durante os quais ele está realmente vivo. Mas para Aldous, de ossos leves, pouco músculo, linear, esguio e cerebrotônico, com sua sensibilidade à dor e sua consciência da possibilidade de ferir-se, parecia incompreensível que alguém pudesse gostar de assistir ou de participar desse combate violento e traumatizante, com seu doloroso impacto dos corpos.

Não muito depois de minha segunda visita a Los Angeles, Maria faleceu. Sabendo que seu tempo era curto, ela me contou como estava preocupada com Aldous; mas na ocasião ele mostrou-se mais capaz e mais adaptável do que ela e a maioria dos amigos tinham esperado.

Ele apresentou-me a muitas pessoas a quem achava que nosso trabalho interessaria, e dessas apresentações houve vários seguimentos. Por exemplo, meu encontro com Eileen Garrett⁴ resultou numa série de estudos ligando a parapsicologia à psicofarmacologia. E daí surgiram emocionantes progressos em hipnose, um dos assuntos prediletos de Aldous. E com seu irmão Julian,⁴ meu co-lega o Professor Abram Hoffer e eu exploramos algumas das vantagens genéricas de ser esquizofrênico. Em nosso trabalho com psicodélicos (substâncias de manifestação ou revelação da mente) Aldous advogava uma temeridade cautelosa, aconselhando os exploradores a trabalhar em segredo e a evitar publicidade. Infelizmente seu conselho não foi seguido.

Quando nos encontrávamos em Nova Iorque, ele geralmente entrava numa galeria de arte e adejava de um quadro a outro, espiando através de seu pequeno óculo de alcance, e sempre vendo coisas que eu, com minha visão muito melhor, nunca tinha observado.

Foi quando ele estava escrevendo *A ilha* que eu soube do câncer que iria matá-lo. Era novembro de 1960, o dia da eleição presidencial, e eu tinha ido de avião para Cambridge, em Massachusetts, onde ele ia fazer uma conferência. Parecia abatido, cansado e pálido. Disse-me que tinha tido câncer de língua, mas que seu médico achava que havia uma boa chance de funcionar o tratamento com agulhas de rádio. Ele tinha pensado em cirurgia mas, ao saber que certamente iria prejudicar sua fala, tinha desistido. Pediu-me para não discutir isso com outros membros de sua família, pois eles ficariam preocupados e isso não o ajudaria. Depois mudou de assunto e leu para mim o capítulo de *A ilha* que trata da medicina-moksha, o uso de psicodélicos para ajudar as pessoas a se prepararem para mudar num mundo em mutação, ensinando-as como aprender a mudar para melhor e como preparar-se para morrer. Continha suas melhores idéias, que provocarão muito estudo e meditação, e cujo valor ainda não foi inteiramente apreciado.

No início de 1961, ele e Laura perderam sua casa nova num violento incêndio, e todas as suas posses, incluindo livros e papéis, foram queimadas. Foi uma espécie de morte, um despojar-se de tudo. Como ele disse mais tarde, “tornei isso como um sinal de que a sinistra ceifadora estava de olho em mim”. No entanto ele agüentou isso também, e em suas visitas à Inglaterra em 1961 e 1962, apesar de tão magro que parecia que um vento forte iria carregá-lo, ele estava maravilhosamente alegre.

Apenas um ano antes de morrer, ele parou do lado de fora da casa onde nascera, em Charterhouse School, em Surrey, e ficou comovido e surpreso porque o dono da casa reconheceu-o e convidou-o a entrar. Ele achava difícil ser uma figura pública e levar-se a

sério como um grande homem. Disse-me que era incômodo ser elogiado, porque ele ficava com vontade de rir ou então voltar-se para ver quem era a pessoa admirável para quem os discursos estavam sendo feitos. No entanto, gostou muito de sua recepção no Rio de Janeiro, onde todos os dias de sua estada um dos jornais publicou uma coluna intitulada “O Sábio”. “É o único lugar no mundo onde alguém vai querer ler a opinião de um cavalheiro versado em letras sobre coisas em geral, todos os dias.” Achou Brasília cansativa e um tanto desumana, e o ponto alto de sua viagem foi sobrevoar o rio Amazonas para ver uma tribo de índios na Idade da Pedra. Foi recebido por um dos esplêndidos antropólogos, funcionário da Funai, que, ouvindo o nome Huxley, perguntou: “Sir Julian?” e, ao ouvir: “Não, Aldous”, chorou de alegria. Acho que ele considerava esse o maior tributo.

Em agosto passado, na Academia Mundial em Estocolmo, ele estava transparente de palidez e antes nem sabia se ia poder fazer a viagem. O câncer retornara, mas tinha sido novamente rechaçado por algum tempo. Mas ele esforçou-se diligentemente para persuadir os membros da Academia a estudar o potencial humano. Tendo tido sucesso, ele dedicou-se a preparar um esboço. Fiquei com ele enquanto o completava, em seu quarto de hotel. Estava absorto em sua tarefa. Observando-o, senti que talvez nunca mais o visse de novo, e assim tirei alguns retratos do grande artesão trabalhando. Pois seu estilo coloquial enganadoramente fácil não era conseguido sem muita revisão cuidadosa. Ele me disse que agora não era mais fácil escrever do que vinte e cinco anos antes. Não conhecia nenhum atalho para escrever bem, a não ser reescrever várias vezes. Fiquei inquieto quando nos despedimos, mas tentei ignorar minha apreensão. Ele iria visitar-me em Princeton em outubro, apenas dois meses depois. E em nossos últimos momentos juntos estávamos discutindo quem deveria ser convidado para participar do novo trabalho. Mas quando chegou outubro ele estava doente demais para viajar. O tempo emprestado, ganha pelo tratamento com raios X, estava esgotado, e logo o meu querido amigo, o sábio e bondoso trifíbio, pois essa era a sua própria definição do homem, deixara de existir.

* Colega do Dr. Osmond e do Dr. Abram Hoffer na pesquisa sobre esquizofrenia realizada no Hospital Saskatchewan, em Weyburn.

** *Hibbert J.*, L. I., 2 (jan. 1958), um resumo de seu relatório: “Esquizofrenia: uma nova abordagem” *J. Mental Sci.*, 98 (abril 1952).

*** Presidente da Fundação de Parapsicologia.

**** *Sir Julian Huxley* (1887-1975), o famoso zoólogo, era irmão mais velho de Aldous.

Capítulo 9

1953

Cartas

O seguinte grupo de cartas escritas depois da primeira experiência de Huxley com a mescalina mostra seu considerável entusiasmo (“sem dúvida a experiência mais extraordinária e significativa no lado de cd da Visão Beatífica”) e crescente interesse pelas áreas da parapsicologia, doenças mentais, experiências visionárias e a política da pesquisa de drogas. O longo ensaio citado é, natural-mente, As portas da percepção, que ele escreveu durante os meses de verão depois de fazer pela primeira vez uma longa viagem de automóvel através do oeste dos Estados Unidos.

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 631]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Califórnia 21 de junho de 1953

Caro Humphry,

Nossa viagem só terminou ontem. Daí o longo atraso em responder a sua carta. Claro que vou conversar com Hutchins sobre seu projeto* quando tiver uma boa oportunidade. Enquanto isso, acho que seria uma boa idéia se você esboçasse em algumas paginas datilografadas a natureza de seu projeto, Mencione a importância potencial de estudos sobre a mescalina de um ponto de vista inteiramente médico*, e depois passe para a importância deles em campos mais generalizados da psicologia, filosofia, teoria do conhecimento. Faça ver que o material disponível ainda é ridiculamente pouco, que são necessários maiores números de casos para determinar como pessoas de físicos e temperamentos diversos reagem à droga. Por exemplo, os visualizadores galtonianos reagem diferentemente dos não-visualizadores? (Acredito que devem. Sou um não-visualizador, e tive muito poucas imagens visuais. Mas muitos dos que tornaram a droga relatam visões.) E também, há alguma diferença marcante entre as reações médias dos cerebrotônicos, viscerotônicos e somasomatotônicos ao extremo? Pessoas com grandes dotes musicais experimentam contra-partidas auditivas das visões e transfigurações do mundo externo experimentadas pelos outros? Gomo são afetados os matemáticos puros e os filósofos profissionais? (Seria interessante experimentar num positivista lógico. Será que ele, como São Tomás de Aquino no final de sua vida, depois de uma experiência de “contemplação inspirada”, diria que toda a sua filosofia era como palha e farelo, recusando-se a continuar com sua intelectualização?) Armado com esse resumo do projeto, e também com meu próprio ensaio sobre o assunto [*As portas da percepção*] (que promete virar um negócio de grande fôlego, devido ao número de perguntas que ele levanta, e às diferentes espécies de luz que lança em tantos campos

diversos), irei a Hutchins e tentarei despertar seu interesse. Acho bem provável que ele queira experimentar ele mesmo a droga; e como há várias pessoas de diferentes idiossincrasias que expressaram, ou certamente vão expressar, o desejo de tentar a experiência, não seria possível que você ou Joho Smythies viesse aqui, mais tarde, por alguns dias, para fazer a pesquisa? As pessoas interessadas poderiam arcar com as despesas da viagem, e as acomodações poderiam ser arranjadas conosco, ou, se for necessário ir a Pasadena para tentar a experiência na Fundação Ford ou nos físicos de Caltech, com Hutchins ou alguém mais. Se você acha viável essa idéia, avise-me, e vou começar a preparar o terreno. Enquanto isso, mande-me o resumo. Quando meu ensaio estiver pronto, vou mandá-lo para você.

Maria e eu desejamos tudo de bom para você e sua família.

Do seu,

Aldous H.

* Projeto : o registro de entrevistas sobre a mescalina com cinquenta a cem pessoas de capacidade reconhecida em vários campos. Isso foi esboçado por Osmond e seu colega o Dr. Abram Hoffer juntamente com um projeto, já em andamento, de uma pesquisa estritamente farmacológica sobre drogas que afetam a mente. [Nota de Smith]

*Ford não trabalha com medicina, mas está interessado pelas humanidades e financiaria o projeto como uma contribuição à filosofia aplicada. Mesmo assim é bom mencionar o lado médico – para fazê-los sentir que estão matando dois coelhos numa só cajadada.

A HAROLD RAYMOND' [SMITH 632]

740 North Kings Rd., Los Angeles 46, Cal. 21 de junho de 1953

Meu Caro Harol,

Voltamos ontem de uma excursão de três semanas através do nordeste e encontrei sua carta sobre a Penguin. Estou inclinado a concordar com você em que é uma atitude desejável; portanto, vamos decidir ir em frente.

O volume de ensaios no qual venho trabalhando esporadicamente há algum tempo está indo muito bem, e espero ter a coleção toda pronta no outono. Neste momento estou trabalhando no que promete ser um ensaio bem longo sobre uma experiência com mescalina que fiz em maio, quando um jovem psiquiatra inglês extremamente capacitado, agora trabalhando no Canadá com um grupo de jovens médicos e bioquímicos igualmente empreendedores no problema da esquizofrenia, veio passar uns dias conosco. Você provavelmente já leu relatos da experiência com mescalina – por Havelock Ellis, por exemplo, por Weir Mitchell* e muitos outros. É sem dúvida a experiência mais extraordinária e importante disponível aos seres humanos no lado de cá da Visão Beatífica; e abre uma série de problemas filosóficos, lança uma luz intensa e levanta toda espécie de perguntas

nos campos da estética, da religião, da teoria do conhecimento. O fato mais extraordinário sobre a mescalina – o princípio ativo do peiote, um cacto usado pelos índios norte-americanos em suas cerimônias religiosas, e agora sintetizado – é que ela é quase inteiramente atóxica. Não há conseqüências físicas desagradáveis, exceto uma ligeira sensação de náusea no princípio, e não há queda na capacidade intelectual, e absolutamente nenhuma res-saca – apenas uma transformação de consciência de modo que a pessoa sabe exatamente o que Blake queria dizer quando afirmou: “Se as portas da percepção fossem purificadas, tudo apareceria como realmente é, infinito e sagrado.” O esquizofrênico às vezes tem essa espécie de consciência; mas como ele começa com medo, e como o fato de não saber quando ou como ele vai emergir dessa condição de consciência modificada tende a aumentar esse medo, suas experiências mais comuns são de um Outro Mundo, não celestial, mas infernal e purgatorial. O que esses jovens no Canadá estão procurando é imensamente importante – um elemento bioquímico na causa da esquizofrenia. A mescalina, e a droga recentemente isolada, o ácido lisérgico, que tem o mesmo efeito, são bem próximas, quimicamente falando, da adrenalina. E um dos produtos da decomposição da adrenalina, o adrenocromo, que pode ocorrer dentro do corpo, pode produzir, quando isolado, experiências muito semelhantes às produzidas pela mescalina. Assim, talvez estejam chegando perto da cura ou da prevenção dessa enorme praga moderna. Quem sabe?

Lembranças nossas para vocês dois.

Do seu,

Aldous

* O organizador da edição das obras de Huxley na Chatto & Windus.

Ellis e Mitchell: consulte-se o texto extraído de *As portas da percepção*

AO DR. HUMPRHY OSMOND [SMITH 642]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Califórnia

31 de outubro de 1953

Caro Humphry,,

[...] Obrigado pelo exemplar do *Macleans*. O artigo é interessantíssimo.* O ácido lisérgico sempre produz esses resultados aterrorizantes? Ou você deu uma dose extravagante à sua co-baia? Ou, por outro lado, ele começou com uma neurose branda que foi exagerada além de qualquer reconhecimento? Seja qual for a resposta, permanece o fato inexplicável da natureza das visões. Quem inventa essas coisas extraordinárias? E por que o não-eu que inventa acerta exatamente nesse tipo de coisa? As jóias e as arquiteturas parecem ser quase precisas – um sintoma comum da experiência com mescalina. Pergunto-me se isso tem alguma coisa a ver com as fantasias das *Mil e uma noites* e outros contos de

fadas? Os palácios cheios de jóias são em parte, sem dúvida, realizações de desejos – o oposto da experiência cotidiana. Mas podem ser também verdadeiras *choses vues* – pormenores da paisagem comum de certo tipo de pessoas. Seria interessante saber se alguma coisa desse tipo pode ser vista por crianças que não sabem coisa alguma sobre jóias, ou por indivíduos primitivos, para quem diamantes, rubis, etc. nada signifiquem. [...]

Do seu,

Aldous

* Um artigo de Sidney Katz publicado no *Maclean's* Magot

Capítulo 10

1954

As Portas da Percepção

ALDOUS HUXLEY

A publicação desse pequeno volume, em meio ao deserto psíquico e intelectual da Administração Eisenhower e às audiências de McCarthy, teve um profundo impacto cultural. O quadragésimo livro de Huxley – cujo título foi tirado de “O casamento do céu e do inferno”, do poeta visionário William Blake – é um dos trabalhos-chave na literatura psicodélica. No início de sua década final de vida, poucos meses antes de seu sexagésimo aniversário, Huxley descobriu o “chave para o acesso químico”.

Como um tratamento literário de uma experiência científica, as referências são tipicamente de grande amplitude; o tom, perfeitamente razoável, sustentado pelo testemunho pessoal e pela evidência histórica. Além de Blake, uma importante fonte literária é O Livro Tibetano dos Mortos, que iria figurar de maneira tão significativa em sua vida e seus escritos posteriores. Huxley concluiu que, embora superior à maior parte das drogas consumidas pela humanidade, “a mescalina ainda não é a droga ideal”. Mas o conceito de Moksha estava muito mais próximo depois de sua primeira experiência com mescalina. Presente à iniciação psicodélica de Huxley, além do Dr. Osmond, que funcionou como supervisor-médico, estava Maria, esposa de Aldous, a quem ele dedicou As portas da percepção.

Foi EM 1886 que o farmacologista alemão Louis Lewin¹ publicou o primeiro estudo sistemático do cacto ao qual subseqüentemente foi dado seu próprio nome. *Anhalonium lewinii* era novo para a ciência. Para as religiões primitivas e para os indígenas do México e do sudoeste americano ele era um amigo de eras imemoriais. Na verdade era bem mais que um amigo. Nas palavras de um dos primeiros visitantes espanhóis ao Novo Mundo, “eles comem uma raiz a que chamam peiote, e que veneram como se fosse uma divindade”.

A razão porque deveriam eles venerar o peiote como uma divindade, tornou-se manifesta quando psicólogos eminentes como Jaensch² Havelock Ellis³ e Weir Mitchell⁴ começaram suas experiências com a mescalina, o princípio ativo do peiote. É verdade que eles pararam a certa distância da idolatria, mas tudo concorreu para dar à mescalina uma posição única entre as drogas. Ministrada em doses apropriadas, ela muda a qualidade da consciência mais profundamente, e no entanto é menos tóxica que qualquer outra substância do repertório farmacológico.

A pesquisa sobre a mescalina tem sido efetuada esporadicamente desde os dias de Lewin e Havelock Ellis. Os químicos não apenas isolaram o alcalóide; aprenderam como sintetizá-lo, de modo que o suprimento não depende mais da colheita escassa e intermitente do cacto do deserto. Alienistas aplicaram-se doses de mescalina na esperança de chegar a um entendimento melhor, em primeira mão, dos processos mentais de seus pacientes.

Trabalhando infelizmente com poucos pacientes, em circunstâncias restritas demais, psicólogos observaram e catalogaram alguns dos efeitos mais notáveis da droga. Neurologistas e fisiologistas descobriram alguma coisa sobre o mecanismo de sua ação sobre o sistema nervoso central. E pelo menos um filósofo profissional tomou mescalina pela luz que ela pode lançar em enigmas antigos e inexplicados como o lugar da mente na natureza e a relação entre o cérebro e a consciência.

Assim ficaram as coisas até que, há dois ou três anos, um fato novo e talvez extremamente significativo foi observado. Na verdade, esse fato havia várias décadas era visível aos olhos de todos, mas ninguém o percebera até que um jovem psiquiatra inglês, presentemente trabalhando no Canadá, ficou impressionado pela grande semelhança, na composição química, entre a mescalina e a adrenalina. Pesquisas posteriores revelaram que o ácido lisérgico, um alucinógeno extremamente potente derivado da cravagem do centeio, tem uma relação de estrutura bioquímica com os outros dois. Depois veio a descoberta de que o adrenocromo, que é um produto da decomposição da adrenalina, pode produzir muitos dos sintomas observados na intoxicação por mescalina. Mas o adrenocromo provavelmente ocorre espontaneamente no corpo humano. Em outras palavras, cada um de nós pode ser capaz de fabricar uma substância química da qual doses minúsculas causam profundas modificações na consciência. Algumas dessas mudanças são similares às que ocorrem na praga mais característica do século XX, a esquizofrenia. A desordem mental é causada por uma desordem química? E essa desordem química é devida, por sua vez, a aflições psicológicas que afetam as glândulas adrenais? Seria precipitado e prematuro afirmar isso. O máximo que podemos dizer é que existe um caso *prim facie*. Enquanto isso a pista está sendo sistematicamente seguida e os detetives – bioquímicos, psiquiatras, psicólogos – estão na trilha.

Por uma série de circunstâncias, para mim extremamente felizes, encontrei-me, na primavera de 1953, plantado no meio dessa trilha. Um dos detetives tinha vindo a trabalho à Califórnia. Apesar dos setenta anos de pesquisa sobre a mescalina, o material psicológico à disposição dele era ainda absurdamente insuficiente, e ele estava ansioso por aumentá-lo. Eu estava ali e estava disposto, na verdade ansioso, a servir como cobaia. Assim aconteceu que, numa bela manhã de maio, engoli quatro décimos de um grama de mescalina dissolvidos em meio copo d'água e sentei-me para esperar o resultado. [...]

[...] Confrontado por uma cadeira que parecia o Juízo Final – ou, para ser mais preciso, por um Juízo Final que, depois de longo tempo e considerável dificuldade, reconheci como uma cadeira – encontrei-me repentinamente à beira do pânico. Isso, senti de súbito, estava indo longe demais. Longe demais, mesmo que fosse na direção de uma beleza mais intensa e um significado mais profundo. O medo, como analiso em retrospecto, era de ser dominado, de desintegrar sob uma pressão de realidade maior que pudesse agüentar uma mente acostumada a viver a maior parte do tempo num aconchegante mundo de símbolos. A literatura sobre experiências religiosas abunda em referências aos sofrimentos e terrores que dominam aqueles que chegaram, demasiado súbito, face a face com alguma manifestação do *Mysterium tremendum*. Em linguagem teológica, esse medo é devido à incompatibilidade entre o egoísmo do homem e a pureza divina, entre a individualidade auto-intensificada do homem e a infinidade de Deus. Seguindo Boehme e William Law, podemos dizer que, pelas almas não-regeneradas, a Luz divina em todo o seu esplendor só pode ser apreendida como um fogo purgatorial ardente. Uma doutrina quase idêntica é encontrada em *O Livro Tibetano dos Mortos*, onde a alma que partiu é descrita como encolhendo-se em agonia para longe da Luz Pura do Vazio, e mesmo das Luzes menos brilhantes, para mergulhar de cabeça na

consoladora escuridão do eu como um ser humano renascido, ou mesmo como uma fera, um fantasma infeliz, um habitante do inferno. Qualquer coisa que não o brilho ardente da Realidade implacável – qualquer coisa!

O esquizofrênico é uma alma não apenas não-regenerada, mas também desesperadamente doente. Sua doença consiste na incapacidade de refugiar-se da realidade interior e exterior (coma a pessoa sã faz habitualmente) dentro do universo feito em casa do bom senso – o mundo estritamente humano de teorias úteis, símbolos compartilhados e convenções socialmente aceitáveis. O esquizofrênico é como um homem permanentemente sob a influência de mescalina, e portanto incapaz de fazer cessar a experiência de uma realidade com a qual ele não é suficientemente santo para viver, que ele não pode explicar por que ela é o mais renitente dos fatos primários, e que, por jamais permitir que ele olhe para o mundo com olhos simplesmente humanos, assusta-o, fazendo com que ele interprete essa estranheza ininterrupta, essa intensidade ardente de significados, como manifestações de malevolência humana ou até mesmo cósmica, procurando as reações mais desesperadas, de violência assassina em um extremo da escala até a catatonia, ou suicídio psicológico, no outro. E uma vez na infernal estrada para baixo, a pessoa nunca consegue; a parar. Isso agora era por demais óbvio.

– Se começássemos de maneira errada – eu respondi às perguntas do pesquisador – tudo o que acontecesse seria uma prova da conspiração contra nós. Tudo seria mais uma afirmação disso. Não poderíamos respirar sem saber que aquilo era parte da conspiração.

– Então você acha que sabe onde jaz a loucura?

Minha resposta foi um “sim” sincero e convicto.

– E você não poderia controlá-la?

– Eu não poderia controlá-la, não. Se eu iniciasse com medo e ódio como premissa principal, teria que continuar até a conclusão.

– Você conseguiria – perguntou minha esposa – fixar sua atenção no que O *Livro Tibetano dos Mortos* chama de Luz Clara?

Piquei em dúvida.

– Isso manteria o mal distante, se você conseguisse apreendê-lo? Ou você não conseguiria apreendê-lo?

Pensei um pouco na pergunta. “Talvez”, respondi finalmente. “Talvez eu pudesse” – mas só se houvesse alguém ali para me falar da Luz Clara. Não se poderia fazer isso sozinho.

Acho que essa é a razão para o ritual tibetano – alguém sentado ali o tempo todo, dizendo o que é o quê.

Depois de ouvir a gravação dessa parte da experiência, peguei meu exemplar da edição de Evans-Wentz de *O Livro Tibetano dos Mortos* e abri-o ao acaso. “Oh, nobres de berço, não deixeis que vossas mentes sejam distraídos!” Esse era o problema – não se distrair. Não se distrair com a lembrança de erros passados, com prazeres imaginários, com o gosto amargo de antigos males e humilhações, com todos os temores, ódios e desejos que normalmente eclipsam a Luz. O que esse monges budistas faziam pelos moribundos e pelos mortos, os psiquiatras modernos não poderiam fazer pelos dementes? Que haja uma voz para assegurar-lhes, de dia e mesmo enquanto eles estão adormecidos, que apesar de todo

o terror, toda a perplexidade e confusão, a Realidade definitiva permanece inabalavelmente a mesma e é feita da mesma substância da luz interior da mente mais cruelmente atormentada. Por meio de mecanismos como gravadores, interruptores de controle de tempo, sistemas de alto-falantes e pequenos ditafones para uso sob o travesseiro, deveria ser bem fácil manter os pacientes, até numa instituição com falta de pessoal, constantemente cômicos desse fato primordial. Talvez algumas poucas das almas perdidas pudessem assim ser ajudadas a obter uma certa medida de controle sobre o universo – ao mesmo tempo belo e apavorante, mas sempre algo não humano, sempre totalmente incompreensível – no qual se acham condenados a viver.

Em tempo fui afastado dos inquietantes esplendores da minha cadeira de jardim. Caindo em parábolas verdes da cerca, as folhas de hera reluziam com uma espécie de radiância vítrea, similar ao jade. Um momento mais tarde, uma touceira de flores cor de fogo, em plena floração, tinha explodido em meu campo de visão. Tão apaixonadamente vivas que pareciam estar à beira da expressão oral, as flores esforçavam-se para cima na direção do azul. Como a cadeira sob o caramanchão, elas protegiam demais. Baixei o olhar para as folhas e descobri uma complexidade cavernosa de delicadíssimas luzes e sombras verdes, latejando com um mistério indecifrável.

Roses:

The flowers are easy to paint, The leaves difficult.

O haikai de Shiki (que citei na tradução de É. H. Blyth) expressa, de modo indireto, exatamente o que eu senti então – a glória excessiva, demasiado óbvia, das flores, contrastadas com o milagre mais sutil de sua folhagem.

Sáimos para caminhar na rua. Um automóvel grande, azul-claro, estava parado junto ao meio-fio. Ao vê-lo, fui subitamente tomado por uma enorme alegria. Que contentamento, que absurda auto-satisfação jorrava daquelas superfícies em relevo do esmalte brilhantíssimo! O homem tinha criado a coisa à sua própria imagem – ou melhor, à imagem de seu personagem de ficção favorito. Ri até as lágrimas correrem pelo meu' rosto.

Tornamos a entrar em casa. Uma refeição havia sido preparada. Alguém que ainda não era identificado comigo mesmo comeu com um apetite incrível. De uma distância considerável e sem muito interesse, eu observava.

Depois de devorada a refeição, entramos no carro para um passeio. Os efeitos da mescalina já declinavam: mas as flores nos jardins ainda estremeciam à beira do sobrenatural, as pimenteirias e alfarrobeiras ao longo das ruas ainda pertenciam patentemente a uma alameda sagrada. O Éden alternava-se com Dodona. Yg-gdrasil com a Rosa mística. E, então, abruptamente, estávamos numa esquina, esperando para atravessar o Sunset Boulevard. À nossa frente os carros rodavam num fluxo regular – milhares deles, todos brilhantes e reluzentes como o sonho de um publicitário, e cada um mais cômico que o outro. Mais uma vez re-torci-me de rir.

O Mar Vermelho do tráfego separou-se finalmente, e atravessamos para outro oásis de árvores, gramados e rosas. Em poucos minutos tínhamos subido para um ponto alto nas colinas, e lá estava a cidade estendida abaixo de nós. Um tanto decepcionantemente, parecia a mesma cidade que eu vira em outras ocasiões. Pelo que me dizia respeito, a

transfiguração era proporcional à distância. Quanto mais perto, mais divinamente outro. Aquele panorama vasto e sombrio pouco era diferente de si mesmo.

Continuamos o passeio, e enquanto permanecemos nas colinas, com cada paisagem distante sucedendo-se a outra, a significação estava em seu nível cotidiano, bem abaixo do ponto de transfiguração. A mágica só tornou a funcionar quando descemos num novo subúrbio e estávamos deslizando entre duas fileiras de casas. Ali, apesar da arquitetura peculiarmente horrorosa, houve renovados momentos de diferenciação transcendental, vislumbres do céu que eu tinha visto de manhã. Chaminés de tijolos e telhados verdes reluziam ao sol, como fraymentos da Nova Jerusalém. E de repente vi o que Guardi tinha visto e (com uma habilidade incomparável) exprimido com tanta freqüência em suas pinturas – uma parede de alvenaria com uma sombra cortando-a, opaca mas inesquecivelmente linda, vazia mas carregada de todo o significado e o mistério da existência. A revelação surgiu e sumiu numa fração de segundo. O carro prosseguia; o tempo estava descobrindo outra manifestação da eterna Igualdade. “Dentro da igualdade há diferença. Mas que a diferença deveria ser diferente da igualdade não é de modo algum a intenção de todos os Budas. Sua intenção é tanto a totalidade quanto a diferenciação.” Aquele canteiro de gerânios brancos e vermelhos, por exemplo – ele era inteiramente diferente daquela parede de alvenaria a centenas de metros estrada acima. Mas o “ser” dos dois era o mesmo, a qualidade eterna de sua transiência era a mesma.

Uma hora mais tarde, passados com segurança quinze quilômetros e uma visita à Maior Loja do Mundo, estávamos de volta a casa, e eu tinha retornado a esse estado tranquilizador, mas profundamente insatisfatório conhecido como “estar bom da cabeça”.

* Louis Lewin (1850-1929), farmacólogo e toxicologista alemão, autor de *Phantastica*, etc. A monografia aqui citada é: “Uber Anhalonium Lewinii Henn.”, *Arck. f. exp. Path. u. Pharm.*, 24, 401-11 (1888 – não 1886).

H. Jaensch publicou estudos sobre a pesquisa com mescalina no início da década de 40.

Havelock Ellis (1869-1939), sexólogo e homem de letras, o primeiro inglês a publicar algo sobre os efeitos da mescalina: “Mescal: a new artificial paradise” (Mescal: um novo paraíso artificial), *Ann. Rept. S«itksonian Inst.*, 537-48 (1897) ; “A note on Mescal intoxication” (Uma nota sobre a intoxicação por mescal), *The Lancet*, 1640-42 (1891).

S. Weir JKitchell (1820-1914), neurologista e romancista, um dos primeiros norte-americanos a publicar um estudo sobre os efeitos da mescalina : “Remarks on the effects of Anhalonium Lewinii, the Meg-cal button” (comentários sobre os efeitos da *Ankaloniuna Lewinii*, o botão de Mescal.), *Britisk Medical Journal*, z, 1626-29 (1896).

** A data real é 6 de maio de 1958.

Capítulo 11

1954

Cartas

As portas da percepção mostrou ser o trabalho mais controverso de Huxley. A resposta do público, escreve sua biógrafa Sybille Bedford, “ia desde o entusiasmo, discriminado e indiscriminado, à desaprovação moral e intelectual, ao desdém, ao embaraço [...] Racionalistas presumidos viam novas provas de charlatanismo, de abdicação intelectual, enquanto os sérios e os religiosos ficavam perturbados pelo oferecimento de um atalho” (Bedford, v. 2 p. 162). Mas Aldous, fortalecido por sua experiência, já pensava numa seqüência para *As portas*, e mergulhando no trabalho, na correspondência e no estudo em diversas áreas – algumas novas e algumas re-visitadas: parapsicologia, privação sensorial (então chamada “ambiente restrito”) e ascetismo, esquizofrenia e alcoolismo, as metáforas e imagens de céu-e-inferno na literatura e na arte. Ele e Maria experimentaram também uma droga psicoativa pouco usada nos Estados Unidos: ololiuqui (sementes de ipoméia contendo amidos de ácido lisérgico), mas a dose (seis sementes) foi, ao que parece, pequena demais para causar em Aldous outros efeitos além de euforia e relaxamento.

Uma longa viagem à Europa e ao Oriente Médio incluiu uma conferência sobre a experiência visionária num congresso internacional de parapsicologia. Ele falou sobre o mesmo assunto para estudantes da Universidade Duke, quando voltou aos Estados Unidos. No final do ano ele trabalhou arduamente em suas anotações, transformando-as em livro.

A J. B. RHINE' [SMITH 649]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Califórnia 17 de janeiro de 1954

CARO Dr. Rhine,

[...] envio-lhe um conjunto de provas de página de um próximo ensaio sobre a experiência com mesalina [*As portas da percepção*]. O assunto do que pode ser chamado a fauna e a flora do subconsciente mais profundo é algo que me fascina.. Pois parece que, além do subconsciente pessoal (que tem a ver com os problemas de nossa história .particular) e além do sub-consciente coletivo de Jung, com seus Arquétipos que são simbólicos dos problemas imemoriais da espécie, existe um mundo que pouco ou nada tem a ver com nossos interesses humanos pessoais ou coletivos – o mundo do qual poetas e profetas derivaram suas descrições de inferno e céu e as outras áreas mais remotas do Outro Mundo. O que surge sob a mesalina e na esquizofrenia é diferente; mas a diversidade apresenta muitas características comuns, e essas características comuns surgem em descrições de paraísos cristãos, muçulmanos e budistas e, quando a experiência toma um

rumo negativo, em descrições do inferno. Há muitos pormenores em Dante que estão bem próximos ao que esquizofrênicos e pessoas que tornam mesalina experimentam e descrevem. Por que deveríamos carregar conosco esse vasto universo não-humano, simplesmente não se pode imaginar. É apenas “uma dessas coisas” – como os marsupiais na Austrália, como as girafas na África, só que, é claro, muito mais bizarra. Pois pelo menos os marsupiais e as girafas são adaptados às condições em nosso planeta; ao passo que esses fenômenos de céu e inferno do subconsciente profundo parecem ser completamente estranhos à nossa experiência particular ou à experiência da raça. [...]

Muito cordialmente, *Aldous Huxley*

* Famoso pesquisador norte-americano de fenômenos extrasensoriais e *pei*, temas que interessavam enormemente a Huxley.

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 653]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Califórnia 2 de ruço de 1954

Caro Huumphry,

[...] Três fatos interessantes surgiram recentemente. Minha velha amiga Naomi Mitchison escreve da Escócia, depois de ler *As portas*, que ela teve uma experiência quase idêntica de trans-figuração do mundo exterior durante seus vários períodos de gravidez. Será que isso poderia ser devido a um desarranjo temporário no suprimento de açúcar ao cérebro? (E também, uma mulher desconhecida escreve que teve experiências similares à mesalina durante ataques de hipoglicemia.)

Um desconhecido escreve de Seattle que produziu extraordinárias transformações de consciência – as quais ele não descreve – jejuando e ficando sem dormir durante um fim de semana. É claro que isso é o que tantos místicos, orientais e acidentais, fizeram. O ascetismo é apenas em parte motivado por um senso de pecado e um desejo de expiação, e só em parte, no nível subconsciente, por masoquismo. É também motivado pelo desejo de se entrar em contato com o Outro Mundo, e o conhecimento, pessoal ou indireto, de que a “mortificação” nos leva através da porta no muro.

Outro desconhecido me escreve de Los Angeles. É um ex-alcoólatra, que teve experiências de êxtase em seus primeiros dias de alcoolismo e insiste, apesar do que possam dizer os freudianos, que o desejo do êxtase é um motivo muito forte em muitos alcoólatras. Ele é também um amigo dos índios, conhece alguns que tornaram peiote mas tiveram uma experiência aterrorizante, e insinua que sabe ou é capaz de descobrir muitas coisas sobre a relação entre o peiotismo e o alcoolismo entre os índios. Não conheço esse homem, e duvido que tenha tempo para isso antes de nossa partida. Mas (espero que você não se importe!) pedi-lhe que pusesse no papel suas informações e as remetesse para você.

Acho que pode ser de grande valor. Ele é de opinião que poderia ser muito interessante experimentar o efeito da mescalina em alcoólatras e ex-alcoólatras. E eu acho que se seu projeto de pesquisa for iniciado (ou mesmo se não for) isso pode ser uma coisa produtiva a se fazer.*

Tenho também um amigo [...] amável e competente, [A. L. Kitzelman], que desenvolveu, dos textos do Antigo Budismo (textos que ele pode estudar no original, em pali) uma forma de psicoterapia que ele chama de Terapia E. (E sendo o equivalente à Enteléquia, o *Bodhi*.) Ele próprio já tomou peiete e propõe partir para a mescalina, sob supervisão médica. Enquanto isso fez algumas experiências com ololiuqu(i), descobriu que em alguns casos ele parece aumentar a sugestionabilidade, liberar tensões antigas, e ajudar a obter vislumbres da verdadeira natureza da pessoa. Ao mesmo tempo parece facilitar, aos que estão perto da pessoa que ingeriu a droga, uma espécie de relacionamento telepático com ela – ou, pode-se dizer, um relacionamento subtelegráfico, caso em que as experiências compartilhadas não são pensamentos e sim dores e incômodos, que os assistentes sentem indiretamente (como já aconteceu sob hipnose profunda) e que de um modo qualquer eles “descarregam”, beneficiando a pessoa que tomou a droga, que se sente muito melhor depois. O ololiuqu(i) é usado pelos feiticeiros mexicanos e cubanos para aumentar as faculdades extra-sensoriais e aliviar doenças; portanto pode ser que haja algo psicologicamente objetivo nisso tudo. Quando nós o tornamos não aconteceu muita coisa a Leslie LeCron’ e a mim próprio, a não ser euforia e relaxamento. Maria teve algumas visões bastante divertidas e coerentes – diferentes em qualidade das que normalmente tem sob hipnose, e mais manifestamente significativas de um modo simbólico. Uma delas era como um capítulo suplementar do *Monkey* (O Macaco) – a maravilhosa alegoria chinesa traduzida por Arthur Waley. Era a visão do Macaco tentando subir para o céu por sua própria cauda – um comentário realmente admirável sobre as pretensões do intelecto discursivo.

Você já experimentou os efeitos da mescalina num homem ou numa mulher congenitamente cegos? Isto certamente teria interesse.

Lembranças a você e à família.

Do seu, Aldous

* Osmond, Hoffer e seus colegas mais tarde demonstraram estatisticamente os efeitos benéficos da psicoterapia associada com a mescalina e o LSD no problema do alcoolismo.

Psicoterapeuta amigo de Huxley.

À HAROLD RAYMOND [SMITH 657]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Califórnia 8 de março de 1954

Caro Harold,

Obrigado por sua carta e pelas boas notícias a respeito das vendas do livro (*As portas da percepção*) – excelentes, eu acho, para um ensaio. Vi a crítica de Young – da qual gostei muito, e que agradou a meu amigo o Dr. Osmond, o psiquiatra sob cuja supervisão tornei a droga. O próprio Osmond está escrevendo uma crítica do livro para *Tomorrow*, e seu jovem colega, o Dr. Smythies, tem um artigo sobre mescalina em geral, na mesma revista. Aliás, estou espantado com a quantidade de trabalhos que estão sendo feitos sobre a mescalina. As coisas não param de surgir – trabalho em Boston, trabalho em Chicago, trabalho em Buenos Aires. Com relação ao último, um ítalo-argentino muito competente surgiu em minha vida há uns dois dias. Acontece que ele é a maior autoridade na química dos alcalóides do cacto, inclusive, é claro, a mescalina.'

O que Steedman' disse sobre a droga às vezes ter resultados terríveis é inteiramente verdade, é claro. (Mencionei o fato no ensaio.) Uma ótima descrição do terror foi dada por um jornalista canadense chamado Katz no número de outubro (eu acho) do *Macleans Mapazine* (uma publicação canadense). Ele tomou a droga sob a supervisão de Osmond, e seu artigo é um relato passo a passo, baseado em gravações e notas taquigrafadas, de suas experiências – que foram inteiramente aterrorizantes. Como é estranho que escritores como Belloc e Chesterton possam cantar as virtudes do álcool (que é responsável por mais ou menos dois terços dos acidentes de automóvel e três quartos dos crimes de violência) e serem considerados bons cristãos e pessoas direitas, enquanto que qualquer pessoa que se aventure a opinar que possa haver outros atalhos, menos prejudiciais, para a autotranscendência. <aqui falta o último parágrafo da carta – página 79>

* Dr. Ladislao Reti, autor da monografia *Cactus alkaloids and some related compounds* (Alcalóides do cacto e alguns compostos afins) (Viena, 1950).

** Um crítico.

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 671]

740 N. Kings Rd., Los Angeles 46, CaL

25 de outubro (1954)

Meu caro Humphry,

Acabo de receber sua carta anunciando sua chegada entre 15 e 17 de novembro. Espero que você fique aqui pelo maior tempo possível. Se sentir necessidade de mais tranquilidade, pode-íamos ir para algum lugar no deserto por uns dias, ou para o litoral, ou talvez uma pequena viagem juntando as duas coisas, o que aqui é bem possível.

Demos quase toda a nossa mescalina para nosso amigo do Egito, o Dr. Godel, que conhecia um pouco o assunto mas queria descobrir mais. Assim, por favor, venha suprido; você sabe como é difícil arranjar qualquer coisa por aqui. Não me lembro se já lhe falei sobre o uso que o Dr. Puharich fez do ácido lisérgico em experiências extra-sensoriais – e

descobriu que havia um período de capacidade ampliada, perto do princípio, um longo tempo sem capacidade, e outro período lúcido perto do fim. Ele ia tentar diminuir a dose de maneira a manter o indivíduo todo o tempo na zona lúcida, sem ser levado para fora dos limites, para o Mundo inteiramente Outro.' Obviamente temos que pensar na mente em termos de um sorvete napolitano estratificado, com um sabor peculiar de consciência em cada camada.

A farmacologia pode nos permitir chegar exatamente à camada que queremos, sem ir mais longe.

Aliás, você chegou a mandar as peças?

Lembranças nossas para todos.

Do seu,

Aldous

* Andrija Puharich – pesquisador pioneiro sobre a interconexão entre as substâncias psicodélicas e a parapsicologia, autor de *In searek of the ouapic Mmekroom* (Em busca do cogumelo mágico). (1969) •

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 672]

740 N. Kings Rd., L A 46, Cal. 7 de novembro de 1954

Caro Humphry,

Pode me dar uma pequena informação, por favor? Onde foi publicado o trabalho de [D. O.] Hebb sobre os efeitos do ambiente restrito? Ou, melhor ainda, você pode me dizer em poucas linhas qual era a natureza das experiências produzidas mediante trancar-se em silêncio no escuro? Essas visões eram parecidas com as da mescalina? Quero pelo menos mencionar esse assunto no trabalho “Experiência Visionária, Arte Visionária e o Outro Mundo”, que estou ampliando.’

Espero vê-lo breve.

Do seu,

Aldous

* Huxley conhecia também o trabalho do Dr. John Lilly nesse campo; ele e Julian Huxley visitaram o laboratório de Lilly em 1966.

Capítulo 12

1954

Os Distantes Continentes da Mente

ALDOUS HUXLEY

O discurso que se segue é o primeiro das muitas conferências de Huxley sobre a consecução da experiência visionária. Eileen J. Garrett, amiga de muitos anos, era presidente da Fundação de Parapsicologia que organizava simpósios anuais que atraíam os mais importantes vultos nesse campo. O interesse de Huxley pela parapsicologia data da década de 30, quando ele visitou o Dr. J. B. Rhine na Universidade Duke em 1937.

É difícil falar de acontecimentos mentais, a não ser por meio de imagens tiradas do universo familiar de coisas materiais. Pode-se dizer que um homem consiste num Velho Mundo de consciência pessoal e, do outro lado de um oceano divisor, numa série de Novos Mundos. Esses Novos Mundos de um subconsciente nunca podem ser colonizados, raramente são perfeitamente explorados, e em muitos casos ainda esperam o descobrimento. Como neste planeta, se você vai aos antípodas da personalidade autoconsciente, você vai encontrar toda espécie de criaturas pelo menos tão estranhas quanto o canguru. Em nenhum dos dois casos nós inventamos essas criaturas. Elas vivem independentemente, e além de nosso controle. Mas podemos ir aonde elas estão e observá-las. Elas existem “lá fora” no equivalente mental do espaço longínquo. Daqui “de dentro” podemos às vezes observá-las dedicadas a seus misteriosos negócios.

Algumas pessoas nunca descobrem conscientemente seus antípodas. Outras pousam lá de vez em quando. Outras poucas vêm e vão, à vontade.. Para o naturaliza da mente – que tem de juntar suas informações antes que nos tornemos verdadeiros zoólogos da mente – a necessidade primeira é de um meio de transporte seguro, fácil e confiável, entre os dois Mundos. Existem dois métodos assim. Nenhum deles é perfeito; ambos são suficientemente confiáveis, fáceis e seguros para justificar seu uso por pessoas que sabem o que eles provocam. O primeiro é o uso da mescalina, um alcalóide químico. O segundo é o hipnotismo. Os dois veículos levam a consciência para a mesma região; a droga tem alcance maior e leva a pessoa mais para dentro da terra incógnita.

Quanto à hipnose, não sabemos como ela produz os seus efeitos constatados. Nem precisamos saber. Sobre os efeitos fisiológicos da mescalina sabemos um pouco. Ela perturba o sis-tema de enzimas que regula a função cerebral, diminui a eficiência do cérebro e permite a entrada na consciência de certos tipos de atividades mentais normalmente excluídas por não possuírem valor para a sobrevivência, Temos visões. Mas não são visões ao acaso. O que acontece nelas segue padrões tão lógicos internamente quanto são as coisas vistas nos antípodas do mundo exterior. São estranhas, mas possuem uma certa regularidade.

Determinadas características comuns são impostas por esse padrão em nossa experiência visionária. Primeiro, e mais importante, é a experiência da luz. Tudo é brilhantemente iluminado, brilhando de dentro, e uma mistura de cores é intensificada a um grau desconhecido no estado normal. (A maioria dos sonhos normais é em preto e branco ou apenas levemente coloridos.) Cores em sonhos ou numa visão provavelmente representam a vista de “alguma coisa dada” como diferenciado dos símbolos notáveis de nossas próprias lutas e nossos próprios desejos, que geralmente não são coloridos. A visão enxergada nesses antípodas da mente nada tem a ver com os sonhos do sono normal, que nós mesmos geramos. Nós as vemos porque elas estão ali, mas não são criação nossa. Essa luz preternatural é característica de todas as experiências visionárias.

Juntamente com a luz, surge o reconhecimento do significado ampliado. Os objetos luminosos possuem um significado tão intenso quanto sua cor. Ali o significado é idêntico ao ato de ser; os objetos não significam outra coisa que não eles mesmos. Seu significado é precisamente esse: que eles são intensa-mente eles próprios e, sendo assim, são manifestações da magnanimidade e da diversidade essenciais do universo.

A luz, a cor e o significado não existem isolados. Eles modificam objetos ou são manifestados por eles. Certos tipos de imagens perceptivas aparecem várias vezes; formas geométricas coloridas, móveis, vivas, que ondulam para dentro de percepções mais concretas de coisas estampadas, tais como tapetes, talhas, mosaicos, transmutando-se continuamente em outras formas com cores e grandiosidades ampliadas. O observador é separado de seu passado; ele contempla uma nova criação. Muita coisa nelas é semelhante aos céus e terras encantadas do folclore e da religião, o protótipo de muitos Paraísos.

Mas pode haver também uma experiência infernal, tão terrível quanto a outra é gloriosa. Em visões paradisíacas há uma sensação de dissociação do eu e seu corpo; em visões infernais a consciência do corpo é ampliada e continuamente degradada. Isso ocorre quando à pessoa falta essa fé e essa confiança amo-rosa que garante que a experiência visionária vai ser agradável. *E* o que acontece nas visões pode ser uma antecipação do que virá no momento da morte.

Capítulo 13

1955

A Mescalina e o "Outro Mundo"

ALDOUS HUXLEY

No primeiro simpósio norte-americano sobre substâncias psicodélicas, Huxley foi a única pessoa fora do campo da Medicina presente entre "os rapazes do Choque Elétrico, os cloropromazineiros e as 57 Variedades de Psicoterapeutas" (como ele escreveu para Humphry Osmond.). Seu discurso, como era de se esperar, foi o único que tratou da experiência com drogas em pessoas "relativamente sãs", em vez de pessoas mentalmente perturbadas. Idéias que ele iria desenvolver em O céu e o inferno – a importância do acesso aos "Antípodas da mente", a experiência visionária por meio da hipnose; alucinógenos, o "transporte" de objetos tais como pedras preciosas, as qualidades mágicas que governam esses estados – são desenvolvidas principalmente através de referências literárias e artísticas.

Meu OBJETIVO esta noite é discutir as experiências com mescalina, não as dos neuróticos, mas as daqueles que, como eu, são relativamente sãos. Descrições clássicas dessa experiência foram dadas, há muitos anos, por Weir Mitchell e Havelock Ellis, cujos relatos combinam muito bem com o meu próprio e o de todos os experimentadores que conheço pessoalmente. Essas experiências clássicas com a mescalina diferem, sob muitos aspectos, das que foram discutidas hoje aqui. Quase todas as que foram discutidas hoje são coloridas pelo medo e pela ansiedade. Além disso, nelas abundam referências às memórias pessoais e a experiências traumáticas da infância do indivíduo que tomou a droga. Como é diferente da experiência clássica com a mescalina! Nela, a característica mais notável, enfaticamente mencionada por todos que passaram por ela, é sua profunda impersonalidade. A experiência clássica com mescalina não é de acontecimentos lembrados consciente ou inconscientemente, ela não se ocupa de antigos traumas e não é, na maioria dos casos, afetada por temores e ansiedades. 5 como se aqueles que estejam passando por ela tivessem sido transportados pela mescalina para uma região longínqua e impessoal da mente.

Vamos usar uma metáfora geográfica e comparar a vida pessoal do ego com o Velho Mundo. Partimos do Velho Mundo, atravessamos um oceano e nos encontramos no mundo do subconsciente pessoal, com sua flora e fauna de repressões, conflitos, lembranças traumáticas e coisas assim. Viajando mais, chegamos a uma espécie de Extremo Oriente, habitada por arquétipos jungianos e pelas matérias-primas da mitologia humana. Além dessa região há um grande Oceano Pacífico. Levados através dele nas asas da mescalina ou do ácido lisérgico-dietilamido, alcançamos o que pode ser chamado de as Antípodas da mente. Nesse equivalente psicológico da Austrália descobrimos os equivalentes aos cangurus e ornitorrincos de bico de pato – uma multidão de animais extremamente improváveis, que

mesmo assim existem e podem ser observados.

Ora, o problema é: como podemos visitar as áreas longínquas da mente, onde vivem essas criaturas? Algumas pessoas, está claro, podem ir até lá espontaneamente e mais ou menos quando desejam. Alguns poucos desses viajantes eram grandes artistas, que conseguiam não somente visitar as Antípodas mas também narrar o que viram em palavras ou em quadros. Muito mais numerosos são aqueles que estiveram nas Antípodas, viram seus estranhos habitantes, mas são incapazes de exprimir apropriadamente o que contemplaram. No momento presente eles relutam até mesmo em dar uma expressão imprópria à sua experiência. O clima mental de nossa era não é favorável a visionários. Aqueles que tiveram tais experiências espontâneas e são suficientemente tolos para falar sobre elas, são encarados com suspeita e aconselham-nos a procurar um psiquiatra. No passado, experiências desse tipo eram consideradas importantes, e aqueles que as tinham eram respeitados. Essa é uma das razões (embora talvez não a única razão) pela qual antigamente havia visionários em número tão maior que hoje.

Aqueles que não conseguem visitar as Antípodas da mente por sua própria vontade (e são a maioria) têm que encontrar um método artificial de transporte. Um método que funciona em determinada quantidade de casos é a hipnose. Há pessoas que, sob hipnose moderadamente profunda, entram no estado visionário.

Mais garantidos em seu efeito são os assim chamados alucinógenos, a mescalina e o LSD. Pessoalmente nunca tomei LSD, portanto só posso falar por experiência própria da mescalina. A mescalina nos transporta sem sofrimento – pois quase não há aquela náusea horrível que se segue a ingestão do peiote, e não há ressaca às Antípodas da mente, onde encontramos uma fauna e uma flora notavelmente diferentes da fauna e flora do familiar Velho Mundo da consciência pessoal. Mas, assim como os marsupiais, embora improváveis, não são de modo algum fenômenos ao acaso ou anárquicos, o mesmo acontece com os habitantes das Antípodas da mente. Eles se ajustam às leis de sua própria existência, podem ser classificados e sua estranheza possui uma certa regularidade de padrão. Como [Heinrich] Kluver¹ assinalou em seu livro sobre o peiote, as experiências visionárias, embora variando de um indivíduo para outro, não deixam de pertencer a uma única e mesma família. Experiências clássicas com mescalina mostram certas características bem marcadas.

A mais notável dessas características comuns é a experiência da luz. Há uma grande intensificação de luz; essa intensificação é sentida tanto com os olhos fechados quanto abertos. A luz parece preternaturalmente intensa em tudo o que é visto com o olho voltado para dentro. Parece também preternaturalmente forte no mundo exterior.

Com essa intensificação da luz há uma tremenda intensificação das cores, e isso acontece tanto no mundo exterior como no mundo interior.

Finalmente, há uma intensificação do que posso chamar significado intrínseco. Aquilo que é visto, com os olhos fechados ou abertos, é sentido como tendo um significado profundo. Um símbolo representa outra coisa, e esse representar outra coisa é o seu significado. Mas as coisas significativas vistas na experiência com mescalina não são símbolos. Não representam outra coisa, não significam coisa alguma além de si mesmas. O significado de cada coisa é idêntico a seu ser. Ele significa que ele é. De um modo paradoxal, mas inteiramente claro e evidente para aqueles que experimentaram essa intensificação do significado intrínseco das coisas, o relativo se torna absoluto, e o transiente se torna particularmente universal e eterno.

* Mescal: a *planta 'divina' e seus efeitos psicológicos* (Londres, 1928; Chicago, 1966).

Luz intensificada, cor intensificada e significado intensificado não existem isolados. Eles são inerentes aos objetos. E também aqui as experiências daqueles que tornaram um alucinógeno estando em bom estado de saúde mental e física e com um nível apropriado de preparação filosófica, parecem seguir um padrão bastante regular. Quando estão de olhos fechados, a experiência visionária começa com o aparecimento no campo visual de geometrias vivas e animadas. Essas formas abstratas e tridimensionais são intensamente iluminadas e brilhantemente coloridas. Depois de algum tempo elas tendem a tomar a aparência de objetos concretos, tais como tapetes de estampado muito colorido, ou mosaicos, ou entalhes. Esses, por sua vez, modulam-se em construções ricas e elaboradas, em paisagens de extraordinária beleza. Nem as construções, nem as paisagens permanecem estáticas, mas mudam continuamente. Em nenhuma de suas metamorfoses eles se parecem com uma construção qualquer ou uma paisagem vista pelo indivíduo em seu estado normal e lembrado do passado próximo ou distante. Essas coisas são todas novas. O indivíduo não as recorda ou inventa; ele as descobre, “lá fora”, no equivalente psicológico de uma região geográfica até então inexplorada.

Em meio a essas paisagens e entre essas arquiteturas animadas vagam estranhas figuras, às vezes seres humanos (ou até mesmo o que parecem ser seres sobre-humanos), às vezes animais ou monstros fabulosos. Dando uma descrição direta em prosa do que ele costumava ver em suas visões espontâneas, William Blake relata que com frequência via seres aos quais deu o nome de Querubins. Esses seres tinham trinta e cinco metros de altura e não se ocupavam em coisa alguma que pudesse ser considerada simbólica ou dramática (essa é uma característica dos personagens de visões). Neste aspecto os habitantes das Antípodas da mente diferem das figuras que habitam o mundo arquetípico de Jung, pois nada têm a ver, nem com a história pessoal do visionário, nem mesmo com os problemas ancestrais da raça humana. Literalmente, são os habitantes do “Outro Mundo”.

Isto me traz a um ponto muito interessante e, acredito, muito significativo. A experiência visionária, seja espontânea ou produzida por drogas, hipnose ou qualquer outro meio, tem uma semelhança notável com o “Outro Mundo” descrito em várias tradições de religião e folclore. Em toda cultura a moradia dos deuses e das almas felizes é um país de extraordinária beleza, brilhando de cores, banhado em luz intensa. Nesse país são vistas construções de magnificência indescritível, e seus habitantes são criaturas fabulosas, como os serafins de seis asas da tradição hebraica, ou como os touros alados, os homens com cabeça de falcão, os leões com cabeças humanas, os personagens com vários braços ou com cabeças de elefante da mitologia egípcia, babilônica e indiana. Entre essas criaturas fabulosas movimentam-se anjos e espíritos sobre-humanos, que jamais fazem coisa alguma além de apenas gozar da visão beatífica.

As roupas dos habitantes, as construções e até mesmo muitos traços da paisagem no “Outro Mundo” são revestidos com pedras preciosas. É interessante notar que o mesmo acontece no mundo interior encontrado sob a mesalina ou em visões espontâneas. Weir Mitchell e muitos dos outros experimentadores que deixaram um relato de sua experiência com mesalina registram uma profusão de jóias vivas. Essas jóias que, nas palavras de Mitchell, parecem cachos de frutas transparentes, brilhando com fulgor interno, estão incrustadas nas construções, nas montanhas, nas margens dos rios, nas árvores. Faz-nos lembrar, ao lermos essas descrições de experiências com a mesalina, do que é dito do outro mundo nas diversas literaturas religiosas deste mundo. Ezequiel fala “das pedras de fogo” que são encontradas no éden. No *Livro da Revelação*, a Nova Jerusalém é uma cidade

de pedras preciosas e de uma substância que para nossos ancestrais devia parecer tão maravilhosa quanto as pedras preciosas – o vidro. A muralha da Nova Jerusalém é de “ouro como vidro” – isto é, uma substância transparente e luminosa que tem a cor do ouro. O vidro ressurgue nas mitologias celtas e teutônicas da Europa Oriental. A terra dos mortos, entre os teutões, é uma montanha de vidro, e entre os celtas era uma ilha de vidro com pavilhões de vidro.

Nos paraísos hindus e budistas abundam, como na Nova Jerusalém, as pedras preciosas; e o mesmo acontece na ilha mágica que, na mitologia japonesa, iguala-se a Avalon e às Ilhas dos Bem-Aventurados.

Entre os povos primitivos, que não conheciam o vidro e não tinham acesso a pedras preciosas, o paraíso é enfeitado com flores luminosas. Essas flores mágicas desempenham um papel importante no Outro Mundo de pessoas mais evoluídas. Faz-nos lembrar do lótus da mitologia hindu e budista, a, rosa e o lírio da tradição cristã.

Pode-se objetar que o paraíso é tão-somente “uma confusão no céu” e que a razão pela qual todos os paraísos são enfeitados com pedras preciosas é precisamente sua preciosidade aqui na terra. Mas por que as pedras são consideradas preciosas? Que foi que induziu os homens a gastar enormes quantidades de tempo, trabalho e dinheiro para encontrar e cortar cascalhos coloridos? Em termos de qualquer espécie de filosofia utilitária, o fato é inteiramente inexplicável. Minha opinião é de que é preciso procurar uma explicação para a preciosidade das pedras preciosas em primeiro lugar nos fatos de experiência visionária. Objetos como pedras preciosas, brilhantes, luminosos, reluzindo com cor e significado preternatural, existem nas Antípodas da mente, são vistas por visionários e todos os que as contemplam sentem que elas têm um significado enorme. No mundo objetivo, as coisas que mais se parecem com esses objetos visionários luminosos são as pedras preciosas. Elas são consideradas preciosas porque lembram aos seres humanos o Outro Mundo nas Antípodas da mente – o Outro Mundo do qual os visionários estão inteiramente cômnicos, e pessoas normais são obscuramente cômnicas e, por assim dizer, subterraneamente conscientes. Há uma espécie de beleza mágica que nós chamamos “arrebatedora”. O adjetivo é bem escolhido; pois é positivamente verdade que certos espetáculos realmente arrebatam a mente do espectador – arrebataram-na para fora do mundo cotidiano da experiência comum, conceitualizada, para dentro do mágico Outro Mundo da consciência não-verbal, visionária.

As flores são quase tão arrebatadoras quanto as pedras preciosas, e eu estaria inclinado a atribuir a paixão quase universal pelas flores, o uso quase universal de flores em ritos religiosos, ao fato de que elas lembram aos homens e mulheres o que está sempre ali, preternaturalmente brilhante, colorido e significativo, no fundo de suas mentes.

Não terei tempo de falar sobre a relação entre a experiência visionária e certas formas de arte. É suficiente dizer que a relação é real, e que o poder quase mágico exercido por certas obras de arte nasce do fato de que elas nos lembram, conscientemente ou, com mais freqüência, inconscientemente, esse Outro Mundo, no qual o visionário natural pode penetrar à vontade, e ao qual o resto de nós só tem acesso através da influência da hipnose ou de uma droga como a mescalina e o LSD.

Capítulo 14

1955

Cartas

Nesse ano Huxley tomou mescalina duas vezes. A primeira ocasião foi em companhia de seu velho amigo, o escritor inglês Gerald Heard, e o magnata do urânio Capitão Albert M. Hubbard. “Como eu estava num grupo”, escreveu Huxley, “a experiência teve um conteúdo humano que a experiência anterior, solitária, com sua qualidade do Outro Mundo e sua intensificação da experiência estética, não possuiu”. A segunda sessão de mescalina, dirigida por Laura Archera, foi inteiramente espiritual, trazendo “Á consciência direta, total [...] do Amor como o fato cósmico primário e fundamental”. Entre essas sessões ocorreu a morte de sua andada Maria, com quem ele se casara em 1919. Maria tinha tomado mescalina e ololiuqui, tinha tido experiências visionárias sob hipnose e revelações místicas no deserto. Ela e Aldous tinham assistido D. H. Lawrence em sua morte em 1930. Durante as últimas horas de Maria, Aldous leu para ela o Bardo Thodol do Livro Tibetano dos Mortos.

A maior parte do ensaio Céu e inferno foi escrita em 1955. O ano terminou com a primeira experiência de Huxley com LSD, novamente em companhia de Heard e Hubbard. Aldous tomou uma dose pequena, mas a experiência foi altamente significativa: enquanto escutava Bach, ele compreendeu “a Perfeição essencial do universo [...] a reconciliação dos opostos [...] a natureza nirvânica do Samsara”. Experimentou também um gás psicoativo composto de dióxido de carbono e oxigênio (carbogênio). Outra faceta do caráter de Huxley nos é revelada em sua tentativa de solicitar ajuda para uma pessoa presa por posse de peiote.

A ROGER E ALICE GODEL [SMITH 676]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Cal. 10 de janeiro de 1955

Meus caros Roger e Alice,

[...] Tenho trabalhado muito – terminei um romance curto,* que vai ser publicado em abril ou maio, e um volume de ensaios inclusive aquele sobre experiência visionária e o Outro Mundo, que vocês viram na primavera passada, e que foi bastante aumentado para poder incluir uma discussão sobre a arte visionária.

E, por falar em visões, tornei mescalina ontem, pela segunda vez. Essa experiência não foi menos impressionante do que a primeira – mas inteiramente diferente; pois, como eu estava em grupo, com outras três pessoas, a experiência teve um conteúdo humano, que a experiência anterior, solitária, com sua qualidade de Outro Mundo e sua intensificação da

experiência estética, não possuiu. Durante cinco horas recebi uma série de ilustrações luminosas do provérbio cristão: “Não julgueis para não serdes julgados”, e do provérbio budista “Colocar o que você gosta contra o que você não gosta, é esta a doença da mente”. Incidentalmente, alguns progressos notáveis vêm tendo lugar no campo da mescalina. Um grupo de psicólogos e assistentes sociais em Vancouver e Seattle desenvolveu técnicas para usar a mescalina terapeuticamente. Ela age de modo oposto à narcossíntese. Quando é feito um tratamento psicológico sob barbitúricos, o ego fica entorpecido e se torna possível chegar a uma parte do conteúdo do subconsciente pessoal. Mas com a mescalina a consciência não diminui, ela aumenta enormemente, mostra-se à vista e toda a escala da psique, até os mais altos níveis superconscientes. O primeiro tratamento é negativo em sua natureza, e o segundo é positivo. E os resultados nos casos até agora tratados (ainda são bem poucos) têm sido espetaculares. Delinqüentes juvenis têm sido inteiramente transformados numa única sessão, e a *metanoia* persistiu. Enquanto isso um considerável número de pessoas de formação universitária ou homens de negócios tornaram a droga – e todos, sem exceção, declararam-na a experiência mais importante de suas vidas, e descobriram que, especialmente quando ela é tomada em grupo, a mescalina traz uma profunda e perene mudança de pontos de vista. Há alguns projetos de uma comissão mista – médicos, psicólogos, filósofos, assistentes sociais – ser criada para estudar o assunto. Sendo a pessoa cujo livro foi em grande parte responsável pelo grande aumento no interesse pela mescalina, espero participar do trabalho dessa comissão.

Os diálogos já apareceram? E em que vocês estão trabalhando agora? (Como se seu trabalho no hospital não fosse trabalho de verdade!) E como vai a família de Alice? E os Hellous?

Espero que 1955 seja um ano frutífero para vocês dois, e também muito feliz.

Do sempre seu, querida Alice, e do sempre seu também, querido Roger,

Aldous

* *O gênio e a deusa Céu e inferno.*

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 678]

740 North Kings Rd, Los Angeles 46, Cal. 12 de janeiro de 1955

Caro Humphry,

Foi bom ouvir sua voz com tanta clareza através dos espaços intermediários. Seu simpático capitão tentou uma nova experiência – mescalinização em grupo. Funcionou muito bem para Gerald Heard e para mim, e muito pouco para (.....), que recebeu uma dose pequena (200 mg, e nós, 300 mg) e que teve uma resistência subconsciente de enorme força, e um tanto mal para Hubbard, que tentou dirigir o grupo do modo que ele tinha dirigido outros grupos em Vancouver, onde a droga funcionou como um mecanismo para fazer emergir culpas e traumas enterrados, permitindo que as pessoas vivam melhor consigo

mesmas. Gerald e eu fugimos dele e fomos para outro lugar – mas não para os distantes Outros Mundos das experiências anteriores. Em ambos os casos, embora de maneiras diferentes, foi uma experiência transcendental dentro *deste* mundo e com referências humanas. Espero escrever algo sobre minha experiência, e remeter-lhe uma cópia a seu tempo. Enquanto isso, estou esperando que o gentil capitão, cujas conexões com o urânio parecem ser-vir de passaporte para as esferas mais altas do governo, do empresariado e do clero, e que está prestes a embarcar para Nova Iorque, onde espero que ele revolucione as Nações Unidas, leve Nelson Rockefeller para um passeio até o Céu e volte com milhões de dólares. Como nós, literatos e profissionais, somos crianças ingênuas! O Grande Mundo às vezes necessita de seus ser-viços, e diverte-se um pouquinho com o meu, mas toda a sua atenção e deferência vai para o Urânio e as Altas Finanças. Assim, que sorte extraordinária que esse representante desses Poderes Superiores (a) tenha-se tornado tão apaixonadamente interessado pela mescalina e (b) seja uma pessoa tão boa.

Incluo uma carta da França, que perdi e acabei de recuperar das profundezas do bolso de um paletó. Pedi a essa senhora farmacológica para remeter-lhe diretamente uma cópia de sua tese. Pode ser de algum interesse. [...]

Do seu, Aldous

* *Un compagnon de Socrate; dialogue sur l'expérience libératrice*, de Godel (Paris, 1966).

Huxley tinha telefonado para Osmond, ao que parece para obter sua aprovação antes de participar da experiência. Maria Huxley, num cartão-postal de 11 de janeiro, escreveu a Osmond : “Provavelmente eu devia saber que eles sabem quem é o patrão – ou Sumo Sacerdote (•), como queira. Mas fiquei muito aliviada ao saber que eles tinham-lhe telefonado.” O Capitão Albert M. Hubbard mantinha um centro de pesquisas sobre drogas em Vancouver. A “senhora farmacológica” era Madame Steiner, de Paris. [Nota de Smith].

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 679]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Cal 16 de janeiro de 1955

Meu Card Humphry,

Obrigado :por sua carta e pelo roteiro da conferência, de que gostei muito mesmo. Tudo o que posso sugerir em matéria de modificações é o acréscimo de uma ou duas linhas, indicando, um pouco mais especificamente do que você o faz, o que pode ser esperado da pesquisa sistemática com a mescalina e com substâncias similares. Seria de se esperar, por exemplo, que talvez se possa jogar uma nova luz sobre o funcionamento dos vislumbres arústicos e científicos, e talvez se possa conseguir algum controle sobre o processo, em caso contrário gratuito e fortuito, da inspiração. Poder-se-ia esperar também que surgisse uma luz a respeito dos problemas da parapsicologia. E também a respeito dos da filosofia e da religião.

Gerald e eu tivemos outro dia com Al Hubbard, lá em Long Beach. Ele forneceu a nós dois um suprimento de uma mistura de dióxido de carbono e oxigênio'. Eu já experimentei essa substância antes, sem muito efeito. Mas suspeito que não foi ministrada corretamente, e talvez possa haver, afinal de contas, alguma coisa a aprender por meio desse método simples e inofensivo. O próprio Hubbard jura que funciona. [...]

Do seu, Aldous

* O carbogênio (mistura de sete partes de oxigênio e três partes de dióxido de carbono) tem sido usado como agente psicoterapêutico ; seus efeitos são discutidos num apêndice de *Céu e inferno*.

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 713]

Newcomb House, Clapboard Hill Rd., Guilford, Conn. 26 de julho de 1955

Caro Humphry,

Devo-lhe duas longas cartas. Não tenho desculpa, a não ser que venho tentando atualizar as pilhas de correspondência e terminar a série de apêndices que serão publicados com o ensaio sobre "Experiência Visionária e Arte Visionária", quando ele sair em janeiro próximo. A data final do editor é 10 de agosto; assim, tenho que trabalhar bastante. Fiz um dos apêndices sobre arte visionária popular – por exemplo, fogos de artifício, espetáculos, peças teatrais, *shows* de lanterna mágica (muito importantes no passado) e determinados aspectos do cinema. Um assunto curioso e interessante. Um dos fatos notáveis é a íntima dependência dessas artes da tecnologia. Por exemplo, o progresso na iluminação artificial desde 1750 – velas de espermacete, os queimadores de Argand para lâmpadas a óleo, luz de gás, luz de cálcio de 1825 em diante, refletores parabólicos depois de 1790, luz elétrica depois da década de 80 – aumentou imensamente o poder mágico dos espetáculos e das peças teatrais. A coroação de Elisabete II foi melhor que qualquer outra coisa no passado, por causa dos holofotes. Pôde também ser preservada em filme – enquanto que todos os espetáculos anteriores eram *shows* efêmeros e só podiam esperar “viver mais um dia na lembrança dos espectadores”. Os organizadores das mascaradas do tempo do rei Jaime I da Inglaterra tinham a desvantagem de uma iluminação faltosa. As lanternas mágicas são muito interessantes. O fato de ter sido chamada de “mágica” a invenção de Kircher, e de que o nome foi universalmente aceito, é altamente significativo. A luz intensa mais a cor transparente é igual a visão. E você já percebeu que a palavra “fantasmagoria” foi criada em 1802 pelos inventores de uma lanterna mágica nova e aperfeiçoada, que se movia para a frente e para trás sobre rodas, atrás de uma tela semitransparente, e podia projetar imagens de vários tamanhos, que eram mantidas em foco por um mecanismo de focalização automático? Não posso deixar de acreditar que muitas das características da imaginação romântica foram derivadas do espetáculo de lanterna mágica com suas “visões que desapareciam gradualmente” (produzidas por duas lanternas com imagens convergentes e

obturadores que podiam ser mantidos fechados ou abertos em correspondência um com o outro), suas “fantasmagorias”, seus *slides* cromotrópicos (produzindo padrões animados em três dimensões, bem parecidos com os da mescalina). Vemos vislumbres do espetáculo de lanterna mágica em Shelley e, sob outro aspecto, em Keats, em Fuseli e John Martin. E, por falar em lanternas – já lhe contei que meu amigo o Dr. [L. S.] Cholden’ descobriu que o estroboscópio aumenta os efeitos da mescalina, assim como Al Hubbard? Suas próprias visões geométricas transformaram-se, sob a lâmpada a piscar, em paisagens japonesas. Como isso se insere na teoria de que os efeitos estroboscópicos resultam da interferência de dois ritmos, o da lâmpada e o das ondas do cérebro, não posso imaginar. De qualquer maneira, quais são afinal as correlações neurológicas entre as experiências com mescalina e com LSD? E se são formados padrões neurológicos, como presumivelmente devem ser, eles poderão ser reativados por um elétrodo em forma de sonda, assim como [Wilder] Penfield reativa séries de lembranças, dando origem a uma recordação completa e vívida?

Também fiz aniversário, exatamente nesse dia.

Com que rapidez o Tempo, o sutil ladrão da idade, Roubou em sua asa meu sexagésimo-primeiro ano!

Com todo o carinho. Aldous

* *Céu e inferno.*

** O psicanalista que dirigiu o simpósio sobre mescalina e LSD em Atlantic City em 12 de maio, e morreu tragicamente num acidente de automóvel.

SRA. EILEEN J. GARRETT [SMITH 717]

Guilford, Conn. 27 de agosto de 1955

Minha Cara Eileen,

[...] Passei alguns dias, no início deste mês, em Glen Cove, na estranha comunidade reunida por Puharich – Alice [Bouverie] e a Sra. P. [uharich] comportando-se uma com a outra de um modo conspicuamente amigável; Elinor Bond, fazendo adivinhações telepáticas notavelmente bem, mas sem produzir coisa alguma de interesse ou valor na sessão mediúcnica que ela me pro-porcionou; Frances Farrely, com sua máquina de diagnosticar – que os testes de Puharich demonstraram ser apenas um instrumento, como uma bola de cristal, para concentrar faculdades extrasensoriais; Harry, o escultor holandês, que entra em transe em gaiolas Faraday e produz escrita automática em hieróglifo egípcios; Narodny, o homem-barata, que está preparando experiências para testar os efeitos da telepatia humana nos insetos. Foi tudo muito animado e divertido – e, eu realmente acho, promissor; pois, apesar de tudo o que se possa dizer contra Puharich, ele é certamente muito inteligente, extremamente culto e altamente empreendedor. Sua meta é reproduzir, por modernos

métodos farmacológicos, eletrônicos e físicos, as condições usadas pelos xamãs para entrar num estado de clarividência itinerante e então, se conseguir, mandar pessoas para explorarem sistematicamente o “Outro Mundo”. Isso parece ser uma nova abordagem do problema da sobrevivência situado junto com muitos outros problemas, tão válida quanto qualquer outra, e pode produzir resultados interessantes. Enquanto isso, para a imensa satisfação de todos, eles encontraram espécimes de *Amanita muscaria* crescendo lá mesmo na propriedade – tendo recebido instruções para encontrá-los através da tábua de *ouija*, enquanto tentavam entrar em contato com a curandeira do Sr. [Gordon] Wasson, que no mesmo momento estava sob um transe de cogumelo, no México. Isso é ainda mais impressionante porque as publicações da sociedade de micologia da Nova Inglaterra registram apenas um caso anterior de descobrimento de *Amanita* no Maine. Em Glen Cove eles agora descobriram oito lindos espécimes no mesmo lugar. Os efeitos, quando um pedaço do tamanho da cabeça de um alfinete é esfregado por alguns segundos no couro cabeludo, são alarmantemente fortes, e obviamente vai ser necessária uma grande quantidade de experiências cuidadosas para determinar a dose de cogumelo apropriada para ativar a psique.

Vou para Nova Iorque na segunda-feira, e vou ficar com Anita Loos e conversar com meu diretor e produtor sobre minha peça [*O gênio e a deusa*], depois vou de avião para Los Angeles na quinta-feira. Ellen e Matthew mandam lembranças.

Com todo carinho, Aldous

Capítulo 15

1955

Ignorado na Escuridão

LAURA HUXLEY

A experiência de Aldous com mescalina em outubro de 1955 pode ser avaliada tanto pelo relato de Laura Archera – sua futura esposa e dirigente da sessão – e seu próprio relato em uma carta para o Dr. Osmond. A sensível descrição de Laura é reveladora não apenas como uma visão objetiva de Huxley sob a influência de uma droga psicodélica, mas pelo esclarecimento sobre a função de um dirigente ou acompanhante psicodélico durante uma sessão. Huxley pretendia explorar sua infância – Laura tinha experiência em evocar lembranças e em lidar com as reações catárticas com métodos dianéticos – mas em vez disso ocorreu um exame da natureza do amor na relação entre ele próprio e sua dirigente como “nenhuma separação entre sujeito e objeto”.

O processo criativo graças ao qual Huxley usou suas próprias experiências ao escrever episódios de A ilha é discutido neste relatório. Este momento intemporal também contém uma descrição da primeira experiência psicodélica de Laura e as reações de Huxley a ela, inclusive uma declaração que ela o ouviu repetir várias vezes nos anos seguintes: “Esta droga parece fazer por cada pessoa aquilo de que a pessoa precisa.”

Agora, EM 1967, quando LSD tornou-se uma palavra doméstica, percebo como tivemos sorte nós que nos aproximamos do LSD há dez anos, antes que ele tivesse as vibrações demoníacas ou paradisíacas que tem agora – quando ele não tinha ecos de gurus e heróis, médicos e delinquentes. Entramos na experiência sem saber o que iria acontecer, sem esperar que fosse igual à experiência de alguém na festa de sábado passado, ou como a de Mary Jones, cujos olhos alucinados e assustados me encaram das páginas de uma revista. LSD – essas três letras agora famosas eram dissociadas da exatidão científica e da conformidade *beatnik*, do paraíso terreno e do amor paternal – e também de mentes fechadas, obscurantismo e preconceitos. A identificação inconsciente com essas idéias, sentimentos e temores inevitavelmente ocorre agora, com conseqüências desastrosas.

Qual foi a minha iniciação ao LSD? Foi muito simples: Aldous pediu-me para fazer-lhe companhia por um dia inteiro, em que ele ia tomar LSD!

– Eu adoraria ficar com você o dia inteiro – respondi. – Há algo que eu deva saber ou fazer?

Aldous sorriu. “Nada. É só ser como você é.” Foi ingenuidade, em vez de sabedoria, que me fez receber tão distraidamente essa declaração?

Cheguei à casa de Aldous mais ou menos às nove horas. Aldous tomou as pílulas e entregou-me um papel onde tinha escrito sua principal meta para aquela sessão. Não posso citar suas palavras exatas – no entanto, sua essência era: “Quero conhecer, e estar

constantemente, em estado de amor.”

Fiquei pensando. Para mim, Aldous parecia sempre em estado de amor! No entanto, minha opinião não era importante; só os sentimentos dele e sua busca eram importantes.

Isso foi em outubro de 1955. Exceto pela leitura de *As portas da percepção*, eu não tinha idéia então do que era uma sessão psicodélica. No entanto, tinha tido cinco anos de experiência em aplicar terapia. A melhor atitude, nessas sessões, é cancelar por aquele período as opiniões pessoais e deixar de lado a tendência de julgar os outros – é só ficar ali, muito atento e livre. Não que esse estado livre seja sempre alcançado ou até mesmo alcançável – mas é uma das metas. Esse estado de atenção seria apropriado, eu pensei, para o dia do LSD.

Os níveis nos quais existimos são provavelmente infinitos – embora haja certos níveis nos quais na vida cotidiana, mais ou menos, nos encontramos. Mas uma pessoa em estado psicodélico está em níveis completamente diferentes. Vi um exemplo disso logo no início de nosso dia de LSD: Aldous estava olhando com muita atenção para meus cabelos e sorrindo aquele sorriso que mais tarde eu reconheci quase todas as vezes em que ele estava em estado psicodélico. Com a voz mais baixa e mais cheia do que o normal, ele disse muito lentamente: “Se você pudesse *ver* seus cabelos...” E, depois de um longo silêncio: “Você não pode imaginar...”

Nada respondi, mas lembrei-me da tintura que tinha feito aos cabelos na véspera. Aparecia? A cor estava boa? Isso é típico dos diferentes níveis de consciência. Aldous estava olhando para cabelos e vendo neles o próprio mistério e a própria maravilha da vida. Estava num nível cósmico enquanto eu, num nível cosmético, estava preocupada com a nova tintura. Permaneci em silêncio, mas fiquei contente quando ele parou de olhar.

Naquele dia Aldous disse coisas que só comecei a entender mais tarde. No início do dia tentamos entrar naquele período da infância de Aldous do qual ele recordava muito pouco. Nossas tentativas falharam completamente. Logo desisti de tentar, pois percebi que algo grandioso estava acontecendo. Não sabia do que se tratava, mas sentia que não tinha o direito de perturbar o que estava acontecendo com as costumeiras técnicas de recordação usadas pela psicoterapia. Senti que seria como tentar encantar uma fotografia desbotada de uma grande catedral, estando na própria catedral.

Aquele primeiro dia psicodélico como acompanhante de Aldous fluiu calmo e tranqüilo. Há tanto mistério num dia psicodélico, acontece tanta coisa na pessoa que está fazendo a experiência, que ela não consegue expressar. Nesse dia, como nos muitos outros em que fiz companhia a “viajantes”, fiquei ligeiramente afetada pela droga, embora não a tenha tomado e nunca o faça quando estou fazendo companhia a alguém. É uma das misteriosas qualidades dessas substâncias químicas. Talvez o hálito de quem tomou LSD contenha algum traço da droga; talvez saia pelos poros da pele. Ou seria um fenômeno devido à hipnose, imaginação, transferência de energia, telepatia? Ou a um processo osmótico ainda inexplicado? Não sei. No entanto, o fato é que alguns acompanhantes mais sensíveis sentem um leve efeito do LSD quando em presença de alguém que tomou a droga. Na gíria isso é chamado “viajar de carona”. É bom que isso aconteça, pois então o acompanhante não fica separado demais do viajante – o acompanhante pode participar, mesmo que minimamente, da viagem. Essa participação natural é básica para um acompanhante de um viajante psicodélico.

Lembro-me da primeira viagem de Aldous como uma coisa redonda e intemporal. Eu não era essa coisa redonda e intemporal; Aldous era. Minha mente superficial ainda

trabalhava em seu passo lento, mas eu tinha suficiente consciência da coisa redonda e intemporal para não perturbá-la. No caso de Aldous isso dificilmente seria perturbado, mas, em pessoas não tão preparadas, os sentimentos, a revelação e a reação podem ser de uma natureza diferente. Assim também os estados de consciência. O acompanhante não deveria interferir nesses estados ou julgá-los por palavras, atos ou sentimentos – pois é importante que o viajante aceite todos eles, agradáveis ou terríveis, intelectuais ou emocionais, ou inqualificáveis – e os relacione com sua vida, pois eles são todos diferentes aspectos dele próprio e de sua história.

Como Aldous escreveu ao Dr. Albert Hofmann, o descobridor do LSD, “em *A ilha* o relato de experiências (psicodélicas) individuais vem de um conhecimento em primeira mão”. Mas naquele dia, e durante muito tempo depois, eu não tinha a menor idéia de que essas experiências serviriam de matéria-prima para a obra de Aldous. Estava tão inteiramente alheia a qualquer coisa relacionada com o processo de escrever que foi uma enorme surpresa encontrar tanto de nossas vidas em *A ilha*.

Aquele primeiro dia de LSD foi cheio de revelações estéticas. Escutamos o *Quarto Concerto de Brandemburgo* de Bach:

Era, é claro, o mesmo *Quarto Concerto de Brandemburgo*, que ele escutara tantas vezes no passado – o mesmo, e no entanto completamente diferente. Esse Allegro – ele o sabia de cor. O que significava que estava na melhor posição possível para perceber que na verdade nunca o tinha ouvido antes. [...] O Allegro revelava-se como um elemento no grande Evento presente, uma manifestação a um passo da felicidade luminosa. O Allegro *era* a felicidade luminosa; era a compreensão, sem conhecimento, de tudo apreendido através de um item qualquer de conhecimento; era uma consciência indistinta decomposta em notas e frases, e ainda assim ela mesma abrangendo tudo. E evidentemente tudo aqui não pertencia a pessoa alguma. Estava ao mesmo tempo aqui dentro, lá fora e em lugar nenhum. [...] Por isso ele a escutava agora pela primeira vez. Sem dono, o *Quarto Concerto de Brandemburgo* tinha uma intensidade de beleza, uma profundidade de significado intrínseco, incomparavelmente maiores do que qualquer coisa que ele alguma vez tivesse encontrado na mesma música quando ela era de sua propriedade particular.

[...] E o *Quarto Concerto de Brandemburgo* dessa noite não era apenas uma Coisa em Si desconhecida; era também, de um modo impossível qualquer, um Evento Presente com uma duração infinita. Ou melhor (e ainda mais impossível, já que ele tinha três movimentos e estava sendo tocado na velocidade normal), ele não tinha duração. O metrônomo comandava cada uma de suas frases; mas a soma das frases não era um intervalo de segundos e minutos. Havia um *tempo*, mas não havia tempo. Então, o que havia?

– A eternidade,. – ele começou a rir.

– Que é tão engraçado? – perguntou ela.

– A eternidade – respondeu ele. – Acredite ou não, é tão real quanto a merda.**

Eu conseguia seguir Aldous no mundo de música e cores; mas quando ele falava sobre a fusão do sujeito e o objeto eu não entendia. Não entendia, mas sabia que ele sabia, e que, algum dia, eu também saberia. “Sujeito e objeto”, ele disse baixinho e com ternura, várias vezes. “Nenhuma separação entre sujeito e objeto.” No silêncio da casa ampla, na inteireza daquele dia, havia o conhecimento dele, havia a minha ignorância. Eu tinha consciência das duas coisas, e d'a ausência de conflito entre elas. Toda a pessoa dele emanava amor, e sua voz estava cheia de espanto maravilhado – “Sujeito e objeto, eles são

um só.”

Naquele dia, em parte devido à minha experiência em psicoterapia, eu tinha imaginado – apesar de ter tentado não imaginar coisa alguma – que Aldous pudesse falar sobre Maria. Eu tinha esperado que ele o fizesse, e que expressasse emocionalmente seu sofrimento. Ainda não tinha percebido que Aldous tinha seu modo próprio de dirigir a incrível alquimia pela qual nós transformamos continuamente nossos sentimentos e idéias em outra coisa qualquer. Aldous transformou seu amor por Maria, e a dor de sua perda, na morte de Lakshmi, uma inesquecível passagem em *A ilha*.

Durante aquele primeiro dia de LSD a lembrança de Maria esteve presente com freqüência. Estávamos na casa dela, onde nada tinha sido modificado desde a sua morte. Tínhamos ficado em silêncio durante um longo tempo, escutando música. Agora o disco terminou – eu queria parar o mecanismo para evitar o desagradável “clique” da parada automática. Para fazer isso, tive que me afastar alguns passos de Aldous na direção da vitrola. Quando dei o primeiro passo, senti subitamente que Maria estava presente. Presente, mas não fora de mim – presente em mim. Espantada e fascinada, eu sabia que estava caminhando como Maria – que ela, e não eu, estava caminhando. Deve ter sido no terceiro ou quarto passo em direção à vitrola e para longe de Aldous que a voz dele me alcançou e tocou em meu vibro. Extremamente firme e tema, a voz disse: “Nunca seja qualquer outra pessoa senão você mesma.”

Aldous não precisou lembrar-me isso de novo.

Agora que tenho experiência de LSD, esse episódio – que não durou mais de dois ou três segundos – é menos surpreendente, embora não menos misterioso. Não posso explicar o que foi que me fez sentir, por um ou dois segundos, que eu era Maria – e o que fez Aldous perceber minha fugaz impressão? Certa-mente não foi me ver dar dois ou três passos num aposento em penumbra.

Desde aquele primeiro dia como acompanhante de um viajante psicodélico, aprendi a estar preparada para não ter segredos para o viajante. Uma pessoa em estado psicodélico pode perceber muito mais coisas em outros seres humanos do que quando está em seu estado cotidiano. O viajante pode ver seu acompanhante em diferentes épocas de sua vida, em diferentes períodos da história, e como pessoas diferentes, às vezes em conflito uma com a outra. De repente, durante a sessão psicodélica, o viajante olha para seu acompanhante. Freqüentemente é uma descoberta fascinante. Qualquer pessoa que esteja como acompanhante tem que desistir de qualquer tentativa de disfarce. Não apenas é inútil, mas também cria uma tensão cansativa e perturbadora para ambos. “Quem é você?” Falada ou não, a pergunta é feita ruidosamente em quase todas as viagens. Silencioso e nu, o acompanhante tem que saber que ele não pode responder – pois a essência da resposta está tanto em quem pergunta como nele próprio.

* Mais provavelmente, mescalina. Ver a carta de Huxley para Osmond, datada de 29 de outubro de 1955. Ele tomou LSD pela primeira vez em dezembro.

** *A ilha*, p. 877 da edição brasileira.

Capítulo 16

1955

CARTAS

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMIITH 724]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Cal. 24 de outubro de 1955

Caro Humphry,

Acho que não vamos nos encontrar em Nova Iorque, a não ser talvez em sua volta da Europa. Não espero ir para o leste antes dos últimos dias de dezembro – e talvez mais tarde; nunca se sabe, quando se trata de teatro. Quanto tempo você pretende ficar na Suíça e na Inglaterra? Seria uma coisa ótima se nossas trajetórias se cruzassem em seu caminho de volta.

Tive outra experiência muito extraordinária com mesalina, outro dia.' Depois de ler um relato de um dos pacientes de AI – um jovem engenheiro canadense que tinha recuperado toda espécie de material traumático enterrado e cronicamente debilitante, sob o LSD, resolveu isso tudo com as ab-reações apropriadas e teve, como brinde, uma visão beatífica, de modo que toda a vida dele transformou-se da noite para a dia – depois de ler isso, resolvi que devia ser interessante descobrir por que tanta coisa da minha infância está escondida de mim, de tal forma que não consigo me lembrar de grandes períodos do início de minha vida. Assim, dispus-me a uma sessão com uma mulher que tem uma grande experiência em despertar recordações e lidar com as ab-reações por métodos dianéticos – que em muitos casos produzem mesmo resultados benéficos, apesar de tudo o que pode ser dito contra os teóricos da dianética e muitos de seus praticantes. Tornei metade do conteúdo de uma cápsula de 400 mg às dez e a outra metade mais ou menos uns quarenta minutos depois, e os efeitos começaram a ficar fortes mais ou menos uma hora e meia depois da primeira dose. Houve poucas visões de olhos fechados, como foi o caso durante minha experiência sob seus auspícios, mas muitas transfigurações do mundo exterior. Foram tentados métodos dianéticos, de acordo com o que foi descrito no relato do paciente de AI; mas não houve absoluta-mente lembrança alguma. Em vez disso, houve algo de importância incomparavelmente maior; pois o que chegou através da porta fechada foi a percepção – não o conhecimento, pois não foi verbal nem abstrato – mas a consciência direta e total, vinda de dentro, por assim dizer, do Amor como fato cósmico primário e fundamental. As palavras, é claro, possuem uma espécie de indecência e necessariamente soam falsas, parecem disparates. Mas o fato permanece. (Foi o mesmo fato, evidentemente, que os indígenas descobrem em suas cerimônias com o peiote.) Eu *era* esse fato; ou talvez fosse mais acurado dizer que esse fato ocupava o espaço onde eu estivera. O resultado foi que eu não me senti separado do mundo humano, como na primeira experiência. Eu estava

intensamente cônica dele, mas do ponto de vista do fato vivo, cósmico e primordial do Amor. E as coisas que tinham ocupado inteiramente minha atenção na primeira ocasião eu percebia agora serem tentações – tentações a fugir da realidade central para dentro de Nirvanas falsos, ou pelo menos imperfeitos e parciais, de beleza e mero conhecimento. Conversei muito sobre essas tentações; comentei no esclarecimento que essa percepção trazia sobre a lenda de Santo Antônio, sobre a declaração Zen de que para um Bodhisattva, o Samadhi do Vazio, o Nirvana longe do mundo, longe do amor, da compaixão e de seres sensíveis, é tão terrível quanto as dores do inferno. E lembro-me de ter citado o comentário de Pascal de que venerar a verdade sem caridade é idolatria, pois a verdade é apenas ídolo de Deus, ao qual não temos o direito de venerar. E claro que a mesma coisa é verdade em relação à beleza. (Na verdade, a trindade platônica do bom, do verdadeiro e do belo é uma expressão imperfeita dos fatos. Bom implica ruim e assim perpetua o dualismo. O Amor reconcilia todos os opostos e é a Unidade.)

Falei muito também, para meu próprio esclarecimento posterior, sobre objetos e sujeitos. Como é fácil eu repetia, transformar o que quer que se olhasse, mesmo um rosto humano, num objeto puro – um objeto de beleza imensamente mágica, de estranheza, de intensidade de ser, de pura existência! Você se lembra daquele relato de Blake de ver um rebanho de carneiros num canto de um campo, e como ele se aproximou e de repente viu que os carneiros eram peças de uma escultura belíssima? Esta é uma boa descrição do processo de objetificação. O uma espécie de efeito da cabeça de Górgona – olha-se para uma coisa apenas com a intenção de ver verdade e beleza, e ela se transforma em pedra – pedra viva, mutante, luminosa, mas ainda assim pedra, ainda assim escultura. Amor desobjetifica a coisa ou pessoa percebida. Ao mesmo tempo ele dessubjetifica aquele que percebe, que não vê mais o mundo exterior com desejo ou aversão, não julga mais automática e irrevogavelmente, não é mais um ego emocionalmente carregado, mas descobre ser um elemento na realidade dada, que não é um negócio de objetos e sujeitos, mas uma unidade cósmica de amor. A idéia do esforço constante, meu e de outras pessoas, de impor uma objetividade e uma subjetividade ao fato cósmico, criando assim grandes sofrimentos para todos os envolvidos, encheu-me por um instante de intensa tristeza. Mas isso também, eu percebi, era uma tentação à subjetividade num nível mais alto, numa escala maior.

Folhee alguns livros de pintura, e impressionei-me especialmente por um retrato de corpo inteiro, da autoria de Boucher, de uma dama em trajes de gala na época de Luís XV. Parecia o mais perfeito exemplo de objetificação. A função do costureiro é transformar as mulheres em objetos – objetos para os homens e objetos para si mesmas. Olhando para o objeto em que elas foram transformadas pelo modista e por suas próprias necessidades bovarísticas de ser outra coisa que não o que realmente eram, as mulheres se tornavam sujeitos satisfeitos e insatisfeitos consigo mesmos, ronronando de tranqüila alegria ou contorcendo-se de autopiedade ou rosnando e arranhando porque alguém blasfemou contra o objeto que é seu ídolo e assim ofendeu o sujeito que venera o objeto. E evidentemente a mesma coisa é verdadeira em relação aos homens – só que aconteceu que não havia pintura alguma de vestuário de gala masculino para lembrar-me desse fato.

Folhee também um volume de fotografias de nus – muitos deles bastante cheios de truques, pedaços de corpos tomados de ângulos estranhos e sob condições de luz também estranhas. Novamente, objetos. A concupiscência é a relação sexual com um objeto para o benefício de um sujeito – que pode também achar agradável, como uma espécie de brinde, as manifestações de agrado subjetivo que emanam do objeto. O amor desobjetifica e

dessubjetifica, substitui um frenesi crescendo até o desespero pela impossibilidade da posse total dos objetos, que é a meta errônea do sujeito, pelo fato primordial da unidade e pela consciência da imanência mútua.

Entre os subprodutos desse estado de ser, o fato dado do amor era uma espécie de compreensão intuitiva das outras pessoas, um “discernimento de espíritos”, na linguagem da espiritualidade cristã. Encontrei-me dizendo coisas sobre a minha operadora dianética que eu não sabia mas que, quando eu as dizia, eram verdade. O que, suponho, é o que se esperaria se se estivesse manifestando o fato primordial da unidade através do amor e do conhecimento da imanência mútua.

Outra coisa que me lembro de ter dito foi que agora eu compreendia acontecimentos até então incompreensíveis, como São Francisco beijar o leproso. Explicações em termos de perversão masoquista, etc., são ridículas. Esse tipo de coisa é apenas o transbordamento de um fato cósmico grande demais para o receptáculo, por assim dizer, moldado pelo ego subjetivo em suas relações de toda a vida com objetos e ainda não completamente dissolvidas, de modo que o fato novo encontra-se confinado pelos velhos hábitos restritivos, com o resultado de que ele esquenta demais, por assim dizer, sob a pressão, e tem que ser expresso por meios que, embora não particularmente desejáveis, são inteiramente compreensíveis e até mesmo, nesse contexto particular, lógicos.

Outra coisa que me lembro de ter dito e sentido era que eu achava que não ia me importar de morrer; pois morrer devia ser como essa passagem do conhecido (constituído por hábitos de toda a vida de existência de sujeito/objeto) para o fato cósmico desconhecido.

Não conservei a intensidade de minha experiência do estado de amor, mas alguma coisa certamente permanece, e espero não me permitir eclipsá-la sucumbindo aos velhos hábitos indesejáveis. Espero e acho que pela consciência do que se está fazendo a cada momento, pode-se ser capaz de permanecer fora da luz própria de cada um.

O que emerge como conclusão geral é a confirmação do fato de que a mesalina abre genuinamente a porta, e que tudo, inclusive o Desconhecido em sua forma mais pura e abrangente, pode atravessá-la. Depois da teofania, fica a cargo do indivíduo momentaneamente iluminado “cooperar com a graça” – não tanta pela vontade quanto pela consciência.

Com o carinho de Aldous

* Esta é a sessão que se acha relatada no capítulo “Ignorado na Escuridão”, do livro de Laura Huxley *Este momento intemporal*.

AO DR. HUMPHRY OSMOND

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Cal. 29 de outubro de 1955

Caro 'Humphry,

Como é estranho nossas cartas terem se cruzado! Estou muito interessado em ouvir os detalhes de sua experiência conjunta e em repetir o método com Gerald e Al, quando este último vier a Los Angeles. Por minha própria experiência não acho que seja necessário que alguém faça alguma coisa para manter a consciência da mesalina num nível alto – ela permanece ali por si mesma, o tempo todo, pelo que me diz respeito. Um diretor ou mestre-de-cerimônias seria útil, pelo que entendo, apenas se você quiser manter a consciência longe do nível mais alto, apenas se você quiser dirigi-la para outros canais laterais, por assim dizer, dirigi-la para áreas “psíquicas” como a telepatia, etc., ou para uma consciência de arquétipos (se é que eles existem, o que às vezes duvido!) de sombras, *animas* ou *animus*, conforme o caso (todos eles, pelo que me diz respeito pessoalmente, entidades inteiramente hipotéticas e “pickwickianas”). É claro que é perfeitamente válido e desejável fazer-se tais experiências, contanto, é claro, que as pessoas se lembrem dos avisos dos místicos, as únicas pessoas que sabem alguma coisa sobre o assunto. Primeiro, que embora milagres aconteçam, é claro, eles são graças gratuitas, não graças redentoras, e não têm qualquer importância definitiva, ou pelo menos não têm maior importância do que qualquer outra coisa – sendo tudo, naturalmente, infinitamente importante, se a pessoa o aborda da maneira certa. Segundo, que os *siddhis*, ou poderes incomuns, são fascinantes e, sendo fascinantes, são perigosos para qualquer pessoa interessada em suas liberações, pois podem transformar-se em impedimentos que confundem, se a pessoa prestar demasiada atenção a eles. Por mais rica e compensadora que seja, uma expedição para as áreas laterais da rota direta para a Luz Clara jamais deve ser tratada idolatricamente, como se tivesse atingido a meta definitiva. Minha opinião é que seria importante interromper a experiência de vez em quando e permitir que os participantes fossem, por sua própria conta, em direção à Luz Clara. Mas talvez seja psicologicamente impossível alternar experimentação e visão mística; pois, tendo umas vezes chegado à compreensão do fato primordial da unidade no Amor, quem quereria voltar para a experimentação no nível psíquico? Assim, será melhor terminar a experiência com uma ascensão, não-dirigida, em direção à consciência superior desconhecida. Desse modo não haverá necessidade de interromper a experiência do que é supremamente importante para cada participante, para levá-lo de volta a experiências de valor inferior e ambíguo. Minha opinião é que a abertura da porta pela mesalina ou o LSD é uma oportunidade preciosa demais, um privilégio alto demais para ser negligenciado por causa da experimentação. Tem que haver experimentação, é claro, mas seria errado se não houvesse algo mais. Há um ponto em que o dirigente tem que parar de dirigir e deixar que ele próprio e os outros participantes façam o que quiserem, ou melhor, o que a Quantidade Desconhecida que tomou seus lugares quiser fazer. A direção só pode vir apenas, ou principalmente, de memórias especulativas acumuladas de experiências anteriores, do conhecido conceitualmente; mas a consciência mística mais alta só surge quando se está livre do conhecido, quando não há meta em vista, por mais intrinsecamente excelente que seja, mas sim abertura pura. O serviço a Deus é a perfeita liberdade e, inversamente, a perfeita liberdade é o serviço a Deus – e onde há um dirigente com um propósito científico ou mesmo ético, não pode existir a perfeita liberdade. Na prática, eu diria, isso significa que, pelo menos durante a última uma hora da abertura causada pela mesalina, o dirigente devia colocar-se de lado e deixar que as quantidades desconhecidas de cada participante façam o que quiserem. Se quiserem dizer coisas uns aos outros, ótimo. Se não quiserem, ótimo também. O conselho de François de Sales* a Madame de Chantal, a respeito de “exercícios espirituais”, foi de não fazer coisa alguma, mas simplesmente esperar. Estou convencido de

que toda experiência devia terminar ou (se se julgar melhor) devia ser interrompida, por um período de simples espera, sem direção vinda de fora, nem de dentro. Se não fizermos isso, estaremos, eu sinto, cometendo uma espécie de pecado contra o Espírito Santo. Vamos dar à Quantidade Desconhecidíssima pelo menos uma hora de nossa abertura. As três ou quatro horas restantes podem ir para experimentações dirigidas.

E agora deixe-me pedir-lhe um favor. Há nesta cidade um infeliz (não o conheço pessoalmente, mas ele é amigo de um amigo) que vem usando peiote em si mesmo e em outras pessoas que querem explorar as regiões mais remotas de suas consciências, livrar-se de traumas e entender o significado da caridade cristã. Ele é, ao que parece, um camarada honesto e de valor; mas, sem querer, ele cometeu um crime. Pois no estado da Califórnia é crime a posse do peiote, e esse homem mandou buscar uma certa quantidade de um horto no Texas, onde o peiote é legal. Ele vai ter que se declarar culpado, pois não há dúvida de que cometeu um crime. Mas enquanto isso ele pode fazer uma declaração de que o peiote não é realmente uma droga perigosa. Ele já tem algumas indicações bibliográficas e eu lhe forneci outras. Será que você pode, sem muito trabalho, fornecer outras indicações, de natureza médica, antropológica e psicológica? Eu ficaria muito grato se você me mandasse quaisquer indicações bibliográficas que conheça, de modo que eu possa passá-las a esse pobre coitado que está sujeito, pela lei, a ser mandado para San Quentin por cinco anos, mas que pode, se as testemunhas que atestem sua boa conduta forem boas (e elas o são), e se provas fornecidas por especialistas puderem ser organizadas para mostrar que a droga não é perigosa, sair com uma multa e uma suspensão condicional da pena.

Lembranças minhas à família.

Carinhosamente. Aldous

* Ou seja, São Francisco de Sales. (N. da T).

AO DR. HUMPHRY OSMOND

740 North Kings Rd.

Lav Angeles 46, Cal. 23 de dezembro de 1955

Meu CARO Humphry,

Fiquei muito feliz ao receber sua carta longa, boa, interessantíssima. Você realmente conseguiu fazer um número impressionante de coisas em muito pouco tempo.

Tivemos nossa experiência com LSD na semana passada, com Al, Gerard e eu tomando 75 microgramas e (.....) tomando umas trinta. Achei a substância mais potente do ponto de vista físico do que a mescalina – por exemplo, produziu a sensação de frio intenso, como se a pessoa estivesse em estado de choque, que Maria teve com a dose inteira de mescalina. Os efeitos psicológicos, no meu caso, foram idênticos aos da mescalina, e eu' tive a mesma espécie de experiência que tive na ocasião anterior' – transfiguração do mundo exterior, e a compreensão, através de uma percepção que incluía o homem inteiro, que o Amor é a Unidade, e que é por isso que Atmã é idêntico a Brama, e por que, apesar de tudo, o universo é perfeito. Não tive visões com os olhos fechados – ainda menos do que tive nas primeiras vezes com a mescalina, quando as geometrias animadas eram altamente organizadas e, em certos momentos, muito bonitas e significativas (embora, em outros, triviais). Dessa vez até mesmo os padrões eram mal organizados, e nada havia que correspondesse ao que Al e (.....) e seu amigo piloto (não é este o nome dele?) descreveram. Evidentemente, se a pessoa não é um visualizador congênito ou habitual, não tem visões interiores sob a mescalina ou o LSD – apenas transfiguração exterior. (Gerald também não teve visões. Não tive oportunidade de discutir em detalhes com ele a natureza de sua experiência, mas por certo visões com os olhos fechados não fizeram parte dela.) Dessa vez foi diferente. Tocamos a *Suíte em si menor* de Bach e a *Oferenda musical*, e a experiência foi avassaladora. Em comparação, outras músicas (por exemplo, Palestrina e Byrd) pareciam insatisfatórias. Bach foi uma revelação.

O *tempo* das obras não mudou; no entanto, elas continuavam por séculos, e eram uma manifestação, no plano da arte, de criação perpétua, uma demonstração da necessidade da morte e a evidência da imortalidade por si mesma, uma expressão da perfeição essencial do universo – pois a música estava muito além da tragédia, mas incluía a morte e o sofrimento com tudo mais na divina imparcialidade que é a Unidade, que é Amor, que é Ser ou Istigkeit. Quem foi Johann Sebastian? Certamente não o velho cavaleiro com dezesseis filhos num abafado ambiente protestante. Foi mais uma enorme manifestação do Outro – mas o Outro canalizado, controlado, tornado disponível através da intervenção do intelecto, dos sentidos e das emoções. Todos nós, eu acho, sentimos Bach do mesmo modo. Pode-se imaginar um ritual ou iniciação, no qual um grupo inteiro de pessoas é transportado para o Outro Mundo por um dos elixires, sentam elas juntas escutando, digamos, a *Suíte em si menor*, e são assim levadas a uma compreensão direta e sem mediador da natureza divina. (Um dos outros discos que tentamos foi de música tradicional bazarina – a versão grega do canto gregoriano. Pelo menos para mim aquilo pareceu meramente grotesco. A voz única balindo suas aleluias e Kyries parecia a voz de um adulator gigantesco fazendo reverências diante de um Luís XIV consideravelmente ampliado. Só a polifonia, e a polifonia altamente organizada (estruturalmente organizada e não simplesmente textualmente

organizada, como em Palestrina) pode dar a idéia da natureza da realidade, que é a multiplicidade na unidade, a reconciliação dos opostos, a não-dualidade da diversidade, a natureza nirvânica do Samsara, o Amor que é a ponte entre o objetivo e o subjetivo, o bem e o mal, a morte e a vida.) Nessa ocasião não tive nenhuma consciência *psi* espontânea, e nossa tentativa de induzir *psi* deliberadamente pareceu, depois de alguns minutos, tão artificial e falsa que nós desistimos. Al relatou consciência *psi* dos outros no grupo, e Gerald exibiu a mesma espécie de discernimento profético de espíritos que caracterizou a primeira experiência dele com mescalina. Não sei se eu pessoalmente serei capaz um dia de fazer experiências *psi* sob mescalina ou LSD. Certa-mente, se surgirem experiências futuras como essas duas últimas, eu acharia que tais experiências eram apenas infantis e sem sentido. O que suponho que sejam mesmo, para o propósito da Compreensão – embora não totalmente, para o propósito do Conhecimento. Por enquanto deixe-me aconselhar a você, se algum dia você usar mescalina ou LSD em terapia a tentar o .eito da *Surte em si menor*. Mais do que para qualquer outra coisa, eu acho, vai servir para guiar a mente do paciente (sem palavras, sem qualquer sugestão ou opressão disfarçada por parte de médico ou pastor) ao Fato central, primordial, a compreensão do que é a saúde perfeita durante o tempo da experiência e de que a lembrança dessa compreensão pode servir como antídoto da doença mental no futuro. No entanto, tenho certeza de que seria muito imprudente submeter um paciente à música religiosa sentimental ou até música religiosa boa, se for trágica (pai exemplo, Mozart, ou os *Réquiens* de Verdi, ou a *Missa solemnis* de Bethoven). Johann Sebastian Bach é mais seguro porque, afinal, mais fiel à realidade.

Voltando à sua carta. Claro que o efeito estroboscópico não é retinal. Um dos efeitos estroboscópicos experimentados por meu amigo, o Dr. Cholden, foi de que os padrões que ele estava vendo sob o LSD transformavam-se, quando ele se sentava sob o estroboscópio, em paisagens japonesas inefavelmente belas.

Gostaria que o velho Jung não fosse tão fixado em símbolos. O problema dos alemães é que eles sempre se lembram do verso mais tolo de Goethe – “*alles Vergaengliche ist nur ein Gleich-nis*”. Nunca se disse mentira maior. Todas as transitoriedades são intemporalmente elas próprias e, sendo elas próprias, são manifestações da Unidade, que está totalmente presente em qualquer particular – se apenas nós pudéssemos enxergá-la. O negócio dos símbolos é uma pista falsa muito suspeita, desviando-o do caminho das Realidades Dadas “lá fora” na mente (exatamente como elas estão lá fora no mundo material, apesar de Berkeley, etc.), e levando-o para a selva sobre a qual ele e seus seguidores escrevem naquele estilo inimitavelmente túrgido e copioso que é a marca registrada dos jungianos.

Parece que a peça está em processo de ser adiada – os produtores fizeram tal confusão que a produção na data do contrato parece agora fora de questão. Como o adiamento vai ser para uma temporada de eleição, que é notoriamente a pior. temporada teatral possível, não estou muito feliz. Mas é o que acontece quando se cai nas garras do pessoal de teatro. É procurar sarna para se coçar e, pode crer, encontrar o que estava procurando.

Lembranças minhas a Jane e à poetisa. Espero que o ano próximo lhes traga contentamento, alegria, progresso, compreensão.

Com o carinho de Aldous

Tudo que é transitório não passa de uma imagem. (N. da T.)

Capítulo 17

1956

Céu e Inferno

ALDOUS HUXLEY

Huxley descreveu este livro como "um ensaio longo f...] sobre a experiência visionária e sua relação com a arte e as concepções tradicionais sobre o Outro Mundo. Ele se origina, é claro, na experiência com a mescalina, que esclareceu bastante, eu acho, todos os tipos de coisas" (Bedford,, v. 2, p. 209). O cacto do peiote e seu alcalóide psicoativo, muito mais que o LSD, produzem efeitos visuais que Huxley compara à pintura e a outras formas de arte popular visionária, tais como os espetáculos de lanterna mágica, fogos de artifício, filmes coloridos e o estroboscópio – no último caso, antecipando-se ao Show de Luzes do Acid Rock da década de 60. A base bioquímica da experiência visionária e os vários métodos de alcançá-la, à parte o "acesso químico", são discutidos, assim como a base psicológica para uma experiência visionária negativa ou positiva, prefigurando os parâmetros "fixos e fixadores" de pesquisadores mais recentes do Projeto de Pesquisa sobre Psicodélicos de Harvard.

Nesta sequência a As portas da percepção, Huxley novamente toma o seu título a "O Casamento do Céu e do Inferno", de Blake.

A EXPERIÊNCIA visionária negativa é com frequência acompanha-a por sensações corporais de um tipo muito especial e característico. Visões agradáveis costumam ser associadas a uma sensação de separação do corpo, um sentimento de desindividualização. (Não há dúvida de que esse sentimento de desindividualização é que torna possível aos indígenas, que praticam o culto do peiote, usar a droga não apenas como um atalho para o mundo visionário, mas também como instrumento para criar uma solidariedade amorosa dentro do grupo participante.) Quando a experiência visionária é terrível e o mundo se transfigura para pior, a individualização é intensificada e o visionário encontra-se associado a um corpo que parece ficar progressivamente mais tenso, mais comprimido, até que finalmente ele se vê reduzido a ser a sofredora consciência de um monte de matéria espessa, não maior que uma pedra que pode ser segurada entre as mãos.

Vale a pena frisar que muitos dos castigos apresentados nas várias descrições do inferno são castigos de pressão e constrição. Os pecadores de Dante estão afundados na lama, aprisionados nos troncos das árvores, congelados dentro de blocos sólidos de gelo, esmagados sob pedras. O *Inferno* é psicologicamente verdadeiro. Muitos de seus sofrimentos são experimentados por esquizofrênicos e por aqueles que tornaram mescalina ou ácido lisérgico em condições desfavoráveis.

Qual é a natureza dessas condições desfavoráveis? Como e por que o céu se

transforma em inferno? Em certos casos a experiência negativa do visionário é resultado de causas predominantemente físicas. A mescalina, depois da ingestão, tende a acumular-se no fígado. Se o fígado estiver doente, a mente associada pode encontrar-se no inferno. Mas o que é mais importante para nossas metas atuais é o fato de que a experiência visionária negativa pode ser produzida por meios puramente psicológicos. O medo e a ira barram o caminho para o Outro Mundo celestial e mergulham no inferno a pessoa que tomou a mescalina.

E o que é verdade em relação à pessoa que tomou mescalina também se aplica à pessoa que tem visões espontaneamente ou sob hipnose. Sobre esse alicerce psicológico foi erguida a doutrina teológica da fé que salva – uma doutrina que se encontra em todas as grandes tradições religiosas do mundo. Os escatologistas sempre acharam difícil conciliar seu racionalismo e seu moralismo com os fatos brutos da experiência psicológica. Como racionalistas e moralistas, eles sentem que o bom comportamento deveria ser recompensado e que os virtuosos merecem ir para o céu. Mas como psicólogos eles sabem que a virtude não é a condição única ou suficiente para uma experiência visionária agradável. Sabem que os atos por si são impotentes e que é a fé, ou confiança amorosa, que garante que a experiência visionária vai ser agradável.

Emoções negativas – o medo que é a ausência de confiança, o ódio, a raiva ou a malícia que excluem o amor – são a garantia que a experiência visionária, quando e se ocorrer, será assustadora. O Fariseu é um homem virtuoso; mas sua virtude é do tipo que é compatível com emoções negativas. Suas experiências visionárias serão, portanto, provavelmente infernais em vez de agradáveis.

A natureza da mente é tal que o pecador que se arrepende e comete um ato de fé num poder maior tem mais probabilidades de ter uma experiência visionária agradável do que o orgulhoso pilar da sociedade com suas justas indignações, sua ansiedade sobre posses e pretensões, seus hábitos arraigados de culpar, desprezar e condenar. Daí a enorme importância, em todas as grandes tradições religiosas, do estado da mente no momento da morte.

A experiência visionária não é o mesmo que a experiência mística. A experiência mística está além do reino dos opostos. A experiência visionária ainda está dentro desse reino. O céu está vinculado ao inferno, e “ir para o céu” não é liberação maior do que a descida para o horror. O céu é simplesmente um ponto de observação de onde o Substrato divino pode ser visto mais claramente do que no nível da existência individual cotidiana. Na vida, como sabemos por experiência e por observação, mesmo a experiência visionária agradável tende a mudar seu sinal se persistir por demasiado tempo.

Muitos esquizofrênicos têm seus momentos de felicidade celestial, mas o fato de que (diferentemente de quem toma mescalina) eles não sabem quando, ou se algum dia, poderão voltar para a reconfortante banalidade da experiência cotidiana faz com que até mesmo o céu pareça assustador. Mas para aqueles que, por qualquer razão, estão assustados, o céu se transforma em inferno, o contentamento em horror, a Luz Clara no horrível clarão da terra acesa.

Algo do mesmo tipo acontece no estado póstumo. Depois de ter tido um vislumbre do insuportável esplendor da Realidade definitiva, e depois de ter viajado de um lado para o outro entre o céu e o inferno, a maior parte das almas acha impossível retroceder para aquela região da mente mais segura, onde podem usar desejos, lembranças e caprichos, seus ou de outras pessoas, para construir um mundo muito semelhante àquele em que

viviam na terra.

Daqueles que morrem, uma minoria infinitesimal é capaz de união imediata com o divino Substrato, uns poucos são capazes de suportar o contentamento visionário do céu, uns poucos se encontram nos horrores visionários do inferno e são incapazes de escapar; a grande maioria termina na espécie de mundo descrito por Swedenborg e pelos médiuns. Desse mundo é sem dúvida possível passar, quando as condições necessárias forem preenchidas, para mundos de contentamento visionário ou de iluminação definitiva.

Minha própria opinião é de que o espiritualismo moderno e as tradições antigas estão ambos corretos. Existe um estado póstumo do tipo descrito no livro de Sir Oliver Lodge, *Raymond*; mas existe também um céu de experiência visionária agradável; há também um inferno da mesma espécie de experiência visionária aterrorizante que é experimentada aqui pelos esquizofrênicos e por alguns daqueles que tornam mesalina; e existe também uma experiência, além do tempo, de união com o Substrato divino.

Capítulo 18

1956

Admirável Mundo Novo Revisitado

ALDOUS HUXLEY

Entre julho de 1955 e abril de 1957 Huxley produziu um ensaio mensal para a revista Espire, escrevendo sobre uma grande variedade de tópicos sob o título de “Do Estuda de Aldous Huxley”. A seguinte análise retrospectiva trata das previsões feitas em seu famoso romance publicado um quarto de século antes, e arrisca novas especulações sobre o futuro da civilização. “O Soma de Admirável Mundo Novo não é mais um sonho distante”: os tranqüilizantes Miltown, Equanil, etc. possuem muitas das mesmas características. O desfecho é a “droga de escolha” – uma expressão profética de uma idéia que iria tornar-se um lugar-comum no final dos anos 60. As drogas que Huxley achava mais interessantes eram a mescalina e o LSD, mas imaginava que “outros alteradores da mente, com propriedades ainda mais notáveis”, seriam desenvolvidos por cientistas.

A coisa mais triste que pode acontecer a um profeta é provarem que ele está errado; a segunda coisa mais triste é provarem que ele está certo. Nos vinte e cinco anos que se passaram desde que *Admirável mundo novo* foi escrito, passei por ambas as experiências. Os acontecimentos provaram que eu estava tristemente errado e tristemente certo.

Eis alguns dos pontos em que eu estava errado. No início da década de 30, Einstein tinha equiparado a massa à energia, e já se falava em reações em cadeia, mas os habitantes do Admirável Mundo Novo nada sabiam sobre fissão nuclear. Também no início da década de 30 nós sabíamos tudo sobre conservação e recursos insubstituíveis, mas seu suprimento de metais e combustível mineral era tão copioso no século VII depois de Ford quanto os nossos são hoje. Na realidade, a situação quanto às matérias-primas já será subcrítica em 600 DF e o átomo será a principal fonte de energia industrial. Novamente, os habitantes do Admirável Mundo Novo resolveram o problema populacional e sabiam como manter uma relação permanentemente favorável entre os números de homens e os recursos naturais. Na realidade, será que nossos descendentes conseguirão essa feliz consumação dentro dos próximos seis séculos? E se realmente a conseguirem, será por meio de planejamento racional, ou através da obra imemorial das pestes, da fome e da guerra mutuamente exterminadora? É claro que é impossível dizer. A única coisa que podemos predizer com uma certa certeza é que a humanidade (se seus governantes decidirem abster-se do suicídio coletivo) estará viajando a velocidades vertiginosas ao longo de um dos períodos mais perigosos e congestionados de sua história.

Os habitantes do Admirável Mundo Novo produziam seus filhos em fábricas bioquímicas. Mas, embora os bebês de proveta não estejam completamente fora de questão, é virtualmente certo que nossos descendentes vão, na realidade, permanecer vivíparos. O Dia das Mães não corre o perigo de ser substituído pelo Dia da Proveta. Minha previsão foi

feita por motivos estritamente literários, e não como uma predição pensada sobre a história futura. Nesse assunto eu sabia de antemão que mostrariam que estava errado.

Da biologia passemos agora à política. A ditadura descrita em *Admirável mundo novo* era global e, a seu modo peculiar, benevolente. À luz dos acontecimentos atuais e das tendências em desenvolvimento, suspeito com tristeza que nessa previsão também eu possa ter errado. É verdade que o século VII Depois de Ford ainda está bem distante, e é possível que, até lá, a dura necessidade econômica, ou o caos social resultante da guerra nuclear, ou a conquista militar por um Grande Poder, ou alguma pavorosa combinação de todos os três, forçará nossos descendentes a fazerem o que devíamos estar fazendo agora, por motivos de interesse próprio esclarecido e por simples humanidade – a saber, colaborar com o bem comum. Em tempos de paz, quando as coisas estão indo toleravelmente bem, não se pode esperar que as pessoas votem em medidas que, embora benéficas a longo prazo, terão algumas conseqüências desagradáveis a curto prazo. As forças divisórias são mais poderosas do que aquelas que fizeram a união. Interesses disfarçados em línguas, filosofias de vida, modos à mesa, hábitos sexuais, organizações políticas, eclesiásticas e econômicas são suficientemente poderosos para bloquear todas as tentativas, por métodos racionais e pacíficos, de unir a humanidade para seu próprio bem. E há também o nacionalismo. Com suas Cinquenta e Sete Variedades de deuses tribais, o nacionalismo é a religião do século XX. Podemos ser cristãos, judeus, muçulmanos, hindus, budistas, confucionistas ou ateístas, mas permanece o fato de que há apenas uma fé pela qual grandes massas de nós estão preparadas para matar e morrer, e essa fé é o nacionalismo. O nacionalismo vai permanecer como a religião dominante da raça humana pelos próximos dois ou três séculos pelo menos, é o que parece por demais provável. Se for evitada uma guerra nuclear total, podemos esperar ver, não a ascensão de um único estado mundial, mas a continuação, em condições cada vez piores, do sistema atual, sob o qual estados nacionais competem pelos mercados e pelas matérias-primas e preparam-se para guerras parciais. A maioria desses estados provavelmente serão ditaduras. Isso é inevitável; pois a crescente pressão da população sobre os recursos vai tornar as condições domésticas mais difíceis, e a competição internacional mais intensa. Para evitar a falência econômica e reprimir o descontentamento popular, os governos dos países famintos serão tentados a criar controles mais estritos. Além disso, a desnutrição crônica reduz a energia física e perturba a mente. A fome e o autogoverno são incompatíveis. Mesmo onde a dieta média fornece três mil calorias por dia, é bastante difícil fazer funcionar a democracia. Numa sociedade cuja maioria de membros está vivendo com mil e setecentas a duas mil calorias por dia, é simplesmente impossível. A maioria desnutrida sempre será governada, de cima, pelos bem nutridos. A medida que a população aumenta (dois bilhões e setecentos milhões de nós estão agora aumentando nosso número à média de quarenta milhões por ano, e esse aumento está aumentando de acordo com as regras do interesse conjunto) ; à medida que as exigências que crescem geometricamente pressionam cada vez com mais força as fontes de crescimento está-tico ou, na melhor das hipóteses, de crescimento aritmético; à medida que os padrões de vida são forçados a baixar e o descontentamento popular é forçado a elevar-se; à medida que a luta geral pelos recursos em diminuição torna-se cada vez mais feroz, essas ditaduras nacionais tenderão a tornar-se mais opressivas em casa, mais impiedosamente competitivas no estrangeiro. Diz um dos habitantes do Admirável Mundo Novo: “Governar é uma questão de sentar-se e não de golpear. Governa-se com o cérebro e as nádegas, não com os punhos.” Mas onde há muitas ditaduras nacionais em competição, cada uma delas com problemas em casa e cada uma delas preparando-se para uma guerra total ou parcial contra seus vizinhos, a tendência é preferir-se golpear a sentar-se, os punhos como instrumento de

política ao cérebro e à “magistral inatividade” (para citar a frase imortal de Lord Salis-bury) dos traseiros. Na política, o futuro próximo tem mais probabilidade de se parecer com o *1984* de George Orwell do que com *Admirável mundo novo*.

Deixem-me considerar agora alguns dos pontos nos quais, eu temo, posso ter acertado. Os habitantes do Admirável Mundo Novo eram os herdeiros e os exploradores de um novo tipo de revolução, e essa revolução era, com efeito, o tema de minha fábula. Revoluções passadas sempre foram todas em campos exteriores ao indivíduo com um organismo psicofísico – no campo, por exemplo, da organização eclesiástica e do dogma religioso, no campo da economia, no campo da organização política, no campo da tecnologia. A revolução por vir – a revolução cujas conseqüências foram descritas em *Admirável mundo novo* – vai afetar homens e mulheres, não periféricamente, mas no próprio âmago de seus seres orgânicos. Os revolucionários mais antigos procuravam mudar o ambiente social na esperança (se eram idealistas, e não meros ambiciosos de poder) de mudar a natureza humana. Os futuros revolucionários atacarão diretamente a natureza humana como a encontram, nas mentes e nos corpos de suas vítimas ou, se preferirem, seus beneficiários.

Entre os habitantes do Admirável Mundo Novo, o controle da natureza humana foi conseguido por procriação eugênica e disgênica, por um condicionamento sistemático durante a infância e, mais tarde, por “hipnopedia”, ou instrução durante o sono. O condicionamento infantil é tão antigo quanto Pavlov, e a hipnopedia, embora rudimentar, já é uma técnica bem estabelecida. Fonógrafos com relógios embutidos, que os ligam e desligam a intervalos regulares durante a noite, já estão no mercado e são usados por estudantes de línguas estrangeiras, por atores com pressa de memorizar suas falas, por pais desejosos de curar os filhos de molhar a cama e outros hábitos indesejáveis, por indivíduos que procuram um aperfeiçoamento moral e físico através da auto-sugestão e “afirmações de pensamento positivo”. Que os princípios de procriação seletiva, condicionamento infantil e hipnopedia ainda não tenham sido aplicados pelos governos deve-se, nos países democráticos, à persistente convicção liberal de que as pessoas não existem para o Estado, mas que o Estado existe para o bem das pessoas; e nos países totalitários, ao que pode ser chamado conservantismo revolucionário – apego à revolução de ontem, em vez de à revolução de amanhã. Não há, no entanto, razões para acreditarmos complacentemente que esse conservadorismo revolucionário vai persistir indefinidamente. Em mãos totalitárias, a psicologia aplicada já está conseguindo resultados notáveis. Um terço de todos os prisioneiros americanos capturados na Coreia sucumbiu, pelo menos parcialmente, à lavagem cerebral chinesa, que derrubou as convicções instiladas por educação e condicionamento infantil e substituiu esses reconfortantes axiomas pela dúvida, a ansiedade e uma crônica sensação de culpa. Isso era conseguido por métodos inteiramente antiquados, que combinavam instrução direta com o que pode ser chamado de psicoterapia tradicional ao inverso, e não fazia uso de hipnose, hipnopedia ou drogas alteradoras da mente. Se todos, ou pelo menos um desses métodos poderosos tivesse sido empregado, a lavagem cerebral provavelmente teria tido sucesso com todos os prisioneiros, e não com apenas trinta por cento deles. Com seu modo vago e retórico, políticos e clérigos pregadores gostam de dizer que a luta atual não é material, e sim espiritual – um caso não de máquinas, mas de idéias. Eles se esquecem de acrescentar que a eficácia de idéias depende muito do modo como são inculcadas. Uma idéia verdadeira e benéfica pode ser ensinada com tanta inépcia que acabe sem efeito nas vidas de indivíduos e sociedades. inversamente, teorias grotescas e maléficas podem ser tão habilmente enfiadas na cabeça das pessoas que, cheias de fé, vão correr a mover montanhas – para a maior glória do demônio e para sua própria destruição. Nos

tempos atuais o dinamismo das idéias totalitárias é maior que o dinamismo das idéias liberais, democráticas. Isso não se deve, é claro, à superioridade intrínseca das idéias totalitárias. Deve-se em parte ao fato de que, num mundo onde a população está ultrapassando rapidamente os recursos, torna-se necessário um controle governamental em escala cada vez maior. Deve-se também, em parte, ao fato de que os meios empregados para a disseminação das idéias totalitárias são mais eficientes, e são usados mais sistematicamente, do que os meios empregados para a disseminação de idéias liberais e democráticas. Esses métodos mais eficientes de propaganda totalitária, educação e lavagem cerebral são, como temos visto, bastante antiquados. Mais cedo ou mais tarde, no entanto, os ditadores vão abandonar seu conservadorismo revolucionário e, juntamente com ele, os métodos antigos herdados do passado pré-psicológico e paleofarmacológico. Então, que os céus nos ajudem!

Entre os legados do passado profarmacológico devemos enumerar nosso hábito de, quando sentimos a necessidade de uma liberação da tensão, de umas férias mentais da realidade desagradável, beber álcool ou, se acontecer de pertencermos a uma cultura não-ocidental, de fumar haxixe ou ópio, de mastigar folhas de coca ou betel, ou qualquer outra do vasto número de drogas intoxicantes. Os habitantes do Admirável Mundo Novo não faziam qualquer dessas coisas; simplesmente mastigavam um tablete ou dois de uma substância chamada Soma. Isso, não é preciso dizer, não é o mesmo Soma mencionado nas antigas escrituras hindus – uma droga um tanto perigosa, derivada de uma planta até agora não identificada, nativa da Ásia Central, na parte sul – mas um sintético, possuindo “todas as virtudes do álcool e do cristianismo, e nenhum de seus defeitos.” Em doses pequenas, o Soma dos habitantes do Admirável Mundo Novo era um relaxante, induzindo à euforia e provocando sentimentos amistosos e solidariedade social. Em doses medianas ela transfigurava o mundo exterior e agia como um alucinógeno brando; e em doses grandes era um narcótico. Virtualmente todos os habitantes do Admirável Mundo Novo consideravam-se felizes. Isso se devia em parte ao fato de que tinham sido educados e condicionados para tomar o lugar destinado a eles na hierarquia social, em parte ao ensino durante o sono que os tornava contentes com o que tinham, e em parte ao Soma e sua capacidade de dar a eles férias de circunstâncias desagradáveis e seus egos desagradáveis.

Todos os narcóticos, estimulantes, relaxantes e alucinógenos naturais conhecidos do botânico e do farmacólogo modernos foram descobertos pelo homem primitivo e estão em uso desde os tempos imemoriais. Uma das primeiras coisas que o *Homo sapiens* fez com sua racionalidade e sua autoconsciência recém-desenvolvidas foi utiliza-las para encontrar meios de atalhar o raciocínio analítico e de transcender ou, em casos extremos, obliterar temporariamente a isoladora consciência do eu. Experimentando todas as coisas que cresciam no campo ou na floresta, eles se apegaram àquelas que, nesse contexto, pareciam boas – isto é, tudo que mudasse a qualidade da consciência e a tornasse diferente, não importava como, dos sentimentos, das percepções e dos pensamentos cotidianos. Entre os hindus, a respiração ritmada e a concentração mental substituíram até certo ponto as drogas alteradoras da mente usadas em outros lugares. Mesmo na terra da ioga, mesmo entre os religiosos e mesmo visando a objetivos religiosos especiais, a *cannabis indica* tem sido usada livremente para suplementar os esforços dos exercícios espirituais. O hábito de tirar férias do mundo mais ou menos purgatorial, que nós criamos para nós mesmos, é universal. Moralistas podem denunciá-lo, mas, apesar dos discursos desaprovadores e da legislação repressiva, o hábito persiste, e as drogas alteradoras da mente estão disponíveis em toda a parte. A fórmula marxista “A religião é o ópio do povo” é reversível, e pode-se dizer, ainda mais verdadeiramente, que “O ópio é a religião do povo”. Em outras palavras, a alteração da

mente, mesmo que produzida (seja por meios devocionais ou ascéticos ou psicoginásticos ou químicos), sempre foi considerada um dos maiores, talvez o maior, dos bens alcançáveis. Até o presente, os governos pensaram sobre o problema das substâncias químicas que transformam a mente somente em termos de proibição ou, um pouco mais realisticamente, de controle e taxaço. Nenhum deles, até agora, estudou-o em sua relação com o bem-estar individual e a estabilidade social; e muito poucos (graças a Deus!) pensaram nele em termos de estadismo maquiavélico. Por causa dos interesses disfarçados e da inércia mental, insistimos em usar o álcool como nosso principal transformador da mente – exatamente como faziam nossos ancestrais neolíticos. Sabemos que o álcool é responsável por uma alta proporção de nossos acidentes de trânsito, nossos crimes de violência, nossos sofrimentos domésticos; no entanto não fazemos esforço algum para substituir essa droga antiquada e extremamente insatisfatória por algum novo alterador da mente, menos maléfico e mais esclarecedor. Entre os habitantes do Admirável Mundo Novo, a invenção pré-histórica de Noé, o licor fermentado, foi tornada obsoleta por um sintético moderno, planejado para contribuir para a ordem social e a felicidade do indivíduo, e a fazer isso com um mínimo de custo psicológico.

Na sociedade descrita em minha fábula, o Soma era usado como um instrumento de estadismo. Os tiranos eram benevolentes, mas ainda assim eram tiranos. Seus súditos não eram forçados à obediência; eram quimicamente coagidos a amar sua servidão, a cooperar de boa vontade e até mesmo entusiasticamente aa preservação da hierarquia social. Pelos maus e pelos ignorantes, qualquer coisa e tudo pode ser usado mal. O álcool, por exemplo, tem sido usado, em doses pequenas, para facilitar a troca de idéias em simpósios (literalmente, uma festa de bebida) de filósofos. Tem sido usado também, como os mercadores de escravos usavam, para facilitar o rapto. A escopolamina pode ser usada para produzir o “sono crepuscular”; pode também ser usada para aumentar a sugestibilidade e amaciar prisioneiros políticos. A heroína pode ser usada para controlar a dor; pode também ser usada (como dizem que foi usada pelos japoneses durante a ocupação da China) para produzir uma dependência inutilizadora num adversário perigoso. Dirigida por pessoas erradas, a revolução que virá poderia ser desastrosa, a seu modo, como uma guerra nuclear e bacteriológica. Pelo uso sistemático de instrumentos psicológicos, químicos e eletrônicos já existentes (sem mencionar esses mecanismos novos e melhores que o futuro nos reserva), uma oligarquia tirânica poderia manter a maioria em sujeição permanente e voluntária. Essa é a profecia que fiz em *Admirável mundo novo*. Espero que provem que estou errado, mas estou amargamente temeroso de que provem que estou certo.

Enquanto isso, é bom frisar que o Soma não é intrinsecamente mau. Pelo contrário, uma droga que transforma a mente e é inofensiva e efetiva pode ser uma grande bênção. E, de qualquer maneira (como a História deixa claro), não há possibilidade de serem abolidas todas as drogas que transformam a mente. A opção com que nos defrontamos não é uma opção entre a Soma e nada; é uma escolha entre Soma e álcool, Soma e ópio, Soma e haxixe, ololiuqui, peiote, datura, agárico e todo o resto dos alteradores da mente naturais; entre o Soma e tais produtos. da química e da farmacologia científicas como o éter, o cloral, o veronal, a Benzadrina e os barbitúricos. Em urna palavra, temos que escolher entre uma droga total e mais ou menos inofensiva e uma grande variedade de drogas mais ou menos nocivas e apenas parcialmente efetivas. E essa escolha não vai ser adiada até o século VII Depois de Ford. A farmacologia está progredindo. O Soma de *Admirável mundo novo* não é mais um sonho distante. Aliás, algo que possui muitas das características do Soma já está entre nós. Refiro-me ao mais novo dos agentes tranqüilizantes – a Pílula da Felicidade, como os que a usam chamam-na carinhosamente, conhecida na América sob as marcas

registradas de Miltown e Equanil. Essas Pílulas da Felicidade exercem uma dupla ação: elas relaxam a tensão da musculatura estriada e assim relaxam as tensões associadas na mente. Ao mesmo tempo atuam no sistema de enzimas do cérebro de tal maneira que previnem distúrbios surgidos no hipotálamo por causa da interferência no trabalho do córtex. No nível mental, o efeito é uma abençoada liberação da ansiedade e da emotividade voltada para si mesma.

Em minha fábula, o selvagem exprime sua convicção de que as vantagens do Soma devem ser pagas por meio de perdas nos mais altos níveis humanos. Talvez ele estivesse certo. O universo não tem o hábito de nos dar alguma coisa em troca de nada. Mas mesmo assim há muito a dizer em favor de uma pílula que nos possibilita assumir uma atitude, em relação às circunstâncias, de distanciamento, ataraxia, “santa indiferença”. O valor moral de um ato não pode ser medido exclusivamente em termos de intenção. O inferno está cheio de boas intenções, e temos que levar em conta os resultados. Um comportamento racional e bondoso tende a produzir bons resultados, e esses resultados permanecem bons mesmo quando o comportamento que os produziu foi, ele próprio, produzido por uma paula. Por outro lado, será que podemos substituir impunemente a autodisciplina sistemática por uma substância química? Ainda não se sabe.

De todas as drogas que alteram a consciência, as mais interessantes, se não as que são mais imediatamente úteis, são aquelas que, como o ácido lisérgico e a mescalina, abrem a porta para o que pode ser chamado o Outro Mundo da mente. Muitos pesquisadores já estão explorando os efeitos dessas drogas, e podemos ter certeza de que outros alteradores da mente, com propriedades ainda mais notáveis, serão produzidos no futuro próximo. O que o homem fará afinal com esses elixires extraordinários, é impossível dizer. Imagino que eles estejam destinados a ter um papel na vida humana pelo menos tão importante quanto o papel desempenhado, até agora, pelo álcool, e incomparavelmente mais benéfico.

Capítulo 19

1956

Cartas

Para Huxley esse foi um ano vitalmente energético e criativo. Ele tornou a casar-se, mudou-se para uma nova casa, viajou e fez conferências; Céu e inferno foi publicado e a A ilha iniciado. Ele fez duas experiências com psicodélicos em 1956. A primeira ocasião foi com Gerald Heard e dois pesquisadores médicos, durante a qual ele e Heard receberam um novo tranqüilizante chamado Frenquel para inverter os efeitos de uma dose forte de mescalina. Huxley comparou a “sobriedade” temporária resultante com a Queda, e correu a reler O paraíso perdido. Mais tarde, ele e Laura Archera Huxley participaram de uma sessão de LSD em doses pequenas, para determinar o poder da hipnose na rememoração psicodélica.

As cartas escritas nesse período ao Dr. Osmond discutem a estrutura de A ilha e uma série de drogas: o soma dos antigos arianos, os cogumelos mexicanos da psilocibina, a ayahuasca (yagé) da América do Sul. O quadro da pesquisa com sintéticos psicodélicos em Los Angeles (então o centro de três experiências nos Estados Unidos) é bastante sombrio. Sua “correspondência vinda de lunáticos” reforça sua convicção de que a pesquisa psicodélica deveria ser conduzida “na relativa privacidade das publicações eruditas”. A criação do termo “psicodélico” e a escolha de Huxley, são discutidos numa carta famosa, e em outra que acabou de vir à luz. Em duas eloqüentes cartas escritas a mulheres ele exprimiu sua profundíssima especulação espiritual-filosófica sobre as novas drogas. Planos para uma comédia musical baseada em Admirável mundo novo estimularam uma explosão lírica preservada numa das cartas seguintes.

AO DR. HOWARD FABING' [SMITH 736]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, CaL 20 de janeiro de 1956.

Caro Howard,

Espero que sua estada em Monterey tenha sido agradável e produtiva e que você esteja agora em casa. Sua visita foi um acontecimento memorável, e eu estou gratíssimo – e também, você sabe, está Gerald – pelas experiências que você tornou possíveis e pelas oportunidades de discuti-las e avaliá-las. Se e quando eu fizer minha viagem para o Oriente, espero repetir a experiência e renovar as discussões.

Enquanto isso, andei pensando sobre um dos assuntos em que tocamos em nossa conversa do domingo de manhã – o uso da hipnose juntamente com a mescalina ou o LSD. Parece-me que a hipnose poderia mostrar-se muito útil de três maneiras. Primeiro, para preparar a pessoa para tomar a droga. Colocá-la em transe leve e conversar com ela sobre o que ela provavelmente vai sentir – frisando que não havia o que temer. O que normalmente chamamos “realidade” é meramente essa fatia do fato total que nosso equipamento biológico, nossa herança linguística (ver Benjamin Whorf) e nossas convenções sociais de pensamento e sentimento permitem que nós apreendamos. (As idéias contidas no clássico livro de [J.J.] Von Uexkull sobre *Umwelt-lehre* ou “ambientologia” são fundamentais nesse contexto.) O ouriço-do-mar e o cachorro – cada um tem seu universo, e cada um dos universos é muito diferente dos outros. O universo biologicamente, socialmente e lingüisticamente condicionado do homem é muito mais rico que o dos outros animais, mas ainda assim é apenas uma pequena fatia do melão. A mescalina e o LSD permitem-nos cortar outro tipo de fatia – uma fatia que não é muito útil a nós, criaturas que temos que sobreviver e competir, mas pode ser extremamente útil para nós como criaturas, capazes e desejosas de compreender. Em termos simples, idéias desse tipo poderiam ser passadas para a pessoa sob hipnose, antes que ela tome a droga. Isso deveria impedir que ela entrasse em pânico por causa da simples estranheza da experiência.

Em segundo lugar, seria interessante ver o que poderia ser feito com a hipnose enquanto a pessoa está sob a influência da droga. Para começar, será que uma pessoa mescalinizada é hipnotizável? Se assim for, será que sugestões hipnóticas podem dirigir suas recém-encontradas capacidades visionárias para canais específicos – por exemplo, ao reino das lembranças da infância enterradas, ou a áreas específicas de pensamento e imagens? Podemos sugerir-lhe, por exemplo, que ela veja um episódio de *As mil e uma noites*, ou do Evangelho, ou no reino dos símbolos arquetípicos ou da mitologia?

Finalmente, seria interessante hipnotizar a pessoa depois que ela voltasse da mescalina, tentando fazê-la reexperimentar o que viveu sob a mescalina, mas sem a ajuda da droga. Isso, parece-me, deveria ser iniciado enquanto os efeitos da droga estão passando. Tentar prolongar e reavivar a experiência por meio da sugestão. Ao mesmo tempo dar uma sugestão pós-hipnótica no sentido de que não haverá dificuldade em recapturar a experiência inteira, em datas posteriores. Repetir a experiência nos dias seguintes e ver se a hipnose pode estabelecer não apenas uma lembrança da experiência com mescalina, mas uma rememoração total ou até mesmo uma nova experiência da mesma espécie.

Se isso parecer funcionar, dar sugestões pós-hipnóticas de que a pessoa poderá entrar no estado visionário quando quiser, sob auto-sugestão. Essa rememoração vívida e reativação da experiência visionária pode ser impossível. Por outro lado, pode não ser. Mas tenho certeza de que vale a pena tentar a experiência e em várias pessoas, pois há uma diferença enorme, nesse campo, entre as capacidades de diferentes pessoas. Sei experimentalmente que algumas pessoas entram no mundo visionário sob hipnose. Minha esposa, por exemplo, entrava num mundo que tinha a mesma espécie de luminosidade e de significado que o mundo da mescalina, onde havia vastas paisagens, sendo a maioria de desertos, e uma grande variedade de personagens. Seria interessante descobrir se, como resultado de, uma vez aberta a porta por meios químicos, pessoas normalmente incapazes de entrar no “outro mundo” espontaneamente ou através de hipnose achariam possível dispensar a chave química e alcançar o destino mescalínico simplesmente por meios psicológicos (o que quer que essa frase possa significar!).

Por favor dê lembranças minhas ao Dr. P. e a Bobby Brown, em quem penso com

muita afeição.

*Do seu,
Aldous Huxley*

* Texto da cópia de carbono, corrigida a mão, enviada por Huxley a Osmond. Fabing é um médico de Cincinnati que ajudou a desenvolver o tranqüilizante Frenquel – ver a carta seguinte.

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 737]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Cal.

21 de janeiro de 1956

Meu CARO Humphry,

Muito obrigado por sua carta, espero que o inverno saskatchewanano esteja se tornando um pouco menos rude. Certamente o inverno parece estar bastante forte em toda parte – um vento intenso aqui, chuvas desastrosas no noroeste do Pacífico, frio assustador no Meio-Oeste e nos estados do leste, e também na Europa. Talvez nossas brincadeiras com a bomba-H tenham algo a ver com isso – nuvens de poeira inoportunas causando precipitação e formação de nuvens de modos inesperados. Mais ignorantes daquilo de que temos mais certeza (nossa essência vítrea), como macacos zangados nós fazemos nossos truques fantásticos não apenas sob os céus, mas *dentro* deles.

E, por falar em essências vítreas, Gerald e eu passamos por outra experiência com mesalina, na semana passada. Desta vez com o Dr. Howard Fabing, de Cincinnati – um homem muito simpático, de mente aberta e inteligente – juntamente com outro doutorado em Medicina e uma jovem farmacologista, a Dra. Barbara Brown, principal responsável pelo desenvolvimento do Frenquel. Fabing queria experimentar o efeito do Frenquel em nós, para saber nossas impressões sobre um corte na experiência de mesalina por esse novo tranqüilizante. Ele nos deu 500 mg de mesalina de uma qualidade especial, preparada especialmente para ele por um químico da Universidade da Antioquia. Os efeitos foram fortes. Muita visão com os olhos fechados – embora nunca coerente ou de longo fôlego, apenas geometrias animadas modulando-se ou prestes a modular-se para formas arquitetônicas. O sentido de tempo foi alterado muito profundamente, e houve uma experiência de – literalmente falando – uma vida inteira de beleza, ser e amor. Fabing deu-nos maciças doses intravenosas de Frenquel mais ou menos duas horas depois da ingestão da mesalina. Os efeitos se fizeram notar dentro de quinze minutos. Foi uma experiência triste, como aquela descrita por Emily Brontë:

Oh, terrível é o corte – intensa a agonia –

Quando o ouvido começa a ouvir e o olho começa a ver, (ver e ouvir como um ego à parte, encapsulado)

Quando o pulso começa a latejar, o cérebro a pensar outra vez,

(pensar discursiva e biologicamente, utilitariamente)

A alma a sentir a carne, e a carne a sentir a corrente.

Foi uma experiência da Queda, tornada ainda mais triste pelo fato de que o egoísmo que retornava vinha acompanhado de tonteiras e perturbações físicas gerais parecidas com as de uma pessoa bêbada. (De repente me ocorre como é curioso que o Adão e a Eva de Milton se sentissem bêbados depois de comer a fruta! Tenho que procurar esse trecho no *Paraíso perdido*). Essa desequilibrada experiência da Queda durou uns quarenta e cinco minutos, aí nós dois voltamos para a condição mescalinizada. Evidentemente o Frenquel por via intravenosa é rapidamente excretado. Depois que ele é afastado, a mescalina reemerge de seu esconderijo no fígado. Fabing agora está convencido de que, para ser efetivo, o Frenquel deveria ser dado em pequenas doses repetidas em intervalos curtos, não em uma única dose grande. Tanto Gerald quanto eu continuamos a sentir os efeitos até bem tarde da noite (tornamos o negócio às três da tarde). Mais ou menos as seis ou seis e meia eu me levantei e saí para a varanda contígua à porta da frente. Na parede da casa, entre as janelas da ampla sala de estar, existem duas silhuetas a carvão, ainda levemente visíveis, feitas por meu cunhado, Joep Nicolas, há quatro ou cinco anos, do meu perfil e do de Maria – silhuetas traçadas acompanhando as sombras jogadas pelo sol poente. Não vi realmente essas silhuetas, pois a luz era muito fraca. Mas de repente pensei nelas e fui dominado por uma intensa tristeza. Não sei por quanto tempo chorei, mas devo ter descarregado um grande acúmulo de lágrimas não derramadas. Foi algo doloroso mas muito necessário.

Estou anexando a cópia da carta que vou mandar para Fabing sobre possíveis experiências com a hipnose, antes, durante e depois da administração da mescalina. Espero que ele faça as experiências – e espero que você também as faça; pois pode haver possibilidades importantes nesse terreno.

Lembranças a Jane.

Com carinho, Aldous

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 7'f0]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Cal. 14 de março de 1956

Meu CARO Humphry,

Obrigado por sua carta simpática e interessantíssima. Acho que você tem razão sobre os indígenas.' O *soma*, na Índia, só era ingerido pelos sacerdotes – e era uma droga perigosa, da qual muita gente morria. Os devotos de Dionísio embebedavam-se em conjunto

– mas o álcool não é um elixir, apenas um embriaga-mento. Atrevo-me. a dizer que alguns dos tomadores tropicais de drogas alteradoras da mente podem ter descoberto independente-mente o método indígena, mas onde se pode descobrir isso? E, de qualquer maneira, são remotos demais e primitivos demais para ter muita importância para nós. Os comedores de cogumelo no sul do México, de Gordon Wasson, evidentemente usavam um elixir em grupos pequenos, dirigidos por um sacerdote ou uma sacerdotisa. Sua narrativa de sua própria experiência com os cogumelos num grupo desses é muito interessante. Os sintomas parecem ter sido quase idênticos aos do peiote – inclusive o vômito. Ele ficou enormemente impressionado pelo ritual todo – e quando um sócio da J. P. Morgan fica impressionado por esse tipo de coisa, deve ser mesmo bem impressionante! Espero que você descubra mais coisas sobre sua Igreja Nativa Norte-americana em Saskatchewan. Tendo um convite permanente, de alguns peiotistas indígenas em Ponca City, no Oklahoma, para participar de uma de suas reuniões, mas não pude aceitar até agora devido à tirania do espaço e do tempo.

Fiz três artigos para o *Sunday Times* sobre "Admirável mundo novo revisitado" – um sobre o futuro, do ponto de vista do demógrafo, um sobre a relevância da situação política do AMN para o futuro imediato, e o terceiro sobre o *soma* (tipo-AMN), sua importância para o atual consumo em massa de "Pílulas da Felicidade" (Miltown-Equanil), e seu significado social, ético e psicológico. Espero enfronhar-me neste problema quando começar minha projetada fantasia sobre uma sociedade imaginária, cujo propósito único é fazer com que seus membros realizem suas potencialidades mais altas. Vou localizar a fábula, não no futuro, mas numa ilha, hipotética, no oceano Índico, não longe das Andamãs, e habitada por pessoas que descendem de colonizadores budistas vindas do continente, e assim conhecem tudo sobre o Tantra (o que não acontece comigo – mas pode-se sempre aprender um pouco e fingir um pouco!). Para construir uma ponte entre eles e nós, vou postular um inglês que fez fortuna do modo mais cínico nos últimos dias da Companhia das Índias Orientais, que veio explorar a ilha e ficou porque viu, numa espécie de conversão psicológica, que aquele povo sabia a maioria das respostas. Ele fica, organiza uma espécie de escola de sabedoria ocidental-oriental e está à mão, já idoso, quando outro inglês aporta lá. Sua história é a de um jovem educado num lar evangélico, como consequência sucumbindo à loucura, indo para um hospício (andei lendo Zilboorg e outros livros para ter o gostinho total do horror dos hospícios na era vitoriana), fica curado devido à chegada ao hospício de um superintendente razoável e humano, como o Dr. Conolly, é mandado para uma viagem de saúde e acaba na ilha, onde o homem mais velho toma-o pela mão, reeduca-o para uma visão sacramental do sexo e de outras funções naturais, faz com que passe por uma iniciação, com um elixir local fazendo um papel importante na cerimônia, etc., etc. Quando ele finalmente volta para a Inglaterra, está realmente sadio e completamente desenvolvido como ser humano – tanto que ele logo se vê novamente confinado a um hospício por seus parentes subdesenvolvidos e perturbados. Enquanto isso, é claro, a ilha é atropelada por uma das forças coloniais, e toda a sua sabedoria é automaticamente destruída – como foi o caso, com um resultado menor, quando a Inglaterra arruinou a ordem social em Burma – principalmente apresentando, com as melhores intenções possíveis, um sistema coerente de lei em vez do não-sistema de arbitragem local por chefes-sem-autoridade, logicamente indefensável mas psicologicamente bem-sucedido. Essa estrutura talvez permita uma exposição completa do que deveria ser, do que talvez pudesse ser, e do que tem sido e realmente é...

A fetuosamerde, Aldous

* Indígenas : Osmond tinha percebido que a Igreja Nativa da América do Norte (que ele conheceu como Faisão Vermelho, em Sask.), tinha uma religião notável, e possivelmente única, uma vez que seus ritos eram efetuados como uma atividade de pequenos grupos, dispensando um sacerdote, usando um elixir e conseguindo uma experiência compartilhada por toda a congregação. [Nota de Smith.] Ver também : a apresentação de Osmond para *The witnesses*, (As testemunhas), de Thomas Hennell (1967), p. xlii.

** *Rufia, mushrooms add history* (Rússia, cogumelos e história) (1967), embora Huxley pudesse estar se referindo ao relatório de Wasson publicado na revista *Life*.

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 744]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Cal.

30 de março de 1956

Caro Humphry, .

Obrigado por sua carta, que vou responder sucintamente, pois espero conversar bastante com você em Nova Iorque dentro de pouco tempo. Sobre um nome para essas drogas – que problema! Procurei em Liddell e Scott e descobri que há um verbo *phaneroein*, “tornar visível ou manifesto”, e um adjetivo *phane-rós*, que significa “manifesto, à vista, evidente”. A palavra é usada em botânica – fanerograma como antônimo de criptograma.

“Psicodético” eu não entendi ainda muito bem. É uma analogia com geodético, geodésia? Se assim for, significaria divisor da mente, como geodésia significa divisão da terra, de *ge* e *daiein*. Essas drogas poderiam ser chamadas psicófanos? Ou drogas faneropsíquicas? Ou que tal fanerotímicas? *Thymos* significa alma, em seu uso inicial, e é o equivalente ao latim *animus*. A palavra é eufônica e fácil de se pronunciar; além disso, tem seus parentes no jargão da psicologia – por exemplo, ciclotímico. De maneira geral acho que isso é melhor do que psicófanos ou faneropsíquicos.

Espero estar voando para o leste no dia dez ou onze, e vou avisá-lo antes disso onde vamos ficar – possivelmente não em hotel, mas num apartamento emprestado.

Do seu, Aldous

Fanerótimo – substantivo. Fanerotímico – adjetivo.

Para fazer este mundo trivial sublime se tornar,

Basta meio grama de fanerótimo tomar.

Osmond tinha mencionado *psicodélico* como um novo nome para drogas que alteram a mente, para substituir o termo *psicotomiméticos*. Huxley ao que parece leu erradamente a palavra, como “psicodéticos”, daí o engano. Osmond respondeu :

“Para um mergulho no Inferno ou um voar angélico,
Tome uma pitada de psicodélico.”

Huxley ainda dessa vez não aprendeu a ortografia da palavra, que ele escrevia “*psychodelie*”. [Nota de Smith]. Huxley invariavelmente usa “*psycPeodelic*” em lugar de “*psyckedelic*”, pois ele e outros achavam que este último era incorreto. No entanto, o primeiro fere um critério de Osmond, a saber, que o termo fosse “não-contaminado por outras associações”.

Em uma carta para o Dr. Al Shulgin em 1969, Osmond forneceu uma variante para a estrofe em colaboração:

“Para este mundo trivial sublime se tornar, Basta meio grama de fanerótimo tomar.

Para um mergulho no Inferno ou um voar angélico, Você precisa de uma pitada de psicodélico.”

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 747]

740 North Kings Road, Los Angeles 46, Cal.

29 de junho de 1956

Caro Humphry

Sentimos muito a sua falta em nossa pequena conferência, e acho que você, se estivesse lá, ficaria bastante estimulado e interessado pelo relatório de Puharich sobre os efeitos de jaulas e da liberação na atmosfera delas de íons carregados positiva ou negativamente. Se o trabalho dele for confirmado, de agora em diante haverá um método pelo qual (até agora só em sensitivos) as faculdades *psi* podem ser elevadas ao máximo improvável simplesmente apertando um botão. Tendo estabelecido um ambiente eletrônico padrão, Puharich vai tentar agora, sistematicamente, o efeito de várias drogas, vários odores, estímulos sonoros, etc., na faculdade *psi*. Deverá ser uma exploração muito proveitosa.

Al [Hubbard] também estava em grande forma. Seus métodos de exposição são um pouco confusos, mas imagino que ele e seu grupo tenham agora uma montanha de material escrito sobre seus casos – material que vai mostrar como funciona a outra linha de experimentação. Pois evidentemente temos que prosseguir nas duas linhas – a científica pura, analítica, de Puharich, tentando fator após fator num ambiente padronizado, e a linha do naturalista, psicólogo e terapeuta, que usa a droga para curar e esclarecer, e no processo, se ele for bom observador e tiver o raciocínio claro, descobre novos fatos sobre o organismo psicofísico.

Aqui, em Los Angeles, nenhuma dessas linhas de pesquisa está sendo seguida.

Temos um ou dois médicos ministrando a droga e compilando casos clínicos de experiências particulares, um ou dois trabalhando com neuróticos ou psicóticos com a ajuda da droga, e nenhum pesquisador analítico. Além disso, não vejo a possibilidade de criar um grupo como o que AI tem agora em Vancouver – porque não temos nenhum AI, isto é, ninguém com a necessária posição financeira (o homem de negócios, por definição, jamais faz algo antiamericano), os contatos necessários com a igreja e o estado, e o relacionamento com uma área sensível da ciência, que lhe permite conseguir suprimentos, da droga. Além disso, nem Gerald [Heard] nem eu podemos afirmar sermos boas cobaias. Pois não temos visões com os olhos fechados, não mostramos sinais de *psi* e parecemos interessados demais no “conhecimento obscuro” da Unidade para querermos ser incomodados com qualquer outra coisa. Assim sendo, parece que o trabalho científico e o trabalho terapêutico terão que ser realizados em outro lugar.

Agora, vamos às datas e temporadas. Quando é que é melhor para você vir a Vancouver durante o mês de agosto? Posso adaptar meus planos aos seus. Assim, por favor, avise-me a data que lhe convier melhor, e vou fazer meus planos de acordo. Não sei exatamente qual vai ser meu papel nessa *performance* – com certeza o do questionador mais ou menos inteligente, que pergunta ao especialista tudo sobre o assunto.

Afetuosamente, Aldous

A VICTORIA OCAMPOS* [SMITH 750]

3276 Deronda Drive, Los Angeles 28, Cal. 19 de julho de 1956

Cara Victoria,

[...] Fico muito contente que você tenha gostado do meu livrinho [*Céu e inferno*]. Como é estranho que nós todos carreguemos conosco por aí esse enorme universo de visão e daquilo que está além da visão, e no entanto somos geralmente inconscientes desse fato! Como poderemos aprender a passar à vontade de um mundo de consciência para outros? A mesalina e o ácido lisérgico vão abrir a porta; mas não é bom depender exclusivamente desses produtos químicos, embora eles pareçam ser mais ou menos completamente inofensivos. Tornei mesalina umas seis vezes, e fui levado para além do reino das visões, para o reino do que os místicos chamam “conhecimento obscuro” – um vislumbre da natureza das coisas, acompanhado pela descoberta de que, apesar da dor e da tragédia, o universo é perfeito, em outras palavras, que Deus é Amor. As palavras são embaraçosamente tolas e, no nível da consciência mediana, falsas. Mas quando estamos no nível mais alto, elas parecem significar o Fato primordial, do qual a consciência agora faz parte. A arte suprema da vida seria a arte de passar, à vontade, do conhecimento obscuro para o conhecimento conceitualizado, utilitário, do estético para o místico; e ser capaz de todo o tempo, nas palavras do mestre Zen, descobrir o não-particular que existe nos particulares, estar cômico do não-pensamento que existe no pensamento – o absoluto nas relações, o infinito nas coisas finitas, o eterno no tempo. O problema é: como aprender esta arte suprema da vida?

Nós nos mudamos para uma nova casa, no alto dos montes, e tudo está ainda confuso. Tudo de bom, minha querida Victoria.

Do sempre seu, afetuosamente, Aldous

* Uma velha amiga argentina, diretora editorial da conceituada revista literária *Sur*.

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 751]

3276 Deronda Drive, Los Angeles 28, Cal. 22 de julho de 1956

Caro Humphry,

Nossas cartas se cruzaram, sendo a sua extraviada na ponta de cá pelo fato de que estávamos entre duas casas, morando em uma e recebendo a correspondência na outra. Gostaria que nossos lazeres pudessem ter coincidido. Não tenho lazer algum agora, e além de nenhum lazer tenho um sentimento muito ruim a . respeito de TV, particularmente em relação a esse campo. Minha correspondência vinda de lunáticos já está muito mais copiosa do que eu gostaria – há poucos dias recebi uma carta da ilha Maurícia, de um cavalheiro que foi para lá há vinte anos para conseguir a iluminação e, segundo ele próprio, escreveu agora o livro mais extraordinário da história do mundo, e será que pode-ria por favor escrever uma introdução e assegurar-lhe sociedade no Instituto de Estudos Avançados em Ciências Sociais, da Fundação Ford, ou, se isso não for possível, um emprego num jornal americano! Para não falar do cavalheiro de Chicago que descobriu a Verdade Absoluta e manda cartas e telegramas sobre isso para o Presidente Eisenhower e Bertrand Russell; nem do dermatologista mexicano que acha que a mesalina pode ser boa para o eczema, e será que posso contar para ele onde encontrar a droga, e nem do rapaz de Yorkshire que comeu um botão de peiete fornecido por um amigo que cultivava cactos e durante três dias ouviu todas as músicas um tom acima do que devia ter sido (um fenômeno bastante interessante, incidentalmente, e que pode valer a pena ser testado com temas musicais. Laura acha que não chega a aumentar o tom, pelo que lhe diz respeito; simplesmente faz com que ele soe como música tocada com mais verve e perfeição e energia do que normalmente – algo que tende a nos fazer pensar que a música está sendo tocada em tom um tanto agudo).

Como você diz em sua carta, ainda sabemos muito pouco sobre os psicodélicos, e, até que saibamos bastante mais, acho que o assunto devia ser discutido, e as investigações descritas, na relativa privacidade das publicações eruditas, na obscuridade decente de livros e artigos moderadamente intelectualizados. O que quer que se diga no ar está destinado a ser mal compreendido; pois as pessoas tiram do discurso impresso ou ouvido aquilo que estão predispostas a ouvir e ler, não o que está lá. Tudo o que a TV pode fazer é aumentar em milhares o número de pessoas que compreendem mal – e ao mesmo tempo ampliar a extensão dos mal-entendidos por não fornecer um texto objetivo que os voluntariamente

ignorantes possam ser obrigados a consultar. *Littera scripta manet, volat irrevocabile verbum.*

Nos intervalos de atividades como escrever artigos para o *Esquire* e fazer correções na peça, estou trabalhando um pouco minha fantasia – escrevendo os primeiros capítulos da infância do herói num ambiente no início da era vitoriana, e ruminando os problemas que vão surgir quando ele parte para a ilha hipotética no oceano indico, para onde seu tio foi como cirurgião do rajá local (vou fazer com que ele emule o Dr. [James] Esdaile e lancete tumores de elefantíase em transe hipnótico) e adotou uma espécie de filosofia e práxis tântrica, destinada a ajudar pessoas a realizar suas capacidades em potencial e a dar-lhes um certo controle de seu destino, primariamente através do controle do sistema nervoso autônomo e da alma vegetativa, além de acesso ao Atmã-Brama. Espero poder fazer isto com algum sucesso.

Lembranças minhas a Jane e aos Hubbards.

Do sempre seu, afetuosamente, Aldous

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 756]

3276 Deronda Drive,

Los Angeles 28, Cal. 23 de setembro de 1956

Meu CARO Humphry,

Sua ótima carta de dois dias atrás fez-me vestir as roupas de um penitente; pois andei negligenciando gravemente o assunto de escrever. Meu irmão acabou de partir, depois de ter ficado aqui, com a mulher dele, durante quinze dias; e fazer coisas com ele, além de um monte de trabalho, me deixou extremamente ocupado, de modo que a correspondência teve que ser acumulada a uma altura enorme e ameaça me engolfar completamente.

Enquanto Julian estava aqui, fomos ver, na UCLA, os ratos e gatos e macacos com elétrodos enfiados em várias áreas do cérebro. Eles pressionam uma pequena alavanca que lhes dá um choque elétrico leve e curto – e a experiência, em certas posições do eletrodo, é evidentemente tão extasiadamente maravilhosa que eles continuam, com uma média de oito mil auto-estímulos por hora, até caírem de exaustão, falta de alimento e sono. Obviamente estamos chegando bem perto de reproduzir o paraíso muçulmano, onde cada orgasmo dura seiscentos anos.

Nossa última experiência com LSD em conjunção com a hipnose – sendo a intenção hipnotizar os participantes e dar-lhes sugestões pós-hipnóticas no sentido de que eles fossem capazes de reproduzir a experiência do LSD a uma certa palavra de ordem – não deu muito certo, no que diz respeito ao método hipnótico. Pode ser que as sugestões, para darem certo, precisem ser repetidas em várias ocasiões. Ou pode ser, é claro, que os efeitos da substância química não sejam reproduzidos por meios psicológicos, pelo menos na maioria dos casos. O que estava me interessando na experiência era o fato de que quinze

microgramas de LSD foram suficientes para produzir em mim virtualmente o efeito total da dose padrão, enquanto que com Laura, vinte e cinco microgramas mostraram ser muito eficazes. Pode ser que o hipnotismo preliminar tenha sido um fator para maximizar o efeito do produto químico.

Há poucos dias recebi uma comunicação interessante de um homem que costumava comerciar nas selvas do alto Amazonas, no sopé dos Andes, e agora ensina arte num ginásio da Califórnia. Ele fez uma descrição completa de uma droga que os índias chamam de *Ayahuasca*,¹ derivada de uma mistura de plantas locais, e que só faz efeito em doses grandes – a pessoa tem que engolir mais de um litro de um líquido de gosto ruim. O resultado é algo muito parecido com a experiência do peiote, com as visões tomando formas predominantemente vegetais ou de formas vegetais, de modo que os nativos a usam numa espécie de culto à natureza, juntamente com a diagnosticção paranormal e o conhecimento da composição de drogas curativas. O sujeito pe-diu-me que lhe enviasse de volta o trabalho, mas eu lhe pedi que mandasse uma cópia para você, juntamente com qualquer informação botânica que ele possa ter.

É bom saber que você pode vir à Califórnia mais para o fim deste outono. Laura e eu vamos ficar em Nova Iorque de 16 de outubro até 1º de novembro, mais ou menos (com possíveis viagens de dois ou três dias). Tenho que fazer um discurso num banquete da Academia de Ciências de Nova Iorque, que vai fazer num congresso sobre tranqüilizantes. Vou falar sobre a história da tensão e os métodos de alívio encontrados por diversas culturas do passado. Há alguma chance de você poder estar em N.I. nessa data?

A situação da peça ainda está no *status quo* – de Liagre, o -produtor, esperando notícias da Deborah Kerr. (...) Enquanto isso, adiei o trabalho em minha história fantástica para embarcar numa adaptação para comédia musical do *Admirável Mundo Novo*. O primeiro ato está pronto, e parece bem animado. Depois de terminar com o negócio da Academia de Ciências de Nova Iorque, eu vou passar para a Reserva dos Selvagens. Se tudo sair bem e eu conseguir encontrar alguém competente para fazer a música – como Leonard Bernstein –, os resultados podem ser excelentes.

Lembranças para vocês dois.

A fetuosamente, Aldous

* *Bannisteriopsis caapi*, também chamada *yagé*,

A MATTHEW E ELLEN HUXLEY' [SMITH 757]

3276 Deronda Drive, Los Angeles 28, Cal.

30 de setembro de 1956

... Julian e Juliette passaram duas semanas aqui, e nós vimos a paisagem científica aqui, em Caltech, em La Jolla e no Zoo de San Diego. Nos intervalos, ando trabalhando em três projetos – meu costumeiro artigo para a *Esquire*, meu discurso sobre a história da

tensão para a Academia de Ciências de Nova Iorque, e uma versão em comédia musical do *Admirável Mundo Novo* – pois todos me dizem que a ficção científica jamais pode dar certo no palco como peça séria, mas que será aceita quando o meio deixa de ser realístico e utiliza música e letras. Terminei o primeiro ato – reescrevendo totalmente o material produzido pelo Sr.(...), o adaptador inicial e ainda co-proprietário dos direitos. Mas antes pouco do que nada, e eu espero que, se o outro ato sair tão satisfatório quanto o primeiro, eu possa conseguir algo que vai dar certo. Estou tendo que modificar o original, já que a história terá que ser contada em forma tão abreviada – sessenta páginas de roteiro, ao passo que para uma peça normal são cento e vinte. Mas a poda vai ser um impressionante aperfeiçoamento...

Aqui está!

Epsilons (cantando)

Nada de mamãe, nada de papai;

Não somos sortudos, não somos felizes?

Todo o mundo é ah! tão feliz,

Todo o mundo é feliz agora!

Fartura de sexo, mas sem casamento;

Nada de carrinho de bebê para empurrar; Ninguém mais tem que mudar fraldas – Não somos sortudos, não somos felizes? Todo o mundo é feliz agora.

Drogas no chá e drogas no jantar,

Festa a noite inteira, e amor, e risadas;

Sem remorso, sem ressaca,

Onde está o pecado, e quem pode pecar?

Todo o mundo é feliz agora.

Muita comida e tempo para beber

Alguns coquetéis – não mais pensar,

NAO MAIS PENSAR, NAO MAIS PENSAR!

Todo o mundo é feliz agora.

A fetuosamente, Aldous

* Filho e nora de Huxley.

A. SRA. ELLEN HUXLEY [SMITH 761]

3276 Deronda Drive,
Los Angeles 28, Cal. 20 de novembro de 1965

Querida Ellen:

Obrigado por sua fascinante narrativa da experiência com mescalina. Humphry esteve aqui e nós conversamos um pouco sobre o acontecimento – mas senti que foi com uma certa reserva, como se alguma coisa tivesse acontecido, no que dizia respeito a ele, que ele não queria discutir com muita liberdade. Será que você sentiu o que eu senti tão fortemente nas ocasiões recentes em que tornei a substância – um avassalador sentimento de gratidão, um desejo de agradecer à Ordem das Coisas pelo privilégio daquela experiência, e também pelo privilégio – pois a gente sente que tem que ser, apesar de tudo – de viver em um corpo humano neste planeta especial? E há também o intenso sentimento de compaixão por aqueles que, por qualquer razão, impossibilitam a si mesmos de chegar a qualquer lugar próximo da realidade revelada pela droga – a realidade que está sempre lá para aqueles que estão no estado de espírito certo para percebê-la. Compaixão pelas pessoas que são rigidamente boas ou intelectuais em demasia, que vivem no mundo caseiro de seu próprio sistema ético e social, de suas próprias noções favoritas sobre que é que; e compaixão, no outro ex-tremo da escala, por aqueles que se cegam por excessivo egoísmo, pelo álcool e festas e TV. Uma parte da compaixão e uma parte da gratidão permanecem, mesmo depois de terminada a experiência. Nunca mais se é a mesma pessoa outra vez...

A fetuosamente, Aldous

A. SRA. ELLEN HUXLEY [SMITH 763]

3276 Deronda Drive, Hollywood, 28, Cal. 6 de dezembro de 1956

Querida Ellen:

Obrigado por sua carta. Sim, como é estranha também essa sensação da desimportância da morte, juntamente com a sensação da suprema importância da vida. As únicas pessoas que *não* tiram coisa alguma do LSD ou da mescalina são os psicanalistas. Há dois experimentadores aqui que deram a substância a alguns freudianos. Nenhum deles sentiu alguma coisa positiva – a não ser um deles, que disse que quando foi ao banheiro sentiu que “suas excreções cheiravam mais forte e mais doce”. O corpo de Sig Freud jaz criando limo na cova, mas sua alma, ou seu ânus, continua marchando.

Estou enviando um cheque para você comprar presentes de Natal para todos, de acordo com os gostos. É muito mais fácil que remeter pacotes e, espero, vai satisfazer a todos.

Muito amor para todos vocês.

A fetuosamente, Aldous

Capítulo 20

1956

A História da Tensão

ALDOUS HUXLEY

O discurso a seguir foi pronunciado em uma conferência na qual a maioria dos trabalhos lidos referiam-se ao novo agente tranqüilizante meprobamata (Miltown). Foi outra ocasião na qual Huxley foi a voz solitária do mundo das letras numa reunião de médicos e cientistas. Sua monografia “refere-se ao uso de certos compostos químicos que produzem certas alterações de consciência e assim permitem uma certa autotranscendência e um alívio temporário da tensão”. Não menos que sete entrevistas no rádio e na televisão estavam marcadas para ele quando ele chegou a Nova Iorque para a conferência.

O Título deste trabalho é um tanto enganoso, pois estritamente falando, a história da tensão não existe. A tensão é uma forma de doença; e as doenças, como tal, estão fora do campo da história. Não existe, por exemplo, uma dor de estômago medieval, nem uma infecção focal especificamente neolítica, uma nevralgia caracteristicamente vitoriana ou uma epilepsia do *New Deal*. No que se refere ao paciente, os sintomas de sua doença são uma experiência inteiramente pessoal, uma experiência para a qual a vida pública das nações, os acontecimentos registrados nas manchetes ou discutidos em publicações científicas ou críticas literárias são totalmente estranhos. Política, cultura, a marcha da civilização, todas as maravilhas da natureza, todos os triunfos da arte, da ciência e da tecnologia – essas coisas existem para os sãos, não para os doentes. Os doentes só têm consciência de suas dores e seus sofrimentos particulares, só daquilo que acontece dentro das quatro paredes do quarto. Para eles o universo infinito contraiu-se até um ponto; nada permanece dele a não ser seus próprios corpos sofredores, suas próprias mentes anestesiadas ou atormentadas. A doença como uma experiência real é mais ou menos independente de tempo ou lugar. Consequentemente, não pode haver uma história da doença como experiência; só pode haver uma história da medicina – isto é, uma história das teorias sobre a natureza das doenças e das receitas empregadas em épocas diferentes para seu tratamento, juntamente com uma história dos meios pelos quais sociedades organizadas reagiram aos problemas da doença dentro da comunidade.

Enquanto a tensão, como doença psicossomática, não tem história, pelo menos algumas das causas da tensão são de domínio público e podem ser tema de um estudo histórico. A mesma coisa acontece com os métodos sancionados pelas várias sociedades para a prevenção e o alívio da tensão. O assunto é vasto; meu tempo é curto, e minha ignorância enciclopédica. Assim sendo, não vou tentar discutir todos os fatores históricos associados à tensão, mas vou me limitar àqueles que são mais fáceis e, ao mesmo tempo, mais importantes para os problemas com que hoje nos defrontamos.

Vou começar com o que *não* vou mencionar. Não vou falar, a não ser, talvez,

incidentalmente, sobre as causas históricas da tensão. Isso acarretaria a discussão de dois temas vastos e complexos – a transformação de padrões culturais e a relação que subsiste entre uma dada cultura e os indivíduos educados dentro dela.

Correndo o risco de cair num daqueles Pecados Originais do intelecto, hipersimplificação e hiperabstração, vou resumir todo este assunto em uma generalização ampla e abrangente. A tensão, eu diria, surge em pessoas que, por causa de algumas fraquezas congênitas ou adquiridas, são incapazes de lidar com certas situações difíceis. Essas situações difíceis são produzidas pelo conflito – conflito entre os impulsos fundamentais de auto-afirmação e sexo por um lado, e o impulso igualmente fundamental de gregarismo por outro lado. O impulso ao gregarismo é canalizado pela sociedade, sancionado pela tradição e racionalizado em termos de religião e filosofia; daí a intrusão de fatores históricos numa situação que, no nível animal, seria exclusivamente biológica. A doença da tensão parece ter surgido sob todas as condições culturais – em culturas de vergonha assim como em culturas de culpa, em culturas primitivas não menos que em culturas altamente desenvolvidas – e métodos fundamentalmente semelhantes para o alívio da tensão foram desenvolvidos em todas as sociedades das quais temos algum conhecimento. É desses métodos para o alívio da tensão que vou tratar neste trabalho.

Como todas as outras doenças, a tensão tende a estreitar a consciência do paciente até que, em casos extremos, ele só tem consciência de si mesmo. Doenças graves modificam profundamente a personalidade de suas vítimas. Para essa personalidade modificada, a diminuição produzida pela doença logo chega a parecer quase normal, e é aceita como natural. A tensão não é uma doença severa, e aqueles que sofrem de tensão estão suficientemente bem para sentir e sofrer do restritivo egocentrismo imposto a eles por sua desordem psicossomática. São como aquelas almas perdidas cujo castigo é, nas palavras do grande poeta católico Gerard Manley Hopkins, “serem seus eus suados, mas piores”. A vítima da tensão sabe e é agudamente afligida por sua sensação de ser seu eu suado, mas pior. E aqui podemos declarar que mesmo pessoas saudáveis são freqüentemente afligidas pela percepção de que estão condenadas a ser os indivíduos separados, isolados, que elas são tão inescapavelmente. Os neuróticos detestam ser seus eus suados, mas piores. As pessoas normais detestam ser seus eus suados, ponto final. Um dos sintomas mais desagradáveis da tensão é simplesmente a aflição normal de ser um universo-ilha elevado, por assim dizer, a uma força maior. O homem é um egoísta que adora a si próprio, mas um egoísta que freqüentemente sente um intenso desagrado pelo objeto de sua adoração idólatra. Correlacionado com esse desagrado pelo adorado ego, existe em todos os seres humanos uma necessidade de autotranscendência, um desejo de escapar da prisão da personalidade, uma ânsia de tornar-se outra coisa e maior que o Eu tão conhecido, uma suscetibilidade à nostalgia por um mundo superior, ou pelo menos diferente do universo entediante ou doloroso da realidade cotidiana. O homem religioso tem atribuído esse impulso universal para a autotranscendência a uma ânsia inata e profunda pelo divino. O biólogo vê o assunto de maneira um tanto diferente, e atribui o desejo do homem à autotranscendência aos efeitos de seu gregarismo inato. O indivíduo ânsia por misturar-se ao rebanho, mas ele é egocentrista demais para ser capaz de sustentar a tentativa durante muito tempo. Portanto, ele fica condenado a viver num estado de insatisfação crônica, ansiando constantemente por algo que, na própria natureza das coisas, ele nunca pode ter.

Essas duas explicações não são mutuamente exclusivas, e eu me inclino a achar que ambas são parcialmente corretas. Mas, seja como for, os fatos que elas tentam explicar são fatos genuínos. Há mesmo um impulso de autotranscendência e com ele um desagrado

profundo pelo eu isolado, um desagrado que, nas vítimas de tensão, torna-se agudo e doloroso. Em todas as culturas humanas, certos métodos de alcançar uma autotranscendência temporária, e assim aliviar a tensão, tem sido desenvolvidos e sistematicamente empregados. Esses métodos podem ser classificados sob alguns títulos abrangentes. Há os métodos químicos, os métodos musicais e ginásticos, os métodos que dependem da sujeição dos indivíduos isolados à influência de multidões, os vários métodos religiosos e, finalmente, os métodos cujo objetivo é a auto-transcendência mística – as várias iogas e exercícios espirituais de tradições orientais e acidentais. Seriam necessárias várias horas para fazer justiça a todos esses estratégias, e eu devo me limitar a discutir apenas dois deles, os mais populares e os mais difíceis de se controlar, e que são: o método químico e o que pode ser chamado de método da multidão.

Esta monografia relaciona-se ao uso de certos compostos químicos que produzem certas alterações de consciência e assim permitem uma certa medida de autotranscendência e um alívio temporário da tensão. Essas drogas tranqüilizantes são simplesmente os últimos aditamentos a uma longa lista de produtos químicos que têm sido usados desde tempos imemoriais para alertar a qualidade da consciência, tornando assim possível um certo nível de autotranscendência e um alívio temporário da tensão. Vamos nos lembrar sempre que, enquanto a farmacologia moderna nos deu uma série de novos sintéticos, ela não fez nenhuma descoberta básica no campo das drogas naturais; simplesmente aperfeiçoou os métodos de extração, purificação e combinação. Todos os sedativos, narcóticos, eufóricos, alucinógenos e excitantes que ocorrem naturalmente foram descobertos há milhares de anos, antes da aurora da civilização. Isto é certamente um dos fatos mais estranhos nesse longo catálogo de improbabilidades conhecido como história humana. É evidente que o homem primitivo experimentou todas as raízes, galhos, folhas e flores, todas as sementes, as castanhas, os frutos e os fungos em seu ambiente. A farmacologia é mais velha que a agricultura. Há uma boa razão para crer que até mesmo nos tempos paleolíticos, quando ainda -era caçador e colhedor de comida, a homem matava seus inimigos animais e humanos. com flechas' envenenadas. No final da Idade da Pedra ele se envenenava sistematicamente. A presença de cabeças de papoulas nos lixos das cozinhas dos Habitantes do Lago Suíço mostra quão cedo o homem descobriu em sua História as técnicas de autotranscendência através das drogas. Havia viciados em drogas muito antes de haver fazendeiros.

Deixem-me mencionar aqui um fato de alguma importância. Para aliviar a tensão, um composto químico não precisa ter as características de um tranqüilizante. O álcool, por exemplo, está longe de tranqüilizar, pelo menos nos estágios medianos da intoxicação, e tem aliviado tensões desde que Noé fez sua descoberta que marcou época. A autotranscendência pode ser conseguida tanto com um excitante como com um narcótico ou um alucinógeno. A tensão é aliviada não apenas por drogas contemplativas como o ópio, o peiote, a *kawa* e a *ayahuasca*, mas também por intoxicantes de extroversão como o vinho, o haxixe, o *soma* da antiga Índia. Fisiológica e socialmente falando, algumas drogas são muito menos danosas que outras, e devem portanto ser preferidas, embora tais considerações puramente utilitárias nunca tenham tido muito peso para a pessoa que toma drogas. Para ela, qualquer coisa que produza uma certa medida de auto-transcendência e liberação parece boa. Contanto que funcione aqui e agora, quem se importa com o que possa acontecer mais tarde?

Em suas *Variedades da experiência religiosa*, William James diz: “A influência do álcool sobre a humanidade deve-se, inquestionavelmente, a seu poder de estimular as

faculdades místicas da natureza humana, geralmente esmagadas pelos frios fatos e secas críticas da hora sóbria. A sobriedade diminui, discrimina e diz não; a embriaguez expande, une e diz sim. É, na verdade, o grande excitante da função *Sim* do homem. Traz seus devotos da gélida periferia das coisas para o seu âmago radiante. Torna-o, naquele momento, uno com a verdade. Não é por mera perversidade que os homens correm atrás dela. Para os pobres e os iletrados ela toma o lugar de concertos sinfônicos e literatura. É parte do mistério e da tragédia mais profundos da vida que vislumbres de coisas que imediatamente reconhecemos como excelentes sejam concedidas a tantos de nós apenas nos fugazes primeiros estágios do que em sua totalidade é um veneno tão degradante. A consciência embriagada é uma pequena parte da consciência mística, e nossa opinião total sobre ela tem que encontrar seu lugar em nossa opinião do total bem maior.”

Em outro trecho de *Variedades* James cita a frase de um de seus amigos médicos: “Não há cura para a dipsomania, a não ser a religiomania.” Desse modo um tanto epigramático demais, essas palavras expressam uma verdade que a experiência coletiva dos Alcoólicos Anônimos tem confirmado amplamente. A experiência mística está para a embriaguez na relação do inteiro para a parte, da saúde para a doença. Pois para o alcoólatra, como para o místico, há uma abertura de portas, passando ao largo do que chamei de válvula redutora cerebral, a função normal do cérebro que limita nossos processos mentais a uma consciência, na maior parte do tempo, do que é biologicamente útil. Para ambos há um vislumbre de alguma coisa transcendente ao mundo da experiência cotidiana – aquele mundo estreito e utilitário que nossa consciência centralizada em si mesma seleciona do tesouro infinito das potencialidades cósmicas. O que o bêbado vê nas primeiras fases da intoxicação é imediatamente reconhecido como excelente. O que não é excelente é o método particular para alcançar essa experiência transcendental.

O álcool é uma das drogas alteradoras de consciência mais antigas e certamente a mais usada. Infelizmente ela é pouco eficaz e, ao mesmo tempo, é uma droga perigosa. Há maneiras diferentes e melhores do que embebedar-se para atingir os mesmos resultados intrinsecamente excelentes. Algumas dessas maneiras são químicas, outras são psicológicas. Outras envolvem jejum, insônia voluntária e várias formas de autotortura. Todos esses métodos modificam a química normal do corpo e assim facilitam um caminho que evite a válvula redutora do cérebro e uma fuga temporária à prisão do eu isolado. Um dia, quando a psicologia se tornar uma ciência genuína, todos esses métodos tradicionais de produzir a autotranscendência serão examinados sistematicamente, e seus respectivos méritos e defeitos serão verificados acuradamente. No presente, temos que nos contentar com o conhecimento fragmentado que agora nos é disponível.

A caracterização feita por William James do álcool como um excitante das faculdades místicas é confirmada de modo impressionante pelo que os próprios místicos dizem de suas experiências extáticas. Na literatura mística do Islã, são empregadas constantemente metáforas derivadas do vinho e do ato de beber vinho. Metáforas exatamente iguais são encontradas nos escritos de alguns dos maiores santos cristãos. Assim, São João da Cruz chama sua alma de *la interior bodega de mi Amado* – a adega interior de meu Amado. E Santa Teresa de Avila nos diz que ela “vê o centro de nossa alma como uma adega, onde Deus nos admite quando e como Lhe agrada, para nos embebedar com o vinho delicioso de Sua Graça”.

A experiência da autotranscendência e do alívio da tensão, produzida pelo álcool e por outros produtos químicos que alteram a consciência, é tão maravilhosa, tão abençoada e agradável, que os homens acharam bastante natural identificar essas drogas às quais devem

sua felicidade momentânea com um ou outro de seus deuses. Disse Karl Marx: “A religião é o ópio do povo”. Seria pelo menos tão verdadeiro dizer que o ópio é a religião do povo. Alguns poucos místicos compararam o estado de êxtase à embriaguez, mas inúmeros bebedores, fumantes, mascadores e cheiradores conseguiram uma forma de liberação extática através do uso de drogas. As qualidades sobrenaturais desse estado mental são projetadas para fora, sobre as drogas que o produziram. Assim sendo, na Grécia o vinho não era apenas consagrado a Dionísio; o vinho *era* Dionísio. Baco era chamado Theinos – Vinhodeus – uma única palavra igualando o álcool à divindade, a experiência da embriaguez ao espírito santo. Diz Eurípedes: “Tendo nascido deus, Baco é vertido em libações aos deuses, e através dele, os homens recebem o bem.” Esse bem, segundo os gregos, era de muitas espécies – saúde física, iluminação mental, o dom da profecia, a sensação extática de unidade com a divina verdade. Similarmente, na antiga Índia, o suco da planta *soma* (qualquer que tenha sido essa planta) não era meramente consagrado a Indra, o deus-herói das batalhas; ele *era* Indra. E ao mesmo tempo era o *alter ego* de Indra, um deus em si mesmo. Muitos exemplos semelhantes dessa identificação de uma droga que altera a consciência com um deus qualquer do panteão local poderiam ser citados. Na Sibéria e na América Central várias espécies de cogumelos alucinógenos são encarados como deuses. Os indígenas do sudoeste dos Estados Unidos identificaram o cacto do peiote como divindades nativas e, em anos recentes, com o Espírito Santo da teologia cristã. Nos tempos clássicos, os bárbaros do norte que bebiam licor de malte veneravam sua cerveja sob o nome de Sabazio. A cerveja era também um deus para os povos celtas, como o hidromel parecia divino aos escandinavos e aos teutões. Na AngloSaxônia, a idéia de catástrofe, de pânico, de horror e desastre definitivos é dada por uma palavra cujo significado literal é “a falta de hidromel”. Em quase toda parte o consumo de drogas que alteram a consciência tem sido associado, em algum tempo, com o ritual religioso. Beber, mascar, inalar e cheirar têm sido considerados atos sacramentais, sancionadas pela tradição e racionalizados em termos da teologia predominante. No mundo muçulmano, o álcool era proibido, mas o impulso à autotranscendência não podia ser reprimido, e havia e ainda há lugares no mundo muçulmano em que o consumo de *Cannabis indica* não só é sancionado pela sociedade, mas foi até transformado numa espécie de rito religioso. Certos autores maometanos vêem no haxixe o equivalente ao pão e vinho sacramentais dos cristãos. Entre os judeus, muitos esforços foram feitos para dar uma sanção religiosa ao vinho. Jeremias fala da “taça da consolação” que era administrada aos aflitos. Amós fala de homens que bebiam vinho na casa de seu Deus. Micah tem algumas palavras ásperas para que aqueles que em seu tempo costumavam profetizar sob a influência do álcool. Isaías denuncia os sacerdotes e profetas que “erraram por causa de bebidas fortes”. Eles erraram, ele diz, “em visão”. Tradicionalmente, Dionísio era o deus da profecia e da inspiração, mas infelizmente as revelações do álcool não são inteiramente confiáveis.

Da autotranscendência por meios químicos, passamos agora à autotranscendência por meios sociais. O indivíduo faz contato direto com a sociedade de dois modos – como membro de um grupo familiar, profissional ou religioso, ou como membro de uma multidão. Um grupo tem uma finalidade e é estruturado; uma multidão é caótica, não serve a uma finalidade particular, e é capaz de qualquer coisa exceto de ação inteligente. Usando uma analogia que não é muito enganosa, podemos dizer que o primeiro é um órgão do corpo político, a segunda é uma espécie de tumor, geralmente benigno, mas às vezes horrivelmente maligno. A maior parte da vida da maioria das pessoas é passada em grupos. A participação em atividades de multidão é um acontecimento relativamente raro. Isso é bom, pois os indivíduos em meio a uma multidão são diferentes, e piores sob todos os

aspectos, do que indivíduos isolados ou dentro de grupos organizados e dotados de uma finalidade. Um homem na multidão perde sua identidade pessoal e é por isso, é claro, que ele gosta de estar em multidões. A identidade pessoal é a coisa que ele quer transcender, à qual ele quer escapar. Infelizmente, os membros de uma multidão perdem mais do que suas identidades pessoais; eles perdem também sua capacidade de raciocínio e de escolha moral. Sua sugestionabilidade é elevada ao ponto em que eles deixam de ter opinião ou vontade própria. Eles se tornam muito excitáveis, perdem qualquer senso de responsabilidade individual ou coletiva, ficam sujeitos a ataques súbitos e violentos de ira, entusiasmo e pânico, e tornam-se capazes de perpetrar os atos de violência mais monstruosos e gratuitos – geralmente contra outros, mas às vezes contra si mesmos. Em uma palavra, um homem na multidão comporta-se como se tivesse engolido uma dose enorme de um intoxicante poderoso. Ele é vítima do que pode ser chamado envenenamento de massa. Como o álcool, o envenenamento de massa é uma droga ativa e extrovertida. Ela altera a qualidade da consciência individual na direção do frenesi, e torna possível um alto nível de autotranscendência descendente. O indivíduo embriagado pela massa escapa do eu isolado para uma espécie de irracionalidade.

Desde o princípio, os homens fizeram seu trabalho e levaram a cabo a importante tarefa de viver em grupos com finalidades. As multidões lhe proporcionam as férias psicológicas. Seu ali-mento principal tem sido derivado do grupo; o veneno da massa tem sido sua droga deliciosa. A religião sancionou e racionalizou em toda parte a intoxicação por envenenamento de massa, assim como sancionou e racionalizou o uso de agentes químicos que alteram a consciência. A declaração de Alfred North Whitehead, de que a “religião é o que o indivíduo faz com sua solidão”, só é verdadeira se resolvermos definir a religião como algo que, do ponto de vista histórico, ela nunca foi, exceto para uma pequena minoria. E a mesma coisa aplicar-se-ia a uma definição de religião em termos do que o indivíduo faz com sua experiência de estar num grupo pequeno e dedicado como os *Quakers* ou como “dois ou três reunidos em meu nome”, de que Cristo falou no Evangelho. A espiritualidade de pequenos grupos é uma forma muito elevada de religião, mas não é a única, ou a mais comum – é simplesmente a melhor. É bastante significativo o fato de Cristo ter prometido estar presente num grupo de dois ou três. Ele nunca prometeu estar presente numa multidão. Onde dois ou três milhares, ou duas ou três dezenas de milhares de pessoas estão reunidas, a presença que há é de uma espécie muito diferente e muito pouco crítica. No entanto, atividades de massa, como os congressos religiosos e as perseguições, são sancionadas e até mesmo ativamente encorajadas por líderes religiosos hoje em dia, assim como o eram no passado pagão. A razão é simples. A maioria das pessoas acha mais fácil atingir a autotranscendência e o alívio da tensão numa multidão do que em um grupo pequeno, ou sozinhas. Esses envenenamentos de massa em nome da religião não são particularmente benéficos; eles simplesmente proporcionam breves férias da autoconsciência isolada.

A história dos esforços do homem para encontrar a auto-transcendência na multidão é longa e, apesar de todas as suas peculiaridades, suas estranhas aberrações, é profundamente monótona. Das festas dos índios americanos à dança dos aborígenes australianos à mais recente explosão de *rock 'n roll*, as manifestações de envenenamento de massa exibem as mesmas características subumanas. No mínimo esses desempenhos são apenas grotescos em sua sub-humanidade; no máximo são grotescos e horríveis. Pensamos, por exemplo, nos festivais da deusa síria, durante os quais, sob a enlouquecedora influência do envenenamento de massa e de sugestão sacerdotal, os homens castravam a si próprios e as mulheres laceravam os seios. Pensamos no

menadismo grego, com seu despedaçamento de vítimas vivas. Pensamos nas saturnais romanas. Pensamos em todas as explosões de embriaguez de massa durante a Idade Média – as cruzadas infantis, as orgias periódicas de flagelações coletivas, e aquelas estranhas manias de dança na qual a autotranscendência através de envenenamento de massa combinava-se com a autotranscendência através da música repetitiva. Pensamos nos loucos festivais de fé, as correrias frenéticas daqueles que acreditavam que o fim do mundo estava próximo, o frenesi de iconoclastia em nome de Deus, da destruição sem senado pela causa do bem. Isso já é bastante ruim, mas há algo muito pior – a intoxicação de massa que é explorada pelo atizador das multidões para seus próprios fins religiosos ou políticos.

Na primavera de 1954, estando eu em Ismailia, no Canal de Suez, fui levado por meus anfitriões ao cinema local. O filme estava atraindo multidões extraordinárias, era *Júlio César* falado em inglês, mas com legendas árabes. Os espectadores prestavam uma atenção total, os olhos presos à tela. Por que razão, eu me indagava, esses árabes do século vinte estariam tão apaixonadamente interessados na narrativa, por um inglês do século XVI, de acontecimentos que tinham tido lugar em Roma no século I a.C.? E de repente era óbvio. César, Bruto, Antônio, todos aqueles políticos classe A lutando pelo poder e, nesse processo, adulando cinicamente e explorando uma turba proletária que eles desprezavam mas sem a qual não podiam passar, eram figuras inteiramente familiares e contemporâneas à platéia egípcia. O que tinha acontecido em Roma logo antes e logo depois do assassinato de César era muito parecido com o que vinha acontecendo semanas antes no Cairo, quando Naguib caiu, tornou a subir em triunfo e mais uma vez foi derrubado por um rival que sabia como jogar com as paixões da multidão, como fazer uso de seu entusiasmo bêbado e sua violência bêbada para seus próprios propósitos. Vendo a peça de Shakespeare, os espectadores de Ismailia encontraram-se vendo um relatório sem censura do último *coup d'état*.

Evidentemente, o maior virtuoso na arte de explorar os sintomas de envenenamento de massa foi Adolf Hitler. Os nazistas fizeram seu trabalho com perfeição científica. Todos os recursos da moderna tecnologia foram mobilizados para reduzir o maior número possível de pessoas ao mais baixo estado possível de autotranscendência descendente. Fonógrafos repetiam *slogans*. Altofalantes vertiam a música vibrante e fortemente ritmada cuja repetição enlouquece as pessoas. Aparelhos de som escondidos produziam vibrações subsônicas no ritmo crítico e mobilizante de quatorze ciclos por segundo. Métodos de transporte modernos eram usados para reunir milhares de fiéis sob holofotes em enormes estádios, e a voz do arqui-hipnotizador era irradiada por rádio para outros milhões.

“Alegria era naquela aurora estar vivo”. Assim descreveu Wordsworth sua experiência de envenenamento de massa nos primeiros e felizes meses da Revolução Francesa. Em nossa época, milhões de homens e mulheres, milhões de rapazes e moças entusiasmados têm tido experiências semelhantes. Para os membros assim envenenados das turbas que são usados para fazer revoluções e apoiar um poder ditatorial, a própria aurora do nazismo, do comunismo, parece alegre. Infelizmente, as auroras são seguidas por dias e noites laboriosos e com frequência desagradáveis. Nas horas finais da história revolucionária, a alegria costuma mostrar-se conspícua por sua ausência. Na momento do amanhecer, no entanto, ninguém jamais pensa no que provavelmente acontecerá à tarde. Como alcoólatras e viciados em morfina, as vítimas de envenenamento de massa só estão interessadas em liberar a autotranscendência aqui e agora. “Depois de mim o dilúvio”, eis o seu lema. E, certamente, o dilúvio chega com pontualidade.

Da história da tensão, vamos passar, concluindo, para o presente e o futuro. está

claro, eu acho, que o problema da tensão só estará completamente resolvido quando tivermos uma sociedade perfeita – isto é, nunca. Enquanto isso, é sempre possível encontrar soluções parciais e paliativos temporários. Vamos considerar algumas providências práticas que seria fácil tomar.

Em primeiro lugar, poderíamos incorporar ao nosso atual sistema de educação profundamente insatisfatório e decepcionante alguns cursos simples sobre a arte de controlar o sistema nervoso autônomo e a mente subconsciente. Como as coisas são agora, nós ensinamos às crianças os princípios da boa saúde, boa moral e bons pensamentos, mas não lhes ensinamos a agir de acordo com esses princípios. Nós insistimos para que façam boas resoluções, mas nada fazemos para ajudá-las a colocar essas re-soluções em prática. Uma das principais fontes de tensão é a consciência dolorosa de termos fracassado miseravelmente em fazer o que tínhamos que fazer. Se toda criança recebesse um treinamento do que Hornell Hart chamou de autocondicionamento, ajudaríamos mais o decoro geral e os bons sentimentos do que todos os sermões já pregados.

O passo seguinte a ser tomado tem caráter profilático. Os seres humanos anseiam pela autotranscendência, e embriagar-se com veneno de massa é um dos métodos mais eficazes para tirar férias do ego isolado e das cargas de responsabilidade. Enquanto eles se dedicam à intoxicação de massa em jogos de futebol e carnavais, em congressos religiosos e nos comícios de partidos políticos democraticamente organizados, nenhum mal é feito. Mas não podemos nos esquecer que os enfeitadores, os agitadores da multidão, os Hitlers em potencial, estão sempre conosco. Não podemos nos esquecer jamais que é muito fácil para tais homens transformar uma orgia inocente em um instrumento de destruição, em uma força selvagem e irracional dirigida para a derrubada da liberdade. Para impedi-los de explorar a intoxicação de massa visando a seus próprios objetivos sinistros, temos que estar perpetuamente em guarda. Parece duvidoso que um mundo habitado por Hitlers em potencial por um lado, e viciados em veneno de massa por outro lado, possa algum dia ser tornado completa-mente seguro para a racionalidade e o decoro, mas pelo menos podemos tentar torná-lo um pouco mais seguro do que ele é atualmente. Por exemplo, podemos dar às nossas crianças lições sobre os elementos de semântica geral. Podemos contar-lhes sobre os atroz perigos do pecado intelectual. Podemos fazê-las arrepiar-se, recitando-lhes as conseqüências desastrosas, para as sociedades e para os indivíduos, da supersimplificação, supergeneralização e da superabstração dos agitadores de massa. Podemos lembrá-las de viver no momento atual e pensar concreta e realisticamente, em termos de fatos observáveis. Podemos desvendar os segredos absurdos e vergonhosos da propaganda, e ilustrar nossas conferências com exemplos tirados da história da política, da religião e da indústria de propaganda. Um treinamento como esse seria eficaz? Talvez sim – ou talvez não. O veneno de massa é um intoxicante poderoso. Uma vez metidos em uma multidão, mesmo homens sensatos e direitos estão aptos a perder a razão e aceitar todas as sugestões, por mais disparatadas ou imorais, que lhes sejam dadas. Tudo o que podemos esperar conseguir é tornar mais difícil o trabalho do agitador de massa.

A terceira providência que devemos tomar será, na verdade, tomada, queiramos ou não. Uma vez que tenham sido plantadas as sementes da ciência, elas tendem a brotar e desenvolver-se de modo autônomo, segundo a lei de seus próprios seres, não segundo as leis de *nossos* seres. A farmacologia entrou agora num período de rápido crescimento, e parece bem certo que nos próximos anos serão descobertos vários métodos novos de alterar a qualidade da consciência. No que diz respeito ao ser humano, essas descobertas serão mais importantes, mais genuinamente revolucionárias, do que as recentes descobertas no

campo da física nuclear e sua aplicação em usos pacíficos. Se ela não nos destruir, a energia nuclear vai nos dar apenas mais do que nós já temos – energia barata, com seu corolário de mais aparelhos, projetos de irrigação mais amplos e transporte mais eficiente. Vai nos dar essas coisas a um preço muito alto – uma elevação na quantidade de radiação nociva, com seus corolários de mutações maléficas e um estrago permanente no código genérico humano. Mas os farmacologistas vão nos dar algo que a maioria rios seres humanos nunca teve antes. Se queremos alegria, paz e 'bondade, eles vão nos dar bondade, paz e alegria. Se queremos 'beleza, eles vão transfigurar o mundo exterior para nós e abrir-nos a porta para visões de riqueza e significação inimagináveis. Se nosso desejo é de vida eterna, eles vão nos dar algo próximo a isso – eternidades de experiência agradável, miraculosamente concentradas em uma única hora. Vão conceder esses dons sem exigir o preço terrível que, no passado, os homens tiveram de pagar para recorrer com demasiada freqüência a drogas que alternam a consciência, como a heroína ou a cocaína, ou mesmo o velho recurso do álcool. Já temos à nossa disposição alucinógenos e tranqüilizantes cujo preço fisiológico é impressionantemente baixo, e parece haver fortes razões para crer que os alteradores de consciência e os liberadores de tensão do futuro farão seu trabalho de modo ainda mais eficiente e a um custo ainda menor para o indivíduo. Os seres humanos serão capazes de atingir sem esforço o que no passado só podia ser atingido com dificuldade, por meio de autocontrole e exercícios espirituais. Será que isso vai ser uma coisa boa para os indivíduos e para as sociedades?

Ou vai ser uma coisa ruim? Essas são perguntas para as quais eu não tenho resposta. E devo acrescentar que ninguém mais a tem. Os esboços dessas respostas podem começar a aparecer na próxima geração. Enquanto isso, tudo o que se pode prever com um certo grau de certeza é que será necessário reconsiderar e reavaliar muitas de nossas opiniões tradicionais a respeito de ética e de religião, e muitos de nossos conceitos atuais sobre a natureza da mente, no contexto da revolução farmacológica. Será extremamente perturbador, mas será também enormemente divertido.

Capítulo 21

1957

Cartas

Huxley passou esse ano entre sua casa de Los Angeles e um hotel na cidade de Nova Iorque onde ele trabalhou no roteiro para a versão teatral de O gênio e a Deusa, e a versão em comédia musical de Admirável mundo novo. No final do ano ele tinha começado a escrever Admirável mundo novo revisitado (um livro inteiro, que não deve ser confundido com o artigo escrito para a Esquire). Ele não tomou substâncias psicodélicas em 1957, mas tomou grandes doses de niaeinamida sob a supervisão do Dr. Hoffer, numa tentativa de reduzir o nível de colesterol de seu sangue e assim conseguir a diminuição da catarata de seu olho direito. As cartas de Huxley nesse ano continuam a evidenciar sua preocupação com a natureza transcendental das experiências visionárias produzidas por substâncias psicoativas, inclusive doses leves de éter e de gás hilariante, e o valor da mescalina na pesquisa da hipnose das Percepções Extra-Sensoriais (PES), baseada em estudos preliminares.

A PHILIP B. SMITH'

3276 Deronda Drive Los Angeles 28, Col.

20 de maio de 1957

[...] Parece evidente que anestésicos como a mescalina e o LSD “abrem uma porta” que dá acesso a áreas da mente das quais não temos, ou temos muito pouco, ou só ocasionalmente, conhecimento. Nessa área da mente podemos encontrar experiências visionárias, às vezes teráveis, mas com mais freqüência (se estivermos física e psicologicamente saudáveis) bonitas e esclarecedoras. Podemos também encontrar o que os místicos chamam de “conhecimento obscuro” sobre a natureza do universo – uma “sensação de alguma coisa bem mais profundamente entremesclada” (no dizer de Wordsworth), uma sensação de que o Todo está presente em cada coisa individual, o Absoluto em todos os relativos. É associada a esse conhecimento obscuro pode vir uma nova espécie de apreensão, na qual a relação tradicional de sujeito-objeto é de alguma forma transcendida, e há uma consciência do eu e do mundo exterior como sendo um só. Com freqüência há também uma experiência real de verdades (são *conhecidas* como verdades), que, quando apresentadas em termos conceituais à mente em seu estado normal, parecem incompreensíveis e absurdas. Tais declarações como “Deus é amor” são percebidas com a totalidade do ser do indivíduo, e sua verdade parece evidente por si mesma, apesar da dor e da morte. Isso é acompanhado de uma intensa gratidão pelo privilégio de existir neste universo. (Blake disse que “a gratidão é o próprio céu” – uma frase que eu era incapaz de

entender antes de tomar LSD, mas que agora me parece luminosamente compreensível.) Drogas diferentes dão acesso a áreas diferentes desse Outro Mundo da mente – ou pelo menos tornam mais fácil atingir uma área do que outra. No entanto, é surpreendente ver como as experiências produzidas por substâncias químicas diferentes correspondem intimamente umas às outras. A mescalina é diferente do LSD, e ambos são diferentes da substância ativa do cogumelo descrito por Gordon Wasson. Mas as experiências produzidas são bem semelhantes. E, por sua vez, essas experiências produzidas por drogas são bem semelhantes às experiências que vêm espontaneamente a certas pessoas e que em outras foram produzidas por "exercícios espirituais" e métodos similares psicofísicos para alterar a química, tais como jejum, insônia prolongada, mortificação violenta da carne. Nem devemos nos esquecer dos efeitos do "meio ambiente restrito". O que homens como Hebb e Lilly estão fazendo em laboratório foi feito pelos eremitas cristãos no Tebaida e em outros lugares, e pelos eremitas hindus e tibetanos nas remotas escarpas do Himalaia. Minha própria crença é de que essas experiências realmente nos dizem alguma coisa sobre a natureza do universo, que elas são valiosas por si mesmas e, acima de tudo, valiosas quando incorporadas à nossa imagem do mundo e refletidas em nossas ações na vida normal. O efeito da experiência mística sobre a vida normal tem sido considerada em toda parte como o teste da validade da experiência.

* Não se encontra em G. Smith. Publicada em P. B. Smith, *Chimiical glimpses of reality* (Vislumbres químicos da realidade), (Springfield, Charles Thomas, 1972), p. 86-87.

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 774]

3276 Deronda Deve Los Angeles 28, Cal. 1º de junho de 1957

Caro Hamphry,

[...] Enquanto isso, o que você diz aos planos de Eileen (que ela disse que ia lhe escrever explicando) para uma tranqüila série de experiências na casa da Sra. Bolton, na Flórida, no próximo inverno? Parecem-me muito bons, e se você pudesse vir pelo menos durante uma parte da duração da experiência, poderia ser possível conseguir alguma coisa importante. Usando as mesmas pessoas numa série regular de testes, talvez seja possível uma exploração realmente sistemática de seus outros mundos. Será também possível ver o que se pode fazer combinando hipnose com LSD ou mescalina. O Dr. L. J. West, da Faculdade de Medicina da Universidade de Oklahoma, esteve aqui há algumas semanas – am rapaz extremamente preparado, eu acho. Ele descobriu que pessoas mescalinizadas são quase não-hipnotizáveis. Sugerir-lhe que hipnotizasse as pessoas antes que elas tornassem LSD, e lhes desse sugestões pós-hipnóticas dirigidas a orientar a experiência produzida pela droga numa direção desejada, e também à meta muito desejável de permitir que as pessoas recapturem a experiência do LSD por meios puramente psicológicos, depois de sua volta à consciência normal, e sempre que assim o desejem. O fato de que essa espécie de experiência ocorra em algumas pessoas espontaneamente indica que os agentes químicos não são indispensáveis, e pode ser que o inconsciente possa ser persuadido, por meio de

sugestões pós-hipnóticas, repetidas várias vezes se for necessário, a abrir a porta sem a ajuda de chaves químicas. Um cenário como o que Eileen imagina seria ideal para essa espécie de experiência. Seria ótimo se você pudesse ir até a Flórida para supervisionar pelo menos a fase inicial do trabalho.

Há poucos dias recebi uma carta de outro médico do Oklahoma, o Dr. Philip Smith, que vem fazendo experiências com anestésicos tais como o éter, o gás hilariante, etc. – testando os efeitos psicológicos de doses leves. Ele evidentemente obteve bons resultados, e escreveu-me perguntando se eu conhecia alguma indicação bibliográfica sobre o assunto. Conheço muito poucas, e ele disse que na bibliografia médica elas são notavelmente escassas. É evidente, pelo pouco que há, que aqui existe outra chave para a porta para o outro mundo.

Enquanto eu estava em Nova Iorque almocei com Wasson em seu Templo de Mamon. [...] ele tem trabalhado enormemente em seu assunto, e o material reunido em seus enormes tomos é mulato curioso e sugestivo. No entanto, ele gosta mesmo, como você diz, de pensar que seus cogumelos são de algum modo únicos e infinitamente superiores a tudo mais. Ten-tei desiludi-lo. Mas ele gosta de sentir que tomou posse do Onico psicodélico – não aceite sucedâneos, só é genuíno aquele que é vendido com assinatura do inventor.

Vi também em Nova Iorque o velho e querido Suzuki. Que velhinho realmente maravilhoso! Você leu o livro mais recente dele. sobre *Misticismc, cristão e budista?* É muito bom. E ainda melhor é um pequeno folheto publicado pela Sociedade Budista de Londres, chamado *Essence of Buddhism* (A essência do budismo). ate último é realmente admirável. Faz a gente per-ceber como esses budistas do Extremo Oriente são mais sutis, em assuntos de psicologia, do que qualquer pessoa no Ocidente. Eles sabem tudo sobre “experiências existenciais” e os horrores da situação humana como vêm, descritos por Sartre, Camus e os demais – e sabem como atravessar para o outro lado, onde todo o relativo manifesta a igualdade absoluta, e onde a Igualdade é idêntica à *mahakaruna*, a Grande Compaixão...

Do seu, afetosamente, Aldous

A J. B. RHINE [SMITH 777]

The Shoreham, Nova York 19, N.Y.

19 de setembro de 1957

Caro J. B.,

Obrigado por suas cartas de 15 de agosto, que me encontram em Nova Iorque, lutando com os trabalhos preliminares da produção de uma peça.

A única informação sobre os efeitos de LSD sobre a PES vem de meu amigo, o Dr. Humphry Osmond, que descobriu que parecia haver uma relação telepática entre ele e outro homem, enquanto ambos estavam sob a influência da droga. Eles, no entanto, não fizeram

nenhum teste sistemático. E o problema é que pessoas sob o LSD ou a mescalina geralmente estão em um estado de experiência mais intensa, mais significativa – um estado no qual podem tornar-se extremamente impacientes com a tolice erudita de estatísticas, experiências repetidas, precauções científicas, perguntas por parte de pesquisadores, etc. É mais ou menos como pedir a alguém que está embebedado em escutar um Prelúdio e Fuga de Bach, ou está fazendo amor, que responda a um questionário. Os seres humanos, como você certamente verificou, não são cobaias muito boas, exceto nos níveis mais rudimentares de sua atividade vital.

Cordialmente Aldous H.

Capítulo 22

1958

Persuasão Química

ALDOUS HUXLEY

Admirável mundo novo revisitado baseia-se numa série de artigos originalmente publicados no início de 1958 como um suplemento ao *Newsday*. Em uma carta a seu irmão Julian, Aldous descreve o assunto – prova contemporânea de que se cumpriu sua profecia de 1932 sobre o controle da mente sob um estado totalitário através do uso de drogas e outros meios – como “curioso e deprimente”. No capítulo seguinte do livro, Huxley elucida a distinção entre o soma dos antigos invasores arianos da Índia e o soma de Admirável Mundo Novo, que não tem “nenhuma das desvantagens do original hindu”, e era “um dos mais poderosos instrumentos de poder no arsenal do ditador”. Ele fornece uma excelente análise das drogas psicoativas e sua potencialidade para o bem e para o mal. De passagem ele mostra familiaridade com as descobertas do Relatório LaGuardia, publicado em 1944 mas proibido por causa de sua conclusão de que a maconha não causava perigos graves à sociedade (não há prova de que Huxley tenha experimentado maconha).

No Admirável Mundo Novo de minha fábula não havia uísque, nem tabaco, nem heroína ilícita, nem cocaína manufaturada em casa. As pessoas não fumavam, nem bebiam, nem cheiravam, nem se aplicavam injeções. Quando alguém se sentia deprimido ou desanimado, engolia um tablete ou dois de um composto químico chamado *soma*. O *soma* original, de onde tirei o nome dessa droga hipotética, era uma planta desconhecida (possivelmente a *Asclepias acida*) usada pelos antigos invasores arianos da Índia em um de seus ritos religiosos mais solenes. O suco intoxicante extraído do caule dessa planta era bebido pelos sacerdotes e pelos nobres durante uma cerimônia elaborada. Nos Cânticos Vedas diz-se que os bebedores de *soma* eram abençoados de muitas maneiras. Seus corpos eram fortalecidos, seus corações se enchiam de coragem, alegria e entusiasmo, suas mentes eram iluminadas e, numa experiência direta de vida eterna, eles recebiam a certeza de sua imortalidade. Mas o suco sagrado tinha suas desvantagens. O *soma* era uma droga perigosa – tão perigosa que até mesmo o grande deus-céu, Indra, às vezes adoecia por bebê-la. Os mortais comuns podiam até morrer por uma dose excessiva. Mas a experiência era tão transcendentalmente maravilhosa e iluminadora que beber *soma* era considerado um alto privilégio. Para esse privilégio, nenhum preço era alto demais.

O *soma* de *Admirável Mundo Novo* não tem as desvantagens de seu original indiano. Em pequenas doses ela trazia uma sensação de contentamento, em doses maiores provocava visões e, se a pessoa tomasse três tabletas, mergulharia em poucos minutos num sono refrescante. E tudo sem custo fisiológico ou mental. Os habitantes do Admirável Mundo Novo podiam tirar férias de seus maus-humores, ou dos aborrecimentos familiares da vida cotidiana, sem sacrificar sua saúde ou reduzir de modo permanente sua eficiência.

No *Admirável Mundo Novo* o hábito do *soma* não era um vício particular; era uma instituição política, era a própria essência da Vida, da Liberdade e da Busca à Felicidade garantidas pela Declaração de Direitos Humanos. Mas esse mais precioso dos privilégios inalienáveis do indivíduo era ao mesmo tempo um dos mais poderosos instrumentos de poder no arsenal do ditador. A administração sistemática de drogas em indivíduos para o bem do Estado (e incidentalmente, é claro, para seu próprio deleite) era o principal alicerce na política dos Controladores Mundiais. A ração diária de *soma* era um seguro contra o desajuste pessoal, a inquietação social e a disseminação de idéias subversivas. Karl Marx declarou que a religião é o ópio do povo. No *Admirável Mundo Novo* essa situação foi invertida. O ópio, ou melhor, o *soma*, era a religião do povo. Como a religião, a droga tinha o poder de consolar e compensar, provocava visões de um outro mundo melhor, oferecia esperança, fortalecia a fé e promovia a caridade. Um poeta escreveu que a cerveja

*... faz mais do que Milton pode fazer
para justificar ao homem a vontade de Deus.*

e vamos nos lembrar que, comparada com o *soma*, a cerveja é uma droga da espécie mais primitiva e pouco confiável. Nesse caso de justificar ao homem a vontade de Deus, o *soma* está para o álcool como o álcool está para os argumentos teológicos de Milton.

Em 1931, quando eu estava escrevendo sobre esse sintético imaginário por meio do qual as gerações futuras tornar-se-iam felizes e dóceis, o famoso bioquímico americano Dr. Irvine Page estava-se preparando para partir da Alemanha, onde tinha passado três anos no Instituto Kaiser Wilhelm, trabalhando na química do cérebro. “É difícil compreender”, escreveu o Dr. Page num artigo recente, “por que demorou tanto para que os cientistas chegassem a investigar as reações químicas em seus próprias cérebros. Falo”, ele acrescenta, “por aguda experiência própria. Quando voltei para casa em 1931 [...] não consegui arranjar um emprego nesse campo (o campo da química cerebral) ou despertar o mínimo interesse por ele.” Hoje em dia, vinte e sete anos mais tarde, o não-existente mínimo interesse transformou-se numa onda de pesquisa bioquímica e psicofarmacológica. As enzimas que regulam a atuação do cérebro estão sendo estudadas. Dentro do corpo, substâncias químicas até agora desconhecidas, como o adrenocromo e a serotonina (da qual o Dr. Page foi co-descobridor) foram isoladas e seus efeitos de longo alcance em nossas funções físicas e mentais estão sendo agora investigados. Enquanto isso, novas drogas estão sendo sintetizadas – drogas que reforçam, corrigem ou interferem com a atuação de várias substâncias químicas, por meio das quais o sistema nervoso produz seus milagres diários e horários como controlador do corpo, o instrumento e mediador da consciência. De nosso ponto de vista atual, o fato mais interessante sobre essas drogas novas é que elas alteram temporariamente a química do cérebro e o estado mental associado sem causar dano permanente ao organismo como um todo. Nesse aspecto elas são como o *soma* – profundamente diferentes das drogas alteradoras da mente que havia no passado. Por exemplo, o tranqüilizante clássico é o ópio. Mas o ópio é uma droga perigosa que, dos tempos neolíticos até os dias de hoje, tem causado dependência e arruinado a saúde. A mesma coisa é verdade do eufórico clássico, o álcool – a droga que, nas palavras do salmista, “torna alegre o coração do homem”. Mas infelizmente o álcool não apenas torna alegre o coração do homem; em doses excessivas, ele também causa doenças e dependência, e tem sido a maior fonte, nos últimos oito ou dez mil anos, de crimes, in-

felicidades domésticas, degradação moral e acidentes evitáveis.

Entre os estimulantes clássicos, o chá, o café e o mate são, graças a Deus, quase completamente inofensivos. São também estimulantes muito fracos. Ao contrário dessas “taças que alegram mas não inebriam”, a cocaína é uma droga muito pode-rosa e perigosa. Aqueles que fazem uso dela têm que pagar por seus êxtases, suas sensações de poder físico e mental ilimitadas, com fases de depressão dolorosa, com sintomas físicos horríveis; tais como a sensação de estar sendo infestado por milhares de insetos rastejantes e por delírios paranóicos que podem levar a crimes de violência. Outro estimulante de safra mais recente é a anfetamina, mais conhecida sob seu nome comercial de Benzedrina. A anfetamina age muito eficazmente – mas age, se houver abuso, à custa da saúde física e mental. Foi declarado que no Japão há agora mais ou menos um milhão de viciados em anfetamina.

Das drogas clássicas que produzem visões, as mais conhecidas são o peiote do México e do sudoeste dos Estados Unidos e a *Cannabis sativa*, consumida em todo o mundo sob nomes como haxixe, bhang, kif, marijuana e maconha. Segundo os mais sérios testemunhos médicos e antropológicos, o peiote é muito menos maléfico do que o gim ou o uísque do Homem Branco. Ele permite aos índios que o usam em seus ritos religiosos entrar ao paraíso, e sentir-se unidos à amada comunidade, sem fazê-los pagar pelo privilégio com algo pior que a tortura de ter que mastigar uma substância de sabor horrível e sentir-se um tanto nauseado durante uma ou duas horas. A *Cannabis sativa* é uma droga menos inócua – embora nem um pouco tão maléfica quanto os sensacionalistas gostariam que acreditássemos. O Comitê Médico, designado em 1944 pelo Prefeito de Nova Iorque para investigar o problema da maconha, chegou à conclusão, depois de uma cuidadosa investigação, que a *Cannabis sativa* não é uma ameaça séria à sociedade, ou até mesmo àqueles que a usam. É simplesmente um incômodo.

Desses clássicos alteradores da mente nós passamos para os mais recentes produtos da pesquisa psicofarmacológica. Desses, os mais apregoados são os três novos tranqüilizantes: reserpina, clorpromazina e meprobamato. Ministrados a certos tipos de psicóticos, os dois primeiros demonstraram ser notavelmente eficazes, não em curar doenças mentais, mas pelo menos em abolir temporariamente seus sintomas mais dolorosos. O meprobamato (Miltown) produz efeitos similares em pessoas que sofrem de várias formas de neuroses. Nenhuma dessas drogas é inteiramente inofensiva; mas seu custo, em termos de saúde física e eficiência mental, é extraordinariamente baixo. Num mundo onde ninguém consegue coisa alguma de graça, os tranqüilizantes oferecem muito em troca de muito pouco. O Miltown e a clorpromazina ainda não são o *soma*, mas chegam bem perto de ser um dos aspectos dessa droga mítica. Eles proporcionam um alívio temporário da tensão nervosa sem, na grande maioria dos casos, inflingir dano orgânico permanente, e sem causar mais do que uma leve diminuição, quando a droga está agindo, da eficiência intelectual e física. Exceto como narcóticos, provavelmente são preferíveis aos barbitúricos, que cegam o fio cortante da mente e, em doses grandes, causam um número variado de sintomas psicofísicos indesejáveis e podem resultar numa dependência completa.

No LSD-25 (ácido lisérgico-dietilamido) os farmacologistas criaram recentemente outro aspecto do *soma* – um aperfeiçoamento da percepção e produtor de visões que é, fisiologicamente falando, quase gratuito. Essa droga extraordinária, que é eficiente em doses tão pequenas quanto cinquenta ou até mesmo vinte e cinco milionésimos de grama, tem o poder (como o peiote) de transportar pessoas para o outro mundo. Na maioria dos casos, o outro mundo ao qual o LSD-25 dá acesso é celestial; por outro lado, ele pode ser purgatorial

ou até mesmo infernal. Mas, positiva ou negativa, a experiência com ácido lisérgico é sentida por quase todos que passam por ela como profundamente importante e esclarecedora. De qualquer modo, o fato de que as mentes podem ser transformadas tão radicalmente a um custo tão pequeno para o corpo é verdadeiramente espantoso.

O *soma* não era apenas um produtor de visões e um tranqüilizante; era também (e sem dúvida impossivelmente) um estimulante do corpo e da mente, um criador de euforia ativa assim como da felicidade negativa que se segue à liberação da ansiedade e da tensão.

O estimulante ideal – poderoso mas inócuo – ainda não foi descoberto. A anfetamina, como vimos, estava longe de ser satisfatória; exigia um preço alto demais pelo que concedia. Um candidato mais promissor ao papel de *soma* em seu terceiro aspecto é Iproniazid, que está sendo usado hoje para tirar de seu sofrimento pacientes deprimidos, para avivar os apáticos e de modo geral aumentar a quantidade de energia psíquica disponível. Ainda mais promissor, segundo um famoso farmacologista meu conhecido, é um novo composto, ainda em estágio de testes, que será conhecido como Deaner. Deaner é um aminoálcool e julga-se que ele aumenta a produção de acetilcolina dentro do corpo, aumentando assim a atividade e a eficácia do sistema nervoso. O homem que toma essa nova pílula precisa de menos sono, sente-se mais alerta e disposto, pensa mais depressa e melhor – e tudo isto com quase nenhum custo orgânico, pelo, menos a curto prazo. Parece quase bom demais para ser verdade.

Vemos então que, apesar do *soma* não existir ainda (e provavelmente nunca existirá), alguns sucedâneos razoavelmente bons para as vários aspectos do *soma* já foram descobertos. Há agora tranqüilizantes fisiologicamente baratos, produtores de visão fisiologicamente baratos e estimulantes fisiologicamente baratos. óbvio que um ditador poderia, se desejasse, usar essas drogas com fins políticos. Ele poderia assegurar-se contra inquietação política mudando a química dos cérebros de seus súditos e assim deixando-os contentes com a condição servil. Ele poderia usar tranqüilizantes para acalmar os excitados, estimulantes para criar entusiasmo nos indiferentes, alucinógenos para distrair a atenção dos infelizes de suas misérias. Mas como, pode-se perguntar, irá fazer o ditador para que seus súditos tornem as pílulas que os farão pensar, sentir e comportar-se da maneira que ele acha desejável? Com toda a probabilidade será suficiente apenas tornar disponíveis as pílulas. Hoje o álcool e o tabaco estão disponíveis, e as pessoas gastam consideravelmente mais nesses eufóricos, pseudo-estimulantes e sedativos muito pouco satisfatórios do que estão dispostos a gastar na educação de suas crianças. Ou pensemos nos barbitúricos e nos tranqüilizantes. Nos Estados Unidos, essas drogas só podem ser obtidas com receita médica. Mas a procura por parte do público norte-americano de alguma coisa que torne um pouco mais tolerável a vida num ambiente urbano-industrial é tão grande que os médicos estão agora dando receitas para os vários tranqüilizantes ao ritmo de quarenta e oito milhões por ano. Mais ainda, a maioria dessas receitas são reutilizadas. Cem doses de felicidade não são suficientes: mande buscar na farmácia outro frasco – e quando ela tiver terminado, outro ainda... Não pode haver dúvida de que, se os tranqüilizantes pudessem ser comprados de maneira tão fácil e barata quanto a aspirina, eles seriam consumidos, não aos bilhões, como são no momento, mas às centenas de bilhões. E um estimulante bom e barato teria a mesma popularidade.

Sob uma ditadura, se ensinaria os farmacêuticos a mudar sua melodia a cada mudança de circunstâncias. Em tempos de crise nacional, seria seu trabalho promover a venda de estimulantes. Entre as crises, demasiada atividade e energia por parte de seus súditos podia ser embaraçoso para o tirano. Em tais épocas as massas seriam induzidas a

comprar tranqüilizantes e produtores de visões. Sob a influência desses xaropes calmantes, elas não causariam problemas a seu chefe.

Como as coisas estão agora, os tranqüilizantes podem impedir que certas pessoas dêem trabalho, não apenas a seus chefes, mas até mesmo a si próprias. Tensão demais é uma doença, mas de menos, também. Há certas ocasiões em que *temos* que estar tensos, quando um excesso de tranqüilidade, (e especialmente de tranqüilidade imposta do exterior, por um agente químico) é inteiramente inapropriada.

Num recente simpósio sobre meprobamato, do qual participei, um eminente bioquímico sugeriu, de brincadeira, que o governo dos Estados Unidos deveria doar gratuitamente ao povo soviético cinqüenta bilhões de doses desse tranqüilizante tão popular. A piada tinha um fundo sério. Num concurso entre duas populações, uma das quais esteja sendo constantemente estimulada por ameaças e promessas, constantemente dirigida por uma propaganda direta, enquanto que a outra esteja sendo não menos constantemente distraída pela televisão e tranqüilizada pelo Miltown, qual dos oponentes tem mais probabilidades de vencer?

Além de tranqüilizar, alucinar e estimular, o *soma* da minha fábula tinha o poder de aumentar a sugestibilidade, e assim podia ser usada para reforçar os efeitos da propaganda governamental. Menos eficazmente, e a um custo fisiológico mais alto, várias drogas já na farmacopéia podem ser usadas para o mesmo propósito. Existe a escopolamina, por exemplo, o princípio ativo do meimendo negro e, em doses grandes, um veneno poderoso; existem o pentotal e o amital de sódio. Apelidado, por uma estranha razão qualquer, “o soro da verdade”, o pentotal tem sido usado pela polícia de vários países com o propósito de extrair confissões de (ou talvez sugerir confissões a) criminosos renitentes. O pentotal e o amital de sódio diminuem a barreira entre a mente consciente e a mente subconsciente, e são de grande valor no tratamento de “fadiga de batalha” pelo processo conhecido na Inglaterra como “terapia de abreação”, e na América como “narcossíntese”. Dizem que essas drogas são às vezes empregadas pelos comunistas, quando preparam prisioneiros importantes para aparecerem em público no tribunal.

Enquanto isso, a farmacologia, a bioquímica e a neurologia estão em marcha, e podemos ter certeza de que, durante os próximos anos, novos e melhores métodos químicos para aumentar a sugestibilidade serão descobertos. Como tudo mais, essas descobertas poderão ser bem ou mal usadas. Elas podem ajudar o psiquiatra em sua batalha contra a doença mental, ou podem ajudar o ditador em sua batalha contra a liberdade. Mais provavelmente (já que a ciência é divinamente imparcial) elas irão ao mesmo tempo escravizar e libertar, curar e ao mesmo tempo destruir.

Capítulo 23

1958

Cartas

Huxley viajou e fez conferências no exterior em 1958. O Dr. Albert Hofmann, descobridor do LSD em 1943, tinha acabado de conseguir isolar e identificar o princípio ativo, a psilocibina, no cogumelo sagrado do México, anteriormente apresentado à cultura ocidental por É. G. Wasson e o Professor Roger Heim; sua pesquisa fez com que Huxley se interessasse por essa nova porta para o Outro Mundo. Em cartas a Osmond, Huxley exprimiu seu interesse por uma variedade de experiências: LSD e hipnose, psicodélicos ministrados a artistas e a não-visualizadores, e – profeticamente, haja vista sua própria situação cinco anos depois – administração de LSD a pacientes de câncer à beira da morte. Ele colocou também uma série de linhas-mestras para sessões psicodélicas, e criticou clássicos literários sob a luz do estudo transcendente. Em seu trabalho de escritor, ele voltou a seu romance, "uma espécie de Admirável Mundo Novo às avessas", ao qual ele chamou de sua "fantasia não-utópica".

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 787]

3276 Deronda Drive, Los Angeles 28, Cal.

11 de janeiro (1958)

Caro Humphry,

[...] Quanto a um guia para as pessoas que tornam mesalina ou LSD-25 – tenho andado ocupado demais para pensar nisso, mas vou tentar fazê-la dentro em pouco. Acho que a melhor maneira de realizar esse trabalho seria fazer uma série de perguntas. Por exemplo, "Você compreende agora o que Blake queria dizer quando disse 'A gratidão é o próprio céu'?" "Eckhart definiu Deus em termos operacionais como 'A negação de todas as negações', qual é a sua opinião sobre isso?" "Que é que a expressão 'estado de ser' significa para você quando você olha para o mundo à sua volta?" "Samsara e Nirvana são uma só coisa – o Absoluto está presente em todo acontecimento relativo e particular. A eternidade se manifesta em cada momento do tempo. Como é que você se sente a respeito destes paradoxos?" "Apesar de todas as aparências em contrário, Deus é amor e as coisas são, de alguma maneira, perfeitas. Que acha você?" "Rache a madeira e você vai me encontrar, levante a pedra e eu estarei lá." "Que milagre é este! Fazer jorrar água e partir madeira. "A menor mosca, como está em Deus é superior ao mais alto anjo como está em si mesmo." Seria possível juntar várias dízias de perguntas curtas e declarações como estas, para serem submetidas à pessoa durante sua experiência. Se ela se puser a pensar nelas, elas podem atuar como os *koans* Zen e causar súbitas aberturas para regiões até então não

vislumbradas. Certamente vale a pena tentar. Se você acha que essa abordagem é boa, vou continuar com o plano.

Mande dizer o que acha da Comissão e se vale a pena uma mudança no estágio atual.

Do seu, Aldous

P.S. Como eu compreendo bem o que você diz sobre escrever! Parece tão fácil, e é tão difícil. E, além das dificuldades normais, tenho que lutar com o problema de não enxergar bem – o que complica muito a tarefa de pesquisa e consulta de anotações. O que, sem dúvida, está Perfeito a longo prazo, mas a curto, que cansaço!

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 788]

3276 Deronda Dr., Los Angeles 28, Cal. 2 de fevereiro de 1958

CARO HUMPRHY,

Ontem à noite jantamos com (...), e devo dizer que o achei extremamente jovial e menos extravagante que antes; assim, por favor ignore o que eu escrevi sobre ele em minha última carta. Ao mesmo tempo, ainda tenho dúvidas sobre a validade dos métodos dele. A abordagem especificamente ritual pode estar bem em alguns casos, mas com certeza não vai funcionar em todos os casos. Além disso, Laura e eu achamos, enquanto escutávamos (...) contar o que faz, que ele dá, sabendo ou não, sugestões demais. Novamente, isso pode funcionar em alguns casos – mas decididamente não em todos. Alguma coisa mais permissiva devia ser a regra geral, eu acho. Quanto à reunião projetada, (...) diz que não vê muito sentido nisso. Gerald não vai estar disponível durante fevereiro. Sidney Cohen¹ não tem objeções, mas não sente muito entusiasmo. Quanto a mim, na verdade não sei. De qualquer maneira, sou apenas um espectador, e não um trabalhador nesse campo, e só posso fazer sugestões do lado de fora e no terreno da teoria – como fiz em relação a dar sugestões pós-hipnóticas para que as experiências com LSD fossem revividas por meios puramente psicológicos e quando for desejado (uma sugestão, incidentalmente, que tenho feito a todo mundo nos últimos três anos e que ninguém, que eu saiba, pôs em prática – embora todos digam “Que interessante!”). Se fizermos uma reunião dessa organização altamente pickwikiana, qual (além do prazer e do interesse de encontrar várias pessoas inteligentes interessadas na mesma espécie de coisa) seria o lucro? Provavelmente a reunião valeria a pena pela própria reunião. Será que haveria alguma vantagem ulterior? (...) diz que você está pensando em montar um Quartel-General em algum lugar. Mas isso significa dinheiro, uma secretária, um diretor. Será que os mesmos resultados não poderiam ser obtidos com mais simplicidade e mais barato, discutindo-se os assuntos em uma reunião, ou por cor-respondência, e dividindo o trabalho entre os vários experimentadores? Sid Cohen tem um projeto interessante que ele espera conseguir que seja financiado – um projeto que testaria a eficácia de doses graduadas de LSD em afetar o desempenho de um grupo de

artistas profissionais. Outro projeto importante seria dar droga a um grupo cuidadosamente selecionado, incluindo representantes dos extremos sheldonianos e dos espécimes do meio mais comuns. Ainda outro projeto seria descobrir se as pessoas que pertencem à variedade dos não-visualizadores de Galton chegam a ter visões sob doses medianas de LSD, se eles podem ter visões sob doses maiores, e se (como (...) insiste que podem) as visões podem ser induzidas por meio de sugestões apropriadas. Ainda outro projeto – a administração de LSD a casos terminais de câncer, na esperança de que isso tornasse a morte um processo mais espiritual, menos estritamente fisiológico. O *Saturday Evening Post* pediu-me um artigo sobre as implicações éticas, religiosas e sociais da psicofarmacologia, e certamente farei essas sugestões no artigo, e quaisquer outras que você ou qualquer outra pessoa neste campo achar que devam ser feitas. Se você resolver vir, poderemos conversar sobre isto. Caso você não venha, eu ficaria grato por quaisquer sugestões epistolares.

Diga-me o que você e Abe [Hoffer] pensam sobre valer a pena fazer a reunião. Não faço muita questão da reunião – mas -por certo gostaria de ver você.

Enquanto isso, ando muito ocupado com meus artigos sobre o destino da liberdade no mundo moderno. O problema é fazer uma coisa leve, mas sem supersimplificar ou deixar muita coisa de fora.

Do sempre seu, Aldous

* Psiquiatra de Los Angeles, autor de *The beyond within the LSD story* (O além interior ; a história do LSD) (1964) e *LSD* (1967), e este último com É. Alpert.

AO DR. HUMPHRY OSMO1YD [SMITH 790]

3276 Deronda Drive, Los Angeles 28, Cal.

16 de fevereiro de 1958

Caro Humphry,

[...] Uma das coisas que deveriam ser lidas para uma pessoa sob o LSD é O *Casamento do céu e do inferno*, de Blake, inclusive as extraordinárias “Fantasias Memoráveis” que precedem e seguem os “Provérbios do Inferno”. Leia a coisa inteira e veja se não concorda. Tenho certeza de que se isso fosse colocado em fita, descobririam que seria extremamente esclarecedor para a pessoa que tomou a droga. Incidentalmente, em uma das vezes que tornei LSD descobri que ouvir discos de poesias ou de textos religiosos. é bom de várias maneiras. Em primeiro lugar, há a mesma experiência estranha que se tem ao ouvir música – a sensação de que, embora o *tempo* permaneça inalterado, a música dura anos. A poesia ou os textos religiosos adquirem essa mesma qualidade quase-eterna. Outra coisa interessante – a pessoa parece penetrar o significado interior do que está sendo lido, o significado para ela própria, mais completamente do que em circunstâncias comuns. Assim, a erudita e melancólica resignação de Matthew Arnold, que normalmente aprecio e com que

me sinto à vontade, sob o LSD torna-se por demais negativa – de um modo irreal.

Acabo de receber uma carta de [Duncan] BlewetP sugerindo uma data no início de maio para a reunião. E, como alternativa, uma em outubro. Acho que não vou estar aqui em outubro, mas com quase toda a certeza estarei aqui em maio.

Lembranças à família.

Do seu, Aldous

*Psicólogo canadense, colega do Osmond, Hoffer e Smyrthies na Universidade de Saskatchewan, autor de *Frontiers of being* (Fronteiras do ser) (1969).

AO DR. ALBERT HOFMANN' [SMITH 796]

Gran Hotel Bolívar, Lima

3 de agosto de 1958

Caro Sr. Hofmann,

Sua carta de 16 de julho alcançou-me exatamente quando eu estava partindo para a América do Sul, e estou-lhe escrevendo agora do Peru (terra de uma droga transmutadora da mente das mais insatisfatórias e perigosas – a coca – ainda consumida em grandes quantidades pelos índios, principalmente, disseram-me, para conter as dores causadas pela fome, por demais comuns nos altos Andes).

O que o senhor diz sobre a psilocibina me interessa muito, e espero poder ter a oportunidade de aprender mais sobre essa nova porta para o Outro Mundo da mente, enquanto estiver na Europa no próximo outono.

O senhor pretende assistir ao Congresso farmacológico em Roma, em setembro? É possível que eu esteja lá como observa-dor e aprendiz interessado – mas ainda não tenho certeza se vou conseguir... Se não nos encontrarmos em Roma, vou tentar visitá-lo na Suíça.

atenciosamente, Aldous Huxley

Hofmann sintetizou o LSD e foi a primeira pessoa a testar seus efeitos (1948) ; conseguiu isolar e identifica." a psilocibina dos cogumelos sagrados do México (1957), e alcalóides de ácido lisérgico da antiga droga asteca *ololiuqui*. Ele e Huxley não se conheceram pessoalmente até 1961, pois Huxley faltou ao encontro marcado em Roma.

Capítulo 24

1958

Drogas que Moldam As Mentes dos Homens

ALDOUS HUXLEY

O Saturday Evening Post encomendou o artigo que se segue, e Huxley aproveitou a oportunidade para expressar algumas de suas opiniões revolucionárias para uma platéia gigantesca. Ele acreditava que o alcoolismo e outras formas de dependência a drogas eram uma conseqüência de anseios de autotranscendência, tanto quanto a teologia mística, os exercícios espirituais e a ioga. A maneira como a sociedade trata esse fenômeno – proibição seletiva, por meio de impostos, ou repressão total – tem feito com que “milhões de místicos em potencial se tornem viciados”. Mas aqui Huxley é mais otimista do que em “Admirável mundo novo revisitado”, indicando a “inteligência intensificada” e a evolução espiritual por indução química. Comentando a predominância de experiências religiosas em sessões de peiote e LSD, ele previu o reflorescimento da religião – a Viagem para o Oriente, na expressão de Hesse – que sacudiu a sociedade ocidental uma década mais tarde, quando os psicodélicos e as técnicas espirituais hindus e budistas tornaram-se acessíveis a uma grande parte da juventude. Mas o uso social, descuidado, de substâncias psicodélicas, com freqüência adulteradas, teria assustado e certamente entristecido Huxley.

Este ensaio representa a homenagem de Huxley a William James, o grande psicólogo e filósofo norte-americano, que experimentou duas drogas que alteram a mente: o peiote e o óxido nítrico.

No curso da História, muito mais pessoas morreram de bebida e drogas do que pela religião ou pelo país. A necessidade de álcool etílico e de opiatos tem sido mais forte, nesses milhões, do que o amor a Deus, ao lar, aos filhos; até à vida. Seu grito não era por liberdade ou morte; era pela morte precedida de escravidão. Há aqui um paradoxo, e um mistério. Por que tais multidões de homens e mulheres estariam tão prontos para se sacrificarem por uma causa tão completamente desesperada, e de muitas formas tão dolorosas e tão profundamente humilhantes?

Para este enigma não há, naturalmente, uma resposta simples ou única. Os seres humanos são criaturas imensamente complicadas, vivendo simultaneamente em meia dúzia de mundos diferentes. Cada indivíduo é único e, sob vários aspectos, diferente de todos os outros membros da espécie. Nenhum de nossos motivos é isento de alguma mistura, nenhum de nossos atos pode ser atribuído a uma fonte única e, em qualquer grupo que desejemos estudar, os padrões de comportamento que são perceptivelmente similares podem ser o resultado de muitas constelações de causas dissemelhantes.

Assim, existem alguns alcoólatras que parecem ter sido bioquimicamente predestinados ao alcoolismo. (Entre os ratos, como demonstrou o Prof. Roger Williams, da

Universidade do Texas, alguns são bêbados natos, outros nascem abstêmios e nunca se aproximam de bebida.) Outros alcoólatras são predestinados, não por algum defeito herdado em seu funcionamento bioquímico, mas por suas reações neuróticas a acontecimentos tristes durante a infância e adolescência. Além disso, outros tornam o caminho do suicídio lento como resultado de mera imitação e bom companheirismo, porque conseguem uma tal “excelente adaptação a seu grupo” – um processo que, se acontece do grupo ser criminoso, idiota ou simplesmente ignorante, só pode trazer desastres para o indivíduo bem adaptado. Também não podemos esquecer essa vasta espécie de viciados que se voltaram para as drogas ou a bebida para escapar da dor física. Vamos nos lembrar que a aspirina é uma invenção muito recente. Até o final da era vitoriana, “a dormideira e a mandrágora”, juntamente com o meimendo negro e o álcool etílico, eram os únicos sedativos disponíveis ao homem civilizado. Dor de dente, artrite e nevralgia podiam, e freqüentemente o faziam, levar homens e mulheres à dependência do ópio.

De Quincey, por exemplo, recorreu primeiro ao ópio¹ para aliviar “cruciantes dores reumáticas na cabeça”. Ele engolia sua dormideira e, uma hora depois, “Que ressurreição das mais baixas profundezas do espírito interior! Que apocalipse!” E não se tratava apenas de não sentir mais dor. “Esse efeito negativo era engolido pela imensidão daqueles efeitos positivos que se abriam à minha frente, no abismo de divino deleite assim subitamente revelado... Ali estava o segredo da felicidade, sobre o qual os filósofos discutiram durante tantas eras, repentinamente descoberto.”

“Ressurreição, apocalipse, deleite divino, felicidade...” As palavras de De Quincey nos levam ao próprio âmago de nosso mistério paradoxal. O problema da dependência à droga e da bebida em excesso não é apenas uma questão de química e psicopatologia, de alívio da dor e de conformação com uma sociedade ruim. É também um problema metafísico – um problema, poder-se-ia quase dizer, de teologia. Em *Variedades da experiência religiosa* (1902), William James mencionou esses aspectos metafísicos da dependência:

¹ *Confessions of an English opium-eater* (Confissões de um comedor .de ópio inglês) de De Quincey (Londres, 1822) foi o primeiro caso de confissão e estudo da dependência de droga na literatura.

“A influência do álcool sobre a humanidade deve-se, inquestionavelmente, a seu poder de estimular as faculdades místicas na natureza humana, normalmente esmagadas pelos frios fatos e secas críticas da hora sóbria. A sobriedade diminui, discrimina e diz não. A embriaguez expande, une e diz sim. É, na verdade, o grande excitante da função Sim no homem. Tira seu devoto da gélida periferia das coisas para o seu âmago radiante. Torna-o, naquele momento, uno com a verdade. Não é por mera perversidade que os homens correm atrás dela. Para o pobre e o iletrado, ela toma o lugar de concertos sinfônicos e da literatura, e é parte do mistério e da tragédia mais profundos da vida que -vislumbres de coisas que imediatamente reconhecemos como excelentes sejam concedidos a tantos de nós apenas nos primeiros estágios do que em sua totalidade é um veneno tão degradante. A consciência embriagada é uma pequena parte da consciência mística, e nossa opinião total sobre ela tem que encontrar seu lugar em nossa opinião do total muito maior.”

William James não foi o primeiro a detectar uma semelhança entre a embriaguez e os estados místicos e pré-místicos. No dia de Pentecostes, havia pessoas que explicavam o estranho comportamento dos discípulos dizendo: “Estes homens estão cheios de vinho

novo.”

Pedro logo esclareceu: “Estes não estão bêbados, como supondes, pois esta é apenas a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel. E acontecerá que nos últimos dias, disse Deus, vou derramar meu Espírito sobre toda a carne.”

E não é apenas pelas “secas críticas da hora sóbria” que o estado de intoxicação-de-Deus tem sido comparado à embriagues. Em seus esforços para exprimir o inexprimível, os grandes místicos fizeram a mesma coisa. Assim, Santa Teresa de Avila nos diz que ela “vê o centro de nossa alma como uma adega, no qual Deus nos admite como e quando Lhe agrada, para nos intoxicar com o delicioso vinho de Sua Graça.”

Toda religião plenamente desenvolvida existe simultaneamente em vários níveis diferentes. Ela existe como um conjunto de conceitos abstratos sobre o mundo e seu governo. Existe como um conjunto de ritos e sacramentos, como um método tradicional de manipular os símbolos, por meio do qual são expressas crenças sobre a ordem cósmica. Existe como os sentimentos de amor, medo e devoção evocados por essa manipulação de símbolos.

E finalmente ela existe como um tipo especial de sensação ou intuição – uma sensação da unidade de todas as coisas em seu princípio divino, uma constatação de que (para usar a linguagem da teologia hindu) “vós sois Aquilo”, uma experiência mística do que parece ser, por evidência própria, a união com Deus.

A consciência normal é um estado de espírito muito útil e, na maioria das ocasiões, indispensável; mas não é, de modo algum, a única forma de consciência, nem a melhor em todas as circunstâncias. Enquanto transcende seu eu comum e seu modo de consciência comum, o místico é capaz de aumentar sua visão, olhar mais profundamente no inimaginável milagre da existência.

A experiência mística é duplamente valiosa; é valiosa porque dá a quem a experimenta uma compreensão melhor de si mesmo e do mundo, e porque pode ajudá-lo a levar uma vida menos egocêntrica e mais criativa.

No inferno, como escreveu um grande poeta religioso, o castigo dos perdidos é ser “seus eus suados, mas piores”. Na terra nós não somos piores do que somos, somos apenas nossos eus suados, ponto final.

Ah, isto já é bastante ruim. Nós nos amamos ao ponto da idolatria, mas nós também nos detestamos intensamente – nós nos achamos indizivelmente enfadonhos. Relacionado a esse de-sagrado para com nossos eus idolatradamente venerados, há em todos nós um desejo, às vezes latente, às vezes consciente e apaixonadamente exprimido, de escapar da prisão de nossa individualidade, um impulso para a autotranscendência. É a esse impulso que devemos a teologia mística, os exercícios espirituais e a ioga – a ele, também, devemos o alcoolismo e a dependência a drogas.

A farmacologia moderna tem produzido uma grande quantidade de novos sintéticos, mas no campo das drogas alteradoras da mente que são encontradas na natureza ela não fez descobertas radicais. Todos os sedativos, estimulantes e produtores de visões, dicais. Todos os sedativos, estimulantes e produtores de visões, promotores de felicidade e despertadores de consciência cósmica, todos eles botânicos, foram descobertos há milhares de anos, antes da aurora da História.

Em muitas sociedades, em vários níveis de civilização, foram feitas tentativas para

fundir a intoxicação pela droga com a intoxicação-por-Deus. Na Grécia antiga, por exemplo, o álcool etílico tinha seu lugar na religião estabelecida. Dionísio, ou Baco, como era chamado com frequência, era uma verdadeira divindade. Seus devotos dirigiam-se a ele como *Lusias*, “Libertador”, ou como *Theoinos*, “Vinho de Deus”. Este último une o suco da uva fermentada e o sobrenatural numa única experiência pentecostal. Eurípides escreve: “Nascido deus, Baco é vertido como libação aos deuses, e através dele os homens recebem o bem.” Infelizmente eles também recebiam o mal. A experiência agradável de autotranscendência que o álcool torna possível tem que ser paga, e o preço é exorbitantemente alto.

A proibição completa de todas as drogas químicas que alteram a mente pode ser decretada, mas não pode ser levada a efeito, e tende a criar mais problemas do que pode remediar. Mais insatisfatório ainda tem sido o método de completa tolerância e disponibilidade irrestrita. Na Inglaterra, durante os primeiros anos do século XVIII, o gim, barato e não sujeito a impostos – “bêbado por um centavo, morto de bêbado por dois centavos” – ameaçava a sociedade com sua completa desmoralização. Um século mais tarde, o ópio, na forma de láudano, reconciliava as vítimas da Revolução Industrial com o mundo – mas a um custo aterrorizante em termos de dependência, doença e morte prematura. Hoje em dia, a maioria das sociedades civilizadas segue um curso entre os dois extremos de proibição total e tolerância total. Certas drogas que alteram a mente, tais como o álcool, são permitidas e tornadas acessíveis ao público mediante o pagamento de um imposto muito alto, que tende a restringir seu consumo. Outras drogas que alteram a mente não são obtidas a não ser sob ordens médicas – ou ilegalmente, de um traficante de drogas. Dessa maneira o problema é mantido dentro de limites controláveis. Com toda certeza não é resolvido. Em sua busca sem fim da autotranscendência, milhões de místicos potenciais tornam-se dependentes, cometem vários milhares de crimes e envolvem-se com centenas de milhares de acidentes evitáveis.

Será que temos que continuar indefinidamente desta maneira triste? Até poucos anos atrás, a resposta a tal pergunta teria sido um pesaroso “Temos, sim”. Hoje em dia, graças aos ressesentes desenvolvimentos da bioquímica e da farmacologia, temos uma alternativa que pode funcionar. Vemos que breve poderá ser possível fazermos algo melhor em matéria de autotranscendência química do que temos feito tão ineptamente nos últimos setenta ou oitenta séculos.

É possível que uma droga poderosa seja inteiramente inofensiva? Talvez não. Mas o custo fisiológico pode por certo ser reduzido ao ponto de se tornar negligenciável. Há alguns poderosos alteradores da mente que fazem seu trabalho sem danificar o organismo psicofísico de quem os toma e sem incitar a pessoa a comportar-se como um criminoso ou um lunático. A bioquímica e a farmacologia estão começando a seguir este caminho. Dentro de poucos anos haverá no mercado, provavelmente, dúzias de alteradores da mente poderosos mas – sob o aspecto fisiológico e social – muito baratos.

Diante do que já temos em matéria de drogas fortes mas quase inofensivas; diante, acima de tudo, do que inevitavelmente breve teremos – devíamos começar imediatamente a pensar seriamente no problema dos novos alteradores da mente. Como deveriam ser usados? Como pode ocorrer abuso? Será que os seres humanos ficarão melhores e mais felizes por causa de sua descoberta? Ou piores, e mais infelizes?

O problema tem que ser examinado sob vários pontos de vista. É ao mesmo tempo uma questão para bioquímicos e médicos, para psicólogos e antropólogos sociais, para legisladores e funcionários da lei. E, finalmente, é uma questão ética e uma questão religiosa. Mais cedo ou mais tarde – e quanto mais cedo, melhor – os vários especialistas

envolvidos terão que se reunir, discutir e então decidir, à luz do melhor testemunho disponível e da mais imaginativa visão do futuro, o que deveria ser feito. Enquanto isso, vamos dar uma olhada preliminar neste problema de múltiplas facetas.

No ano passado, os médicos norte-americanos deram 48.000.000 de receitas de drogas tranqüilizantes, muitas das quais foram reutilizadas, provavelmente mais de uma vez. Os tranqüilizantes são os mais conhecidos dos novos e quase inofensivos alteradores da mente. Podem ser usados pela maioria das pessoas, claro que não com impunidade completa, mas a custo fisiológico razoavelmente baixo. Sua enorme popularidade atesta o fato de que muitas pessoas não gostam de seu ambiente nem de “seus eus suados”. Sob tranqüilizantes, o grau de autotranscendência não é muito grande; mas é suficiente para fazer a diferença, em muitos casos, entre a infelicidade e o contentamento.

Na teoria, os tranqüilizantes só deveriam ser dados a pessoas que sofrem de formas bem severas de neurose ou psicose. Na prática, infelizmente, muitos médicos foram levados pela atual moda farmacológica e estão receitando tranqüilizantes a todos. Pode-se dizer que a história da moda na medicina é pelo menos tão grotesca quanto a história da moda nos chapéus das mulheres – pelo menos tão grotesca e, em se tratando de vidas humanas, consideravelmente mais trágica. No caso presente, milhões de pacientes que não têm uma necessidade real de tranqüilizantes receberam pílulas de seus médicos e aprenderam a recorrer a elas em cada apuro, por menor que fosse ele. Isto é uma péssima medicina e, do ponto de vista de quem toma a pílula, de moralidade dúbia e de nenhum sentido.

Há situações em que é justificável que as pessoas saudáveis recorram ao controle químico de emoções negativas. Se você não consegue mesmo manter a tranqüilidade, deixe que um tranqüilizante faça isto por você. Mas não é sensato nem direito que uma pessoa saudável recorra a um alterador de mente químico cada vez que se sente irritada, ou ansiosa ou tensa. Tensão e ansiedade em demasia podem reduzir a eficiência de um homem – mas o mesmo vale para tensão e ansiedade de menos. Há muitas ocasiões em que é inteiramente apropriado sentirmo-nos preocupados, quando um excesso de placidez pode reduzir nossas chances de lidar eficazmente com uma situação espinhosa. Nessas ocasiões, é preferível, sob todos os pontos de vista, a tensão diminuída e dirigida a partir de dentro pelos métodos psicológicos de autocontrole do que a complacência imposta a partir de fora por métodos de controle químico.

E agora vamos estudar o caso – infelizmente, não um caso hipotético – de duas sociedades a competir entre si. Na Sociedade A, os tranqüilizantes são acessíveis por receitas médicas e a um preço um tanto puxado – o que significa, na prática, que seu uso é limitado à minoria rica e influente que fornece a lide-rança dessa sociedade. Essa minoria de cidadãos líderes consome por ano vários bilhões de pílulas que produzem complacência. Na Sociedade B, por outro lado, os tranqüilizantes não são acessíveis com tanta facilidade, e os membros da minoria influente não recorrem, à menor provocação, ao controle químico do que pode ser uma tensão necessária e produtiva. Quais dessas duas sociedades competidoras tem probabilidade de ganhar a corrida? Uma sociedade cujos líderes fazem uso excessivo de xaropes calmantes corre o perigo de ficar na traseira de uma sociedade cujos líderes não sejam supertranqüilizados.

Vamos agora estudar outra espécie de droga – ainda por descobrir, mas com certeza logo depois da curva – uma droga capaz de fazer as pessoas sentirem-se felizes em situações em que normalmente sentir-se-iam infelizes. Tal droga seria uma bênção mas uma bênção carregada de graves perigos políticos. Tornando acessível uma euforia química inofensiva, um ditador conseguiria reconciliar uma população inteira com o estado de coisas

com o qual seres humanos que se respeitam não podem reconciliar-se. Os déspotas sempre acharam necessário suplementar sua força por meio de propaganda política ou religiosa. Neste sentido a pena é mais poderosa que a espada. Porém mais poderosa que a pena ou a espada é a pílula. Em hospitais psiquiátricos descobriu-se que a restrição química é muito mais eficiente do que a camisa-de-força ou psiquiatria. As ditaduras de amanhã vão privar os homens de sua liberdade, mas vão dar-lhes em troca uma felicidade não menos real, como experiência subjetiva, pelo fato de ser induzida quimicamente. A busca à felicidade é um dos direitos tradicionais do homem; infelizmente, conseguir a felicidade pode mostrar ser incompatível com outro dos direitos do homem – a saber, a liberdade.

No entanto, é bem possível que a farmacologia devolva com uma das mãos o que ela retira com a outra. A euforia provocada quimicamente poderia facilmente tornar-se uma ameaça à liberdade individual; mas o vigor induzido quimicamente e a inteligência intensificada quimicamente poderiam facilmente ser o sustentáculo mais forte da liberdade. A maioria de nós funciona com uns quinze por cento de sua capacidade. Como é que podem' aumentar essa nossa eficiência lamentavelmente baixa?

Existem dois métodos – o educacional e o bioquímico. Podemos pegar adultos e crianças como eles são e dar-lhes um treinamento muito melhor do que estamos lhes dando agora. Ou, por meios bioquímicos apropriados, podemos transformá-los em indivíduos superiores. Se esses indivíduos superiores receberem educação superior, os resultados serão revolucionários. Serão espantosos, mesmo que continuemos a submetê-los aos métodos educacionais falhos em voga atualmente.

Será mesmo possível produzir indivíduos superiores através de meios químicos? Os russos com certeza acreditam nisso. Estão agora a meio caminho de um Plano Quinquenal para produzir “substâncias farmacológicas que normalizem a atividade nevosa mais elevada e aumentem a capacidade humana de trabalho”. Precursores desses futuros aperfeiçoadores da mente já estão sendo testados. Descobriu-se, por exemplo, que algumas das vitaminas – o ácido nicotínico e o ácido ascórbico, por exemplo – quando dadas em altas doses produzem um certo aumento na energia psíquica. Uma combinação de duas enzimas – dissulfonato de etileno e trifosfato de adenosina, que, quando injetados juntos, aumentam o metabolismo do hidrato de carbono no tecido nervoso – pode também vir a ser eficaz.

Nesse ínterim, alega-se a existência de bons resultados para diversos povos sintéticos, estimulantes quase inócuos. Há o iproniazid, que, segundo algumas autoridades, “parece aumentar a quantidade total de energia psíquica”. Infelizmente, o iproniazid tomado em doses elevadas tem efeitos colaterais que em determinados casos pode ser extremamente graves! Outro energizante psíquico é um aminoálcool que, de acordo com a opinião cor-rente, aumenta a produção de acetilcolina do corpo, uma substância de primeira importância no funcionamento do sistema nervoso. Diante do que já se conseguiu, parece bem possível que, dentro de poucos anos, possamos nos erguer por nossos próprios cordões bioquímicos.

Enquanto isso, vamos desejar com fervor todo o sucesso para os russos em seu atual empreendimento farmacológico. A descoberta de uma droga capaz de aumentar a energia psíquica do indivíduo médio, e sua farta distribuição por toda a URSS, provavelmente significaria o final da atual forma de governo na Rússia. A inteligência generalizada e a vivacidade mental são os mais poderosos inimigos da ditadura e ao mesmo tempo as condições básicas da democracia efetiva. Mesmo no Ocidente democrático poderíamos usar um pouco de energização psíquica. Juntas, a educação e a farmacologia podem fazer alguma coisa para contrabalançar os efeitos da deterioração de nosso material biológico para

o qual os geneticistas com freqüência chamam a nossa atenção.

Dessas considerações éticas e políticas, vamos passar agora para os problemas estritamente religiosos que serão propostos por alguns dos novos alteradores da mente. Podemos prever a natureza desses problemas futuros ao estudar os efeitos de um alterador de mente natural, que por séculos tem sido usado em cultos religiosos; refiro-me ao cacto do peiote do norte do México e do sudoeste dos Estados Unidos. O peiote contém mescalina – que agora pode ser produzida sinteticamente – e a mescalina, na frase de William James, “estimula as faculdades místicas na natureza humana” com muito mais força e de um modo muito mais esclarecedor do que o álcool e, além do mais, faz isso a um custo fisiológico e social tão baixo que chega a ser negligenciável. O peiote produz a autotranscendência de duas maneiras – ele leva a pessoa que o toma ao Outro Mundo da experiência visionária, e lhe dá uma sensação de solidariedade com seus companheiros de culto, com os seres humanos em geral e com a divina natureza das coisas.

Os efeitos do peiote podem ser duplicados pela mescalina sintética e pelo LSD (ácido lisérgico-dietilamido), um derivado da cravagem do centeio. Eficiente em doses incrivelmente pequenas, o LSD está sendo agora usado experimentalmente por psicoterapeutas na Europa, na América do Sul, no Canadá e nos Estados Unidos. Ele reduz a barreira entre o consciente e o sub-consciente, e permite que o paciente veja com mais profundidade e compreensão os recessos de sua própria mente. O aprofundamento do autoconhecimento tem lugar à frente de um pano de fundo de experiência visionária e até mesmo mística.

Quando administrada no tipo certo de ambiente psicológico, esses alteradores da mente químicos tornam possível uma experiência religiosa genuína. Assim, uma pessoa que toma LSD ou mescalina pode subitamente compreender – não apenas intelectualmente mas organicamente, experiencialmente – o significado de afirmações religiosas do calibre de “Deus é amor”, ou “Embora Ele me extermine, ainda assim confio Nele.”

Não é preciso dizer que esta espécie de autotranscendência temporária não é garantia de um esclarecimento permanente ou um aperfeiçoamento duradouro de conduta. É uma “graça gratuita”, que nem é necessária nem suficiente para a salvação, mas que, se usada apropriadamente, pode ser enormemente útil àqueles que a receberam. E isto se aplica a todas as experiências do gênero, sejam as que ocorrem espontaneamente, ou como resultado de engolir uma pílula do alterador químico de mente apropriado, ou depois de fazer um curso de “exercícios espirituais” ou mortificação corporal.

Aqueles que se ofendem pela idéia de que engolir uma pílula pode contribuir para uma experiência genuinamente religiosa devem lembrar-se que todas as mortificações padronizadas – jejum, insônia voluntária e autoflagelação – inflingidas sobre si mesmos pelos ascetas de todas as religiões com o propósito de adquirir mérito são também, como as drogas que alteram a mente, mecanismos poderosos para alterar a química do corpo em geral e do sistema nervoso em particular. Ou pensem nos métodos geralmente conhecidos como exercícios espirituais. As técnicas de respiração ensinadas pelos iogues da Índia resultam em prolongadas suspensões da respiração. Essas, por sua vez, resultam no aumento da concentração de dióxido de carbono no sangue; e a conseqüência fisiológica disso é uma alteração na qualidade da consciência. Além disso, as meditações que requerem uma concentração intensa e prolongada numa só idéia ou imagem podem também resultar – por razões neurológicas que não afirmo entender – numa diminuição no ritmo da respiração e até mesmo em prolongadas suspensões da mesma.

Muitos ascetas e místicos praticaram suas mortificações e exercícios espirituais que

alteravam a química vivendo, por períodos maiores ou menores, como eremitas. Ora, a vida de um eremita, como Santo Antônio, é uma vida na qual há pouquíssimos estímulos externos. Porém, como Hebb, John, Lilly e outros psicólogos experimentados demonstraram recentemente em laboratório, uma pessoa num ambiente limitado, que proporciona muito poucos estímulos externos, logo passa por uma mudança na qualidade de sua consciência e pode transcender ao seu eu normal ao ponto de ouvir vozes ou ter visões, com frequência extremamente desagradáveis, como tantas das visões de Santo Antônio, mas às vezes beatíficas.

Ao idealista excessivamente exigente parece um tanto chocante que homens e mulheres possam, por meios físicos e químicos, transcenderem a si mesmos de um modo genuinamente espiritual. Mas, afinal, a droga ou o exercício físico não é a causa da experiência espiritual; é apenas sua ocasião.

Escrevendo sobre as experiências de William James com óxido nitroso, Bergson resumiu todo o assunto em algumas frases lúcidas. “A disposição psíquica estava lá, potencialmente, apenas esperando um sinal para expressar-se em ação. Poderia ter sido evocada espiritualmente por um esforço feito em seu próprio nível espiritual. Mas poderia da mesma forma ser provocada materialmente, por uma inibição do que a inibia, pela remoção de um obstáculo; e esse efeito era o efeito inteiramente negativo produzido pela droga.” Onde, por uma razão qualquer, física ou moral, as disposições psicológicas são insatisfatórias, a remoção de obstáculos por uma droga ou por práticas ascéticas resultará numa experiência negativa, mais que positiva. Tal experiência infernal é extremamente desagradável, mas pode ser também extremamente salutar. Há muitas pessoas para quem algumas horas no inferno – o inferno que elas mesmas ajudaram a criar – poderia fazer um enorme bem.

Estimulantes das faculdades místicas, fisiologicamente sem custo, ou quase sem custo, estão surgindo agora, e muitas espécies deles logo estarão no mercado. Podemos ter certeza de que, quando eles se tornarem acessíveis, serão intensamente usados. O impulso à autotranscendência é tão forte e tão geral que não poderá ser diferente. No passado, poucas pessoas tiveram experiências espontâneas de natureza pré-mística ou totalmente mística; menos ainda dispuseram-se a passar pelas disciplinas psicofísicas que preparam um indivíduo isolado para essa espécie de autotranscendência. Os futuros alteradores da mente, poderosos mas quase sem custo, vão mudar completamente tudo isto. Em vez de raras, as experiências pré-místicas e místicas vão-se tornar comuns. O que era antes o privilégio espiritual de poucos tornar-se-á acessível a muitos. Para os ministros das religiões organizadas do mundo, isto vai fazer surgir vários problemas sem precedentes. Para a maioria das pessoas, a religião sempre foi uma questão de símbolos tradicionais e sua própria reação emocional, intelectual e ética a esses símbolos. Para os homens e mulheres que tiverem uma experiência direta de autotranscendência para o Outro Mundo da mente de visão e união com a natureza das coisas, uma religião de meros símbolos não tem chance de ser muito satisfatória. A leitura atenta de uma página de um livro de culinária, mesmo que otimamente escrito, não substitui o jantar. Nós somos exortados a “*provar* e ver que o Senhor é bom’.

De uma maneira ou de outra, as autoridades eclesiásticas do mundo terão que entrar em entendimento com os novos alteradores da mente. Podem entrar em entendimento com eles de modo negativo, recusando-se a ter algo a ver com eles. Nesse caso, um fenômeno psicológico, potencialmente de grande valor espiritual, vai manifestar-se fora do âmbito das religiões organizadas. Por outro lado, elas podem escolher entrar em entendimento com os

alteradores da mente de um modo positivo – exatamente como, não estou preparado para adivinhar.

Minha opinião é de que, embora possam ser no início algo um tanto embaraçoso, esses novos alteradores da mente tenderão, a longo prazo, a aprofundar a vida espiritual das comunidades nas quais são acessíveis. Esse famoso “renascimento da religião”, sobre o qual tanta gente vem falando há tanto tempo, não surgirá como resultado de grandes congressos evangélicos ou aparições televisionadas de clérigos fotogênicos. Surgirá como resultado de descobertas bioquímicas que tornarão possível que grande número de homens e mulheres atinja uma autotranscendência radical e uma compreensão mais profunda da natureza das coisas. E esse renascimento religioso será ao mesmo tempo uma revolução. De uma atividade que lida principalmente com símbolos, a religião será transformada numa atividade que lida principal-mente com a experiência e a intuição – um misticismo cotidiano sublinhando e d'ando significado a toda a racionalidade cotidiana, todas as tarefas e todos os deveres cotidianos, todas as relações humanas cotidianas.

As duas fontes da moral e da religião (1935).

Capítulo 25

1959

Cartas

Huxley foi professor-visitante na Universidade da Califórnia em Santa Barbara, onde fazia conferências sobre “A Condição Humana”; o resto de seu tempo de trabalho era dedicado a resolver o complicado problema de um enredo para sua fantasia utópica. A Academia Norte-americana de Artes e Letras honrou-o com seu Prêmio de Mérito em Romance, que antes tinha sido concedido a Ernest Hemingway, Thomas Mann e Theodore Dreiser. Entrevistado por Joe Hyams em This Week Magazine (8 de novembro de 1959), Huxley disse: “O mundo interior é quase tão grande quanto o espaço exterior.” Ao Padre Thomas Merlon ele apresentou uma eloqüente defesa da validade da experiência religiosa produzido por drogas; e o mesmo para Margaret Isherwood, utilizando a expressão “indo além da visão” para descrever suas últimas sessões. Ele fornece a Osmond exemplos tanto de casos de terapia através do LSD bem-sucedidos quanto “vulgares... profundamente perturbadores”. Embora o LSD não fosse ilegal até 1966, a dificuldade para um leigo consegui-lo em 1959 é evidente e/n seu pedido a Osmond.

AO PADRE THOMAS MERTON [SMITH 808]

3276 Deronda Drive, Los Angeles 28, Cal. 10 de janeiro de 1959

Caro Padre Merton,

Obrigado por sua carta. Os problemas que o senhor levanta são interessantes e difíceis, e sua solução tem que ser buscada no nível prático e factual. Muito trabalho já foi feito sobre a mesalina e o ácido lisérgico, tanto por pesquisadores como por clínicos, usando as drogas terapeuticamente em casos como alcoolismo e neuroses diversas. (Um grupo atualmente trabalhando em alcoolismo na Colúmbia Britânica, incidentalmente, está usando ácido lisérgico dentro de um quadro de referência religioso, especificamente católico, e conseguindo resultados notáveis, principalmente ao fazer os pacientes perceberem que o universo é profundamente diferente do que parecia ser em seus níveis de experiência comuns, condicionados.) Estatisticamente, os resultados de todas essas experiências são mais ou menos os seguintes. Mais ou menos setenta por cento daqueles que tornam a droga têm uma experiência positiva; os outros têm uma experiência negativa, que pode ser realmente infernal. (Muitos dos estados experimentados pelos padres no deserto eram negativos. Veja os milhares de quadros sobre as tentações de Santo Antônio.) Todos concordam em que a experiência é profundamente significativa. Encontra-se com muita frequência, nos relatórios escritos por pessoas depois da experiência, a declaração de que “esta foi a experiência mais maravilhosa que jamais tive” e “Sinto que minha vida não será

mais a mesma coisa”. Entre as experiências positivas, uma certa proporção, na primeira ocasião em que tornaram a droga, é puramente estética – transfiguração do mundo exterior de medo que ele viu como o jovem Wordsworth o viu e mais tarde descreveu em *Ode on the intimations of immortality in childhood* (Ode sobre os indícios de imortalidade na infância) ; um universo de beleza in-concebível no qual todas as coisas estão cheias de vida e carregadas de um significado obscuro mas imensamente importante. Aqueles que são congenitamente bons visualizadores tendem a ter visões com os olhos fechados, ou mesmo projetadas sobre a tela do mundo exterior, com os olhos abertos. A natureza dessas visões é freqüentemente paradisíaca e as descrições delas lembram irresistivelmente a descrição de Nova Jerusalém no Apocalipse ou o éden de Ezequiel, ou os vários paraísos de outras religiões. Finalmente, há aqueles cuja experiência parece ser muito mais do que estética, e pode ser rotulada de pré-mística ou até mesmo, eu creio, de mística. Ao longo dos últimos cinco anos tomei mescalina duas vezes e ácido lisérgico três ou quatro vezes. Minha primeira experiência foi principalmente estética. Experiências posteriores foram de outra natureza e ajudaram-me a compreender muitas das declarações obscuras que se encontram nos escritos dos místicos cristãos e orientais. Um indefinível senso de gratidão pelo privilégio de ter nascido neste universo. (“A gratidão é o próprio céu”, diz Blake – e agora sei exatamente do que ele estava falando.) Uma transcendência à relação normal sujeito-objeto. Uma transcendência ao medo da morte. Uma sensação de solidariedade para com o mundo e seu princípio espiritual, e a convicção de que, apesar da dor, do mal e do resto, tudo é de alguma forma perfeito. (Entende-se tais frases como “Sim, embora Ele me extermine, mesmo assim eu confio Nele” e a grande frase, que não posso citar exatamente, de Julian de Norwich.) Finalmente, uma compreensão, não intelectual, mas de um modo total, uma compreensão com o organismo inteiro, da afirmação de que Deus é Amor. As experiências são transientes, é claro; mas a lembrança delas, e as revivescências incipientes que tendem a ocorrer espontaneamente ou durante a meditação continuam a exercer um efeito profundo sobre a mente do indivíduo. Parece não haver prova, na literatura publicada, de que a droga cause vício ou crie uma necessidade de repetição. Há um sentimento – falo por experiência própria e por relatórios orais dados a mim por outros – de que a experiência é tão transcendentalmente importante que não é, em circunstância alguma, uma coisa para ser encarada com leviandade ou para divertimento. (Em alguns aspectos, ela não é divertida; pois causa uma morte temporária do ego, um ir-além.) Aqueles que desejam fazer uso dessa “graça gratuita”, cooperar com ela, tendem a fazer isso, não por meio de repetir a experiência a intervalos freqüentes, mas tentando abrir-se, num estado de passividade alerta, para o “estar/ser” transcendente, para usar a expressão de Eckhart, que eles já conheceram e, de certo modo, *foram*. Teoricamente, existe o perigo de que as pessoas teriam necessidade de uma repetição constante da experiência provocada quimicamente. Na prática essa necessidade não parece manifestar-se. Uma re-petição por ano, ou a cada seis meses, costuma ser considerado o regime desejável.

Um amigo meu, salvo do alcoolismo durante as últimas fases fatais da doença por uma teofania espontânea que mudou sua vida tão completamente como a de São Paulo foi mudada por sua teofania na estrada para Damasco, tomou ácido lisérgico duas ou três vezes e afirma que sua experiência sob a droga é idêntica à experiência espontânea que mudou sua vida – a única diferença sendo que a experiência espontânea não durou tanto tempo quanto a quimicamente provocada. Obviamente há aqui campo para uma pesquisa séria e respeitosa.

Com meus melhores votos,

Muito cordialmente, Aldous Huxley

* O Padre Merton escreveu a Huxley em 27 de novembro de 1968, levantando questões sobre a validade da experiência mística produzida por drogas e sobre a distinção entre o místico e o estético. e sua carta foi motivada pelo artigo de Huxley “Drogas que Moldam as Mentes dos Homens” publicado no *Saturday Evening Post*. [Nota de Smith].

A MARGARETE ISHERWOOD [SMITH 818]

3276 Deronda, L. A. 28, Cnf. 12 de agosto de 1959

Cara Margaret,

Obrigado por sua carta. Estou agora quase novo em folha, graças aos céus – escapei providencialmente² Quanto à experiência visionária e mística – acho que são diferentes, mas que a primeira pode levar à segunda. Em minha primeira experiência com mesalina tive uma experiência visionária meramente estética: mas desde então, com LSD e novamente com mesalina, eu fui *além da visão*, às muitas das experiências descritas na literatura oriental e ocidental – a transcendência à relação sujeito-objeto, uma sensação de solidariedade com o mundo inteiro de modo que a pessoa sabe realmente por experiência o que significa “Deus é Amor”: a sensação de que, apesar da morte e do sofrimento, tudo está afinal Perfeito (embora ele me extermine, ainda assim eu confio nele) ; uma sensação de gratidão sem limites por ser privilegiado de habitar este universo. (Blake diz, “A gratidão é o próprio céu” – esta costumava ser uma frase incompreensível: agora eu sei precisamente do que ele estava falando).

[Hugh] Fausset está bastante errado – falando em termos *a priori* moralistas e não por experiência direta. Esse assunto de drogas e experiência mística foi discutido há anos por Bergson em *As duas fontes...* a propósito de Wm. James e do gás hilariante. Para muitas pessoas é triste que uma substância química possa ajudar as pessoas a sair de sua própria luz, mas acontece que é um fato. É certo que a experiência é uma “graça gratuita”, nem necessária nem suficiente para a salvação. É necessário um esforço ético e cognitivo se a pessoa pretende adiantar-se de sua experiência de uma só dose para o esclarecimento permanente.

Do seu, Aldous

P.S. Graças gratuitas não são necessárias ou suficientes – mas podem ser muito úteis se decidimos deixar que elas nos ajudem.

P.P.S. O Subud é simplesmente uma técnica para reproduzir o trepidar dos antigos

Quakers – uma liberação via músculos. Muito bom em muitos casos.

² Apesar de sua visão limitada, Huxley às vezes dava passeios solitários à noite. Num desses ele tropeçou e caiu de um barranco. Feriu-se de modo doloroso, mas não grave. [Nota de Smith.]

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 825]

3276 Deronda Dr., L. A. 28, Ca(29 de novembro de 1959

Caro Humphry,

Estou perto do final de minhas conferências em Santa Barbara – mais uma discussão em grupo sobre uma conferência do Centenário de Darwin feita pelo Prof. John Randall, e mais duas conferências minhas. Depois do que, estarei livre para trabalhar no meu livro em tempo integral. Quanto aos planos – fui convidado para ir em fins de março ou abril para Topeka, para ser professor-visitante por algumas semanas na Fundação Menninger. V.ai ser interessante, eu acho, penetrar no *sancta sanctorum* da psiquiatria norte-americana e dar uma olhada curiosa. O relatório de Nathan Kline sobre a psiquiatria soviética, como foi resumido no *Time*, foi interessante, e sem dúvida, para Menninger *et al.*, perturbador. Você leu o relatório inteiro? Acho que vou escrever para ele e pedir que me mande. Enquanto isso, Laura está trabalhando em sua psicoterapia – com resultados notáveis em muitos casos: pois ela parece ter um conhecimento intuitivo do que fazer a qualquer momento, que técnica usar em cada fase sucessiva do estado de espírito e de sentimento do paciente. Ela teve alguns resultados muito bons com terapia sob LSD em alguns casos onde o método parecia justificável. (Incidentalmente, que pessoas apavorantes existem em sua profissão! Conhecemos dois psiquiatras de Beverly Hills outro dia, que se especializaram em terapia sob LSD a cem dólares a dose – e, realmente, poucas vezes encontrei pessoas de sensibilidade mais baixa, mente mais vulgar! Pensar que gente tornada vulnerável pelo LSD se expõe a tais pessoas é profundamente perturbador. Mas que é que se pode fazer sobre o problema? A psiquiatria é uma arte baseada numa ciência ainda imperfeita – e como em todas as artes, há mais praticantes ruins ou indiferentes do que bons. Como se pode manter de fora os artistas ruins? Artistas ruins não têm importância na pintura ou na literatura – mas têm enorme importância em terapia e educação; pois vidas inteiras e destinos podem ser afetados por suas deficiências. Mas não se encontra um modo prático pelo qual os mal-dotados e os desagradáveis possam ser filtrados e apenas os bem-dotados e bons passassem.) E, por falar em LSD – seria possível você mandar-me meia dúzia de doses? Quero fazer algumas experiências, eu próprio, e Laura gostaria de dar a droga a algumas pessoas para finalizar a terapia delas. Não quero incomodar Sid Cohen com muita frequência – e não quero ter que pedir a pessoas como (.....) ou (.....) ou (.....), que tem a substância, usam-na mal e a quem desaprovo. Se isto for possível, ficarei gratíssimo. E se não for possível, a quem devo apelar na organização Sandoz?³

Dê meu carinho a Jane e às crianças.

A fetuosamente, Aldus

³ Sandoz Ltd., de Basel, era a principal distribuidora de LSD e • psilocibina para fins de pesquisa até 1966.

Capítulo 26

1959

A Revolução Definitiva

ALDOUS HUXLEY

Novamente falando como homem de letras entre cientistas e técnicos, Huxley definiu sua tarefa como sendo criar “uma ponte entre a ciência e o mundo em geral”. Ele comenta a capacidade superior de pessoas do mundo das letras para descrever o efeito das drogas na mente, e espera que surja uma linguagem que permita às pessoas “falarem sobre uma experiência mística em termos de teologia, de psicologia e de bioquímica a um só tempo”. A droga profetizada em Admirável Mundo Novo, que o autor supunha concretizar-se só depois de vários séculos, foi confirmada depois de apenas 27 anos: havia agora no mercado uma droga patenteada com o nome de “Soma”. Huxley concitava a platéia a lidar com a questão do ser humano sob ataque farmacológico, rememorando seu aviso feito em 1936 de que “os propagandistas do futuro serão provavelmente químicos e fisiologistas, assim como escritores”.

Esta NOITE me perguntei o que, exatamente, eu estava fazendo nesta companhia. Sou provavelmente o único diplomado em artes nesta grande conferência de doutores em várias ciências. Venho aqui como uma espécie de ignorante no vasto mar do conhecimento especializado. Há um verso muito curioso, que foi preservado do poeta grego Arquiloco. Foi transformada em título de um interessante ensaio de Isaiah Berlin sobre Tolstói, Eis o verso: “A raposa sabe muitas coisas, mas o ouriço sabe uma única coisa enorme.” Ora, este é um verso enigmático. Mas no terreno da história natural o que ele significa é claro: a raposa sabe toda espécie de truques, mas o ouriço pode enrolar-se em forma de bola e resistir à raposa. É um verso que pode ser aplicado em muitos campos. Na literatura, por exemplo, há autores raposa e autores ouriço. Há as raposas que dominam uma área enorme e sabem muitas, muitas coisas. O exemplo supremo, é claro, é Shakespeare. E há os ouriços, que se concentram numa idéia e desenvolvem-na até o limite, e o exemplo supremo é, naturalmente Dante.

No caso presente, acho que posso aplicar essa idéia aos especialistas e não-especialistas, e posso dizer que aqui sou uma espécie de raposa de segunda categoria no meio de inúmeros ouriços da alta categoria, e que é que estou fazendo? Qual a vantagem da minha presença aqui?

Bem, obviamente não posso competir com nenhum dos ouriços. Ouço os trabalhos lidos aqui, e muitos deles me parecem extremamente interessantes, e eu aprendo muita coisa com eles. Mas, confesso que, quando os ouriços ficam químicos demais, eu me perco e fico sem saber do que estão falando. Mesmo assim, acho que a raposa, com seu conhecimento, um tanto superficial, de várias coisas, sua atividade abrangente e em várias direções, tem um valor, e pode fazer alguma coisa, especialmente se ela está disposta a

trabalhar com os ouriços.

Naturalmente, nos defrontamos com o grande problema da especialização. Outro dia eu estava lendo um livro extremamente interessante, que vai sair na primavera, que trata da atividade de meu avô como reformador educacional. Ele era, acima de suas atividades como biólogo, imensamente interessado e ativo em questões sociais, e foi o principal responsável pelo currículo da Comissão das Escolas de Londres quando a educação tornou-se universal e gratuita na Inglaterra. E trabalhou muito para transformar a Universidade de Londres numa universidade realmente moderna, com departamentos especializados em todos os campos. Ele percebia que era necessária uma especialização para explorar as profundezas do conhecimento científico.

Mas a coisa interessante é que vinte anos depois, dois ou três anos antes de morrer, ele estava profundamente preocupado em desfazer os efeitos da especialização. Queria tirar os professores de seus nichos, juntá-los num esforço conjunto para reunir seu conhecimento especializado e apresentá-lo ao mundo. E depois de quase setenta anos este continua sendo um de nossos problemas consideráveis. Como aproveitar o máximo de ambos os mundos: o mundo da especialização, que é absolutamente necessário, e o mundo da comunicação e interesse gerais pelos assuntos mais importantes da vida, que também é necessário.

E acho que aqui o homem de letras tem uma contribuição a oferecer. Ele pode, se decidir associar-se aos ouriços, fazer algo para formar uma ponte entre a ciência e o mundo em geral. Isto me parece um assunto de importância crucial. Parecemos ter agora uma atitude realmente esquizofrênica.

Se eu tivesse o controle da educação, ia começar mostrando às crianças bem novinhas que a regra fundamental de moralidade, a regra de ouro, -começa no nível sub-humano, até mesmo sub-biológico. Se queremos que a natureza nos trate bem, temos que tratar bem a natureza. Se começarmos a destruir a natureza, a natureza vai nos destruir, e esse preceito moral básico é fundamental em nosso conhecimento atual d' ecologia e conservação. D que sabemos agora sobre ecologia indica que a natureza existe num equilíbrio delicadíssimo, e que qualquer coisa que afete esse equilíbrio vai produzir conseqüências inesperadas e com freqüência desastrosas. Vemos então que muitas das mais importantes verdades éticas fluem natural e simplesmente de fatos científicos, e eu estou convencido de que essa espécie de ponte entre o mundo da ciência pura para o mundo da ética devia ser construída desde a mais tenra idade.

Mas enquanto isso o homem de letras pode fazer muito para estabelecer essa ponte. Homens de letras muito pensaram sobre a relação entre o corpo e a mente, o cérebro e o corpo, e o físico em geral é o espírito, e produziram alguns resultados muito interessantes, que podem ser chamados de pré-científicos. Por exemplo, se se comparar a psicologia medieval ou a psicologia do século XVI com a poesia dos *Contos de Canterbury* de Chaucer, percebe-se a enorme superioridade do artista literário sobre o homem de ciências naquele período. O mesmo acontece com Shakespeare. Quando se examina a psicologia oficial da época, fica-se espantado por sua crueza; mas quando se estudam as peças de Shakespeare, fica-se ainda mais espantado pela enorme sutileza da psicologia, e a agudeza desse homem extraordinário. A psicologia oficial, científica, não alcança a psicologia literária até o final do século XIX. É incrível ver a aridez da doutrina psicológica oficial desse período, em comparação com a psicologia literária de romancistas como Balzac ou Dickens ou George Eliot ou Dostoiévski e Tolstói. Fica-se impressionado com a pobreza das formulações científicas em comparação com a extraordinária riqueza e a sutileza que esses homens, através da observação e da intuição, colocaram em seus romances. É divertido ver também,

o modo como alguns dos problemas que estão sendo discutidos agora, o efeito das drogas sobre a mente, por exemplo, eram discutidos e compreendidos pelos grandes mestres da literatura no passado.

Há pouco mencionávamos o problema do álcool. É interessante ver como esses homens perceberam o fato de que os efeitos do álcool eram profundamente diferentes segundo o temperamento e a constituição das pessoas que o tornavam. E, aliás, não assisti a todas as sessões da conferência até agora, mas entre

essas a que assisti fiquei impressionado com a ausência de menção ao fato profundamente importante de que a espécie humana é mais variável do que quaisquer outras espécies em toda a natureza. De uma maneira geral podemos dizer que a variabilidade a espécie aumenta à medida que subimos na escala evolucionária, e que o máximo de variabilidade está na espécie humana, que somos profundamente diferentes uns dos outros como indivíduos, tanto estruturalmente quanto bioquimicamente. E é interessante, por exemplo, ver o modo como Shakespeare mostra que a embriaguez de um Falstaff é totalmente diferente da embriaguez de um Cassio, uma figura militar que pertence ao extremo do que Sheldon chamaria pólo somático da variabilidade humana. Ambos os exemplos de embriaguez são também bastante diferentes da embriaguez que seria manifestada, por exemplo, por uma pessoa com o meu tipo físico. Enquanto eu estaria me sentindo extremamente mal e muito, muito melancólico, Cassio seria extremamente agressivo, e Falstaff seria extremamente alegre. Essa profunda variabilidade entre indivíduos é notada, eu suponho, não apenas em relação ao álcool, mas a todas as outras drogas. Cito esse fato apenas para mostrar que o literato fez observações agudas desde o início da história da cultura.

Chegamos agora à questão da linguagem. Em seu trabalho de ontem, o Dr. Joel Elkes frisou o fato de que falta uma linguagem para discutir muitos desses problemas, e ele expressou a esperança de que dentro de pouco tempo possamos usar a matemática para essas discussões. Mas, no que concerne ao público em geral, a matemática não é de muita ajuda, e é aqui que o homem de letras pode, eu acho, desempenhar um papel muito importante. Nosso problema é adaptar uma linguagem que no momento não se presta a descrever a continuidade do corpo e da mente, um universo de continuidade completa. De um modo ou de outro temos que inventar os meios para falar sobre esses problemas de uma maneira artisticamente variada que vai torna-los acessíveis ao público em geral. Idealmente, por exemplo, deveríamos ser capazes de falar sobre uma experiência mística em termos de teologia, de psicologia e de bioquímica a um só tempo. É uma proeza difícil, mas, a não ser que possamos fazer algo assim, vai continuar sendo extremamente difícil para as pessoas pensar sobre essa contínua teia de vida, pensar nela como uma continuidade, e não em termos do velho dualismo platônico e cartesiano que distorce tão extraordinariamente nossa imagem do mundo. Como vamos fazer isso, como os literatos vão conseguir esse milagre da linguagem, eu não sei, mas acho que tem que ser conseguido. E talvez consigamos. Talvez algum futuro Shakespeare vá surgir com um enorme domínio da linguagem, capaz de pegar nosso inglês existente e, de algum modo, por algum milagre de poesia ou milagre de prosa poética, dar essa imagem de uma continuidade. Isso é algo a respeito de que eu mesmo pensei muito, e francamente não tenho talento suficiente para a tarefa.

No início do século XIX, há tanto tempo, Wordsworth comentou, em seu prefácio para as *Baladas líricas*, que chegaria o tempo em que a mais remota descoberta do físico e do químico tornar-se-ia um assunto apropriado para a poesia. Mais de 150 anos se passaram desde então, e esses campos ainda permanecem bem afastados. Ainda não fizemos a

fusão, e este é um assunto sobre o qual os literatos deveriam pensar com muito cuidado.

Basta dessa espécie de justificativa para a minha existência aqui.

Vamos entrar no assunto dessa palestra, que denominei *A Revolução Definitiva*.

A Revolução Definitiva, como eu a vejo, é a aplicação aos assuntos humanos, tanto em nível social quanto em nível individual, da tecnologia. Ora, o que é tecnologia? Tecnologia, a técnica em geral, eu imagino, é a aplicação, de um modo perfeita-mente consciente e racional, de métodos bem planejados para fazer as coisas com eficiência. A palavra de ordem é “eficiência”.

O início da tecnologia, nos tempos modernos, foi no campo da produção industrial, no campo da aplicação de máquinas e trabalho fabril aos problemas de produzir, primeiramente, bens tecidos, depois bens metalúrgicos, e cada vez mais aos produtos industriais diversos. Então, com a criação de maquinaria mais complicada, tornou-se necessário aplicar a técnica a esferas especificamente humanas. De maneira geral podemos dizer que, quanto mais complicada é a maquinaria física, mais complicada tem que se tornar essa organização na sociedade que usa essas máquinas.

Naturalmente, a aplicação da técnica a problemas sociológicos, políticos e governamentais é antiga, embora esporádica. Por exemplo, no Velho Testamento, no *Livro de Samuel* e no *Livro de Crônicas*, lemos que o Rei Davi ordenou a enumeração do povo. Ele ordenou um censo, que é um dos primeiros métodos seguidos por qualquer governo eficiente e dotado de mentalidade técnica. Mas é interessante notar que Davi o ordenou expressa-mente contra a vontade de Jeová, e como resultado de tentação por parte de Satã. Assim, vemos que nesse período da Idade do Bronze, em que foram escritos o *Livro de Samuel* e o *Livro de Crônicas*, havia um poderoso sentimento antitécnica. As pessoas sentiam, com convicção, que havia um grande perigo em deixar que o governo viesse e descobrisse tudo sobre elas.

Há bastante base para essa suspeita, e no exame da História vemos que um dos grandes alicerces da liberdade tem sido a ineficiência. O desejo de ser um tirano existiu com frequência, mas os meios para ser tirânico muitas vezes foram extraordinariamente deficientes. O espírito de despotismo era forte, mas a carne era fraca. Vejam o caso de Luís XIV. Luís XIV proclamou-se monarca absoluto e teria gostado de organizar todo o mundo, mas seu arsenal técnico era deficiente, e foi muito fácil para os indivíduos escapar entre as malhas de sua rede extensamente tecida. Mesmo na época de Napoleão nós ficamos impressionados pela ineficiência do chefe de polícia, Fouchette, um homem de enorme capacidade, com um departamento altamente organizado.

Mas comparadas com a eficiência das forças policiais até mesmo do estado democrático de hoje, essas pessoas eram inteira-mente ineptas. E havia muita liberdade individual, simplesmente porque as pessoas no poder não conseguiam controlar as massas.

Esses esforços esporádicos e preliminares do que poderia ser chamado tecnicizar o controle governamental têm atravessado a História. Por exemplo, o mundo romano era impressionantemente bem organizado em muitos aspectos. Eles tecnicizaram as forças militares de um modo em que elas não tornaram a ser tecnicizadas até a segunda metade do século XVIII. Tinham um sistema de lei técnico e racional, tal como não tornamos a ver até a época de Napoleão e a reforma da lei inglesa durante o século XIX. Mas é claro que tudo isso desapareceu, e durante a Idade Média tivemos um extraordinário mundo antitécnico no qual a organização era, por assim dizer – não gostamos de usar essa palavra, mas era, de

um certo modo, *natural*. Desenvolveram-se organizações, as corporações, por exemplo, que cresceram a partir da associação de pessoas que faziam o mesmo tipo de coisa, sem qualquer tipo de sistema planejado. E era tudo notavelmente ineficiente.

Tinha que ser inteiramente destruído na época da Revolução Francesa, para tornar possível o grande desenvolvimento da tecnologia, que se seguiu. Essas que podem ser chamadas sociedades naturais tinham que ser atomizadas, desintegradas para permitir que surgisse a organização em larga escala técnica.

Hoje vemos a aplicação da técnica a assuntos humanos numa escala ainda maior em todos os países, e eu diria que a diferença realmente importante entre o mundo comunista e o mundo ocidental não se baseia na teoria marxista que exige a propriedade pública para os meios de produção. Esta é uma espécie de mitologia do mundo soviético. Mas a diferença real é que os comunistas estão dispostos a permitir que a tecnicização chegue a seu limite absoluto, enquanto nós temos escrúpulos consideráveis sobre permitir que isso domine nossas velhas tradições de liberdade pessoal e instituições democráticas. Marx e Engels deram uma importância extraordinária ao aspecto técnico da organização social; e o que vemos na Rússia de hoje é um mundo no qual a tecnologia recebe carta-branca, e no qual o homem está cada vez mais subordinado às necessidades da tecnologia.

E um dos perigos mais graves com que nos defrontamos é exatamente este: estarmos sendo forçados, pela tecnologia, a tomar o mesmo caminho que os russos tornaram voluntariamente, mas nós estamos sendo empurrados para lá. A tecnologia tende a crescer e desenvolver-se segundo as leis de seu próprio ser. Ela não se desenvolve de acordo com as leis de nosso ser. As duas coisas são bem distintas, e o homem agora se encontra subordinado a essa coisa que ele criou, e sujeito às suas leis, que não são leis humanas.

Vemos essa tecnicização prosseguir em muitos campos. Por exemplo, no campo do governo, mesmo nos governos democráticos e liberais, é bem claro que todo o sistema de governo está se tornando cada vez mais tecnicizado. Neste país há, eu creio, nada menos que cinquenta e seis agências do governo cuidando apenas de estatísticas; tornou-se necessário que tenhamos esse imenso arsenal de conhecimento técnico para permitir que a coisa funcione. Depois, existem os poderes reais do governo que foram tão imensamente fortalecidos pelo avanço da tecnologia. A polícia, por exemplo, tem poderes que, como declarei, a polícia de Napoleão nem imaginava. Não é apenas uma questão de possuírem armas superiores ou meios de comunicação que as forças policiais antigas não possuíam. É também uma questão de terem métodos extremamente precisos para registrar coisas. A posição de todos fica registrada em cartões perfurados, em microfilmes, etc. Este é um fato inteiramente novo. Há uma imensa massa de informações sobre todo o mundo nas mãos do governo central, que nunca existiu antes. A coisa pela qual Davi foi castigado alcançou uma importância que era absolutamente inimaginável há cem anos.

Este é apenas um dos campos no qual vemos o avanço da técnica. Tornamos a vê-la no campo econômico, onde, até mesmo nos países ocidentais, o velho hábito de deixar a economia inteiramente para o mercado livre é bastante substituída por um elaborado sistema de planos.

A tecnicização está sendo ainda mais acelerada pelo aumento rapidíssimo da população. A medida que os números aumentam, também aumentam os problemas de organização. As grandes dificuldades que surgem, à medida que os números pressionam cada vez com mais força os recursos, levarão, inevitavelmente, a uma atividade muito mais intensivamente planejada do governo central. E, à medida que os números aumentarem

durante os próximos cinquenta anos, como evidentemente farão – estamos crescendo agora a uma média de mais ou menos quarenta e cinco milhões por ano, no planeta –, à medida que isso acontecer, acho que veremos ainda mais tecnicização, uma usurpação maior, pela administração central, das funções que costumavam estar na mão de indivíduos.

E agora chegamos ao aspecto mais interessante e talvez o mais alarmante dessa tecnicização da vida humana, que é a técnica aplicada a indivíduos, não apenas à sociedade em larga escala, mas ao indivíduo, e isso pode ser dividido em várias categorias.

Em primeiro lugar, naturalmente, há essa técnica espantosa-mente bem desenvolvida, a propaganda. A propaganda pode ser definida como oposta ao argumento racional, argumento baseado em fatos. O argumento baseado em fatos pretende produzir uma convicção intelectual; a propaganda pretende, acima de tudo, produzir atos reflexos. Destina-se a fazer um desvio para evitar a escuta racional baseada no conhecimento dos fatos e chegar diretamente ao nexo solar, por assim dizer, e a afetar o subconsciente. A eficácia da propaganda foi demonstrada, em escala assustadora, na Alemanha de Hitler; e é novamente demonstrada na ditadura comunista, e é demonstrada neste país pela extrema eficiência da publicidade comercial.

A tecnicização dos meios de chegar ao inconsciente humano apresenta um perigo enorme para toda a nossa concepção tradicional de democracia e de liberdade. Parece transformar em bobagem o processo democrático, que, afinal de contas, se baseia na teoria de que os eleitores fazem escolhas racionais, apoiadas em fatos. E quando se lê num livro como *The hidden persuaders* (Os persuasores ocultos) que neste país 'ambos os partidos políticos empregam agentes de publicidade para manejar a maquinaria de suas campanhas, fica-se assustado, e imagina-se quanto tempo a tradição democrática vai poder sobreviver nas garras de um método técnico que é cuidadosamente preparado para evitar a escolha racional e para afetar as pessoas num nível abaixo da razão, num nível quase fisiológico.

Então vemos novamente a tecnicização da persuasão como ela se manifesta nos processos de lavagem cerebral, que é cuidadosamente baseada no trabalho de Pavlov, e que é, pelo que podemos julgar pelos resultados conseguidos na China e entre prisioneiros de guerra na Coreia, extremamente eficiente, e com certeza destinada a se tornar cada vez mais eficiente ao longo do tempo.

Finalmente chegamos à questão de atacar o ser humano no nível fisiológico, por meios farmacológicos. O neste ponto que este congresso, eu acho, tem que começar a pensar sobre o que vai acontecer com essas drogas que vão sendo desenvolvidas. Como é que serão usadas? Como é que vamos ter certeza de que serão bem usadas? Parece-me perfeitamente viável que possa ser produzida uma droga eufórica bem mais eficiente e menos danosa do que o álcool, e, se essa droga se tornasse acessível, e fosse introduzida em todas as garrafas de Coca-Cola, então claramente, como eu me aventurei a afirmar há mais de vinte e cinco anos em *Admirável mundo novo*, isso poderia tornar-se um instrumento incrivelmente poderoso nas mãos de um ditador. Acho que o que está-se tornando bem claro é que as ditaduras do futuro provavelmente não serão baseadas no terror, como as ditaduras do passado próximo têm sido, as ditaduras de Hitler e Stalin. O terror é um método extremamente destrutivo, estúpido e ineficiente de controlar o povo. Os romanos descobriram isso há muitos anos. Tentaram o mais possível dirigir seu império por consentimento e não por mera coerção. E estamos agora em posição de agir muito melhor que os romanos, porque temos esse enorme arsenal de técnicas que permitirão aos dirigentes fazer seus súditos realmente *gostarem* da escravidão. Em *Admirável mundo novo* a distribuição dessa droga misteriosa, que chamei de Soma e cujo nome foi aproveitado

pelos Laboratórios Wallace (devo dizer que para um produto muito pior), a distribuição dessa droga era um esteio da plataforma política – era simultaneamente um dos grandes instrumentos de poder nas mãos da administração central, e ao mesmo tempo era um dos grandes privilégios das massas a permissão de tomar essa droga, porque as tornava muito felizes. Isso naturalmente era uma fantasia, mas uma fantasia que agora está bem mais perto de ser realizada do que eu pensei, e do que estava, certamente, naquela época. E me parece perfeitamente viável que haverá, na próxima geração ou na seguinte, um método farmacológico de fazer as pessoas gostarem de sua servidão, e produzir ditaduras sem lágrimas, por assim dizer. Produzir uma espécie de campo de concentração indolor para sociedades inteiras, de modo que as pessoas na verdade serão privadas de suas liberdades mas gostarão disso, porque estarão distraídas de qualquer desejo de rebelião – pela propaganda, pela lavagem cerebral, ou pela lavagem cerebral intensificada por métodos farmacológicos. E isto me parece ser *A Revolução Definitiva*.

No passado, tivemos revoluções que ficavam todas na periferia das coisas. O ambiente era mudado na esperança de mudar-se o indivíduo que estava no centro desse ambiente. Hoje, graças à aplicação de técnicas aos seres humanos, estamos em posição de mudar o ser humano. De modo que a revolução definitiva vai dizer respeito ao homem e à mulher como eles são, e não ao ambiente em que vivem, e não vejo como se possa ir mais longe que a natureza definitiva dessa revolução.

Agora surge a questão: o que pode ser feito, se é que se pode fazer alguma coisa, a respeito desse avanço constante da tecnicização? Obviamente, impedi-la está fora de questão. A tecnicização vai continuar, gostemos ou não, e também parece perfeitamente claro que sem um aumento constante da tecnicização em muitos campos vai ser quase impossível proporcionar uma vida decente para o número cada vez maior de pessoas. De modo que temos que aceitar. o fato de que esse processo técnico vai continuar, e vai continuar a se desenvolver de acordo com as leis de seu próprio ser. Vai ser desenvolvido com o objetivo de produzir cada vez mais eficiência, não necessariamente com o objetivo de produzir seres humanos inteiramente desenvolvidos. Isso nada tem a ver com aquilo, e nem qualquer questão de ética tem algo a ver com aquilo. O imperativo categórico da tecnologia é a eficiência.

A questão é: podemos resistir a isso, podemos aproveitar o melhor dos dois mundos? Como eu disse, não é uma questão de esperar abolir a técnica. Acho que isso é impossível. É uma questão de aproveitar de alguma forma o melhor dos dois mundos, de modo que possamos aproveitar os resultados da tecnologia, que são a ordem; a eficiência e a profusão de bens, e ao mesmo tempo aproveitar o que para os seres humanos sempre foi considerado da maior importância, isto é, 'a liberdade e a possibilidade de espontaneidade. Essa questão da espontaneidade é terrivelmente importante, e é, na verdade, um dos grandes inimigos da técnica. Um ser humano numa unidade produtiva altamente tecnicizada não pode simplesmente ser espontâneo. Isso se chocaria com o plano apresentado de antemão pelos engenheiros e técnicos que decidem como ele deveria trabalhar, e desse modo ele, o ser humano, é profundamente diminuído, porque não tem permissão para ser espontâneo.

Nosso problema é descobrir um modo de permitir que essa espontaneidade venha à tona, e permitir que a liberdade exista, deixando, no entanto, que a técnica se desenvolva até os limites que ela tem que alcançar, e isso é um problema incrivelmente difícil. É também um problema por demais urgente.

Quando escrevi *Admirável mundo novo*, em 1932, imaginei que esse tipo de mundo

existiria daqui a uns 500 anos. Mas um grande número de previsões feitas naquela fantasia tornou-se verdadeiro dentro de vinte e -sete anos, e parece bem provável que várias outras tornar-se-ão realidade dentro da próxima geração, de modo que não há muito tempo. A urgência é altamente intensificada pelo enorme crescimento da população. Quando se reflete, por exemplo, que países como o México terão suas populações duplicadas nos próximos vinte e quatro anos, vê-se que devemos começar a fazer alguma coisa imediatamente.

E eu acho que o primeiro passo é tentar descobrir o que pode ser que aconteça. No passado nós nos deixamos tomar de surpresa pelo desenvolvimento da tecnologia. Acho que não era necessário. Acho que não era necessário sermos tomados de surpresa pelo desenvolvimento do sistema fabril no final do século XVIII e no início do século XIX. Se tivéssemos nos dedicado, se nossos antepassados tivessem se dedicado a tentar prever o que ia acontecer, acho que eles não teriam que sujeitar milhões de seres humanos a uma vida absolutamente infernal, no que Blake chamava o moinho escuro e satânico da época. Se tivéssemos usado um pouco de imaginação e um pouco de boa-vontade naquele tempo, acho que poderíamos ter salvo milhões de pessoas de uma infelicidade incalculável durante duas ou três gerações.

E acho que não temos que nos deixar ser tomados de surpresa novamente. Acho que temos uma grande quantidade de fatos, e que com um pouco de imaginação podemos projetá-los no futuro, e podemos ver com bastante clareza o que vai acontecer, o que é provável que aconteça, contanto que não nos expludamos antes.

Parece-me por demais importante que os ouriços, os especialistas, entrem em contato com os representantes das outras especialidades não-científicas, e com representantes do público leigo comum. E posso imaginar um congresso em escala muito maior, não necessariamente maior em número, mas numa escala mais variada, do que o congresso que hoje aqui tem lugar. Teria representantes de várias disciplinas científicas encontrando representantes do governo, dos negócios, do campo da religião, sentando-se e tentando imaginar (A) o que é provável que aconteça, e (B) o que pode ser feito para abrandar os resultados, que, se doados por sua própria conta, acho que serão extremamente perigosos e extremamente indesejáveis. Acho que tem que haver um congresso assim, tem que haver um encontro de cabeças para tentar planejar uma política educacional qualquer, uma política governamental qualquer, uma política legal qualquer em relação a esse processo de tecnicização desmedido, que vem prosseguindo nos últimos 100 anos, que vem prosseguindo com uma aceleração crescente, e que vai nos levar Deus sabe aonde dentro dos próximos cinquenta anos.

Encerro, portanto, com essa idéia: que numa instituição como esta, na Universidade da Califórnia, no departamento médica ou em outro qualquer dos departamentos, haja um congresso periódico de tipos de pessoas bem diferentes para pensar sobre esses problemas e, como eu disse, se possível, planejar alguns meios pelos quais possamos aproveitar o melhor de ambos os mundos. O melhor do mundo puramente humano, e o melhor desse mundo extraordinário, maravilhoso e assustador da técnica.

Capítulo 27

1960

Cartas

Huxley fez várias conferências esse ano, em universidades de ambas as costas e na Fundação Menninger, em Topeka. Sua popularidade crescente como conferencista pode ser provavelmente <atribuída tanto à sua inteligência única e encantadora, quanto a seu assunto, do qual a Experiência Visionária era apenas um tópico interessante. O câncer foi descoberto mas rapidamente destruído pelo tratamento com agulhas de rádio. Houve tempo para duas sessões psicodélicas: uma experiência com LSD em junho, na qual ele profetizou a interpretação hindu e a budista do amor (ligação/alheamento – “ambos os tipos de nirvana”). Então, em novembro, ele e Humphry Osmond viajaram para Cambridge, onde encontraram o Dr. Timothy Leary e seus colegas que estavam na época conduzindo experiências em larga escala em Harvard (Projeto de Pesquisa sobre Psicodélicos). Lá Huxley tomou psilocibina pela primeira vez, num grupo com cinco outras pessoas.

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 842]

3276 Deronda Dr., L. A. 28, Cal.

17 de julho de 1960

Meu Caro) Humphry,

Obrigado por sua ótima carta [...]

Seu trabalho com visualizadores parece muito interessante. Você tem alguma idéia da razão por que algumas pessoas visualizam e outras não? Eu não, a não ser quando tenho febre de 40 graus. Até mesmo o LSD – pelo menos em doses de 100 p – não me faz ver coisas com os olhos fechados. Tornei LSD há umas três ou quatro semanas e tive algumas experiências interessantes do modo como, segundo os hindus, o pensamento e o pensador e a coisa sendo pensada são um só – e depois do modo como essa experiência sem dono se torna algo que pertence a mim; depois não havia mais eu, e uma espécie de *sat chitananda*, num momento sem *karuna* ou caridade (como é estranho que os vedânticos nada falem sobre o Amor, enquanto que os budistas de Mahayana insistem que, a não ser que a *prajnaparamita* (a sabedoria da outra margem) tenha *karuna* como o

reverso da medalha, o *nirvana* é, para o Bodhisattva, não melhor . que o inferno). E nessa experiência com LSD, tive um vislumbre de ambos os tipos de *nirvana* – o contentamento-de-ser-consciência sem amor, e o mesmo com amor e, acima de tudo, uma

sensação de que amor nunca é demais.

Gostei das coisas que você disse sobre o capítulo do Dr. Raynor Johnson sobre as drogas e a experiência espiritual em seu último livro. Um livro interessante – embora talvez ele multiplique as entidades espirituais além do ponto estritamente necessário. Mas talvez a navalha de Ockham não seja um princípio científico válido. Talvez de vez em quando as entidades devam ser multiplicadas além do ponto da mais simples explicação possível. Pois o mundo é sem dúvida muito mais estranho e mais complexo do que pensamos normalmente.

Espero que suas dificuldades administrativas tenham sido resolvidas e que você esteja livre agora para dar prosseguimento a algo mais interessante. Fico feliz de saber que os russos tornaram conhecimento do seu trabalho [adrenocromo].

Do sempre seu, Aldous

* *Watcher on the hills; a study of some mystical experiences of ordinary people.* [O observador nas colinas ; um estudo de algumas experiências místicas de pessoas comuns]. (Londres, 1959.)

Capítulo 28

1960

A Arte da Ficção

ALDOUS HUXLEY

Como entrevistado na famosa série de entrevistas com grandes autores da Paris Review pediram a Huxley para comentar a relação entre drogas psicodélicas e o processo criativo, e o valor dos vislumbres psicológicos que a droga proporcionava ao escritor de ficção.

ENTREVISTADORES

O senhor vê alguma relação entre o processo criativo e o uso de drogas tais como o ácido lisérgico?

HUXLEY

Acho que não se pode fazer uma generalização sobre isso. A experiência mostrou que há uma enorme variação no modo como as pessoas reagem ao ácido lisérgico. Algumas pessoas provavelmente poderiam receber inspiração estética direta, para pintura ou poesia. Outras, acho que não poderiam. Para a maioria das

pessoas e uma experiência extremamente significativa, e acha que e um modo indireto ajudaria o processo criativo. Mas acho que não se pode sentar-se e dizer: “Quero escrever um poema magnífico, portanto vou tomar um ácido lisérgico.” Acho que de modo algum isso daria a certeza de que a pessoa teria o resultado desejado – o resultado poderia ser qualquer um.

ENTREVISTADORES

A droga ajudaria mais ao poeta lírico que ao romancista ?

HUXLEY

Bem, o poeta certamente teria uma visão extraordinária da vida, que ele não teria tido de outro modo qualquer, e isso poderia ajudá-lo muito. Mas, sabem (e isso é a coisa mais importante da experiência), durante a experiência a pessoa não está realmente interessada em fazer qualquer coisa prática – nem mesmo escrever poesia lírica. Se você estivesse tendo um caso com uma mulher, estaria interessado em escrever sobre isso’. Claro que não. E durante a experiência a pessoa não está particularmente interessada em palavras, porque

a experiência transcende as palavras e é bastante inexprimível em termos de palavras. Assim sendo, parece muito tola a idéia de se conceitualizar o que está acontecendo. *Depois* do acontecimento, parece-me bem possível que ele poderia ser de grande ajuda: as pessoas veriam o universo à sua volta de um modo muito diferente, e possivelmente sentir-se-iam inspiradas a escrever algo a respeito dele.

ENTREVISTADORES

Mas traz-se muita coisa da experiência?

HUXLEY

Bem, há sempre a lembrança completa da experiência. A pessoa se lembra que algo extraordinário aconteceu. E até certo ponto pode-se reviver a experiência, particularmente a transfiguração do mundo exterior. Têm-se vislumbres disso, vê-se o mundo dessa maneira transfigurada de vez em quando – não no mesmo grau de intensidade, mas algo parecido. Realmente ajuda a pessoa a olhar para o mundo de uma maneira nova. E ela passa a entender claramente o modo como certas pessoas especialmente dotadas enxergam o mundo. Na verdade, ela é apresentada ao tipo de mundo em que Van Gogh vivia, ou o tipo de mundo em que Blake vivia. Começa-se a ter uma experiência diria desse tipo de mundo enquanto se está sob a droga, e depois pode-se lembrar e até um certo ponto recapturar essa espécie de mundo, onde certas pessoas privilegiadas entravam e saíam, como Blake obviamente fez o tempo todo.

ENTREVISTADORES

Mas os talentos do artista não ficarão diferentes do que eram antes que ele tomasse a droga?

HUXLEY

Não vejo por que deviam ser diferentes. Foram feitas algumas experiências para ver o que um pintor pode fazer sob a influência da droga, mas a maioria dos exemplos que vi são muito desinteressantes. Nunca se poderia esperar reproduzir totalmente a tão incrível intensidade de cor que se tem sob a influência da droga. A maioria das coisas que vi são apenas exemplos um tanto cansativos de expressionismo, que mal corresponde, eu pensaria, à experiência real. Talvez um artista imensamente dotado – alguém como Odilon Redon (que provavelmente via o mundo assim todo o tempo) – talvez um homem assim pudesse aproveitar da experiência com ácido lisérgico, pudesse usar suas visões como modelos, pudesse reproduzir na tela o mundo exterior transfigurado pela droga.

ENTREVISTADORES

Aqui, hoje, como em seu livro *As portas da percepção*, o senhor conversou principalmente sobre a experiência visual sob a droga, e sobre pintura. Existe algum ganho semelhante em vislumbre psicológico?

HUXLEY

Acho que sim. Enquanto se está sob a droga, tem-se vislumbres penetrantes das pessoas em volta, e também da própria vida da pessoa. Muitas pessoas têm uma recordação enorme de material enterrado. Um processo que pode levar seis anos de psicanálise acontece numa hora – e consideravelmente mais barato! E a experiência pode ser muito liberadora e dilatadora de outros modos. Mostra que o mundo em que se vive habitualmente é simplesmente uma criação desse ser convencional e altamente condicionado que é cada um de nós, e que há vários outros tipos de mundo lá fora. É uma coisa muito salutar, perceber que o universo meio enfadonho no qual a maioria de nós passa a maior parte do tempo não é o único universo que existe. Acho que é saudável que as pessoas tenham essa experiência.

ENTREVISTADORES

Tal vislumbre psicológico poderia ajudar o escritor de ficção?

HUXLEY

Duvido. Afinal, a ficção é fruto do esforço contínuo. A experiência com ácido lisérgico é uma revelação de algo fora do tempo e da ordem social. Para escrever ficção, precisa-se de uma série de inspirações sobre pessoas num ambiente real, e depois muito trabalho duro na base dessas inspirações.

ENTREVISTADORES

Há alguma semelhança entre o ácido lisérgico, ou a mescalina, e o *soma* de *Admirável Mundo Novo*?

HUXLEY

Nenhuma. O *soma* é uma droga imaginária, com três efeitos diferentes – eufórico, alucinógeno ou sedativo – uma combinação impossível. A mescalina é o princípio ativo do cacto do peio-te, que foi usado durante muito tempo pelos indígenas do sudoeste em seus ritos religiosos. Ela agora é sintética. O ácido lisérgico-dietilamido (LSD-25) é um composto químico com efeitos semelhantes aos da mescalina, foi desenvolvido há uns doze anos, e no momento só está sendo empregado experimentalmente. A mescalina e o ácido lisérgico transfiguram o mundo exterior e em certos casos produzem visões. A maioria das pessoas tem o tipo de experiência positiva e esclarecedora que descrevi; mas as visões podem ser infernais, assim como celestiais. Essas drogas são fisiologicamente inócuas, exceto para pessoas com problemas de fígado. Deixam a maioria das pessoas sem ressaca, e não provocam vício. Psiquiatras descobriram que, usadas com habilidade, elas podem ser muito úteis no tratamento de certos tipos de neuroses.

ENTREVISTADORES

Como aconteceu do senhor se envolver em experiências com a mescalina e o ácido lisérgico?

HUXLEY

Bem, durante muitos anos interessei-me por isso, e estava me correspondendo com Humphry Osmond, um jovem psiquiatra inglês muito competente, trabalhando no Canadá. Quando ele começou a testar seus efeitos em diferentes tipos de pessoas, tornei-me uma de suas cobaias. Descrevi tudo isso em *As portas da percepção*.

Capítulo 29

1960

Cogumelos no Almoço

TIMOTHY LEARY

Huxley e Osmond visitaram o Dr. Timothy Leary em Harvard, onde o Projeto de Pesquisa sobre Psicodélicos estava em andamento. Aqui está narrativa de Leary sobre suas impressões a respeito de Huxley na ocasião de seus primeiros encontros em Cambridge.

[...] George [Littwin] começou a falar sobre a literatura a respeito de estados visionários e perguntou-me se eu tinha lido os livros de Aldous Huxley sobre a mescalina, *As portas da percepção* e *Céu e inferno*, e quando eu disse que não ele desceu correndo o corredor até seu escritório e trouxe-os. Retângulos pequenos e finos. Enfiei-os nos bolsos de meu paletó.

O assunto final era importante. Onde arranjaríamos os cogumelos? Alguém tinha me dito que o Serviço de Saúde Pública tinha conseguido sintetizar os cogumelos, e eu disse que escreveria a Washington e tentaria verificar essa pista. Gerhart [Braun], 1^o no México, tinha me dito que ia continuar a procurar Juana, a bruxa, e se a encontrasse ele conseguiria um grande suprimento e mandaria uma parte para mim. E Frank Barron, em Berkeley, tinha me dito que o pessoal da Universidade do México tinha cultivado cogumelos e talvez pudéssemos arranjar alguns com eles.

Naquela noite li Huxley. E depois tornei a ler os dois livros. E li de novo. Estava tudo lá. Toda a minha visão. E mais ainda. Huxley tinha tomado mescalina num jardim e dado um pontapé na mente e despertado para a eternidade.

Mais ou menos uma semana depois, alguém numa festa me disse que Aldous Huxley ia passar o outono na cidade, e aquilo parecia um bom presságio, de modo que sentei-me e escrevi-lhe uma carta.

Dois dias depois, durante uma de nossas reuniões de planejamento, o Sr. Huxley telefonou para dizer que estava interessado, e marcamos um almoço.

Aldous Huxley estava hospedado num novo apartamento do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) dando para o Rio Charles. Ele atendeu à campainha – alto, pálido, frágil – e fomos de carro para o Clube da Faculdade de Harvard. Ele leu lentamente o cardápio através de sua lente de aumento. Perguntei-lhe se queria sopa e ele perguntou que tipo de sopa era e eu consultei o cardápio e era sopa de cogumelos, de modo que rimos e comemos cogumelos no almoço.

Aldous Huxley: Buda curvado, imponente, grisalho. Um homem bom e sábio. Uma cabeça como uma enciclopédia multilíngüe. Voz elegante e alegre, exceto quando o tom se elevava em indignação passageira e divertida por causa da superpopulação ou da

pomposidade dos psiquiatras.

Conversamos sobre como estudar e utilizar as drogas que expandem a consciência, e concordamos agradavelmente no que fazer e no que não fazer. Evitar a abordagem comportamentalista da consciência dos outros. Evitar rotular ou despersonalizar a pessoa sob a droga. Não deveríamos impor nosso jargão ou nossos próprios jogos experimentais a outras pessoas. Não pretendemos descobrir novas leis, isto é, descobrir as implicações redundantes de nossas próprias hipóteses. Não nos limitaríamos ao ponto de vista patológico. Não interpretaríamos o êxtase como mania, ou a tranqüila serenidade como catatonia; não iríamos diagnosticar Buda como um esquizóide desligado; nem Cristo como um masoquista exibicionista; nem a experiência mística como um sintoma; nem o estado visionário como um modelo de psicose. Aldous Huxley rindo, com humor cheio de compaixão, da loucura humana.

E com que erudição! Avançando e recuando na História, citando os místicos, Wordsworth, Plotino. O Areopagita. William James. Indo desde o passado esotérico, de volta ao presente bioquímico: Humphry Osmond curando alcoólatras em Saskatchewan com LSD; Keith Ditman e seus planos para limpar os becos marginais de Los Angeles com LSD; Roger Heim levando seu saco de cogumelos mexicanos para os químicos parisienses que não conseguiram isolar o ingrediente ativo, e depois procurando Albert Hofmann, o grande suíço, que o conseguiu e chamou-o psilocibina. Tinham mandado as pílulas para a *curandera* em Oaxaca e ela experimentou-a e teve visões adivinhatórias e ficou feliz porque poderia praticar seu trabalho o ano inteiro e não parecia um bom presságio, de modo que sentei-me e escrevi-lhe uma carta.

Aldous Huxley estava agudamente consciente das complicações políticas e da esperada oposição dos Murugans, o nome que ele deu ao pessoal detentor de poder em seu romance *A ilha*.

– *Drogas... Murugan estava me falando sobre os fungos que são usados aqui como fonte de drogas.*

– *O que é um nome? [...] Resposta: praticamente tudo.*

Murugan chama de droga e sente a respeito dela toda a desaprovação que, por reflexo condicionado, o palavrão evoca. Nós, pelo contrário, damos a ela nomes bonitos – a medicina-moksha, o revelador da realidade, a pílula da verdade-e-beleza. E sabemos, por experiência própria, que os nomes bonitos são merecidos. Enquanto que este nosso jovem amigo não tem qualquer conhecimento em primeira mão da substância e não pode ser convencido nem mesmo a experimentar. Para ele é droga, e droga é algo de que, por definição, nenhuma pessoa decente se aproxima.

Aldous Huxley aconselhou, explicou, brincou e contou casos, e nós ouvimos, e nosso projeto de pesquisa foi planejado de acordo com isso. Huxley ofereceu-se para participar de nossas reuniões de planejamento e estava pronto para tomar cogumelos conosco quando a pesquisa estivesse em andamento.

Dessas reuniões nasceu o esboço de um estudo-piloto naturalístico, no qual as pessoas sob a experiência seriam tratadas como astronautas – cuidadosamente preparadas, sabendo de todos os fatos disponíveis, e depois deixadas para manejarem sua própria espaçonave, fazerem suas próprias observações, e apresentarem-se de volta ao controle no solo. Não seriam pacientes passivos, mas heróis-exploradores.

Durante as semanas de outubro e novembro de 1960, houve muitas reuniões para

planejar a pesquisa. Aldous Huxley chegava, ouvia e depois fechava os olhos e desligava-se dali para entrar em seu transe de meditação controlado, o que era enervante para algumas das pessoas de Harvard que confundem atenção com conversa, e depois ele abria os olhos e fazia um comentário que tinha a pureza de um diamante...

Capítulo 30

1960

Relatório sobre a Sessão de Harvard

Huxley e Osmond visitaram o Dr. Timothy Leary em Harvard, onde o Projeto de Pesquisa sobre Psicodélicos estava em andamento. O relatório que se segue, sobre uma sessão de psilocibina, a partir de anotações de laboratório não publicadas, exhibe a metodologia dos pesquisadores de Harvard e mostra Huxley como um participante semianônimo na experiência em grupo.

DATA: Domingo, 6 de novembro de 1960

SITUADO :

Nesta sessão, os membros restantes do grupo de pesquisa foram expostos à experiência com psilocibina. A sessão "começou ao meio-dia de domingo e durou até às 8 horas da noite. O local era, como na sessão precedente, a casa ampla e confortável do principal pesquisador.

PARTICIPANTES:

nº. 1/4: de sessões anteriores.

nº 11: Sr. Aldous Huxley.

nº 12: Mulher de 20 anos de idade, esposa do nº 3. Ela é uma garota preocupada e um tanto imatura, que construiu expectativas e temores extravagantes com relação a participar juntamente com pessoas mais velhas e mais famosas, a quem ela respeitava.

nº 13: Um brilhante estudante graduado em psicologia, idade 27 anos, uma pessoa tensa e energética que esteve em estado de pânico antecipado durante as duas semanas que antecederam a experiência.

Nº 14 Uma diplomada em universidade, idade 25 anos, esposa do nº 6, que tinha-se envolvido perifericamente em assuntos visionários desde que seu marido se envolvera em pesquisas sobre a mescalina, no ano anterior.

DOSAGEM:

nº 1: tomou 10 mg no início e mais 10 mg depois de quarenta minutos, a mesma

nº 4: dosagem acima.

tomou 10 mg no início e nada mais.

nº 11: a mesma dosagem que n.º 1 e n.º 4; isto era clara-mente uma dose exagerada. Esta pessoa (50 qui-los) tinha tido um problema intestinal na véspera,
nº 12: estava menstruada e além disso não era tão resistente e “forte” emocionalmente quanto qualquer dos participantes precedentes.

a mesma dosagem de n.º 1, n.º 4 e n.º 12, totalizando 20 mg.

a mesma dosagem acima.

nº 13: experimentou os fenômenos clássicos, intensificação visual, calma

nº 14: vedântica, experiências filosóficas unificadoras centralizando-se nos temas

RI'SULTADOS: levantados pela atividade do grupo – isto é, domesticidade e dever. Este participante foi forçado a assumir atividades executivas durante seis das oito

nº. 1: horas, e foi capaz de funcionar com mais sucesso que o normal nas decisões sociais de rotina que surgiram; afirmou ter tido vislumbres duradouros de temas éticos e filosóficos.

sentou-se calmamente durante cinco horas, eufórico, observando atentamente e entrando em empatia com os acontecimentos à sua volta; foi capaz de exercer um controle quase completo apesar da dosagem de 20 mg.

passou o tempo todo sentado em tranqüilidade contemplativa; ocasionalmente produzia epigramas importantes; relatou que a experiência foi uma experiência filosófica edificante.

nº 4: tola euforia; sentiu-se um tanto isolada porque os outros participantes estavam calmamente sentados em meditação; depois da dosagem adicional de 10 mg tornou-se deprimida, chorou, concentrou-se em problemas pessoais; enquanto que a experiência foi dolorosa, trouxe à tona problemas de que: subseqüentemente ela foi capaz de cuidar

nº. 11:

nº. 12:

Capítulo 31

1961

Cartas

Em maio desse ano, um incêndio destruiu completamente a casa dos Huxley em Deronda Drive, inclusive sua biblioteca de 4.000 volumes e todos os seus manuscritos, com a exceção do quase terminado A ilha, que ele salvou das chamas e terminou algumas semanas mais tarde. “É estranho estar começando do princípio na minha idade”, ele escreveu a respeito do incêndio. Em 1961 ele pronunciou três grandes conferências: uma sobre o controle da mente, em San Francisco, outra num congresso anual de parapsicologia na França, e a terceira num congresso internacional de psicologia aplicada, na Dinamarca. Deu sua entrevista mais longa – cobrindo duas tardes inteiras – para um comentador da BBC em Londres. Encontrou-se com o Dr. Albert Hofmann na Suíça, e viajou à Índia pela primeira vez desde a década de 20.

Suas cartas ao Dr. Timothy Leary mostram seu continuado interesse pela arte visionária, assim como pela inutilidade da abordagem científica (por exemplo, a pavloviana) que encara negativamente o comportamento modificado. Expressou com frequência seu cuidado em não dramatizar ou glamurizar as drogas psicodélicas nos meios de comunicação de massa, e esse fato é reiterado numa carta a Osmond.

AO DR. TIMOTHY LEARY¹

3276 Deronda Drive, Los Angeles 28, Calif.

6 de fevereiro de 1961

Meu CARO Tim,

Obrigado por sua carta de 23 de janeiro, que chegou durante a minha ausência – primeiro no Havaí, depois em São Francisco (onde tivemos um bom congresso sobre *O Controle da Mente*).

Não vou poder – infelizmente! – escrever coisa alguma para Harpers – estou desesperadamente ocupado tentando terminar um livro.

Em S.F. encontrei o Dr. [Oscar] Janiger, a quem não via havia vários anos. Ele me disse que deu LSD a 100 pintores que fizeram quadros antes, durante e depois da droga, e cujos esforços estão sendo avaliados por uma equipe de críticos de arte. Isto pode ser interessante. Eu lhe dei seu endereço, e acho que você vai ter notícia dele.

Também conversei rapidamente com o Dr. Joly West (prof. de psiquiatria na Faculdade de Medicina da U. de Oklahoma), que me contou que trabalhou muito com privação sensorial, valendo-se de versões aperfeiçoadas das técnicas de John Lilly. Efeitos visionários interessantes – mas não tive tempo de ouvir detalhes.

Você tem razão sobre a inutilidade da abordagem “científica”. Esses idiotas deviam ser pavlovianos, e não etnólogos lorenzianos. Pavlov nunca viu um animal em seu estado natural, só sob tensão. Os rapazes do LSD “científico” fazem a mesma coisa com as pessoas submetidas às experiências. Não é de espantar que eles encontrem psicoses.

Do seu, Aldous

¹ Diretor do Projeto de Pesquisa sobre Psicodélicos em Harvard, 1960-68. Não consta da edição de Smith das cartas de Huxley.

AO DR. TIMOTHY LEARY [SMITH 861]

The Plaza, Quinta Avenida com Rua 59, Nova Iorque 13 de abril de 1951

Meu caro Tim

Na próxima vez que você vier a Nova Iorque vá ver a exibição de Max Ernst no Museu de Arte Moderna. Alguns dos quadros são exemplos maravilhosos do mundo visto do ponto de observação do LSD ou dos cogumelos. Ernst vê de modo visionário, e é também um artista de primeira categoria, capaz de expressar o que vê em quadros que são tão adequados aos fatos visionários quanto qualquer outro que eu conheça. Pode ser interessante entrar em contato com ele, descobrir qual é o estado normal dele, e então dar-lhe LSD ou cogumelos e fazê-lo comparar suas experiências normais com as produzidas pela droga. Combinação de idiosincrasia psicológica e enorme talento faz dele um caso raro e valioso.

Do seu, Aldous

Capítulo 32

1961

Entrevista em Londres

ALDOUS HUXLEY

Durante um verão em Londres, Huxley concedeu sua mais longa entrevista (ocupou duas tardes inteiras) a John Chandar. Trechos dela foram transcritos em Bedford, inclusive os extratos que se seguem, relativos a drogas psicodélicas.

– Quantas vezes o senhor tomou mescalina?

– Tomei mescalina duas vezes, e LSD umas cinco vezes, acho.'

– O efeito é o mesmo em todas as pessoas?

– Varia. No total, não. Estatisticamente, mais ou menos 70% obtêm um resultado bom, positivo e agradável, uma certa percentagem não obtém resultado algum, e uma certa percentagem obtém resultados muito desagradáveis, lembrando o inferno. Essas pessoas ficam muito assustadas.

– E quais foram os seus?

– Os meus resultados sempre foram positivos...

– Quanto tempo dura o efeito?

– Oito horas.

– Durante esse tempo, a pessoa só fica sentada, ou se movimenta?

– Ela se movimenta, se quiser... Passa-se muito tempo sentado, olhando em silêncio para as coisas – tendo alguns desses estranhos vislumbres metafísicos do mundo...

– É uma droga que crie dependência?

– Não, absolutamente não... A maioria das pessoas que conheço não teve desejo especial de continuar ingerindo-a. Elas gostariam de tomar a droga a cada seis meses, ou uma vez por ano, ou coisa assim...

– Não é um estado em que as pessoas queiram ficar, ou continuar a ficar?

– Não se poderia ficar nele o tempo todo... O mundo se torna tão extraordinário e tão absorvente que não se pode atravessar uma rua sem correr o risco de ser atropelado...

– Mas se essa visão é tão maravilhosa, será que a pessoa não quer continuar...

Bem, eu gostaria de tomar a droga mais ou menos uma vez por ano. A maioria das pessoas... que a tomaram não têm a menor vontade de brincar com ela. As pessoas a levam a sério demais, não vão se comportar dessa maneira em relação a e a.

Ninguém quer chafurdar nela.

– Seria chafurdar, se ela abrisse uma vida...?

– Bem, para digerir isso é preciso um bocado de tempo, eu acho...

* Huxley queria dizer que ele tinha tomado mescalina quatro vezes e LSD três vezes. Subseqüentemente ele tomou LSD mais uma vez e psilocibina duas vezes, num total de 10 doses psicodélicas (documentadas) numa década – virtualmente a mesma cifra dada por L. Huxley e S. Bedford.

Capítulo 33

1961

Experiência Visionária

ALDOUS HUXLEY

A conferência que se segue, realizada numa reunião internacional de psicólogos, é talvez a mais sistemática das muitas palestras que Huxley fez sobre esse assunto. A pergunta "Por que as pedras preciosas são preciosas?" veio a funcionar como um koan Zen cada vez que ele falava sobre este assunto. Ele abrange métodos de acesso ao Mundo Visionário, as características da experiência e seu valor na religião, no folclore e nas artes. Seus comentários sobre o acesso químico agora incluem referências à recente síntese da psilocibina.

Sr. Presidente, senhoras e senhores, sinto-me um pouco incerto sobre estar aqui num grupo de cientistas ilustres. No entanto, consolo-me com o pensamento de que as pessoas de minha profissão ocuparam-se com os problemas da psicologia três ou quatro mil anos antes da sua profissão ser inventada. Naturalmente, vocês sistematizaram o que as pessoas no campo literário viram de um modo um tanto vago, intuitivo e espasmódico, e naturalmente nós, por nossa vez, podemos aprender muito com vocês.

Minha desculpa para estar aqui, realmente, pode ser resumida numa frase de Alexander Pope, que diz que "os tolos correm para onde os anjos temem pisar". Entre tantos anjos acadêmicos que estão, naturalmente, completamente inibidos por seu meio ambiente, por seus interesses intelectuais disfarçados, por seus diplomas, é muito importante, eu acho, que irrompa, de vez em quando, um tolo literato que não é inibido em qualquer desses níveis e que começa a percorrer esse campo imenso e não tem medo de fazer papel de tolo, ou de acabar envolvendo-se numa espécie qualquer de encrenca acadêmica. Acho que, apesar do fato de que os literatos não podem contribuir com coisa alguma de sólido interesse científico, eles podem, mesmo assim, ser de alguma ajuda, pois exploram áreas desse universo fantástico da mente humana, que o psicólogo acadêmico, mais cauteloso, tem um certo temor de adentrar. E com essa breve introdução deixe-me prosseguir para esse fascinante tema da Experiência Visionária.

POR QUE AS PEDRAS PRECIOSAS SAO PRECIOSAS?

Bem, vou começar fazendo uma dessas perguntas que as crianças fazem a seus pais e que os deixa completamente desorientados – uma pergunta do tipo "Por que a grama é verde?". A minha pergunta é: Por que as pedras preciosas são preciosas? É bem estranho, quando se pensa no assunto: por que os seres humanos gastaram tanto tempo, tanta energia e tanto dinheiro para colecionar cascalhos coloridos? Não há nisso um valor

econômico concebível, e elas até que- são bonitinhas, mas parece muito estranho que se colocasse tanta energia no objetivo ele colecionar pedras preciosas, e também que tenha surgido tamanha mitologia e tamanho folclore como o que surgiu e foi cristalizado em torno das pedras preciosas.

Por que as pedras preciosas sempre foram consideradas .-extremamente preciosas? Bem, esta pergunta me foi feita há uns cinqüenta anos pelo ilustre filósofo norte-americano George Santayana, e ele apresentou esta resposta. Ele disse, eu acho, que elas são preciosas porque, d- todos os objetos deste mundo de transiência, esse mundo de perpétua extinção, elas parecem ser a coisa mais próxima da permanência absoluta; elas nos dão, por assim dizer, uma espécie de imagem visível da eternidade ou da imutabilidade. Bem, acho que essa resposta tem seu valor, mas não é, de modo algum, a resposta completa para nosso problema. Ela ó importante porque parece remontar a algum profundo fator psicológico na mente, mas acho que ela não vai suficiente-mente longe; acho que não chega ao fator psicológico mais importante, que determina a preciosidade das pedras preciosas. E aqui vou citar outro filósofo da antiguidade, Plotino, o grande filósofo neoplatônico, que, numa passagem muito interessante e profundamente significativa, diz: “No mundo inteligível, que é o mundo das Idéias platônicas, tudo brilha; conseqüentemente, a coisa mais bonita de nosso mundo é o fogo!”

Este comentário é significativo de várias maneiras. Em primeiro lugar, interessa-me profundamente por mostrar que uma grande estrutura metafísica, a estrutura platônica e neoplatônica, era essencialmente alicerçada numa experiência para-sensorial. O mundo das Idéias brilha, é um mundo que pode ser visto; e esse fato curioso, de que o mundo ideal pode na verdade ser visto, pode ser encontrado também no próprio Platão. No *Fédon*, Sócrates fala do mundo póstumo para onde vão os bons depois de mortos, e é um tanto difícil compreender, a partir do próprio diálogo, se ele é simplesmente um mundo paradisíaco, ou se é também, num certo sentido, o mundo das Idéias. Mas, de qualquer maneira, o que Sócrates diz sobre esse mundo – que ele chama a outra terra – é novamente que nessa outra terra tudo brilha, que as próprias pedras da rua e das montanhas têm a qualidade de pedras preciosas; e ele termina dizendo que as pedras preciosas de nossa terra, nossos altamente valorizados rubis, esmeraldas, e assim por diante, são apenas fragmentos infinitesimais das pedras que podem ser vistas nessa outra terra; e essa outra terra, onde tudo é mais brilhante, mais claro e mais real do que em nosso mundo, é, ele diz, uma visão dos espectadores abençoados. Bem, eis novamente aqui outra indicação de que uma grande idéia metafísica, a Idéia platônica, o sistema platônico de um mundo ideal, é também baseado num mundo de visão. É uma visão dos espectadores bem-aventurados, e acho que agora começamos a ver por que as pedras preciosas são preciosas: elas são preciosas porque de algum modo nos lembram algo que já está lá em nossas mentes. Lembram-nos esse mundo paradisíaco, mais-que-real, que às vezes é vislumbrado conscientemente por algumas pessoas e de que a maioria das pessoas, eu acho, já teve breves vislumbres, e de que nós todos, de um modo obscuro qualquer, estamos cõnscios, num nível inconsciente. E, como diz Plotino, é por causa da existência desse outro mundo, esse outro mundo luminoso, que a coisa mais bonita do mundo é o fogo.

Ora, é interessante o fato de falarmos que os diamantes têm fogo, que os diamantes mais preciosos e mais valiosos são aqueles com maior quantidade de fogo, e que toda a arte de lapidar diamantes é, naturalmente, a arte de fazê-los mostrar a maior quantidade possível de fogo interior. E pode-se mesmo dizer que todas as pedras preciosas são, num certo sentido, fogo cristalizado. É muito significativo encontrarmos, neste contexto, no Livro de

Ezequiel, quando ele está descrevendo o Jardim do éden, que ele está cheio de pedras de fogo – que são simplesmente pedras preciosas – assim vemos, acho que de modo definitivo, que elas nos lembram esse estranho outro mundo do fundo de nossas mentes, ao qual algumas pessoas conseguem obter acesso, e ao qual algumas pessoas têm acesso espontaneamente.

ACESSO AO MUNDO VISIONÁRIO

Acesso Espontâneo. Antes de continuar a falar sobre a natureza real desse mundo visionário interior, deixem-me falar um pouco sobre os meios de acesso a esse mundo. Algumas pessoas chegam lá espontaneamente; parecem ser capazes de ir e voltar sem dificuldade entre o mundo visionário e o mundo cotidiano, biologicamente útil, de nossa experiência comum. Temos pessoas como William Blake, por exemplo, que estão passando constantemente de um mundo para o outro. Blake teve um período, na meia-idade, em que era incapaz de visitar o mundo visionário. Durante uns vinte anos ele não o viu. Costumava vê-lo em sua juventude, e depois novamente na velhice ele era capaz de penetrar nele à vontade. E temos, acho, vários casos de poetas e artistas que passavam de um mundo ao outro. Existem descrições muito bonitas e detalhadas do mundo visionário, dadas ao poeta irlandês George Russell – que escrevia sob o nome de A.E. – onde ele descreve suas próprias experiências de ir e voltar do luminoso mundo dentro da mente.

Há esses casos espontâneos em que uns poucos privilegiados são capazes de visitar o outro mundo e voltar em segurança. Então acho que podemos dizer também que, num número muito grande de crianças – não sei qual é a proporção; acho que nunca isso foi sistematicamente investigado – mas num bom número de crianças há essa capacidade de viver numa espécie de mundo visionário. Elas vêem tanto dentro quanto fora desse mundo luminoso transfigurado. É, naturalmente, o mundo descrito por Wordsworth em sua famosa *Ode on the intimations of immortality from recollections of early childhood* (Ode sobre os Indícios de Imortalidade em Recordações da Primeira Infância). Acho que muitas crianças têm exatamente o tipo de indícios de imortalidade que Wordsworth descreveu. Depois, a seu tempo, à medida que são submetidas ao nosso sistema de educação analítico e conceitual, elas perdem a capacidade de ver esse ou'ro mundo que gradualmente, nas palavras de Wordsworth, “esmaece à luz do dia comum”. Depois de ter vivido num mundo que tinha “a glória e o frescor de um sonho”, elas retornam para este mundo um tanto enfadonho, um tanto pobre no qual a maioria de nós passa a vida. Eu diria, de passagem, que um dos maiores problemas da educação é como ajudarmos as crianças a aproveitar o máximo de ambos os mundos. Como podemos ajudá-las a aproveitar o máximo do mundo de experiência primária (e dessa extensão da experiência primária que é a experiência visionária) e ao mesmo tempo ajudá-las a aproveitar o máximo do mundo da linguagem e o máximo do mundo dos conceitos e das idéias gerais? No presente, nosso sistema de educação parece quase uma garantia de que, enquanto lhes ensinamos a usar palavras e conceitos, nós apagamos esse outro mundo de beleza e de realidade mais elevada em que tangias crianças vivem.

Estes são dois casos de consciência espontânea do outro mundo, do mundo visionário. Outro tipo de pessoas que têm essa consciência espontaneamente são os moribundos. Os leitores Tolstoi não de se lembrar daquele extraordinário conto *A morte de Ivã Ilyitch*, em que, no final de seus indescritíveis sofrimentos, esse infeliz sente que está

sendo empurrado para dentro de um saco negro, cada vez mais profundo, e de repente, poucas horas antes de morrer, ele percebe que o fundo desse saco está aberto e que no final dele há luz.

Isto não é simplesmente uma invenção literária. Nos últimos meses, o Dr. Karlis Osis,¹ da Fundação de Parapsicologia de Nova Iorque, vem mandando questionários a um grande número de médicos e enfermeiras, fazendo com que relatem o estado de espírito de pacientes no leito de morte. O interessante é que ele Osis, primariamente, acho, umas 800 respostas de médicos e enfermeiras que relatam que, espontaneamente, pacientes à beira da morte tiveram mesmo essas tremendas experiências visionárias de luz, de figuras luminosas. É muito interessante aprender que esse fenômeno, que naturalmente já foi relatado na literatura do passado, é agora confirmado estatisticamente. Esta é uma das coisas mais fascinantes que psicólogos profissionais estão fazendo hoje em dia. Estão confirmando, por questionários e em laboratórios, todo tipo de coisas que eram conhecidas intuitivamente, e conhecidas por observação, e registradas de modo casual por literatos e filósofos do passado.

¹*Karlis. Deathbed observations by physicians and nurses (Observações de médicos e enfermeiras junto ao leito de morte). Em "Parapsychological Monographs" (Monografias Parapsicológicas), n.º 8, N.Y. : Fundação de Parapsicologia, Inc. 1961. (Condensado no International Journal of Parapsychology (N.Y.) v. 4, n.º 2, p. 27-56. Ver também Duncan Blewett, Psychedelic drugs in parapsychological research (Drogas psicodélicas na pesquisa parapsicológica), ibid', v. 5, n.º 1, inverno de 1963, p. 43-74).*

Bem, como eu disse, isso representa o terceiro tipo de casos espontâneos. Agora temos que passar para os casos provocados.

Acesso Provocado. O fato de a experiência visionária sempre ter sido altamente valorizada, em todos os lugares e em todos os tempos, significa que em todos os tempos e em todas as culturas foram feitos esforços sistemáticos para provocar essa experiência.

A experiência pode ser provocada de várias maneiras. Vamos discorrer rapidamente sobre algumas delas.

Um método é a hipnose. Sob hipnose profunda, um certo número de pessoas (não muito grande, mas já vi algumas) evidentemente entra nesse mundo e relata acontecimentos muito estranhos e interessantes: elas vêem figuras, vêem paisagens luminosas, e assim por diante. Esses não são fenômenos muito comuns, mas é interessante saber que há um certo número de pessoas que pode ser transportado a esse outro mundo por hipnose.

Há outros métodos psicológicos de entrar no outro mundo, e um dos mais conhecidos no Oriente é, naturalmente, o método da concentração dirigida a um só ponto, o tradicional método ioga de excluir tudo além de um ponto particular no qual a atenção é concentrada. Isto, em muitos casos, parece resultar no rompimento da barreira que rodeia nosso mundo de consciência comum, cotidiano, biologicamente utilitário, e a passagem para outro tipo de consciência, a consciência visionária. Há ainda outro método que tem sido praticado, é claro, dentro de todas as grandes tradições religiosas, o método que agora é chamado privação sensorial, ou ambiente restrito. Aqui, novamente, é muito interessante ver psicólogos profissionais repetindo, em laboratório, o trabalho que foi feito por razões metafísicas e religiosas por eremitas e santos vivendo em cavernas nas montanhas ou no deserto. É extraordinário que quando limitamos o número de estímulos externos ou os abolimos totalmente, como pode ser feito com alguma dificuldade, então, num período de tempo relativamente curto, a mente começa a produzir tremendas experiências visionárias.

Historicamente vemos figuras como Santo Antônio e os monges da Thebaida, no deserto egípcio, no século IV, e vemos também os eremitas do Himalaia, os eremitas tibetanos e hindus que viveram em completo isolamento nas cavernas. Por exemplo, quando se lê a vida de Milarepa, o grande eremita tibetano, ou a vida de Santo Antônio e São Paulo, o eremita na tradição cristã, vê-se que esse isolamento produzia de fato experiências visionárias. E é, interessante, como eu disse, ver esses fatos confirmados por pesquisadores contemporâneos como D. O. Hebbm McGill, no Canadá, ou meu amigo o Dr. John Lilly no Instituto Nacional de Saúde em Washington. Lilly provavelmente foi mais longe que qualquer outra pessoa ao criar um ambiente restrito. Ele entra numa banheira à temperatura de 35,5 graus, prende-s numa espécie de colete de modo a mal poder mover-se, respira apenas através de um tubo, de modo que até seu rosto está coberto de água e não há diferença de sensação em parte alguma de seu corpo, e dentro de três ou quatro horas ele está tendo tremendas experiências visionárias. Ora, o fato interessante é que, como Santo Antônio, a maioria dessas experiências visionárias é extraordinariamente desagradável, e pedi ao Dr. Lilly que descrevesse essas experiências, mas ele nunca me disse exatamente o que eram elas, exceto que eram realmente muito, muito desagradáveis. Santo Antônio, como qualquer pessoa que já visitou um museu sabe, também era sujeito a experiências extremamente desagradáveis, mas ele ocasional-mente tinha experiências genuinamente místicas e divinas. É também interessante que, em todas as tradições religiosas, desertos e lugares onde há um mínimo de estímulos sensoriais sempre foram olhados de modo ambivalente, primeiro como os lugares onde Deus está mais perto e segundo como o lugar onde abundam demônios. Encontramos no Novo Testamento, por exemplo, que os demônios que são expulsos por Jesus vão para o deserto porque esse é o lugar natural, o *habitat* dos demônios. Mas, por outro lado, os eremitas que viveram nos desertos, no século IV, dizem que foram para lá porque esse é um lugar onde se pode chegar mais perto de Deus, do que em qualquer outro lugar. Como eu disse, é extremamente interessante descobrir que essas antigas práticas religiosas podem ser e têm sido confirmadas no laboratório de pesquisadores psicológicos modernos. Outro método de entrar no outro mundo é o método da respiração sistemática. Os exercícios de respiração foram desenvolvidos, mais sistematicamente, na Índia, é claro, e encontramos traços deles na tradição ocidental, particularmente na tradição da Igreja Ortodoxa Grega, onde as pessoas evidentemente empregavam alguns métodos de respiração, e até mesmo em místicos ocidentais. Estou pensando no Padre Surin, o jesuíta francês do século XVII que fala sobre os diferentes métodos de respirar, embora ele não saiba descrever exatamente quais eram. O fato importante sobre os exercícios de respiração é que acho que se pode dizer que todos esses complicados exercícios de respiração tendem a terminar numa prolongada suspensão da respiração. Novamente, é bem sabido que uma alta concentração de dióxido de carbono no sangue produz realmente experiências visionárias notáveis e espantosas, de sorte que vemos aqui, nesse modo empírico, que pessoas em todas as tradições religiosas do passado fizeram uso de métodos para alterar a química do corpo, de uma maneira que facilitava as experiências visionárias. Essa é, novamente, a razão fisiológica, não a razão metafísica ou ética, para práticas tais como o jejum. O jejum tem sido empregado em por assim dizer todas as tradições culturais com o propósito, entre outras coisas, de provocar visões. Por exemplo, na primitiva sociedade indígena na América isso era parte comum da iniciação dos jovens adolescentes. Eles saíam para a floresta ou para a campina e jejuavam até ter uma visão do deus que estavam buscando, e eles sempre acabavam por ter uma visão. Os métodos de jejum, naturalmente, foram usados em todas as tradições religiosas. Esse efeito psicológico do jejum foi confirmado num amplo estudo feito por Keys, intitulado *The biology of human starvation* (A biologia da inanição humana). Há uma descrição minuciosíssima do que

acontece depois de um grande período de abstinência de alimentos, e entre as coisas que acontecem estão essas experiências visionárias. Sabemos também que quantidades insuficientes de vitaminas, assim como simplesmente quantidades insuficientes de calorias, produzem profundas mudanças psicológicas. Há profundas mudanças psicológicas na pelagra, por exemplo, e no beribéri. Aqui, novamente, é interessante olhar para a História, com o conhecimento que temos agora, e ver por que um período como a Idade Média foi provavelmente muito mais fértil em visões do que um período da época atual. A razão é muito simples, que nós estamos na verdade entupidos de vitaminas, e eles não estavam. Afinal, todo inverno na Idade Média era uma época de extrema deficiência vitamínica: a pelagra e outras doenças de deficiência eram muito comuns. Depois de um longo período de jejum involuntário vinham os quarenta dias da Quaresma, onde o jejum voluntário era imposto sobre o jejum involuntário, de modo que quando a Páscoa chegava a mente estava completa-mente pronta para qualquer tipo de visão. Acho que não há dúvida de que essa é uma das razões por que experiências visionárias espontâneas são muito menos comuns agora do que eram. é simplesmente um fator dietético. No passado, nas civilizações mas antigas, uma dieta um tanto deficiente tendia a tornar possíveis certos tipos de experiências visionárias, enquanto que agora nossa dieta bem avultada tende a bloqueá-las.

Personagem histórico de Os demônios de Loudun. [Trad. bras. : Porto Alegre, Globo, 1982.]

Keys, Ancel et al. The biology of human starvation (Biologia da inanição humana). Minneapolis, Editora da Univ. de Minnesota, 1950.

Entre outros métodos de transportar a mente para o outro mundo havia a privação do sono. Encontra-se isto em todas as tradições religiosas: o sono é reduzido e a mente é aberta e amadurecida para a experiência visionária. É, novamente, interessante ver o psicólogo profissional confirmando as descobertas do passado. Meu amigo, o Dr. J. West, há um ano ou dois teve a oportunidade de supervisionar o período insone de um homem que era *disc jockey* numa estação de rádio norte-americana. Por causa de aposta, ele tinha decidido ficar sem dormir por um período de não me lembro quantos dias, dez ou doze. O Dr. West supervisionou o empreendimento e disse-me que foi muito interessante, depois de sete ou oito dias, ver como esse homem estava vivendo num mundo inteiramente visionário, com .ocorrências de todo tipo de visões estranhas, algumas horríveis e outras bens bonitas. Portanto, vemos novamente uma interessante confirmação de velhas descobertas empíricas, num laboratório moderno.

Até mesmo o hábito medieval de austeridade ou punição auto-imposta era provavelmente também extremamente propicia-dor de visões. A autoflagelação, por exemplo: se se analisa quais eram os efeitos dessa espécie de procedimento, fica bem claro que todos eles propiciavam experiências visionárias. Primeiro eles liberavam uma grande quantidade de adrenalina, uma grande quantidade de histamina, tendo ambas efeitos muito estranhos sobre a mente, e depois, na Idade Média, quando não existiam sabonetes nem antissépticos, qualquer ferida podia infeccionar, e infeccionava, e os produtos da decomposição da proteína entravam na corrente sanguínea. Sabemos também que essas coisas têm realmente efeitos psicológicos muito .estranhos e interessantes. Para confirmar tudo isso, é muito curioso ler o comentário do grande francês do século XIX, o Cura d'Ars (agora canonizado sob o nome de São João Vianney), que foi proibido pelo bispo de praticar austeridades muito severas, as

autoflagelações que ele tinha praticado quando rapaz, e ele disse nostalgicamente: “Quando eu tinha permissão para fazer o que eu queria com o meu corpo, Deus não me recusava coisa alguma.” Isto é uma declaração psicológica muito interessante de que evidentemente há reações psicológicas no nível bioquímico que, ligadas a esse tipo de autoflagelação, tendem a produzir visões.

Acesso Químico. Vamos passar agora ao último tipo de métodos para induzir visões; ele tem a ver com a ingestão de vários agentes químicos. Ora, como o antropólogo francês Philippe de Félice mostrou há uns vinte anos em seu livro *Poisons sacrés. ivresses divines* (Venenos sagrados, embriaguez divina) virtualmente em todas as tradições religiosas, tanto civilizadas como primitivas, drogas que alteram a mente têm sido usadas com o fito de provocar experiências visionárias. Todo tipo de substância química tem sido usada com esse propósito. A mais antiga registrada, suponho, é o *soma* dos hindus. Ninguém sabe, eu acho, qual era a planta do soma. Foi identificada como a *Asclepias* (ascléia, ou paina-de-sapo), mas a descrição no texto sagrado não parece combinar com a dessa planta. Pelo texto antigo, parece que era uma planta trepadeira que os arianos que invadiram a Índia no ano 1000 a.C. trouxeram com eles da Ásia Central, e tornou-se cada vez mais difícil conseguir a planta à medida que eles penetravam mais na Índia. Philippe de Félice tem uma hipótese muito interessante sobre o desenvolvimento da loga (que evidente-mente teve lugar mais ou menos nessa época, embora possa ter começado antes, com o povo da Índia pré-ariana). Os invasores arianos podem ter sido forçados a adotar a loga pelo fato de que lhes era impossível obter suprimentos de *soma*, de modo que, como não podiam induzir visões por meios bioquímicos, eles eram forçados a recorrer a exercícios puramente psicológicos e de respiração para chegar ao mesmo lugar. É uma hipótese interessante, que talvez possa ser verdadeira. Não sei. Bem, entre outras drogas, que naturalmente foram usadas no passado, estão algumas drogas alteradoras da mente extremamente perigosas, como o ópio e a coca, da qual a cocaína é derivada, e outras relativamente perigosas, como o haxixe – e, afinal, nosso velho e caro amigo, o álcool, que era usado pelos gregos, mais tarde pelos persas, e usado pelos celtas na Europa como uma droga alteradora da mente e venerado como um deus. Esta é a coisa interessante: a substância que produz a alteração da mente é considerada divina, e é então substancializada como uma pessoa projetada no universo exterior como uma pessoa divina. Temos o mesmo fenômeno na América Central, onde recentemente os arqueólogos desenterraram nas montanhas da Guatemala um grande número e pequenas figuras de pedra que representam cogumelos, de cujo caule emerge a cabeça de um deus. É muito significativo o ato de que esse cogumento que altera a mente, e que, como veremos num momento, entrou agora na vida européia, fosse substancializado como uma divindade.

O Acesso pelo Cogumelo. Entre as drogas alteradoras da mente menos perigosas, usadas em ritos religiosos no passado, está o peiote, o cacto mexicano, que é usado nos estados do sudoeste dos Estados Unidos, em grande parte do México, e também o banistério (*Bannisteriopsis caapi*) da América do Sul, e agora, é claro, o cogumelo mexicano.

De Félice, Philippe. *Poisons sacrés, cresses divines.* Essai sur quelques formes inférieures de la mystique. (Venenos Sagrados, Embriaguez Divina. Ensaio sobre algumas formas inferiores do misticismo)

Nos tempos modernos, a farmacologia produziu, parcialmente por métodos de extração mais refinados e parcialmente por métodos de síntese, um certo número de drogas alteradoras da mente de poder extraordinário, mas notáveis pelo fato de terem um efeito muito pouco danoso sobre o corpo. O peiote, entre as drogas naturais, quase não tem efeito danoso sobre o corpo; não provoca o vício, e índios de 80 anos não tornam mais quantidades da droga do que tornavam quando eram jovens, nem sentem qualquer vontade de tomá-la com mais freqüência do que uma vez por mês ou a cada seis semanas, quando acontecem os ritos religiosos. O extrato do peiote que é o princípio ativo, e que agora é sintetizado, a mescalina, tem as mesmas qualidades. Entre os acréscimos mais recentes ao *armamentarium* dos farmacologistas, os psicofarmacólogos, estão o LSD-25 (ácido lisérgico-dietilamido) que foi sintetizado pelo Dr. Albert Hofmann, na Basileia, em 1943, e mais recentemente a psilocibina (a respeito da qual espero que o Dr. Leary fale hoje) que foi sintetizada acho que há não mais de dois ou três anos, também pelo Dr. Hofmann, que começou extraíndo os princípios ativos do cogumelo mexicano que tinha sido trazido pelo professor Heim de sua expedição ao México com o Sr. Gordon Wasson.⁴ Tive recentemente a interessante experiência de ler uma carta que o Professor Hom tinha escrito a meu irmão e que dizia: “Acabo de voltar do México, e como grande triunfo levei comigo algumas cápsulas de psilocibina de Hofmann e dei a dose a uma velha senhora – a *curandera*, a curandeira – com quem tínhamos originalmente feito nossas experiências com os cogumelos – e ela ficou muito contente por que os efeitos eram exatamente os mesmos do cogumelo, e disse: ‘Agora posso fazer minha mágica o ano inteiro, não tenho que esperar pela temporada de cogumelos!’” Assim, talvez seja um dos grande triunfos da ciência moderna o fato de um desses dias o Professor Hofmann na Basileia receber um telegrama dizendo: “Por favor mande via aérea cem cápsulas para o sul do México, tenho uma mágica muito importante para fazer essa semana” – e as cápsulas irem e a mágica ser feita.

Esses métodos bioquímicos são, eu imagino, os mais poderosos e os mais seguros, por assim dizer, de todos os meios de nos transportar para esse outro mundo que existe no presente. Acho que, como o Professor Timothy Leary vai explicar hoje, existe um campo muito grande para a experimentação sistemática por psicólogos, porque agora é possível explorar áreas da mente a um custo mínimo para o corpo, áreas que era quase impossível alcançar antes, exceto pelo uso de drogas muito perigosas ou então ao se encontrar as raras pessoas que podem entrar nesse mundo espontaneamente. (Claro que é muito difícil para elas fazer isso a pedido, “o Espírito sopra onde quer”, nunca podemos ter certeza de que as pessoas com o dom da experiência visionária espontânea poderão exercê-la a pedido.) Com drogas como a psilocibina, é possível, para a maioria das pessoas, entrar nesse, outro mundo com muito pouco problema e quase sem prejudicar a si próprias.

4 Heim, Roger & Wasson, É. Gordon. *Les champignons Hallycinogènes du Medique ; études ethnologiques, taxinomiques, biologiques, physiologiques et chimiques*. (Os cogumelos alucinógenos; estudos etnológicos, taxinômicos, biológicos, fisiológicos e químicos). Com a cola-boração de Albert Hofmann, Roger Cailleux, A. Cerletti, Arthur Brack, Hans Kobel, Jean Delay, Pierre Pichot, Th. Lemperière e J. Nicholas-Charles. *Archives du Muséum National d'Histoire Naturelle* (Arquivos do Museu Nacional de História Natural), 1958. Série 7, v. VI. (Paris, 1959). A curandeira era Maria Sabina.

A NATUREZA DA EXPERIÊNCIA VISIONÁRIA

Tendo discutido os meios de acesso a esse mundo de experiência visionária, vou começar a falar da natureza do mundo. Qual é a natureza da experiência visionária?

A Luz • O maior fator comum em todas essas experiências é, eu acho, o fator da luz. Tanto pode haver luz negativa, ruim, quanto luz boa. Em *Paraíso perdido*, Milton fala sobre a iluminação do inferno, que ele diz que é a escuridão visível, Acho que esta é provavelmente uma boa descrição psicológica do tipo de luz sinistra que às vezes os visionários vêem, e é uma luz que acho que muitos esquizofrênicos vêem. No livro da Dra. Séchehaye, *Journal d'une schizophrène* (Diário de uma esquizofrênica),⁵ sua paciente descreve precisamente essa luz assustadora na qual ela vive: é uma espécie de luz infernal, é uma luz como o clarão dentro de uma fábrica, o horrível clarão de luz elétrica brilhando sobre máquinas. Mas, por outro lado, aqueles que entram numa experiência positiva dizem que essa luz é de uma beleza e uma expressividade incríveis.

A experiência de luz no lado positivo pode ser dividida, eu acho, em dois tipos principais. Há a experiência do que pode ser chamado luz indiferenciada, uma experiência apenas de luz, de tudo estar inundado de luz. E há a experiência de luz diferenciada. isto é, de objetos, pessoas e paisagens que parecem estar impregnados e brilhantes de sua própria luz.

De maneira geral acho possível dizer que a experiência de luz indiferenciada tende a ser a experiência associada à experiência mística total. A experiência mística, acho, pode ser definida de maneira um tanto simples como a experiência na qual a relação sujeito-objeto é transcendida, na qual há uma sensação de completa solidariedade da pessoa com outros seres humanos e com o universo em geral. Há também uma sensação do que pode ser chamado de a suprema Perfeição do universo, o fato de que, apesar da dor, apesar da morte, apesar de todos os horror"s que acontecem à nossa volta, esse universo é de algum modo perfeito, e há uma compreensão direta de frases como as que encontramos, por exemplo, no Livro de Jó, frases que em nosso estado normal nós certamente não podemos compreender. Por exemplo, quando Jó diz "Sim, embora ele me extermine, mesmo assim eu confio Nele", isto é incompreensível em nosso nível biológico normal, mesmo ao nível do misticismo induzido.

⁵ Séchehaye, Marguerite A. *Journal d'une schizophrène; auto-observator d'une schizophrène pendant le traitement psyehothérapique. (Diário de uma esquizofrênica. Auto-observação de uma esquizofrênica durante o tratamento psicoterapêutico). (Paris, 1960). (Trad. para o inglês por G. Rubin-Rabson: Reality laet end regained; auto-biography of a schizophrénie gira;1, with analytic interpretation. (A realidade perdida e reencontrada ; autobiografia de uma moça esquizofrênica, com interpretação analítica). (N.Y., 1961.)*

Há também outro traço muito característico na experiência mística: a sensação de uma intensa gratidão, uma intensa gratidão pelo privilégio de estar vivo num universo tão extraordinário quanto este, tão totalmente maravilhoso. Aqui novamente achamos frases, na literatura mística, que são completamente in-compreensíveis ao nível biológico, comum,

cotidiano, mas que se tornam completamente compreensíveis ao nível visionário e místico. Por exemplo, há uma frase de William Blake que diz: “A Gratidão é o próprio Céu”. Que significa isso? É muito difícil imaginar em nosso estado de mente normal, mas torna-se perfeitamente claro no estado místico espontâneo ou provocado: a gratidão é mesmo o próprio Céu, a gratidão intensa, e a experiência real de gratidão têm uma qualidade elevadora e alegre que está além das palavras.

A experiência da luz é, naturalmente, descrita inúmeras vezes na literatura religiosa. Afinal, os casos mais famosos (a luz experimentada por São Paulo na estrada de Dama'.co; uma tremenda explosão de luz que acordou Maomé de seu sono e que o fez desmaiar por causa de sua intensidade; a experiência de luz tremenda que Plotino contou ter tido três ou quatro vezes em sua vida) – isso se encontra inúmeras vezes na literatura. E não vamos imaginar que essas experiências de luz são limitadas apenas a homens e mulheres notáveis; elas não são. Muitas pessoas bem comuns as tiveram, e este é um dos grandes méritos do mais recente livro do Professor Raynor C. Johnson, chamado *O observador nas colinas*, onde ele reúne um grande número de casos de pessoas perfeitamente comuns que tiveram essa tremenda experiência de luz indiferenciada. Se posso citar uma carta que recebi recentemente de um correspondente desconhecido – uma mulher de seus sessenta anos, que me escreveu dizendo que quando estudante tinha tido uma experiência que a afetou toda a vida – ela disse: “Eu era uma garota de 15 ou 16 anos, estava na cozinha fazendo torradas para o chá e de repente, numa escura tarde de novembro, todo o local foi inundado de luz, e durante um minuto pelo relógio eu fiquei imersa nela, e tive a sensação de que, de algum modo inexprimível, o universo era perfeito. Isso me afetou para o resto da vida, perdi todo o medo da morte, tenho paixão pela luz, mas não tenho o menor medo da morte, porque essa experiência da luz tem sido uma espécie de convicção de que tudo, de alguma forma, está certo.”

Watcher on the hills. (O observador nas colinas) (1959).

Essas experiências são relativamente comuns; muitas pessoas mais as têm e não as relatam; quero dizer, vivemos agora numa época em que as pessoas não gostam de falar sobre essas experiências. Se alguém tem essas experiências, ela fica de boca fechada, com medo de lhe mandarem procurar um psicanalista. No passado, quando as visões eram consideradas louváveis, as pessoas falavam sobre elas. Naturalmente corriam um risco considerável, pois no passado a maioria das visões era considerada como sendo inspirada pelo demônio, mas se a pessoa tinha a sorte de convencer os outros de que sua visões eram divinas, ela então obtinha muita consideração. Mas agora, como eu disse, o caso mudou, e as pessoas não gostam de falar sobre essas coisas. Acho que este é o mérito do recente trabalho do Professor Maslow sobre o que ele chama de experiência culminante.⁷ Ele está colecionando um número muito grande de casos desse tipo de experiência, e ele assegura a seus estudantes que não vai considerá-los loucos se eles lhe contarem essas coisas, e ele diz que é surpreendente o número deles que revelam o fato de terem tido essa espécie de experiências.

Com isto encerramos o que se refere à luz indiferenciada, e quero destacar aqui um fato interessante. Acho que se pode dizer que em todas as religiões, tanto primitivas quanto desenvolvidas, a luz é o tipo predominante de símbolo divino, mas o fato interessante é que esse símbolo é baseado num fato psicológico, de que a luz do mundo, a luz interior, o

esclarecimento, a luz clara do vazio na literatura budista, todos esses são símbolos. Mas são também fatos psicológicos. Assim como os grandes sistemas metafísicos – assim me parece – têm sua origem, em muitos casos, em experiências psicológicas, de modo que tornamos a ver que esses símbolos primários da vida religiosa também têm origem nas experiências psicológicas. Essa experiência de luz quase-sensorial é algo que se fez presente e em muitas religiões, e acho que se pode dizer que em todas, e se tornou, como eu disse, o símbolo fundamental.

Agora vamos passar da luz indiferenciada para a luz diferenciada, isto é, a luz contida em objetos, brilhando de pessoas e coisas. Bem, a seu nível mais simples isso é uma espécie de geometria viva luminosa. Há aqui algo bastante interessante. Acho que neste contexto podemos novamente dizer que certos símbolos são baseados em fatos psicológicos. Por exemplo, as mandalas da Índia, nas quais o Dr. Jung era tão interessado, elas também são baseadas, acho, em fatos psicológicos. No que podem ser chamados estágios iniciais da experiência visionária, as pessoas realmente vêm com os olhos fechados coisas que são exatamente como as mandalas. Esses grandes traçados simbólicos são também baseados em experiências psicológicas imediatas.

Além dessas, é claro, há todo tipo de experiências visionárias mais realísticas, naturalísticas – experiências de auras, de paisagens, de figuras. É interessante descobrir que inúmeras vezes, nos relatos de pessoas que tiveram experiências visionárias, encontramos os mesmos elementos descritos, por exemplo, no livro de Heinrich Klüver sobre o peiote, onde ele resume a maior parte do material que tem sido publicado até a época em que ele o escreveu.⁸ “Inúmeras vezes encontramos essa descrição de paisagens e arquiteturas luminosas recamadas de pedras preciosas. As portas e janelas são emolduradas por pedras preciosas, todo o mundo de paisagem é cheio do que Ezequiel chama as pedras de fogo. Essas descrições, naturalmente, são intimamente paralelas aos relatos de paraísos, mundos póstumos e terras encantadas, que são encontradas em todas as tradições do mundo. Mais tarde vamos nos aprofundar nisso, mas acho importante destacar que também aqui há uma base psicológica para uma grande parte do material encontrado na literatura tradicional de religião e folclore.

⁷ Maslow, Abraham H. *Toward a psychology of being* (Para uma psicologia do ser) (Princeton, 1962).

⁸ *Mescal* (1928).

Figuras Visionárias. Agora chegamos às figuras visionárias. Elas também ocorrem, e também aqui há um fato muito curioso e interessante, que tem sido várias vezes registrado na literatura, de experiências espontâneas e experiências provocadas de que quando se vê uma figura, ela virtualmente nunca tem um rosto que possamos reconhecer. Nossos pais, mães, esposas e filhos não aparecem. O que vemos é um completo desconhecido.

Acho que aqui também esse fato explica algumas especulações teológicas interessantes. Por exemplo, os anjos não são, como agora teoricamente se supõe, os espíritos dos mortos que partiram; eles pertencem a uma espécie inteiramente outra. Isto confirma exatamente o que os psicólogos descobriram em relação a experiências provocadas ou espontâneas; elas são sempre figuras de desconhecidos.

Quando se começa a pensar na neurologia e na psicologia desse estado de coisas, é

extraordinário que haja algo em nosso cérebro/mente que usa as lembranças de experiências visuais e as recombina de tal maneira a apresentar à consciência algo absolutamente novo, que nada tem a ver com nossa vida particular e muito pouco a ver, pelo que podemos imaginar, com a vida da humanidade em geral. Pessoalmente acho extremamente re-confortante pensar que haja em algum lugar no fundo do meu crânio alguma coisa que é absolutamente indiferente a mim e até mesmo absolutamente indiferente à raça humana. Acho que é muito satisfatório que haja uma parte da mente que não se importa com o que eu estou fazendo, mas que está preocupada com algo bem diferente. E por isso é assim, e a base neurológica disso, não posso imaginar, mas acho que é algo que requer um estudo.

A Transfiguração • Agora chegamos a outro aspecto da luz diferenciada que pode ser descrito como o transbordamento do mundo interior para o mundo exterior. Há uma espécie de experiência visionária que as pessoas têm com os olhos abertos e que consiste numa transfiguração do mundo exterior, de modo que ele parece avassaladoramente bonito, vivo e brilhante. Naturalmente, é isso que Wordsworth descreveu com tanta beleza e acuidade em sua grande Ode sobre os Índices de Imortalidade”, e experiências similares podem ser encontradas nas obras dos místicos. Na obra do místico anglicano Traherne, que dá uma descrição incrivelmente bela do tipo de mundo transfigurado em que ele vivia em sua infância. Essa descrição termina com o trecho mais bonito, onde ele descreve esse mundo maravilhoso, e ele diz: “E assim, com muita confusão me ensinaram os sujos estratagemas do mundo, que agora desaprendo e me transformo novamente numa criança, de modo que agora entro novamente no Reino de Deus.”

Como eu disse antes, aqui está certamente um dos maiores desafios da educação moderna: como manter vivo esse mundo de imenso valor que as pessoas têm enquanto crianças e que certas pessoas privilegiadas mantêm durante toda a vida? Como manter isso vivo e ao mesmo tempo transmitir uma quantidade suficiente de educação conceitual para tornar as crianças cidadãos e cientistas eficientes? Isto eu não sei, mas tenho certeza absoluta de que este é um dos desafios com que se defronta a educação moderna.

Essa visão externa transfigurada é muito importante em relação à arte. De modo algum toda arte é visionária; há arte maravilhosa que é essencialmente não visionária. Mas há também arte maravilhosa que é essencialmente visionária, que é o produto da visão do artista, por assim dizer de olhos fechados, do que está acontecendo dentro de sua cabeça, esse outro mundo extra-ordinário; ou então uma visão do mundo exterior transfigurado para melhor ou para pior. Nas obras de Van Gogh, por exemplo, pode-se encontrar exemplos extraordinários de transfiguração negativa e positiva. Pode-se ver na mesma exposição dois quadros, um dos quais é claramente o mais jubiloso quadro da mais jubilosa experiência de um mundo positivamente transfigurado, e perto dele haverá um quadro que é absolutamente aterrorizante e sinistro, onde ele viu o mundo realmente transfigurado, mas transfigurado de um modo puramente diabólico. Pode-se entender o sofrimento desse infeliz que podia ser precipitado de um verdadeiro paraíso para algo absolutamente infernal, e não é surpreendente que ele tenha terminado por suicidar-se. Quando se vê uma grande coleção de seus quadros, é bem fácil reconhecer os altos e baixos dessa experiência extraordinária, de transfiguração positiva e negativa.

EXPERIÊNCIA VISIONÁRIA, RELIGIÃO E FOLCLORE

Vamos agora falar um pouco da importância da experiência visionária na religião e no folclore. Em todas essas tradições encontram-se descrições do paraíso, da idade do ouro, da vida futura, que, colocadas lado a lado com as descrições da experiência visionária, espontânea ou induzida, mostram-se exatamente as mesmas; que o mundo descrito na religião popular, esses outros mundos, são simplesmente descrições de experiências visionárias que os homens projetaram do interior para o universo. Em todas as tradições descobrimos a mesma profusão de pedras preciosas, e quando elas não são usadas encontramos o vidro, que, naturalmente, era considerado no passado um material muito precioso e estranho. Encontramos isso no *Livro da Revelação*, um mar de vidro na Nova Jerusalém, cujas paredes eram de ouro mas transparentes, uma espécie de ouro e vidro transparente, e encontramos a mesma ênfase no vidro como um material mágico maravilhoso nas tradições nortistas. Encontramo-la na tradição celta, na tradição galesa; por exemplo, a casa dos mortos é chamada “Ynisvitrin”, a Ilha de Vidro, e na tradição teutônica os mortos vivem num lugar chamado “Glassberg”, as montanhas de vidro. E é muito curioso encontrar, desde o Japão até a Europa Ocidental, as mesmas imagens surgindo inúmeras vezes, demonstrando como tem sido universal e uniforme esse tipo de experiência visionária e como tem sido constantemente considerada de grande importância e projetada para o cosmo nas várias tradições religiosas.

AS ARTES VISIONÁRIAS

Vou falar rapidamente sobre algumas das artes que têm natureza visionária. Não é preciso dizer que uma das mais extraordinárias, que alcançou o máximo de sua excelência nos séculos XII e XIII, é a arte do vitral. Qualquer pessoa que tenha entrado na Catedral de Chartres ou na Sainte-Chapelle, em Paris, vai perceber como essa arte podia ser extraordinária; dentro da Sainte-Chapelle, por exemplo, a pessoa está dentro de uma imensa pedra preciosa, uma elaboradíssima visão adornada em cujo centro a pessoa está. É muito interessante o fato histórico de que no século XII o famoso Abade de Saint-Denis disse que, em sua época, em todas as igrejas, havia duas caixas de coleta, uma para os pobres e outra para a confecção de janelas de vitral, e, enquanto que a caixa dos pobres geralmente estava vazia, a caixa dos vitrais estava sempre cheia, demonstrando que as pessoas realmente valorizavam imensamente esse tipo de experiência visionária.

Outro fato interessante é que a arte visionária é com frequência uma arte popular, e muitas das artes populares são com frequência artes visionárias, por exemplo, a arte dos cortejos e procissões com trajes especiais. Todos os reis e papas, e todos os membros da aristocracia, das hierarquias religiosas do passado, sempre entenderam perfeitamente o enorme poder que essa espécie de exibição visionária tem sobre os seres humanos. Esses cortejos, a entrada de reis nas cidades, a coroação de papas, sempre foram imensamente populares e se contam, eu acho, entre os mais poderosos instrumentos para persuadir as pessoas de que a autoridade *de facto* era também uma autoridade *de jure, de jure divino*. E é criando uma espécie de ambiente visionário para o símbolo da autoridade pura que essa autoridade pura passa a ser aceita como legítima.

Outro tipo de arte popular que é visionária é, naturalmente, a arte da pirotecnia. Os

fogos de artifícios desenvolveram-se imensamente mesmo durante o Império Romano, e depois da invenção da pólvora eles foram muito mais longe do que poderiam ter ido no passado. Mas essas sempre foram formas de arte imensamente populares, e são essencialmente artes visionárias.

Do mesmo modo, a arte do espetáculo teatral: as grandes mascaradas elisabetanas e jacobinas dos séculos XVI e XVII, nas quais se gastavam fantásticas somas de dinheiro. Há o registro de uma mascarada organizada pelos advogados das escolas de Direito em Londres que custou vinte mil libras em dinheiro daquela época, o que é hoje uma soma absolutamente gigantesca, provavelmente pelo menos um quarto de milhão de libras para uma noite de diversão. Estou demonstrando o enorme interesse e entusiasmo que esse tipo de demonstração provocava. Não é preciso dizer que essa espécie de arte popular, que depende de iluminação, depende muito do desenvolvimento da tecnologia. Tenho certeza de que no passado, com o uso de velas, só era possível uma iluminação extremamente pobre, e é interessante notar que desde a invenção do espelho parabólico no final do século XVIII, depois a invenção do gás, depois a luz de cálcio, depois a eletricidade, tornou-se possível produzir efeitos visionários no mundo do teatro que no passado estavam fora de questão.

Aqui, novamente, a etimologia popular é muito interessante. É interessante descobrir, por exemplo, que a invenção de Atanásio Kircher no século XVII foi imediatamente denominada *Lanterna Mágica*; sua projeção de uma imagem luminosa numa tela branca, num aposento escurecido, foi imediatamente considerada mágica. A expressão “lanterna mágica” era considerada como inteiramente apropriada para esse tipo de experiência visionária.

Acho muito comovente pensar que pode-se traçar um espectro completo da experiência visionária desde os fogos de artifício, através da lanterna mágica, do moderno filme colorido, do espetáculo colorido, através das visões dos santos e, final-mente, da luz indiferenciada dos místicos. Tudo isso segue uma curva contínua, e desde o início houve essa imediata sensação, por parte de quase todos os envolvidos, de que havia algo intrinsecamente valioso e importante nessa espécie de experiência.

E isso me traz à conclusão – qual é o valor da experiência visionária?

O VALOR DA EXPERIÊNCIA VISIONÁRIA

Imagino que em certo sentido se pode dizer que o valor é absoluto. Em certo sentido se pode dizer que a experiência visionária é, por assim dizer, uma manifestação simultânea do belo e do verdadeiro, de intensa beleza e intensa realidade, e como tal ela não tem que ser justificada de qualquer modo. Afinal de contas, o Bom, o Verdadeiro e o Belo são valores absolutos, e em certo sentido se pode dizer que a experiência visionária sempre foi considerada um valor absoluto, sempre foi considerada de imenso significado e imensa importância intrínseca e digna de ser obtida a um preço muito alto.

Mas é também importante frisar que, embora elas sejam, em certo sentido intrinsecamente valiosas e em certo sentido absolutamente valiosas, mesmo assim acho que temos que falar das experiências visionárias em termos de seu valor dentro do quadro de referência de bondade e espiritualidade. Nesse contexto acho muito importante pensar na definição teológica de tais experiências. A definição teológica de uma visão ou mesmo de uma experiência mística espontânea é “uma graça gratuita”. Essas coisas são graças, elas

nos são concedidas, não temos que trabalhar por elas. Elas vêm a nós e são gratuitas, o que significa que não são necessárias nem significativas para a salvação ou a iluminação, como quer que se queira chamar. Mas, usadas apropriadamente, se tiverem cooperação, se a lembrança delas for considerada importante e as pessoas trabalharem ao longo do curso traçado durante a visão, então elas podem nos ser de imenso valor e importância para mudar nossas vidas. Essa idéia da graça gratuita que se torna importante se cooperamos com ela é muito significativa em todo o âmbito da experiência visionária, tanto espontânea quanto induzida.

Vamos ouvir o Dr. Leary ⁹ sobre a indução de tais experiências por meio de substâncias tais como a psilocibina, e eu por certo diria que essa espécie de experiência induzida pode não ter o menor valor, pode ser apenas como ir ao cinema e ver um filme interessante. Ou, ao contrário, se cooperamos com ela, ;e percebemos que ela tem uma espécie de significado profundo e fazemos algo a respeito disso, então ela pode ser muito importante para mudar nossas vidas, mudar nosso modo de consciência, fazer-nos perceber que há outros modos de olhar para o mundo, além da maneira utilitária comum, e pode também resultar em mudanças importantes em nosso comportamento. Naturalmente chegamos agora ao problema filosófico: qual é o *status* metafísico das visões, qual é o *status* ontológico? Bem, felizmente este é um Congresso de Psicologia Aplicada, não temos que entrar nesse tipo de problema, embora eu ache que vale a pena entrar nele, e espero que alguém entre nele mais cedo ou mais tarde. Mas por enquanto podemos dizer, eu acho, que o valor, à parte o valor intrínseco, por assim dizer o valor ético, sociológico e espiritual da experiência visionária, é que se for bem usada ela pode resultar numa mudança importante e significativa no modo de consciência, e talvez também numa mudança de comportamento ou para melhor.

Transcrição verbatim, com ligeiras alterações.

⁹ Mais tarde, no mesmo dia, o Dr. Leary falou sobre *How to change behavior* (Como modificar o comportamento).

Capítulo 34

1961

Explorando as Fronteiras da Mente

ALDOUS HUXLEY

Este artigo para o Fate Magazine descreve as impressões de Huxley durante um verão no estrangeiro em 1961, quando ele participou de um Congresso de Parapsicologia em Saint-Paul-de-Vence, encontrou-se com o médico italiano de Turim que praticava o método chinês da acupuntura, visitou o Dr. e Sra. Albert Hofmann nos subúrbios de Zurique, e depois voou para o Congresso de Psicologia Aplicada em Copenhaga. Ele concluiu com um tom político, trazendo à tona seu pacifismo positivo de uma vida inteira. Uma tradução francesa desse artigo apareceu em Planète. Tanto a revista norte-americana quanto a francesa são publicadas em grande parte para um público preocupado com o oculto, que encontrou em Huxley, se não um paladino, pelo menos um aliado extremamente competente.

Menos de duas horas de tempo de vôo separa o Báltico do mundo do Mediterrâneo. Em milhas e minutos, as distâncias entre meus vários portos de parada são bem pequenas; mas em qualquer medida mental elas são enormes. Entre a psicoterapia pós-freudiana e a acupuntura chinesa pré-hipocrática existe um grande abismo.

A telepatia parece nada ter a ver com a psicologia industrial e a medida de Q.I. A experiência visionária induzida pelos sintéticos que alteram a mente, do Dr. Hofmann, está realmente bem distante do tipo de pensamento que resultou num trabalho sobre “O Efeito do Meprobamato e do Sulfato Dextro-Anfetamínico nos Tempos de Reação de Pacientes Normais, Não-Hospitalizados, a Palavra Neutras e Proibidas”. E tudo isto está a uma enorme distância daquela suprema “liberação do conhecido” sobre o qual Krishnamurti fala. Apesar disso, todos esses universos incomensuráveis coexistem dentro do crânio humano Real ou potencialmente, eles são todos *nossos* universos. “Que obra é um homem!”

O congresso em Saint-Paul-de-Vence foi organizado pela Fundação de Parapsicologia, cujo presidente é essa competente, sensível e infatigável instigadora da pesquisa psíquica, a Sra. Eileen Garrett. Havia quatro psiquiatras, italianos e suíços, um endocrinologista parisiense e outro médico francês especializado em medicina psicossomática, um eminente neurologista inglês, o Dr. Grey Walter, e um jovem parapsicólogo americano, ativamente engajado em pesquisa e experimentação.

Foram lidos vários trabalhos – sobre casos de *rapport* aparentemente telepáticos entre médico e paciente em psicoterapia; sobre a produção de hipnose à distância por meios telepáticos; sobre uma série de experiências que pareciam demonstrar que os sonhos de uma pessoa adormecida podem ser afetados telepaticamente; e sobre outra série, na qual um instrumento chamado pletismógrafo foi usado para registrar as mudanças do corpo ocorrendo, a nível inconsciente, em resposta a estímulos telepaticamente recebidos. Esses

relatórios de pesquisa na Suíça e na América foram precedidos pelo trabalho levado a cabo na Rússia há 25 anos, mas só recentemente publicado, discutido abertamente e recomeçado.

O objetivo da pesquisa soviética era descobrir se a P.E.S. é um fato e, caso seja, se ela pode ser explicada em termos de física, como um produto de alguma espécie de radiação eletromagnética. Pessoas sensíveis, presas em cápsulas de chumbo e imersas em banheiras de mercúrio, tiveram desempenhos significativamente bons. Os experimentadores foram forçados a concluir – e nos dias de Stalin a conclusão era extremamente embaraçosa – que a telepatia ocorre e não é uma forma de rádio.

Que é que se faz sobre informações que não se prestam a ser explicadas em termos de teorias aceitas na época? Há duas gerações, William James comentou que na maioria dos casos a pessoa agarra-se à sua teoria e faz o possível para ignorar a informação perturbadora. A idéia de Herbert Spencer de uma tragédia (nas palavras de T. H. Huxley) era: uma bela generalização assassinada por um fato horrível.

A alma escolástica de Spencer continua em marcha, e a tendência a preferir a generalização alta e santificada às informações baixas, estranhas e presumidas ainda é encontrada até nos círculos científicos mais respeitáveis. Em termos de teorias correntemente aceitas, os fatos da parapsicologia “não fazem sentido”. Que é que se pode fazer? Deveríamos fechar os olhos na esperança de que, se não olharmos para eles, eles vão desaparecer e nos deixar em paz? Ou deveríamos aceitá-los?

Aceitá-los por enquanto como anomalias inexplicáveis, enquanto fazemos o possível para modificar as teorias correntes de tal modo que elas “salvem as aparências” – *todas* as aparências, inclusive aquelas que agora parecem fora do âmbito de explicação. A Sociedade de Pesquisa Psíquica foi fundada em 1882, e aqueles que escolheram a segunda dessas duas abordagens possíveis aos fenômenos-psi estão ainda esperando uma teoria capaz de salvar todas as aparências, do atômico ao extra-sensorial. De William James a C. D. Broad e H. H. Price em nossos dias, uma sucessão de filósofos preocupados com os fenômenos-psi fez insinuações de modos pelos quais as aparências podem ser salvas, mas suas sugestões nunca foram elevadas ao nível de uma teoria testável, e os fatos da parapsicologia permanecem, depois de 80 anos de estudo sistemático, tão estranhos e inexplicáveis quanto sempre foram.

De Saint-Paul e o mundo extremamente anômalo da parapsicologia, viajei para Turim, onde minha esposa e eu passamos uma noite memorável conversando com o Dr. Quaglia Senta so-bre sua experiência no universo ainda um tanto anômalo da acupuntura. Os missionários jesuítas foram os primeiros europeus a in-formar sobre esse curioso ramo da medicina chinesa. Mas foi só em 1928 que um relatório completo e acurado sobre a acupuntura chegou ao Ocidente. Nesse ano Soulié de Morant voltou da China e publicou seu primeiro tratado sobre o assunto.

Hoje em dia, várias centenas de médicos europeus (e um único clínico inglês) combinam a ciência e arte da medicina ocidental com a antiga ciência e arte da acupuntura. Congressos Internacionais de Acupuntura estão sendo realizados (o último foi na Universidade de Clermont Ferrand), e relata-se que médicos soviéticos estão agora tomando um grande interesse pelo assunto.

É obviamente incrível que uma agulha enfiada na superfície exterior da perna, um pouco abaixo do joelho, afete o funciona-mento do fígado. Se nossa principal preocupação é salvar, não as aparências, mas nossa teoria, estaremos tentados a ignorar os fatos

empiricamente estabelecidos e afastar as alegações dos acupunturistas como mera superstição e charlatanismo. Não pode ser verdade porque, dentro de nosso atual quadro de referências, não faz sentido.

Para os chineses, pelo contrário, pode fazer perfeitamente sentido. No organismo normalmente saudável, eles afirmam, há uma contínua circulação de energia. A doença é ao mesmo tempo uma causa e um resultado de um distúrbio dessa circulação. Os órgãos vitais podem sofrer de deficiência ou de excesso dessa força vital. A acupuntura redirige e normaliza o fluxo de energia.

Isto é possível porque, empiricamente, os membros, o tronco e a cabeça são percorridos por “meridianos” invisíveis, de alguma forma relacionados aos vários órgãos do corpo. Nesses meridianos estão localizados pontos especialmente sensíveis. Uma agulha inserida num desses pontos vai afetar o funcionamento do órgão ligado ao meridiano onde fica o ponto. Ferroando um certo número de pontos cuidadosamente escolhidos, o acupunturista experiente restabelece a circulação normal de energia e traz o paciente de volta à saúde.

Mais uma vez somos tentados a dar de ombros e dizer que isso não faz sentido. Mas ao ler sobre os acontecimentos do mais recente Congresso de Acupuntura, descobrimos que os experimentadores conseguiram, por meio de delicados instrumentos de medição elétrica, traçar o curso dos meridianos chineses, e que quando um ponto estratégico é ferroadado com uma agulha relativamente longa, podem ser registradas mudanças no estado elétrico. Assim, talvez, afinal de contas, as estranhas aparências da acupuntura vão acabar sendo salvas até mesmo por *nossas* teorias.

Enquanto isso, permanece o fato de, que existem sintomas patológicos nos quais os velhos métodos chineses funcionam muito bem. Entre esses sintomas patológicos (e isto, em nosso contexto presente, é particularmente interessante) estão vários estados mentais indesejáveis – certos tipos de depressão e ansiedade, por exemplo – que, estando presumivelmente ligados a distúrbios orgânicos, desaparecem logo que é restaurada a circulação normal da energia. Resultados que vários anos no sofá do analista não conseguiram produzir podem ser obtidos, em alguns casos, por duas ou três picadas de uma agulha de prata.

E isto me traz à conversa nos subúrbios de Zurique, com o Dr. e a Sra. Albert Hofmann. Nós, seres humanos, na frase de Andrew Marvell, somos “anfíbios racionais”, habitando simultaneamente um mundo-da-alma e um mundo de experiência pessoal, um mundo de noções abstratas e generalizações e um mundo de acontecimentos únicos. O Dr. Hofmann é um eminente químico, cujo trabalho mais recente e espetacular tem sido feito nessa estranha fronteira entre os dois mundos, onde a menor das mudanças bioquímicas produz enormes e revolucionárias mudanças na mente.

Os sintéticos do Dr. Hofmann são novos; mas os problemas éticos, filosóficos e religiosos que eles levantam tão dramaticamente são muito antigos. É um fato facilmente observável que a cerveja (juntamente com o chá, o café, a aspirina, as vitaminas e um certo número de energizantes e tranquilizantes psí-quicos) faz “mais do que Milton pode fazer/Para justificar ao homem os caminhos de Deus” – um fato que algumas pessoas acham deprimente e humilhante, enquanto que outras acham consolador e um tanto divertido. Até que ponto nossos pensamentos, nossas crenças e ações são produto de nosso físico e temperamento herdado, e das flutuações, em resposta a acontecimentos internos e externos, da química de nosso corpo? Até que ponto é válida uma filosofia baseada no

estado de espírito (digamos, a convicção do pecado) que pode ser radicalmente modificada pela picada de uma agulha ou uma pequena dose diária de Ritalin? E essas experiências provocadas pelas drogas alteradoras da mente, fisicamente inofensivas, do Dr. Hofmann – experiências de um mundo transfigurado até um ponto de beleza inimaginável, carregado de significado intrínseco e manifestando, apesar do sofrimento e da morte, uma essencial e (não há outra palavra) divina Perfeição? Sim, e elas? As opiniões diferem.

Para a maioria daqueles a quem as experiências foram concedidas, o valor delas é evidente por si mesmo. Segundo o Dr. Zehner, autor de *Mysticism, sacred and profane* (Misticismo, sagrado e profano), sua indução deliberada é considerada imoral. A isso responde seu colega, o Professor Price: “Fale por si só!”.

Price concordaria com William James em que, se a pessoa pode conseguir a façanha sem se prejudicar ou a outros, a indução a estados anormais de consciência é salutar e esclarecedora. E há muito tempo, defendendo William James contra aqueles que o acusavam de fazer experiências com o óxido nitroso, Bergson destacou que a substância química não era a causa das notáveis experiências metafísicas de James, meramente sua ocasião. As mesmas experiências poderiam ter sido proporcionadas por meios puramente psicológicos, pela mortificação e pelos exercícios usados pelos místicos e visionários de todas as tradições religiosas, por qualquer método, na verdade, capaz de alterar os estados da mente ou modificar a química do corpo de tal forma a diminuir a barreira que separa o mundo fabricado por nossas percepções, pensamentos e sentimentos cotidianos, biologicamente úteis e socialmente condicionados, dos mundos estranhos e no entanto subjetivamente (e talvez até mesmo objetivamente) não menos reais, revelados quando o modo de consciência é mudado do utilitário para o estético ou espiritual.

Espiritual... Para ouvidos sensíveis, cômicos de sua proximidade à tagarelice beata, esta é quase uma palavra feia. No entanto, que outra palavra podemos usar em certos contextos? Lendo Meister Eckhart, por exemplo, ou ouvindo Krishnamurti, como fizemos em Gstaad, somos forçados a reconhecer que “espiritual” pode ser *mot juste*. “Eu lhes mostro a tristeza e o fim da tristeza.”

Todos os grandes mestres da vida espiritual (esta palavra de novo!) têm sido ao mesmo tempo profundamente pessimistas e quase infinitamente otimistas. Se certas condições forem cumpridas, os seres humanos poderão deixar de se comportar como as criaturas patéticas ou deploráveis que eles erradamente pensam que são, e ser o que de fato sempre foram, se apenas tivessem dado a si mesmos uma oportunidade de saber disso – iluminados, liberados, “divinizados em Deus”. Mas é avassaladoramente improvável que mais do que uns poucos de nós chegue a cumprir essas condições. Muitos são os chamados, mas poucos são escolhidos; pois muito poucos chegam a escolher serem escolhidos.

O término da dor é algo possível, mas a continuação da dor é algo certo. Tudo o que os mestres da vida espiritual podem fazer é lembrar-nos de quem somos de fato e dos meios pelos quais podemos chegar a reconhecer nossa identidade – a meditação, no sentido de uma consciência completa e abrangente a cada instante, e os corolários de tal meditação, ser correto e, a partir de ser correto, a ação correta espontânea.

Da França, da Itália e da Suíça, e da distante P.E.S., da experiência visionária, ainda mais distante, e do esclarecimento mais distante de todos, voamos para Copenhague e o Congresso Internacional de Psicologia Aplicada. O que é Psicologia Aplicada? Ou devíamos fazer ao contrário e perguntar o que não é Psicologia Aplicada? Resposta: muito pouco, pelo

menos no que se refere ao comportamento individual no nível (estatisticamente falando) normal. Esse amplo assunto foi discutido em Copenhague por 1.300 delegados, que ouviram duzentos ou trezentos trabalhos sobre todos os temas concebíveis, desde “O Desenho Figurativo como Expressão de Auto-Estima” até “Pesquisa Social no Artico”.

O mundo está cheio de tantas coisas, e as universidades estão tão cheias de vários psicólogos, que não posso fazer justiça a tudo o que foi lido e falado em Copenhague. Portanto, vou me limitar à questão mais importante de todas, e à qual as respostas propostas foram as menos satisfatórias. A psicologia pode contribuir para o abrandamento de tensões internacionais, para a solução de conflitos, para a manutenção da paz?

Na conferência com que o Professor Osgood abriu o congresso,¹ e nos trabalhos lidos no simpósio do dia seguinte, havia muitas sugestões sensatas e humanas. Ouvia-se com aprovação, mas ao mesmo tempo com uma dúvida obsedante.

Seriam aceitas as sugestões sensatas e humanas? No atual contexto histórico, no clima ideológico reinante, elas *poderiam* ser aceitas? E embora seja obviamente verdadeiro que, nas palavras do Dr. Baumgarten-Tramer, exista uma urgente *Notwendigkeit der Bildung einer Psychologie für Politiker* (Necessidade de uma educação de Psicologia para políticos), é provável que as poucas vintenas de políticos, gerais e tecnologistas, a cuja mercê os restantes 29 bilhões da raça humana agora se encontram, vão consentir em ir novamente para a escola e aprender essa psicologia para estadistas que é tão indispensavelmente necessário formular e ensinar? Esses poucos homens imensamente poderosos, a cuja mercê está agora toda a raça humana, são eles próprios prisioneiros hipnotizados de tradições políticas e filosóficas que, tendo sua origem em idolatria nacionalista e dogmatismo ideológico, no passado sempre levaram à guerra.

O indivíduo neurótico é uma pessoa que reage aos desafios do presente em termos do passado obsessivamente lembrado. Enquanto que suas políticas são ditadas por velhas opiniões errôneas fossilizadas em formas de dogmas, todas as sociedades exibem os sintomas de neurose coletiva, e os poucos homens poderosos em cujas garras (como Gulliver na garra do macaco brobdingnagiano) a humanidade agora se contorce com impotência, são eles próprios vítimas da alienação de sua sociedade da realidade presente.

Nos tempos antigos, quando o ritmo de mudança tecnológica e demográfica era lento, as sociedades podiam se dar ao luxo de suas neuroses coletivas. Hoje em dia, o comportamento político ditado por lembranças obsessivas do passado (em outras palavras, pelas tradições veneráveis que perderam seu sentido, e por idéias velhas, tolas ou até mesmo diabólicas elevadas ao nível de princípios fundamentais e canonizadas como dogmas) será fatalmente inadequado.

¹ Osgood, C. E. “Towards international behavior appropriate to a nuclear age” (Em direção a um comportamento internacional adequado à era nuclear). In *Psychology and International Affairs*, Proceedings of the XIV International Congress of Applied Psychology, v. 1, págs. 109-182. Copenhagen, Munksgaard, 1962.

E a cura para essa fatal inadequação do comportamento político atual não pode ser encontrada apenas na psicologia aplicada. O problema é imensamente complexo e, se pretendemos resolvê-lo algum dia, ele deve ser atacado simultaneamente em muitas frentes

– na frente semântica (pois é um caso de linguagem mal usada e crenças não examinadas) ; na frente organizacional (pois isso envolve o fato brutal do poder e os problemas de :seu controle) ; na frente filosófica (pois nosso comportamento político é até certo ponto influenciado por nossa opinião da natureza humana) ; na frente biológica (pois .sob os problemas políticos jazem os problemas da população em crescimento acelerado e a má distribuição de recursos).

Um ataque coordenado em todas essas frentes vai ser difícil de montar e ainda mais difícil de sustentar. O tempo não está do nosso lado. Dados os fatos da inércia social e individual, poderemos fazer o que tem de ser feito no breve e minguado inter-valo de tempo que a História moderna (a história da profunda mudança tecnológica e demográfica, com todas as suas conseqüências sociais) nos permitirá? Ac nível internacional é possível o término de pelo menos alguns de nossos sofrimentos coletivos. Quão provável isso é? Todas as nações e seus dirigentes são chamados. Antes que seja tarde demais, eles escolherão ser escolhidos?

Capítulo 35

1962

Amor e Trabalho

LAURA HUXLEY

Enquanto corrigia as provas de A ilha em sua nova casa (que dividiam com Ginny Pfeifferj em. Mulholland Highway, Huxley um dia deixou o trabalho de lado para fazer outra tentativa com psilocibina. A maior parte dessa sessão foi gravada em fita, e mais tarde transcrita e re-vista por sua esposa Laura. É, ao que parece, o único relato “ao vivo” de Aldous em estado psicodélico. A compreensão de Laura do papel de guia tinha-se aprofundado desde o episódio de 1955, enriquecida por suas próprias experiências psicodélicas, assim como por aquelas que ela organizava para alguns de seus pacientes no momento adequado de suas psicoterapias.

Os mantras se revelam: amor e trabalho, paixão e distanciamento, a “sanidade fundamental” que existe no mundo “apesar de toda a confusão e as bobagens dispa-ratadas que estão acontecendo”, o sincronismo de grande filosofia e nariz escorrendo levando a uma discussão sobre a morte e o valor da ioga oriental de morrer, exemplificado no Bagavad-Gita, Carne Zen, Ossos Zen e, acima de tudo, O Livro Tibetano dos Mortos.

O Que se segue é um relato de uma sessão psicodélica com Aldous. É a única da qual tenho a gravação em fita, não da sessão inteira, mas de sua maior parte.

Alguns meses depois da morte de Aldous, quando encontrei essa fita, fiquei profundamente comovida. Eu a tinha esquecido, e agora, depois da morte dele, essas palavras eram mais do que nunca significativas, mesmo que, às vezes, equivocadas. E como era bom passar de “a vida após a morte” para “sopa aqui e agora”, do Sermão da Montanha para narizes escorrendo! E novamente percebi a constante consideração e o encorajamento que Aldous dava a meu projeto na época, mesmo nesse dia extraordinário.

Primeiro pensei em publicar as palavras dele gravadas como são, sem comentários. Mas quando a fita foi transcrita para o papel, comecei a ver que elas não ficariam tão claras para o leitor quanto eram para mim, uma participante no diálogo. Há um mundo de diferença entre ler uma conversa e ouvi-la. Na leitura, dois elementos importantes ficam faltando: a voz tão significativa, principalmente no caso de Aldous, pois ele tinha uma grande variedade de inflexões, de cor e de estados de espírito e ritmo, e as pausas, sempre importantes, mas ainda mais nesse tipo de diálogo. Eu poderia ter mexido nessa conversa, mas preferi deixá-la como está na fita. As frases de Aldous não são bem acabadas e claras como em seus escritos e suas conferências – mas ele não estava fazendo uma conferência; estava conversando comigo. Sinto que o conteúdo e a autenticidade de suas palavras valem mais que a consideração pela elegância literária.

Outra razão para comentar sobre essa conversa gravada é que Aldous refere-se a

assuntos não familiares para muita gente. A experiência da Luz Clara do Vazio, do *Barco* ou do estado pós-morte, do herói lutador do *Bagavad-Gita* – esses não são assuntos cotidianos, porém são da maior importância para todos nós. Nessa conversa Aldous cita dois livros: *O Bagavad-Gita* e *O Livro Tibetano dos Mortos*. Na época eu não tinha lido qualquer desses livros, mas Aldous tinha me contado muita coisa sobre eles. Para qualquer pessoa que os leu, o que Aldous diz é intelectualmente claro. Mas enquanto a familiaridade com esses livros esclarece um pouco nosso diálogo, a conversa de Aldous – a atmosfera, a aura – não é de modo algum uma discussão deles. A parte extraordinária dessa conversa é a sensação de que Aldous está experimentando aquilo que ele já sabia havia muito tempo. Mas, como ele escreveu em “Conhecimento e compreensão”,¹ há um mundo de diferença: “A compreensão é a consciência primária e direta de materiais crus.” Por outro lado, o conhecimento é adquirido e “pode ser passado adiante e compartilhado por meio de palavras e outros símbolos. A compreensão é uma experiência imediata e só pode ser comentada (muito insatisfatoriamente). nunca compartilhada”. O conhecimento é “público”. A compreensão é “particular”. Em *A ilha*, as crianças recebem uma ilustração dessa diferença no quinto ano primário, mais ou menos com dez anos.

“As palavras são públicas; elas pertencem a todas as pessoas que falam uma certa língua; elas estão arroladas em dicionários. E agora vamos olhar para as coisas que acontecem lá fora.” Ele apontou para a janela aberta. Espalhafatosos contra uma nuvem branca, meia dúzia de papagaios surgiram à vista, passaram por trás de uma árvore e sumiram. [...] “O que acontece lá fora é público – ou pelo menos bastante público”, ressaltou ele. “E o que acontece quando alguém fala ou escreve palavras – isso também é público. Mas as coisas que acontecem dentro... são particulares. Particulares.” Ele colocou a mão no peito. “Particulares.” Esfregou a testa “Particulares.”

As palavras que Aldous pronunciou nessa experiência psicodélica podem ser procuradas no dicionário; elas são públicas. A compreensão de sua experiência é um assunto particular de cada um de nós.

Essa sessão foi diferente das outras em muitos modos. Geralmente, quando tínhamos uma sessão psicodélica, a noite anterior e o dia da sessão eram mantidos absoluta e rigorosamente vazios. Dessa vez nós saímos para jantar na véspera da sessão. Reparo também, em minha agenda, que no dia da sessão, 22 de janeiro de 1962 – uma segunda-feira – havia três outras anotações: um hóspede chegando no aeroporto, o aniversário da empregada e uma visita de experiência a uma família cujos três membros eram doentes mentais mas estavam sem tratamento.

Foi porque o dia não estava inteiramente livre que nós mudamos de LSD para a psilocibina. Ao contrário do LSD, que permanece por várias horas mesmo depois do pico ter passado, a psilocibina geralmente termina completamente. Na verdade, essa sessão durou apenas das 10:40 da manhã às 3:00 da tarde. Considerando que Aldous tinha tomado uma dose pequena, mais tarde nós nos perguntamos por que ela tinha tido um efeito tão grande.

¹ *Collected essay*. (Ensaio reunido.)

Naquela manhã, depois do café, fomos para meu aparta-mento-estúdio, onde não seríamos perturbados. O estúdio está praticamente sem mobília. O chão é coberto por um felpudo tapete branco – parece grama branca, e é agradável sentar-se nele. Como sempre,

mas especialmente para uma sessão psicodélica, havia flores e frutas frescas. Aqui e ali, pontilhando a amplidão branca, havia bambus frescos, conchas, livros de arte, discos e alguns galhos de acácia dourada que tinha acabado de florir em nosso jardim meio queimado. No nicho na sala de estar havia estantes sem pintura, uma grande peça de madeira sem pintura que servia de escrivaninha, um gravador, e duas poltronas pequenas.

As 10:40 Aldous tomou 4 mg de psilocibina.

Há um período de meia hora a mais ou menos duas horas entre a ingestão da psilocibina e o início de seu efeito. Geralmente durante esse período nós conversávamos ou contemplávamos quadros; mais freqüentemente ouvíamos música – ou não fazíamos coisa alguma. Nunca se sabe que direção essas experiências podem tomar. As vezes as “portas da percepção” são purificadas de repente, com um tranca; às vezes a purificação vem gradualmente, com descobertas cada vez maiores. Essas descobertas podem ser vislumbres psicológicos, ou podem ser feitas através de qualquer dos sentidos – é geralmente dos olhos que as vendas começam a se pulverizar.

Na sessão psicodélica o papel de um acompanhante é estar ali, inteiramente atento, e sem qualquer opinião preconcebida do que poderá acontecer. Um acompanhante tem que estar ao mesmo tempo completamente ali e completamente fora do caminho. As vezes a pessoa sente que devia estar ali na passividade mais in-tensa e alerta que conseguir – mas, paradoxalmente, estar ali invisível. No entanto, isso nunca aconteceu com Aldous. As sessões com ele sempre tinham sido fáceis, e eu sabia que ele me queria ali, visível e tangível.

Um acompanhante a uma experiência psicodélica não pode ter uma idéia preconcebida – mas não ter opinião alguma é uma coisa muito difícil. Naquela manhã eu estava pensando que essa sessão seria muito leve, já que a dosagem era tão pequena, e que seria semelhante às outras que eu tivera com Aldous – que ia modular-se da beleza e da presença intensa da vida para o amor em todos os níveis, o humano assim como o místico.

Surpreendentemente, Aldous pediu-me para desligar a música. Era Bach, provavelmente a *Oferenda musical* ou uma cantata.

Desliguei a vitrola, e enquanto me interrogava se Aldous gostaria de ouvir outra coisa qualquer, ele levantou-se do chão onde estava sentado e começou a caminhar pelo corredor que unia a sala ao quarto. Isso também nunca tinha acontecido antes. Aldous, como a maioria das pessoas numa experiência psicodélica, movia-se muito pouco, geralmente ficando no mesmo lugar pela maior parte do dia.

Caminei um pouco com ele, tentando sentir o que ele estava sentindo. Ele parecia preocupado, e havia nele uma sensação de agitação, e – também muito incomum – ele estava resmungando alguma coisa em voz baixa e pouco clara. A princípio não consegui entender o que ele estava dizendo. Depois entendi as palavras “Confusão – confusão terrível”. Tornei a caminhar ao lado dele – havia uma agitação incomum em seus movimentos, sua expressão, nas meias frases que ele dizia. Depois de algum tempo, quando perguntei “Onde é essa confusão?”, ele disse que era na vida após a morte; acho que mencionou a palavra ‘limbo’. Ele estava entrando em contato, ou sendo, ou sentindo, um mundo incorpóreo no qual havia uma apavorante confusão.

Nas sessões psicodélicas geralmente há longos períodos, às vezes de horas, em que não se diz uma só palavra. A música, ou às vezes o silêncio, é a maneira venenos inadequada de exprimir o inexprimível, a melhor maneira de não nomear o inominável. Mas

eu conhecia esses momentos de êxtase, pois eles se refletiam no rosto de Aldous – e mesmo nesses momentos Aldous dizia uma ou duas palavras. Mas aquela era uma situação diferente. Aldous não estava tendo uma experiência extasiante – estava atravessando algo muito intenso, de grande importância mas não agradável. Ele não parecia estar disposto ou ser capaz de colocá-lo em palavras. Esse estado durou talvez meia hora. Depois, subitamente, ele disse: “Agora está tudo bem – está tudo bem.” Seu rosto mudou; ele sentou-se na poltrona perto do gravador; aquele outro mundo tinha-se dissolvido de repente. Ele parecia bem, e eu podia sentir que ele agora estava pronto para falar sobre sua experiência. Sua mente se encontrava em alto nível de atividade.

PRIMEIRAS PALAVRAS DE ALDOUS NA FITA:

“Sabe, isso é... eu estava pensando em um de seus títulos... isso é uma das maneiras de tentar fazer cubos de gelo com água corrente, não é? Fixar alguma coisa e tentar mantê-la... clara, é sempre errado.”

Achei que ele estava dizendo que era errado fixar suas impressões em fita.

LAURA: Bem, vamos desligar o gravador.

Aldous: (*imediatamente, e com muita ênfase*) : Não, não, não estou falando disso. Estou falando que a luz pura é o maior cubo de gelo de todos, o cubo de gelo definitivo.

Aldous estava se referindo a uma de minhas “Receitas para Viver e Amar”, que tinha requerido muitas alterações. O título da receita é: “Não Tente Fazer Cubos de Gelo com um Rio Corrente”. Seu conceito é de que nossos organismos estão continuamente mudando, num mundo em mutação contínua; que a essência da vida é sua fluidez, sua capacidade de mudar, de fluir e tomar um novo rumo; que o problema é que às vezes, geralmente inconscientemente e sem querer, nós congelamos uma parte dessa vida que flui em um “cubo de gelo”. Na receita, são dados exemplos ilustrando como isso pode ser pernicioso; depois há instruções para descongelarmos esses “cubos de gelo” que aprisionam nossa vida e energia. Para resumir, “cubo de gelo” refere-se ao efeito duradouro e congelante de uma experiência superemocional de dor, raiva ou medo, em suas variadas e numerosas manifestações, e que fica inexprimida. Aldous tinha me ajudado com a receita, e a frase “cubos de gelo num rio corrente” era uma expressão muito usada por nós.

Aldous: A luz pura. Este é o maior cubo de gelo de todos. É o cubo de gelo definitivo.

A Luz Pura. A Luz Clara do Vazio. A experiência de Divindade. Experiência mística. A experiência máxima... Quantos nomes, através dos séculos e em todas as diversas culturas, foram dados a esse estado para o qual o mais sofisticado dos mestres da palavra diz que não há palavras! Eu me lembro de Aldous ter dito que Santo Agostinho, que escreveu volumes de tratados básicos à teologia católica, no fim de sua vida teve a experiência da Luz Pura – e nunca mais escreveu uma palavra. Em *A ilha* Aldous descreve essa experiência como “compreensão sem conhecimento, contentamento luminoso”.

Laura: Você pensou que ia ter isso (*a Luz Pura*) hoje?

Aldous: Ora, se eu quiser, eu posso! Mas quero dizer que é muito bom perceber que é só a – vamos dizer assim – a imagem no espelho dessa outra coisa. É só essa confusão total – quero dizer, se a pessoa conseguir imobilizar essa confusão total pelo tempo

suficiente, então ela se torna a confusão pura e única – luz pura.

Laura: Se a pessoa conseguir imobilizá-la? Que quer dizer isso? Aldous: A gente pode imobilizá-la, mas ela não é a coisa real – a gente pode permanecer uma eternidade nessa coisa *com a exclusão do amor e do trabalho*.

LAURA: *Mas essa coisa devia ser amor e trabalho.*

Aldous: *(com ênfase): Exatamente!* Quero dizer que é por isso que ela é errada. Como eu estava dizendo, isso ilustra que não podemos fazer cubos de gelo de um Rio Corrente. A gente pode *conseguir* fazer cubos de gelo... esse é o maior cubo de gelo do mundo. Mas a gente provavelmente pode prosseguir para – oh, não se pode prosseguir para sempre, mas por enormes períodos de tempo – no que *parece* [esta palavra foi muito enfatizada] ser eternidade, estando em luz.

Em seus últimos anos, Aldous colocou cada vez mais ênfase no perigo de viciar-se na meditação *apenas*, no conhecimento *apenas*, na sabedoria *apenas* – sem amor. Agora mesmo ele tinha experimentado a tentação ao vício em uma coisa ainda mais alta: o vício em estar na luz e ficar lá. “Ora, se eu quiser, eu posso!”, ele tinha dito. Ficar nessa consciência extasiante e afastar-se da participação e o compromisso com o resto do mundo – isso é perfeitamente traduzido hoje, numa gíria forte, na ex-pressão “cair fora” (*dropping out*).

² *You are not tee target* (Você não é o alvo) (New York, Farrar, Strauss and Giroux, 1963), capítulo 23.

Aldous: *(continuando):* Isso nega completamente os fatos: é moralmente errado; e finalmente, é claro, absolutamente catastrófico.

“Absolutamente catastrófico.” Essas duas palavras são ditas com a convicção mais sincera e profunda. A voz não foi erguida, mas cada letra está como se esculpida num brilhante bloco de mármore de Carrara – e continua esculpida na alma de quem quer que as ouça. É uma declaração definitiva: não se pode isolar-se dos companheiros e do ambiente, pois não existe salvação particular; pode-se “ficar preso” na Luz Pura, em vez de infundi-la em “Amor e Trabalho”, que é a solução direta para a vida de todos, aqui e agora. Amor e Trabalho – se eu tivesse que resumir a essência da vida de Aldous, eu não conseguiria encontrar uma maneira mais precisa de exprimi-la.

Depois das palavras “absolutamente catastrófico”, a fita corre em silêncio por algum tempo. E então há uma completa mudança de estado de espírito. Um sorriso terno e envolvente aparece na voz de Aldous, o *meu* sorriso. Ele passa através da voz, criando uma atmosfera de amor e surpresa divertida, mas, acima de tudo, de ternura.

Aldous: Não sei como você arranjou todas essas coisas, querida. (*Riso*). O que é que aconteceu nesse seu crânio duro, duro – como entram essas idéias extraordinárias?

Ele sempre ficava muito feliz quando eu inventava alguma coisa, e estava voltando agora à receita do cubo de gelo.

LAURA: Pelo menos a dos cubos de gelo eu me lembro muito bem, Estava dando LSD a [...] e fiquei com essa sensação...

Eu estava praticamente vendo uma torrente de água – sabe, um rio, – e ele estava tentando tirar uma lógica disso – de modo que ele pudesse mostrar que todas aquelas

peessoas mentiam, sabe...

ALDOUS: (*interrompendo com uma risada calorosa*) : Claro que mentem!

LAURA: E eu tive a impressão de que ele estava racionalizando água, ou até mesmo tentando congelar um pedaço desse rio corrente e fazer cubos de gelo dele...

Aldous: (*ainda rindo, e tocando em minha testa*) : Mas você tem tantas idéias. Obviamente, esse crânio terrivelmente duro tem um buraco em algum lugar. (*Bastante riso*).

Laura: Espero que sim. Aldous (*depois de um silêncio*) : É certamente muito impressionante.

Ter “um buraco no crânio” tem significados diferentes para pessoas diferentes. Aldous queria dizer aqui que essas idéias doíam ter *fluído para dentro* de minha cabeça e não *para fora*. Especialmente depois de suas experiências psicodélicas, Aldous mencionava com frequência a teoria de Bergson – que nosso cé-rebro e nosso sistema nervoso não são a fonte de nossas idéias, mas sim uma válvula redutora através da qual a Mente Integral pinga apenas o tipo de informação que é necessária para que sobrevivamos neste planeta. Uma distensão temporária da válvula, ou “um buraco na cabeça”, permite que um fragmento da Mente Integral flua para dentro – isso é o que normalmente chamamos inspiração. Em *As portas da percepção*, onde Aldous relata sua primeira experiência psicodélica, ele fala bastante sobre essa teoria de Bergson e diz que ela devia ser seriamente levada em consideração.

Há um silêncio na fita e então o diálogo continua, num tom pensativo e sério.

Laura: Não me lembro se lhe disse, ou se sonhei que lhe disse – já lhe falei da frase que gira na minha cabeça esses dias, “Eu sou mil pessoas”?

Aldous: Não, você não me falou.

Laura: Mas isso também não facilita coisa alguma.

Aldous: Não, obviamente. E quando não há uma ancoragem em parte alguma – quando para voltar para depois da morte, quero dizer, não haverá ancoragem...

Laura: Ah, sim, estou entendendo.

Aldous estava pensando a respeito, e pondo em palavras, a experiência que tinha tido um pouco antes, quando estava caminhando pelo corredor. Ele tinha experimentado o estado incorpóreo de Após a Morte, onde há uma sobrevivência da consciência, mas não do corpo como o conhecemos,

Aldous: Então, quando houver mil pessoas correndo em direções diferentes – quero dizer, de qualquer maneira... (*então, bem baixinho*) seu cabelo tem o mesmo cheiro das acácias... sua cabeça é muito sólida (*tocando em minha cabeça*) porque a questão é: quando não houver nada como isto...

– *Isto* – um corpo tangível, algo para ver, ouvir, cheirar, *tocar* – em contraste com esse outro estado de ser, que ele tinha experimentado antes, onde havia sentimentos e pensamentos, mas não percepções, sentidos ou formas sólidas como estamos acostumados.

Laura: Quando não há coisa alguma em que se segurar...

Aldous: Há mil pessoas diferentes indo em mil direções diferentes: e é disso que você tem um vislumbre agora. E isso, natural-mente, é o que é tão terrível, mas acho que sei – (E, *depois de uma pausa com profunda convicção*) mas eu sei que sempre haverá – e isso é

que eu digo que é a experiência extraordinária – pelo menos há *alguém* lá que *sabe* que há mil outras pessoas indo em direções diferentes – que há uma sanidade fundamental no mundo, que está sempre lá *apesar* das mil pessoas indo em mil direções diferentes. E enquanto estamos no tempo e no espaço, rodeados pela gravidade, somos controlados a um ponto considerável. (*Eu gostaria de poder descrever a profundidade da voz de Aldous aqui, a sensação de admiração.*) Mas ter um vislumbre do que é quando não há qualquer controle exceto esse conhecimento fundamental – quero dizer que é aí que o *bardo* está certo.

Aldous está-se referindo ao *Livro Tibetano dos Mortos*, ou Experiência Após a Morte no Plano Bardo. Ouvi falar desse livro pela primeira vez através de Aldous, alguns dias depois da morte de Maria. Em resposta a um bilhete meu ele tinha me convidado para almoçar e dar um passeio. Ele conhecia inúmeros caminhos pelos campos, bem no meio de Los Angeles e não muito longe de sua casa, de modo que depois do almoço fomos passear a pé no Laurel Canyon. Eu tinha muitas perguntas em mente, sobre Maria, e ele as respondeu sem que eu lhe perguntasse, contando-me tudo o que tinha acontecido depois que tínhamos nos conhecido em Roma no verão.

Ele disse que nas últimas horas de vida de Maria ele tinha falado com ela, encorajando-a a ir em frente, como no *Bardo*. “Que é isso?” perguntei. Ele então me falou sobre o *Bardo* – ou plano intermediário seguinte à morte do corpo, como é descrito no *Livro Tibetano dos Mortos*, explicando que nesses antigos ensinamentos a pessoa moribunda é encorajada a continuar – ir mais longe – não se preocupando ou se perturbando com esse corpo atual, ou com parentes ou amigos ou negócios incompleto,s, mas ir para um estado ampliado de consciência.

Em seguida ele disse que o *Livro Tibetano dos Mortos* é tanto um manual sobre a Arte de Viver quanto da Arte de Morrer. OS sobreviventes são aconselhados a pensar no ente amado e em sua necessidade e destino nesse seu novo estado de consciência, em vez de estar completa e egocentricamente envolvidos com o próprio sofrimento. “Continue. Vá em frente” – para ambas as consciências, aquela que ainda está usando o corpo e aquela cujo corpo está sendo descartado – este é um conselho sensato e compassivo. “Continue. Vá em frente.”

Quanto de nós estão caminhando por aí, não inteiramente vivos porque parte de nós *não* foi em frente mas morreu com Mamãe ou Papai ou outra pessoa amada – às vezes, até mesmo um animal de estimação? O aterrorizante e incompreensível fato da morte é suficientemente difícil de aceitar e assimilar mesmo com o ensinamento mais esclarecido, mesmo com o encorajamento mais cálido e tangível – quanto mais quando não há ajuda em entender, ajuda em aceitar, em falar sobre a morte. Como é que se pode começar a entender a morte, quando ela é um assunto quase proibido na boa educação? O sexo é agora um tópico de conversa aceitável; a morte ainda é varrida para debaixo do tapete, ainda trancada no calabouço, como os loucos o eram há não muito tempo.

Aquele primeiro passeio depois da morte de Maria permaneceu marcado em mim. Eu tinha vagamente ouvido falar nessa maneira nobre e sábia de lidar com a morte, como uma doutrina esotérica. Agora Aldous, chocado e pálido, mas inteiramente vivo, estava me dizendo como ele tinha aplicado esse conhecimento; como ele tinha encorajado Maria a partir sem preocupação ou arrependimentos. Enquanto ele falava, durante aquele passeio, eu comparava minha própria experiência da morte: os ritos lúgubres, cantando tragicamente o pecado, o fogo do inferno e a danação eterna; a lastimável súplica por piedade, a uma divindade distante, divindade alternadamente irada e cheia de perdão; enquanto nós, os sobreviventes, presos no sofrimento e completamente centralizados nele, mal pensávamos

na pessoa morta a não ser em relação à nossa angústia. O triste pensar que a preocupação e o dinheiro gastos com cadáveres na América seriam suficientes para alimentar milhões de crianças; suficientes para transformar vidas de delinquência e desespero em vidas de dignidade humana e felicidade.

Aldous continuou a me contar, durante aquele primeiro passeio depois da morte de Maria, como ele a tinha levado o mais longe que pôde. Ele estava abalado como qualquer ser humano que perdeu uma amada companheira de toda a vida; no entanto, na hora da morte dela, ele tinha sido capaz de desviar sua atenção da dor de perdê-la e dirigir essa atenção e a dela também para o fato mais importante – a *sanidade fundamental* da qual ele fala em toda experiência psicodélica – e nesta também.

A fita continua.

Aldous: O *Bardo* está certo. Sabe, a gente tem que estar consciente dessa coisa e *agarrar-se a ela para salvar a vida* – caso contrário, a gente fica inteiramente dentro de um redemoinho moais: Sim. Mas quantas pessoas sabem disso?

Aldous: (*com grande ênfase*) : Exatamente! Mas é por isso que eles dizem que realmente devíamos começar a nos preparar para isso. (*Aldous estava falando da preparação para a morte*). E devo dizer que acho *terrivelmente importante* que através desses conhecimentos que recebemos através desses cogumelos ou seja o que for³ a gente compreenda um pouco do que se trata. Acho que a experiência mais extraordinária é saber que há toda essa insanidade que é apenas a multiplicação... a caricatura da insanidade normal que há. Mas que há uma sanidade fundamental que está lá apesar de todas as coisas aterrorizantes – e também não realmente aterrorizantes, mas às vezes extasiantes, coisas maravilhosas. A gente *não deve* ir para o céu, como eles sempre falam.

Outra e outra vez! Não cair fora do Amor e do Trabalho, até mesmo de uma sociedade insatisfatória, para a segurança pessoal isolada da Luz Pura com ou sem psicodélicos. “Como eles sempre falam” – Aldous está se referindo aos budistas *mahayana*, para quem o Bodhisattva é a mais elevada forma do homem: tal homem não chafurda em sua salvação particular, mas vive e participa das atividades do mundo, por compaixão por aqueles que ainda não atingiram a iluminação.

Eu queria saber mais coisas a respeito de não ir para o céu.

Laura: A gente não deve ir para o céu?

Aldous: *A gente não deve ir para o céu. É igualmente perigoso.*

É temporário – e de alguma forma a gente quer se agarrar à verdade suprema das coisas.

Laura: À verdade suprema das coisas?

Aldous: Bem, eu quero dizer... a luz total do mundo, eu acho, que está no aqui e agora que nós experimentamos. É naturalmente o corpo-mente. Mas quando se está liberado do corpo tem que haver algum equivalente experimental do corpo, alguma coisa tem que ser agarrada... Não sei.

Laura: Então, a que a gente se agarra?

³ Os “cogumelos sagrados” (*Psilocybe mexicana*), de que a psilocibina é a síntese química – ‘ou seja o que for’, significando matérias psicodélicas em geral. [Nota de L.]

Huxley.]

Aldous: Tudo o que se pode dizer é que a gente se agarra a essa sanidade fundamental, que, como eu disse, é *garantida*, enquanto a gente está no corpo, pelo fato do espaço e do tempo e da gravidade, e das três dimensões e todo o resto. De alguma forma, quando a gente se livra dessas âncoras...

No *Livro Tibetano dos Mortos*, somos freqüentemente avisados desse perigo de ir para um céu ou inferno fantasmagórico, ilusório. O guia (ou guru) explica que nesse estado incorpóreo os nossos pensamentos e sentimentos parecem tomar forma concreta. Pensamentos são coisas. A pessoa morta vê essas coisas e se não for ajudada, fica presa nelas. Então, dizem-lhe continuamente que essas aparições são apenas alucinações – são as uma projeção de sua consciência – e que ela tem que adiante sem se envolver nelas, sem repulsa ou atração; que ela tem que entender que são apenas coisas que ela mesma criou.

O conselho é continuamente repetido: “Oh, Nobre de Berço! Não deixeis vossa mente ser confundida!”. Similarmente, a primeira e a última palavra em *A ilha* é “Atenção”. É a primeira palavra que o confuso e ferido viajante que veio do Ocidente – o homem que não aceitava um *sim* como resposta – ouve nessa Ilha, cantada pelo pássaro maiaá; uma maneira encantadora em que o romancista sintetiza numa única palavra uma mensagem antiga e vital para todos: Atenção.

ALDOUS: (*continuando*) : Mas há um equivalente de alguma espécie, que tem de ser agarrado. Caso contrário, o mundo à nossa volta é tênue e se torna – qual é a palavra? – *Pretas*, o mundo dos fantasmas sem descanso. A pessoa vai para o inferno, e então, em desespero, tem que voltar correndo e arranjar outro corpo.

Laura: Para tornar a se agarrar?

Aldous: Para tornar a se agarrar. Bem, obviamente esta é a melhor coisa, se a pessoa não conseguiu o bem supremo. Mas todos disseram claramente que há alguma coisa que é o equivalente – novamente, nessa extraordinária doutrina do Cristianismo, a ressurreição do corpo, e por fim a imortalidade, vai ter algo como o corpo preso a ele. Não sei o que isso significa, mas obviamente não se pode dar um significado comum a isso. Mas a gente vê exatamente o que eles estavam querendo – uma idéia de que de alguma forma temos que arranjar um equivalente, um nível mais alto, dessa ancoragem que o tempo, o espaço e a gravidade nos dão. E que pode ser conseguida. Como eu disse, nessa estranha experiência a pessoa tem a sensação de que existe essa sanidade fundamental, apesar de toda a confusão e as bobagens disparatadas que estão acontecendo – e que são irrelevantes para a pessoa – e que nada têm a ver, de um modo estranho, embora possam parecer muito, muito importantes. (*Silêncio, e depois:*) muito importante, se a pessoa consegue, *enquanto está acontecendo*, se a pessoa consegue ver a aparência externa disso. É obviamente importante cuidar de seus negócios de um modo sensato e ver sua importância, de um modo tolo, mas se a pessoa consegue, através disso tudo, ver esse outro nível de importância, à vista disso muitas das atividades deverão ser cortadas. Não parecerá haver sentido em desempenhá-las – embora muitas tenham de ser desempenhadas, mas elas serão desempenhadas de um modo novo – com uma espécie de alheamento, porém com um fazer coisas até o limite de cada um. Este é outro dos paradoxos: trabalhar até o limite para ter sucesso no que está fazendo, e ao mesmo tempo estar alheio a isso – se não tiver sucesso, ora, que pena – e se tiver sucesso – *tant mieux* – não tem que exultar por causa disso. Essa é a história inteira do Bagavad-Gita: de algum modo, fazer tudo com

paixão mas com alheamento...

LAURA: Paixão e alheamento...

Paixão e alheamento. Há muitos anos, antes de eu ter ouvido falar nessas filosofias, com que paixão eu ansiava pelo alheamento! Esse era o ideal que eu tinha me proposto como musicista; tocar com tudo o que eu tinha, arder de paixão, mas manter uma pureza e um alheamento cristalinos na perfeição técnica e estilística. E nesses últimos anos de trabalho e exploração psicológicos, eu tinha visto, em minha vida e meu trabalho cotidianos, dentro e fora de mim, todos os tipos e graus de paixão apenas ou de alheamento apenas – mas como é rara a fusão das duas coisas!

No *Bagavad-Gita*, o herói Arjuna é um grande guerreiro, e Krishna, ou Encarnação do Espírito Supremo, é seu guia. Arjuna é informado de que tem que lutar com toda a sua força e a sua coragem – mas tem que estar alheio à luta.

Se olharmos para dentro e em volta, podemos ver muitas maneiras pelas quais essa luta é levada a efeito, e três delas são as mais conspícuas. Uma é a maneira do guerreiro que, estando internamente descontente, ressentido e punitivo, é química e psicologicamente *compelido* a lutar. Ele *tem* que ser contra; ele tem que dar e aceitar um *não* como resposta mesmo se – às vezes, especialmente se – sua vantagem está no *sim*. Ele está combatendo um inimigo externo que frequentemente é só uma sombra refletida do inimigo interno; mesmo quando o inimigo externo é conquistado, o interno é apenas temporariamente apaziguado. Depois, há outra espécie de lutador: o homem que se desenco-rajá com facilidade, que permanece passivo em vez de arriscar a possibilidade de perder; supercauteloso e cheio de suspeita, ele se engana, em vez de enfrentar os problemas e as decisões. Há ainda outro tipo de lutador, aquele de quem Krishna fala. Encontramos esse tipo também – mas como é raro! Ele é aquele que luta apenas depois de uma avaliação ética do assunto e de seus próprios motivos fundamentais. Sem se preocupar com vit-ria ou derrota, há nele uma paz interior. Esse guerreiro, liberado dos demônios subconscientes, de mente clara, controlado, pode parecer, externamente, implacável, decidido, até mesmo furioso; por dentro, ele é invulneravelmente harmonioso.

No Gita esses três tipos de homens são descritos assim:

Aquele que age sem desejo,

Que não se vangloria de seu feito,

Que é ardente, resistente,

Intocado pelo triunfo,

Imperturbado pelo fracasso:

Ele é um homem de *sattwa* (a energia da inspiração)

Aquele que age com desejo,

Ardendo pelo prêmio da glória vã,

Brutal, ambicioso e traidor

Regozija-se depressa demais no triunfo,

Desesperando-se no fracasso:

Ele é um homem de *rajas* (a energia da ação).

Aquele que age indiferentemente,
Cujo coração não está em seu feito,
Estúpido e teimoso,
Um embusteiro, e malicioso,
O ocioso amante do atraso,
Facilmente desalentado:

Ele é um homem de *tamas* (a energia da inércia).⁴

Aldous estava-se referindo ao homem que luta com a energia da inspiração (*sattwa*).

Aldous: A pessoa pode ver o que é – ela não está envolvida, mesmo que esteja envolvida até o limite. Que parte dela não está envolvida? Mas não adianta tentar fazer uma análise, porque, como sempre, é um paradoxo e um mistério.

Laura: Mas mesmo se...

ALDOUS: A gente começa a entender isso, que isso é o principal problema.

Houve muitas pausas nessa conversa. A maioria das palavras era formulada lentamente, num esforço de esclarecer realidades às quais a maioria de nós está desacostumada. Aldous vinha falando baixa e pensativamente. Apesar da má qualidade da gravação, que é com frequência prejudicada pelo ruído dos carros e pela estática, pode-se sentir que a atmosfera está impregnada de pensamentos e descobertas. Agora há uma pausa, depois alguns ruídos – estamos tirando lenços de papel de uma caixa.

Então:

ALDOUS: Meu nariz está escorrendo. (*Agora o estado de espírito e a voz mudam completamente, tornam-se leves, e há uma risada divertida na voz de Aldous.*) Uma ótima lembrança de que a maior filosofia está *inextricavelmente* ligada a narizes escorrendo. Uma das coisas de que deviam ter falado no Evangelho. Obviamente ele estava numa montanha – o Sermão da Montanha – devia ser muito ventoso e frio lá em cima. Com certeza o nariz dele escorria mesmo.

Não há na voz qualquer intenção iconoclasta – apenas uma risadinha e uma reafirmação da convicção de Aldous de que tudo está ligado a tudo o mais, e que não devíamos nos esquecer disso; não importa em que alto plano da espiritualidade nós habitemos, ainda estamos presos pela lei da natureza, também tenho certeza de que Aldous percebeu, naquele momento, que vinha falando gravemente por um bom tempo – era natural para ele, graças a Deus, tornar a gravidade leve com encanto e humor.

⁴ *The song of God: Bhagavad-Gita* (A canção de Deus: Bagavad--Gita). Traduzido para o inglês por Swami Prabhavananda e Christopher Isherwood, com introdução de Aldous Huxley (New York, New American Library, 1954).

Laura: (*depois de um silêncio*) : Mas é muito difícil. Como é que a pessoa se prepara para a morte? Tudo isso parece, como você disse, tornar isso muito...

ALDOUS: Acho que a única maneira pela qual se pode preparar para a morte... você entende que, bem, afinal, toda a sua psicoterapia é, num certo sentido, uma preparação para a morte, pois você *morre* para as lembranças que deixou que a perseguissem como se

estivessem no presente: “Deixe os mortos enterrarem seus mortos.” É óbvio que o modo completamente saudável de viver é “suficiente para o dia é o mal dele”.

Aldous com frequência citava essas palavras, que foram a maneira de Cristo dizer “Viva aqui e agora”. Ele sugeriu que eu colocasse essa citação em minha receita “Deite o Fantasma”, que trata do problema de lembranças emocionais que nos perseguem e interferem em nosso presente. Ele achava que o que Cristo disse ao homem que queria enterrar seu pai, “Siga-me, e deixe que os mortos o enterrem”, era a maneira mais forte de dizer “Viva aqui e agora”. A pessoa não devia se preocupar com o passado ou o futuro, já que cada dia tem problemas suficientes. Esse princípio ele também vivia – ou podia fazer alguma coisa aqui e agora a respeito de um problema, ou não permitiria que esse problema interferisse com o aqui e agora.

Aldous: A pessoa aceita isso sem ficar obsedada pelo que está no passado – ela morre para ele. A preparação para a morte definitiva é estar consciente de que *sua forma de vida mais alta e mais intensa está acompanhada e condicionada por uma série de pequenas mortes todo o tempo. Te-mos que estar morrendo para essas lembranças obsessivas. Quero dizer, novamente o paradoxo é ser capaz de lembrar-se com extrema clareza, mas não ser perseguido.*

Aldous está falando aqui da diferença entre as duas memórias, a memória informática e a memória emocional. A memória informática é essencial para nós, para nossa vida cotidiana. A memória emocional tem uma qualidade mais sutil, mais poderosa e, às vezes impregnante; especialmente quando inconsciente, ela pode nos perseguir com fantasmas de nosso passado emocional, roubando-nos a energia e a atenção de que precisamos aqui e agora.

Aldous: Bem, elas têm que se encontrar, eu acho, em algum – o que é chamado entre aspas “o Espírito”, como nós encontramos normalmente nesse nível inconsciente-subconsciente.

E elas também se encontram no nível superconsciente, que, é claro, contém completamente o inconsciente. (Pausa) E isso seria certamente o ensinamento dos *Bardos* – essas mil figuras – elas podem se encontrar do modo errado, que é por... até o ponto da confusão através do cubo de gelo, ou podem se encontrar através do reconhecimento do supremo no espírito, naquele nível.

Isto é uma repetição do que Aldous tinha dito no início: ou há um encontro naquela aterrozante confusão de pensamentos e emoções turbilhando sem a segurança de um terreno comum que é o corpo – ou há um encontro na consciência dessa sanida-de-do-mundo fundamental que ele sentia tão intensamente.

ALDOUS: E é por isso que eles todos dizem que a pessoa tem que trabalhar bastante, e tentar perceber esse fato – e um dos modos de perceber isso é – afinal, naquele pequeno *Zen flesh, Zen bone 6* (Carne Zen, ossos Zen) – a preparação é através desses exercícios de consciência. Isso mais ou menos leva ao terceiro nível de consciência.

Laura: Mas então, entre os dois extremos há tanta deriva...

Aldous: Há demasiadas maneiras de errar. Quero dizer, até as pessoas melhor intencionadas erram. (*Silêncio longo.*) Vou olhar para este Rembrandt – Na fita, ouvem-se ruídos confusos. Aldous estava folheando livros de arte – Rembrandt era para ele o maior de todos os pintores. Ouve-se a minha voz, do outro aposento, falando ao telefone com Paula, a filha de Ginny, na época com onze anos, que não tinha ido à escola naquele dia. Depois

ouvimos novamente a voz de Aldous. Desde o incêndio, nós estávamos morando com Ginny e seus dois filhos, e essa proximidade tornou muito concreto para Aldous o problema da educação. Ele estava vendo todos os dias a dificuldade de educar duas crianças numa cidade grande como Los Angeles. O problema tinha muitas facetas; ele mencionou um deles nessa conversa.

⁵ Paul Repts, *Zen flesh, Zen bones* (Carne Zen, ossos Zen) (Penguin Books, 1971).

Aldous: Se ela precisar de nós, querida, podemos voltar para lá.

Ela está sozinha? Com certeza não quer ficar sozinha. Talvez seja melhor irmos. (*Silêncio.*) Ela disse que queria escrever uma história, então eu lhe dei uma caneta. (*Outro silêncio.*)

Quando penso na coisa admirável que havia na minha escola de meninos.

LAURA: Uma rotina?

Aldous: Bem, quero dizer, tínhamos uma oficina de carpintaria.

Sempre podíamos passar nosso tempo livre lá quando tínhamos vontade, e isso era obrigatório duas ou três horas por semana. Havia um carpinteiro que era o zelador da escola, mas ele era um carpinteiro com experiência. Fizemos todos os exercícios que o aprendiz tem que aprender – quase até o trabalho do mestre. Isto é o que “obra-prima” quer dizer. ⁶ O aprendiz aprende todas as coisas, e finalmente faz sua prova final como Ph.D.

LAURA: É mesmo?

Aldous: No caso de um carpinteiro, haveria todos os diferentes tipos de encaixes, malhetas, e assim por diante – várias coisas colocadas juntas.

LAURA: O que é muito difícil.

ALDOUS: Muito difícil. Sabe, todas as superfícies tinham que ser absolutamente planas – a gente aprendia a aplainar com perfeição.

LAURA: Você fazia isso?

ALDOUS: Sim. Sim, nós fazíamos todos os diferentes tipos de encaixes, malhetas, e assim por diante – exatamente como um aprendiz medieval teria feito.

Laura: Bem, mas...

Aldous: Então, quando tínhamos feito todas essas espécies de exercícios, então nos permitiam fazer o que quiséssemos – fazer um martelo ou uma caixa, ou uma estante – e nós fazíamos – mas sempre com o melhor padrão de qualidade. Quer dizer, não havia possibilidade dessas coisas serem pregadas com pregos; eram sempre feitas por meio de encaixes.

⁶ “Obra-prima”, em inglês “*masterpiece*”, literalmente “peça de mes-tre”, ou seja, de quem não é mais um aprendiz. (N. da T.).

Laura: Mas aqui eles não fazem isso – nem mesmo os carpinteiros profissionais.

Aldous: Um bom trabalho de marcenaria ainda é feito assim, mas naturalmente hoje em dia não é realmente – quer dizer, é bem diferente.

Laura: Mas nessa escola eles não fazem coisa alguma; passam a tarde inteira lá correndo de um lado para outro.

Aldous: Bem, um dos problemas é o salário. Quer dizer, havia esse homem excelente que fazia todos os trabalhos avulsos na escola, mas que era um artesão dos velhos tempos, que passou por tudo isso. Mas era um homem muito vivo: era um prazer estar com ele. E sabia conversar, e tinha expressões maravilhosas – como quando afiava uma ferramenta, dizia: “Agora está suficientemente afiada para cortar os bigodes de um rato sem acordá-la.” Mas tudo isso já passou. Mas o que não devia ter passado é a idéia perfeitamente sensata de dar aos garotos algo para fazer.

Laura: Quer que eu faça uma sopa? Você gostaria de sopa?

Aldous: Sim, seria ótimo.

Capítulo 36

1962

Cartas

Huxley manteve uma agenda de conferências ainda mais cheia esse ano, apesar da volta do câncer, que requereu pequena cirurgia e mais tratamentos com radiação. Além de suas palestras em universidades, ele falou num congresso sobre hipnose, para físicos em Los Alamos, para a Academia Norte-americana de Artes e Letras e para a Academia Mundial de Artes e Ciência na Bélgica Também encontrou tempo para visitar o Centro Espacial Apollo, em Los Angeles, e seu lar da infância no Surrey, A Sociedade Real de Literatura honrou-o com o título de Companion em Literatura, um título também rece-bido por Churchill, Maugham e Masefield, que na época estavam vivos. A ilha foi publicada; e ele iniciou o que seria seu último livro.

Em suas cartas, Huxley discute a natureza dessa “experiência não-intermediada” com psicodélicos, o uso tântrico do LSD e dos cogumelos, e responde ao Marajá de Caxemira, que, depois de ler A ilha, escreve pergun-tando onde poderia obter drogas psicodélicas. Ele é des-crito por Claire Nicolas White, em Bedford (v. 2, p. 312) como lendo em voz alta um trecho de As portas da percepção para os filhos de sua sobrinha em sua casa de Long Island, enquanto eles “escutavam fascinados, e um deles desenhou seu retrato”.

AO DR. TIMOTHY LEARY [SMITH 888]

2533 Hillegass, Berkeley 4, Cal. 11 de fevereiro de 1962

Caro TIM.

Em minha última carta esqueci-me de responder a sua pergunta sobre o Tantra. Há livros enormes sobre esse assunto, da auto-ria de “Arthur Avalon” (Sir John Woodroffe), em que se pode mergulhar com algum proveito. Há também um capítulo sobre isso em *Philosophies of India* (Filosofias da Índia), de Heinrich Zimmer. O tratamento inteiramente erudito, numa escala que dá para entendermos, são os vários livros de Mircea Eliade sobre a Ioga. Consultem-se também *Buddhist texts* (Textos budistas) de Conze. Pelo que podemos entender, o Tantra parece ser uma estranha mistura de superstição e mágica com filosofia sublime e vislumbres filosóficos agudos. Há uma quantidade sem fim de ritual e palavras mágicas. Mas o ideal básico me parece o ideal mais elevado possível – a iluminação, não fora do mundo (como ocorre com os seguidores do Vedantismo e os viciados em Nirvana da Escola Hinayana de Budistas), mas dentro do mundo, através do mundo, por meio dos processos comuns de viver. O Tantra ensina uma ioga do sexo, uma ioga de comer (mesmo

comer alimentos proibidos e beber bebidas proibidas). A sacramentalização da vida normal, de modo que cada acontecimento pode-se tornar um meio pelo qual a iluminação possa ser alcançada, é conseguida, essencialmente, através da atenção constante. Essa é a ioga suprema – estar atento, consciente até do inconsciente – em todos os níveis, do fisiológico ao espiritual. Nesse âmbito, consulte-se a lista de 112 exercícios de consciência, extraída de um texto tântrico e impresso no final de *Zen flesh, Zen bones* (Carne Zen, ossos Zen) [de Paul Reys] (agora em formato de bolso). Toda a “Terapia Gestalt” é antecipada nes-ses exercícios – e a terapia não é apenas para o anormal, é aci-ma de tudo uma terapia para a doença muito mais grave da insen-sibilidade e ignorância que nós chamamos “normalidade” ou “saúde mental”. O LSD e os cogumelos deviam ser usados, me parece, no âmbito dessa idéia básica tântrica da ioga da cons-ciência total, levando à iluminação dentro do mundo da experiência cotidiana – que naturalmente se torna o mundo do milagre, da beleza e do mistério divino, quando a experiência é o que sempre devia ser.

Do seu Aldous.

A REID GARDNER [SMITH 902]

Em Pond Street, 31

Hampstead, N.W. 3 18 de setembro de 1962

Caro Sr. Gardner,

[...] Não sabia que [Robert] Graves tinha escrito sobre a psilocibina, e preciso ler o artigo dele.¹ Em experiências com LSD e psilocibina, que se seguiram à experiência com mescalina descrita em *As portas da percepção*, eu experimentei essa sensação de solidariedade afetuosa para com as pessoas à minha volta, e com o universo inteiro – e também a sensação da Perfeição fundamen-tal do mundo, apesar da dor, da morte e da desolação. Essa Perfeição pode ser expressa em palavras ou outros símbolos – mas sua natureza não pode ser transmitida para qualquer pessoa que não tenha passado pela experiência não-intermediada. E essa ex-periência pode ser produzida pelas palavras mesmo mais comoventemente poéticas? Nunca constatei que ela pudesse ser produzida assim – no máximo, apenas preparada assim. (Aliás, a mescalina, o LSD e a psilocibina originani, todos, um estado de coisas em que a verbalização e a conceitualização são, de alguma forma, evitadas por um atalho. Pode-se falar sobre a ex-periência – mas sempre sabendo que “o resto é silêncio”.)

Quando eu voltar para a Califórnia espero receber sua visita

¹ Graves escreveu sobre experiências com drogas psicodélicas em *Two Atlantic Monthly*, e em seu livro *Food for centaurs* (Alimento para centauros) (1960).

A S.A. MARAJA DR. KARAN SINGH, DE
JAMMU E CAXEMIRA [SMITH 911]

6233 Mulholland Highway, Los Angeles 28, Califórnia 22 de dezembro de 1962

Sua Alteza,

Obrigado por sua amável carta. *A ilha* é uma espécie de sonho pragmático – uma fantasia com instruções detalhadas e (concebeavelmente) práticas para fazer com que a imaginada e desejável harmonização dos vislumbres europeus e hindus se torne fato. Mas infelizmente, apesar desses aspectos pragmáticos, o livro ainda continua sendo um sonho – bem distante (como com tristeza esclareço nos últimos parágrafos da história) de nossa realidade atual. Mas mesmo assim, se não estivéssemos tão ocupados tentando fazer outra coisa qualquer, nós *conseguiríamos*, acredito, tornar este mundo um lugar apropriado para seres completamente humanos viverem.

Quanto às drogas “psicodélicas” – LSD, mescalina, psilocibina –, o suprimento delas é pequeno, e acessível apenas para pesquisadores. Não tenho idéia se alguma pesquisa nesta área está sendo feita em alguma das universidades indianas. O senhor poderia descobrir, escrevendo para a Sandoz Company, na Basiléia, Suíça (que industrializa o LSD e a psilocibina).

Outra possibilidade: meu amigo, o Dr. Timothy Leary, do Departamento de Psicologia, Universidade de Harvard, Cambridge, Mass., EUA, está dirigindo uma pesquisa em larga escala. É possível que ele gostasse de ter uma oportunidade de trabalhar com os psicodélicos em relação a pessoas educadas numa cultura diferente da dele. Se o senhor pudesse colocar uma casa à disposição dele por algumas semanas, ele talvez gostasse de ir à Índia e fazer essa experiência sócio-psicológica. E se e quando eu voltar a seu país, certamente me lembrarei de seu amável convite.

Aldous Huxley

Capítulo 37

1962

Moksha

ALDOUS HUXLEY

O último romance de Huxley – a obra que coroa os seus últimos dez anos – levou cinco anos para ser escrito. Provavelmente pela única vez em sua carreira como es-critor, ele questionou sua capacidade criativa de conse-guir "poetizar e dramatizar o material intelectual e criar uma obra que fosse simultaneamente engraçada, trágica, lírica e profunda" (carta a Matthew Huxley, datada de 20 de agosto de 1959). Pua Osmond (em 22 de ju-nho de 1958) ele descreveu a tarefa como "tentar ima-ginar o que poderia ser feito para criar uma sociedade boa, dedicada a trazer à tona todas as forças e dons la-tentes nos indivíduos. [...]" Ele colocou no livro algumas das técnicas psicoterápicas de Laura. A ilha é dedicado a ela; As portas da percepção foi dedicado a Maria; como comenta Sybille Bedford, esses são os únicos livros, entre os quase cinquenta que Huxley publicou, que são dedicados.

Os ilhéus – os palaneses – usam uma droga chamada moksha: uma espécie de psicodélico aperfeiçoado, na forma de um cogumelo amarelo cultivado que crescia nas montanhas. A substância também é chamada "medicina-moksha" e proporciona "a experiência mística total". Ao contrário do soma de Admirável mundo novo, o moksha não é para escapista uma importante ética dos ilhéus é "prestar atenção". Em uma cerimônia de rito de passagem na qual a droga é dada à juventude palanesa, o guia revela sua mensagem essencial: "Liberação [...] o término do sofrimento, deixando de ser o que você ignorantemente pensa que é e tornando-se o que você é realmente. Por algum tempo, graças à medicina-moksha, você vai saber o que é ser o que você realmente é, o que na verdade você sempre foi."

O SEXO AQUI É DIFERENTE – insistiu Murugan.

– Por causa da "ioga do amor?" – perguntou Will, lembrando-se do rosto extasiado da pequena enfermeira.

O rapaz concordou.

– Possuem algo que os faz pensar que são completamente felizes e por isso nada mais desejam.

– Mas isto é uma verdadeira bênção!

– Não concordo – disse Murugan com rispidez. – É apenas estúpido e nauseante. Nada de progresso, somente sexo, sexo, sexo! Afora isso, apenas o abominável narcótico que lhes é dado.

– Narcótico? – perguntou Will, atônito. Narcótico num lugar onde Susila declarara não haver viciados? – Que espécie de narcótico? feito de cogumelos venenosos! – Ao dizer isso,

se transformou numa verdadeira caricatura da rani, nos momentos em que adquirira os mais vibrantes tons de espiritualidade ultrajada.

– Por acaso não serão desses lindos cogumelos onde os anões costumavam sentar?

– Não. Esses são amarelos. Costumava-se ir colhê-los nas montanhas. Agora, essas “coisas” crescem no “Posto Experimental de Grandes Altitudes”, em canteiros especiais de fungos. É narcótico cultivado cientificamente. Lindo, não?

Uma porta bateu. Ouviu-se o som de vozes e de pisadas que vinham do corredor. O espírito indignado da rani desapareceu abruptamente e Murugan se transformou, mais uma vez, no estudante que, cheio de remorsos, tenta esconder as suas faltas. Num instante, a Ecologia Elementar tomou o lugar da Sears, Roebuck e a pasta cheia e de aspecto suspeito foi para debaixo da mesa. Após um momento, Vijaya entrou na sala. O seu peito, nu e suado pelo trabalho sob o sol do meio-dia, brilhava como bronze oleado. Atrás dele vinha o Dr. Robert. Com o ar de um estudante modelo que foi interrompido nos seus estudos por transgressores do frívolo mundo exterior, Murugan olhou-os. Divertido, Will imediatamente prestou-se com sinceridade ao papel que lhe fora designado.

– Cheguei cedo demais – disse em resposta às desculpas de Vijaya por terem chegado atrasados. – Acabei perturbando os estudos do nosso jovem amigo. Estivemos conversando muito.

– Qual o assunto? – perguntou o Dr. Robert.

– Os mais variados. Repolhos, reis, barcos a motor e abdômes pendulares. Quando vocês entraram, falávamos sobre os cogumelos. Murugan me falava a respeito dos fungos usados aqui como estupefacientes.

– Qual a significação de um nome? – perguntou o Dr. Robert sorrindo. – Resposta: praticamente tudo. Murugan teve o infortúnio da educação européia e os chama de entorpecentes.

A sua desaprovação vem de um reflexo condicionado, desencadeado por essa palavra sórdida. Nós, pelo contrário, chamamo-lo *moksha* – o revelador da realidade, a pílula da verdade e da beleza – e sabemos, graças a experiências objetivas, que esses no' mes são merecidos. Mas o nosso jovem amigo não tem o menor conhecimento a respeito dessa droga e não pôde ser ao menos persuadido a experimentá-la, porquanto para ele entorpecente é por definição algo a que nenhuma pessoa decente deve jamais ceder.

– Qual a opinião de V. Majestade? – perguntou Will.

Murugan meneou a cabeça.

– Tudo não é mais que um amontoado de ilusões. Deveria ceder apenas para fazer papel de bobo?

– É mesmo! Uma vez que você é o único ser humano que no seu estado normal nunca é feito de tolo e nunca tem ilusões a respeito de nada, para que experimentar? – disse Vijaya.

– Não disse isso! – protestou Murugan. – Quis apenas dizer que não desejo nenhum dos seus falsos *samadhi*.

– Como sabe que são falsos? – perguntou o Dr. Robert.

– Porque a verdade somente chega às pessoas após anos e anos de meditação,

tapas e... você bem sabe – se abstendo das mulheres.

– Murugan é um dos Puritanos – explicou Vijaya a Will.

– Ele está insultado pelo fato de que, com apenas quatrocentos miligramas de *moksha* na sua corrente sanguínea, mesmo os principiantes – sim, mesmo os rapazes e moças que fazem amor – podem perceber num relance como é o mundo dos que foram libertados do cativeiro do próprio ego.

– Porém não é real – insistiu Murugan.

– Não é real! – repetiu o Dr. Robert. – Você poderia dizer que a experiência de sentir-se bem também não é real.

– Você está exagerando uma resposta – observou Will.

Uma experiência pode ser real em relação a algo que se tem dentro da cabeça, porém estar em completo desacordo com qualquer coisa exterior.

– É claro – concordou o Dr. Robert.

– Vocês por acaso sabem o que lhes vai dentro da cabeça após tomarem uma dose do cogumelo?

– Sim. Temos uma vaga idéia.

– E tentamos sempre descobrir mais – ajuntou Vijaya.

– Por exemplo – disse o Dr. Robert. – Descobrimos que as pessoas cujo EEG (eletroencefalograma) não apresenta nenhuma atividade das ondas alfa, quando em repouso, geralmente não reagem significativamente ao *moksha*. Isso quer dizer que, para cerca de quinze por cento da população, temos de descobrir outro modo de libertação.

– Outra coisa que apenas começamos a compreender é a correlação neurológica dessas experiências – disse Vijaya. – Que acontece no cérebro enquanto se tem uma visão? Que acontece quando se passa do estado pré-místico para o estado verdadeiramente místico?

– Vocês sabem? – perguntou Will.

– *Saber* é uma palavra cujo significado é muito amplo.

Prefiro dizer que estamos capacitados a fazer algumas suposições razoáveis. Os anjos, as novas Jerusaléns, as Madonas e os futuros Budas são o produto de uma estimulação suscitada nas áreas cerebrais de projeção primária, como por exemplo o córtex visual. Ainda não sabemos de que modo o *moksha* produz esse tipo de estímulo, mas o que importa é que os produz e que atua, de um modo ou de outro, também de forma incomum sobre as áreas mudas do cérebro, isto é, sobre aquelas que não têm ação específica sobre a percepção, sobre a motilidade e sobre as emoções.

– E qual é a reação dessas áreas? – perguntou Will.

– Começamos com o modo pelo qual *não* reagem. Elas não “respondem” com visões nem com alucinações auditivas.

Tampouco “respondem” com manifestações telepáticas, de clarividência ou com qualquer outra proeza parapsicológica. Nada dessas palhaçadas pré-místicas. A “resposta” dessas áreas é a plenitude da experiência mística. Você sabe: “Um é tudo e tudo É um”. A experiência básica com ou sem corolários – compaixão sem limites, mistérios insondáveis e

cheios de significação.

– Sem mencionar a alegria, a indizível alegria! – disse o Dr. Robert

– E toda essa turma está estreitamente confinada dentro do cérebro – disse Will. – Sem ter a menor relação com o exterior, exceto com o cogumelo.

– Não é verdade! – interrompeu Murugan. – Era exatamente isso que estava tentando dizer.

– Você está presumindo que o cérebro *produz* a consciência. No entanto presumo que ele *transmite* a consciência. Mas nem por isso a minha explicação é mais artificial do que a sua. Como é possível que uma série de acontecimentos pertencentes a uma ordem possam ser experimentados como se pertencessem a outra inteiramente diferente? Ninguém tem a menor idéia e tudo que pode fazer é forjar hipóteses. Filosoficamente falando, uma hipótese é tão boa quanto a outra. Você diz que o *moksha* afeta as áreas mudas do cérebro, fazendo com que produzam uma série de acontecimentos subjetivos aos quais as pessoas denominaram -“experiência mística”. *Eu* digo que essa propriedade do *moksha* abre uma espécie de comporta neurológica, permitindo que um maior volume de Mente (com M maiúsculo) flua para a sua mente (com m minúsculo). Tanto você quanto eu podemos demonstrar a verdade das nossas hipóteses, e mesmo que possa provar que estou errado, você acha que isso faria alguma diferença na prática?

– Pensei que faria uma diferença enorme – disse Will.

– Você gosta de música?

– Mais do que da maioria das coisas.

– Poderia responder-me o que simboliza o “Quinteto em Sol Menor” de Mozart? Será que representa Alá, Tao, a segunda pessoa da Santíssima Trindade ou Atma-Brama?

Will sorriu.

– Mas isso não nos tira os efeitos benéficos do “Quinteto em Sol Menor”. Acontece o mesmo com o tipo de experiência que se obtém seja com o *moksha*, seja através da oração, do jejum ou dos exercícios espirituais. Mesmo que não se refira a qualquer coisa exterior ainda assim constitui a coisa mais importante que lhe pode acontecer. É como a música, porém incomparavelmente maior. E se você estiver preparado para a experiência e se decidir acompanhá-la, os resultados serão ainda mais terapêuticos e transformadores. Talvez tudo isso se passe dentro do cérebro de cada um. Talvez seja inteiramente particular e não haja conhecimento unificado de nada que vá além da fisiologia de cada indivíduo. Mas que importância tem isso? A verdade é que a experiência pode abrir os olhos das pessoas, tornando-as abençoadas e transformando-lhes as vidas.

Houve um longo silêncio.

– Deixe que lhe diga algo – recomeçou, voltando-se para Murugan. – É uma coisa sobre a qual não tencionava falar com ninguém. Agora, sinto que talvez tenha um dever a cumprir com o trono, com Pala e com todo o seu povo, e penso que devo lhe falar acerca desta experiência particular. Talvez, assim, venha a ajudá-lo a ter um pouco mais de compreensão com o povo e os costumes do seu país.

Ficando silencioso por um instante, prosseguiu num tom calmo e natural:

– Imagino que você conheça minha esposa.

Com o rosto ainda desviado, Murugan concordou.

– Fiquei pesaroso ao saber que está tão doente – murmurou.

– Agora é apenas uma questão de, no máximo, quatro ou cinco dias – disse o Dr. Robert. – Mas ela se encontra perfeitamente lúcida e consciente sobre tudo que lhe está acontecendo.

Ontem me perguntou se poderíamos tomar o *moksha* juntos. Nós o tomamos uma ou duas vezes por ano, nesses últimos trinta e sete anos. Desde quando decidimos nos casar. E, agora, tomamos uma vez mais – pela última vez. Isso implicava um risco (devido aos danos que causa ao fígado), porém decidimos que valia a pena correr o risco. O resultado veio mostrar que estávamos certos. O *moksha* – o entorpecente, como você prefere chamá-lo – quase não causou perturbações. Tudo que lhe aconteceu foi a transformação mental.

Depois que o Dr. Robert se calou, Will percebeu os chiados e o raspar das patas dos ratos engaiolados; olhando nela janela aberta, ouviu a babel da vida tropical e o chamado distante de um pássaro mainá: “Aqui e agora, rapazes. Aqui e agora...”

– Você é como aquele mainá – disse finalmente o Dr. Robert. – Educado para repetir palavras que não entende ou de que não conhece a razão de ser. “*Não é real. Não é real.*” Porém, se experimentasse aquilo que Lakshmi e eu atravessamos juntos ontem, compreenderia melhor. Saberá que foi muito mais real do que aquilo que você chama de realidade. Mais real do que o que está pensando e sentindo neste momento. Mais real do que o mundo que tem à sua frente. No entanto, tudo que lhe ensinavam a dizer foi: “*Não é real. Não é real. Não é real.*”

O Dr. Robert pousou afetuosamente a mão no ombro do rapaz.

– Ensinar-lhe que não passamos de um grupo de viciados em entorpecentes, cheios de autocomiseração, chafurdando em ilusões e falsos *samadhis*. Ouça Murugan, procure esquecer todas as obscenidades que lhe foram incutidas. Esqueça pelo menos até o ponto em que lhe seja possível admitir uma simples experiência. Tome quatrocentos miligramas de *moksha* e descubra, por si, qual o seu efeito. Descubra o que diz sobre a sua própria natureza e a respeito deste estranho mundo onde você terá que viver, aprender, sofrer e finalmente morrer. Sim, mesmo você morrerá um dia – daqui a cinquenta anos? Amanhã? Quem sabe? No entanto acontecerá, e somente um tolo não se prepara para esse dia.

Virando-se para Will, disse:

Gostaria de me acompanhar enquanto tomamos um banho de chuveiro e trocamos de roupa?

Capítulo 38

1963

Cartas

O último ano de vida Huxley começou com a conclusão de *Literatura e ciências*, publicado em setembro. O retorno do câncer algumas conferências, mas ele conseguiu viajar a cancelar algumas conferências, mas ele conseguiu viajar mais uma vez para a Europa, para uma reunião da Academia Mundial de Artes e Ciência, para a qual ele planejava editar um volume sobre recursos humanos com Osmond. Ele expôs suas idéias sobre as diferenças entre experiências psicodélicas individuais e em grupo ao editor de *Psychedelic Review* (*Revista Psicodélica*) e transmitiu a advertência de Osmond sobre LSD contrabandeado a Leary em Harvard, a quem ele respondeu favoravelmente sobre a idéia de um centro de treinamento devotado à expansão da consciência (A Fundação Castalia foi fundada em Millbrook, N. Y., em 1964).

Huxley ficou cada vez mais fraco; seus últimos meses foram passados em casa, não parando de trabalhar no que seria seu último artigo: “Shakespeare e a Religião”. Na última página, Huxley escreveu: “Temos que estar continuamente alerta para meios pelos quais podemos expandir nossa consciência.”

AO DR. HUMPHRY OSMOND [SMITH 915]

6233 Mulholland, L. A. 28, Cal 7 de janeiro de 196.3

Caro Humphry,

Obrigado por sua carta. Um bom exemplo do que acontece a um homem quando ele recebe demasiada inspiração é proporcionado por Christopher Smart. “Jubilate Agno” (Agno do Ter-ceiro Domingo Depois da Páscoa) é produto de uma fase aguda de sua doença mental, quando ele não tinha controle sobre sua mente pré-consciente e sua torrente de imagens, idéias, palavras e ritmos. “David” e o poema “Natividade” foram escritos quando ele estava suficientemente maluco para esquecer que era um produto do condicionamento do século XVIII, mas não maluco o bastante para não ser capaz de organizar artisticamente sua escrita automática. E também há os poemas enfadonhos e convencionais que ele produziu quando estava demasiado são, demasiado bem adaptado ao século XVIII. LSD em demasia e com demasiada freqüência provavelmente seria fatal à arte – tão fatal quanto nenhum LSD ou nenhum de seus equivalentes que ocorrem espontaneamente.

Mande-me seu endereço em Princeton, para que eu possa entrar em contato com você quando e se eu for para o não-tão-deslumbrante Oriente.

Meu carinho para Jane e as crianças.

Atenciosamente, Aldous

*A PAUL LEE*¹

6233 Mulholland L. A. 28, Cal. 3 de março de 1963

Caro Sr. LEE,

Obrigado por sua carta e pelo convite para contribuir com um artigo para sua revista. No momento não posso aceitar qualquer compromisso, pois já tenho coisas demais a fazer.

Não vi o artigo de Buber, pois não leio a *Review of Metaphysics* (Revista de Metafísica) e a publicação pertinente não me foi enviada. Escrevi várias vezes sobre psicodélicos depois da publicação de *As portas da percepção*, que descreve uma primeira e um tanto limitada experiência com mescalina.

Quando à privacidade – toda experiência imediata é estritamente privada. Ninguém pode sentir a dor ou o prazer ou a maneira de ver o mundo de outrem. Tudo o que se pode sentir é um conjunto de pistas e símbolos, através dos quais, a um certo grau, pode-se supor a experiência de outra pessoa. No nível não-verbal há a solidão do ego isolado, ou a unidade da mente que saiu de sua prisão de condicionamento cultural e egoísmo, e está tão receptiva à realidade dada, em todos os níveis, quanto é possível que a criatura humana seja. Tive pouquíssima experiência de psicodélicos em grupo, mas presumo que, quando há um bom relacionamento, isso se deve ao fato de que o produto químico transformou um grupo de solidões isoladas num grupo de Unidade aberta e receptiva.

Cordialmente,

Aldous Huxley

¹ Co editor de *The Psychedelic Review*. Não consta da edição de Smith.

AO DR. TIMOTHY LEARY [SMITH 929]

6233 Mulholland, L. A. 28, Cal. 20 de julho de 1963

Caro TIM,

Obrigado por suas cartas. Acho que a idéia de uma escola é excelente, pois o que precisa ser explorado, mais do que qual-quer outra coisa, é o problema de relacionar de maneira frutífera o que Wordsworth chama de “passividade sábia” com a atividade sábia – a receptividade e experiência imediata da conceituação e da projeção sobre a experiência de ordem inteligível. Como aproveitarmos o melhor de *ambos* os mundos descritos em “Expostulation and reply” (Admoestação e Resposta) e “The Tables Turned” (As Mesas Viradas), de Wordsworth? Isto é que tem que ser descoberto. E devíamos utilizar todos os recursos disponíveis – os melhores métodos de ensino formal e também LSD, hipnose (usada, entre outras coisas, para ajudar as pessoas a entrar no estado de LSD sem ter que recorrer a um produto químico), a distorção do tempo (para acelerar o processo de aprendizagem), autocondicionamento para o controle de processos autônomos e aumento da resistência física e psico-lógica à doença e ao trauma, etc., etc. [...]

Do sempre seu, Aldous

Capítulo 39

1963

A Cultura e o Indivíduo

ALDOUS HUXLEY

Ao oferecer esse ensaio aos editores da primeira antologia popular sobre LSD, Huxley “deliberadamente. [...] tratou em termos mais gerais todo o problema da relação do indivíduo com sua cultura – um problema em cuja solução os psicodélicos sem dúvida poderão fazer sua parte”. (Carta a T. Leary, em 3 de junho de 1963). O valor das substâncias psicodélicas está em “potencializar a educação não-verbal [da pessoa]”, permitindo que ela transcenda seu condicionamento social e conseqüentemente faça surgir as reformas culturais necessárias. Huxley pede “experiências em larga escala [...] empíricas” no tempo limitado que nos resta.

ENTRE A CULTURA e o indivíduo, a relação é, e sempre foi, estranhamente ambivalente. Somos ao mesmo tempo os beneficiários de nossa cultura e suas vítimas. Sem a cultura, e sem essa pré-condição de toda a cultura, a linguagem, o homem não passaria de mais uma espécie de babuíno. É à linguagem e à cultura que devemos nossa humanidade. E “Que obra é o homem!”, diz Hamlet:

“Como é nobre na razão! como é infinito em capacidade!... em ação, como se parece com um anjo! na apreensão, como se parece com um deus!”.

Mas, infelizmente, nos intervalos de ser nobre, racional e potencialmente infinito, *homem, orgulhoso homem,*

Vestido com uma breve e pouca autoridade,

Mais ignorante daquilo que tem mais certeza,

Sua essência vítrea, como um macaco zangado,

Faz truques tão fantásticos diante dos céus.

Como fazer os anjos chorar.

Gênio e macaco zangado, que faz truques fantásticos e raciocina como um deus – em todos esses papéis, os indivíduos são produto de uma linguagem e de uma cultura. Trabalhando nos dozes ou treze bilhões de neurônios no cérebro humano, a linguagem e a cultura nos deram a lei, a ciência, a ética, a filosofia; tornaram possíveis todas as façanhas de talento e de santidade. Também nos deram o fanatismo, a superstição e a pre-sunção supersticiosa; idolatria nacionalista e assassinato em massa em nome de Deus; a propaganda que levanta as multidões e a mentira organizada. E, juntamente com o sal da terra, elas nos deram, geração após geração, inúmeros milhões de conformistas hipnotizados, as vítimas predestinadas de dirigentes ávidos de poder que são, eles mesmos,

as vítimas de tudo o que é mais in-sensato e desumano em sua tradição cultural.

Graças à linguagem e à cultura, o comportamento humano pode ser incomparavelmente mais inteligente, mais original, criativo e flexível do que o comportamento dos animais, cujos cérebros são pequenos demais para acomodar o número necessário de neurônios para a invenção da linguagem e a transmissão de conhecimento acumulado. Mas, novamente graças à linguagem e à cultura, os seres humanos com frequência se comportam com uma estupidez, uma falta de realismo, uma inadequação total, das quais os animais são incapazes.

Vindo da Ilha de Trobriand ou de Boston, católico da Sicília ou budista do Japão, cada um de nós nasce numa cultura qualquer e passa a vida dentro de seus limites. Entre cada consciência humana e o resto do mundo há uma cerca invisível, uma rede de padrões tradicionais de pensar e sentir, de opiniões de segunda-mão que se transformaram em axiomas, de antigos *slogans* reverenciados como revelações divinas. O que vemos através das malhas dessa rede, nunca é, naturalmente, a “coisa em si” incognoscível. Nem mesmo é, na maioria dos casos, a coisa como ela se impinge sobre nossos sentidos e como nosso organismo esponta-neamente reage a ela. O que normalmente apreendemos e a que reagimos é uma curiosa mistura de experiência direta com símbolos culturalmente condicionados, de impressões sensoriais com idéias preconcebidas a respeito da natureza das coisas. E a maioria das pessoas sente que os elementos simbólicos nesse coquetel de consciência são mais importantes que os elementos dados pela experiência direta. Isto é inevitável, pois, para aqueles que aceitam totalmente sua cultura, sem criticá-la, as palavras na linguagem familiar não tornam o lugar (ainda que insuficiente-mente) das coisas. Pelo contrário, as coisas tornam o lugar das palavras conhecidas. Cada acontecimento único de sua vida é imediata e automaticamente classificado como outra ilustração concreta de uma das abstrações verbalizadas e consagradas pela cultura, enfiadas em suas cabeças pelo condicionamento infantil.

Escusado é dizer que muitas das idéias que nos foram passadas pelos transmissores de cultura são eminentemente sensatas e realistas. (Se não o fossem, a espécie humana agora estaria extinta.) Mas, juntamente com esses conceitos úteis, toda cultura passa um estaque de opiniões irrealistas, algumas das quais nunca fazem sentido, enquanto que outras podem algum dia ter pos-suído um valor para a sobrevivência, mas que agora, nas circunstâncias mudadas e mutantes da história, tornaram-se completamente irrelevantes. Desde que os seres humanos reagem a símbolos tão pronta e evidentemente quanto reagem aos estímulos da experiência não-intermediada, e já que a maioria deles acredita ingenuamente que as palavras consagradas pela cultura a respeito das coisas são tão reais quanto, ou até mais reais que, suas percepções das coisas em si, essas opiniões antiquadas ou intrinsecamente tolas fazem um mal enorme. Graças às idéias realistas passadas pela cultura, a humanidade sobreviveu e, em certos campos, progride. Mas graças às tolices perniciosas enfiadas em cada indivíduo no processo de sua aculturação, a humanidade, embora sobrevivendo e progredindo, sempre teve problemas. A História é o registro, entre outras coisas, dos truques fantásticos e geralmente cruéis que a humanidade enlouquecida pela cultura prega em si mesma. E o jogo horrível continua.

O que o indivíduo pode e deve fazer para melhorar sua iro-nicamente equivocada relação com a cultura na qual ele se encontra? Como pode continuar a aproveitar os benefícios da cultura sem, ao mesmo tempo, estupidificar-se ou freneticamente intoxicar-se com seu veneno? Como pode ele tornar-se discriminantemente aculturado, rejeitando o que é tolo ou realmente mau em seu condicionamento, e agarrando-se àquilo que torna o

comportamento humanitário e inteligente?

Uma cultura não pode ser discriminadamente aceita, muito menos modificada, exceto por pessoas que viram através dela – por pessoas que fizeram buracos na limitante muralha de símbolos verbalizados, e assim são capazes de olhar para o mundo e, pela reflexão, para si mesmos, num modo novo e relativamente sem preconceitos. Tais pessoas não nascem apenas; elas têm também que ser feitas. Mas como?

No campo da educação formal, o que o futuro abridor de buracos precisa é de conhecimento. Conhecimento da história passada e atual das culturas em toda a sua fantástica variedade, e conhecimento sobre a natureza e as limitações, os usos e os abusos, da linguagem. Um homem que sabe que houve muitas culturas, e que cada cultura diz ser a melhor e mais verdadeira de todas, vai achar difícil levar a sério as fanfarronadas e as dogmatizações de sua própria tradição. Do mesmo modo, um homem que sabe como os símbolos estão relacionados à experiência, e que pratica o tipo de autocontrole linguístico ensinado pelos expoentes da Semântica Geral, não tem probabilidade de levar a sério a tolice absurda e perigosa que, dentro de cada cultura, passa por filosofia, sabedoria prática e argumento político.

Como preparação para abrir o buraco, esse tipo de educação intelectual certamente é valiosa, mas não menos certamente insuficiente. O treinamento ao nível verbal precisa ser suplementado por treinamento em experiência sem palavras. Temos que aprender como ficar mentalmente silenciosos, cultivar a arte da pura receptividade.

Estar silenciosamente receptivo – como isso parece infantilmente simples! Mas, na verdade, como logo descobrimos, quanto é difícil! O universo no qual os homens passam suas vidas é a criação do que a filosofia hindu chama *Nama-Rupa* (Nome e Forma). A realidade é um contínuo, um Algo inimaginavelmente misterioso e infinito, cujo aspecto exterior é o que nós chamamos Matéria e cujo interior é o que chamamos Mente. A linguagem é um mecanismo para tirar o mistério da Realidade e fazê-la prestar-se à compreensão e à manipulação humanas. O homem aculturado quebra a continuidade, coloca rótulos em alguns poucos fragmentos, projeta os rótulos para o mundo exterior e assim cria para si mesmo um universo por demais humano de objetos separados, cada um dos quais é apenas a corporificação de um nome, uma ilustração particular de uma abstração tradicional qualquer. O que percebemos toma o padrão da rede conceitual através do qual ele foi filtrado. A receptividade pura é difícil porque a consciência normal do homem é sempre condicionada culturalmente. Mas a consciência normal, como William James destacou há muitos anos, “é apenas um tipo de consciência, enquanto à sua volta, separadas dela por uma tela muito tênue, jazem formas potenciais de consciência inteiramente diferentes. Podemos atravessar a vida sem suspeitar de sua existência; mas aplique o estímulo apropriado, e a um toque: elas estão ali em toda a sua integridade, tipos definidos de mentalidade que provavelmente em algum lugar têm seu campo de aplicação e adaptação. Nenhuma descrição do universo em sua totalidade pode ser definitiva, se deixa de considerar essas formas de consciência.”

Como a cultura pela qual ela é condicionada, a consciência normal é ao mesmo tempo nossa melhor amiga e uma inimiga perigosíssima. Ela nos ajuda a sobreviver e a progredir; mas ao mesmo tempo ela nos impede de realizar algumas de nossas potencialidades mais valiosas e, às vezes, nos traz todo tipo de problemas. Para se tornar inteiramente humano, o homem, o orgulhoso homem, o que faz truques fantásticos, tem que aprender a sair da frente de si mesmo: só assim suas capacidades infinitas e sua apreensão angélica têm uma chance de chegar à superfície. Nas palavras de Blake, temos que “purificar as portas da

percepção”; pois quando as portas da percepção são purificadas, “tudo aparece ao homem como realmente é – infinito”. Para a consciência normal as coisas são corporificações, estritamente finitas e isoladas, de rótulos verbais. Como podemos quebrar o hábito de impor automaticamente nossos preconceitos e a lembrança de palavras consagradas pela cultura sobre nossa experiência direta? Resposta: pela prática da receptividade pura e do silêncio mental. Isso vai purificar as portas da percepção e, no mesmo processo, tornar possível o surgimento de outras formas de consciência além da normal – consciência estética, consciência visionária, consciência mística. Graças à cultura, nós somos os herdeiros de um grande acúmulo de conhecimento, de um tesouro sem preço de métodos lógicos e científicos, de milhares de exemplos de *know-how* tecnológico e organizacional. Mas o componente humano possui outras fontes de informação, utiliza outros tipos de raciocínio, tem o dom de uma sabedoria intrínseca que é independente do condicionamento cultural.

WordsWorth escreve que “nosso intelecto intrometido (a parte da mente que usa a linguagem para tirar o mistério da Realidade deforma as belas formas das coisas: nós assassinamos para dis-secar”. Não é preciso dizer que não podemos sobreviver sem nosso intelecto intrometido. O pensamento conceitual verbalizado é indispensável. Mas mesmo quando eles são bem utilizados, os conceitos “verbalizados deformam “as belas formas das coisas”. E quando (como acontece com tanta frequência) são mal utilizados, eles deformam nossas vidas pela racionalização de antigas tolices, pela instigação do assassinato e a perseguição em massa e todos os outros truques fantasticamente horríveis que fazem os anjos chorar. A passividade não-verbal sábia é um anti-doto à atividade verbal tola, e um corretivo necessário para a atividade verbal sábia. Os conceitos verbalizados sobre a experiência precisam ser suplementados pelo conhecimento direto e não-intermediários dos acontecimentos como eles se apresentam a nós.

É a velha história da letra e do espírito. A letra é necessária, mas jamais deve ser levada muito a sério, pois, divorciada do espírito, ela restringe e finalmente mata. Quanto ao espírito, ele “sopra onde lhe apraz” e, se deixarmos de consultar os melhores mapas culturais, podemos ser soprados para fora de nossa rota e naufragarmos. No momento, a maioria de nós aproveita o pior de ambos os mundos. Ignorando os ventos do espírito que sopram livremente e confiando nos mapas culturais que podem estar com anos de atraso, nós disparamos a toda velocidade sob o vapor em alta pressão de nossa autoconfiança presunçosa. As passagens que vendemos para nós mesmos nos asseguram que nosso destino é um porto qualquer na Ilha dos Bem-Aventurados. Na verdade, costuma acontecer que cheguemos à Ilha do Diabo.

A auto-educação ao nível não-verbal é tão antiga quanto a civilização. “Fique imóvel e saiba que sou Deus” – para os visionários e os místicos de todos os tempos e lugares, este tem sido o primeiro e o maior dos mandamentos. Os poetas escutam suas Musas e do mesmo modo o visionário e o místico esperam a inspiração num estado de sábia passividade, de vacuidade dinâmica. Na tradição ocidental, esse estado é chamado “a oração do olhar simples”. No outro lado do mundo ele é descrito em termos psicológicos em vez de teístas. No silêncio mental nós “olhamos para nossa própria Natureza”, nós “nos agarramos ao Não-Pensamento que há no pensamento”, nós nos “tornamos aquilo que essencialmente sempre fomos”. Pela atividade sábia podemos adquirir um conhecimento analítico útil a respeito do mundo, conhecimento que pode ser comunicado por meio de símbolos verbais. No estado de passividade sábia nós tornamos possível o surgimento de formas de consciências outras que a consciência utilitária da vida normal. O conhecimento analítico útil a respeito do mundo é substituído por uma espécie qualquer de experiência

biologicamente insubstancial, mas espiritualmente esclarecedora sobre o mundo. Por exemplo, pode haver uma experiência estética direta com o mundo como a beleza. Ou pode haver uma experiência direta com a estranheza intrínseca da existência, sua implausibilidade. E finalmente pode haver uma experiência direta com a unidade do mundo. Essa experiência mística direta de estar uno com a Unidade fundamental, que se manifesta na infinita diversidade de coisas e mentes, nunca poderá ser adequadamente expressa em palavras. Como a experiência visionária, a experiência do místico só pode ser comentada pelo lado de fora. Os símbolos verbais nunca podem dar idéia de seu interior.

É através do silêncio mental e da prática da passividade sábia que artistas, visionários e místicos prepararam-se para a experiência direta do mundo como beleza, como mistério e como unidade. Mas o silêncio e a passividade sábia não são os únicos caminhos que levam para fora do universo por demais humano criado pela consciência normal, condicionada pela cultura. Em “Expostulation and Reply” (Admoestação e Resposta), o amigo literato de Wordsworth, Matthew, reprova o poeta porque

*Você olha em volta para a Mãe Terra,
Como se ela sem propósito o tivesse dado à luz;
Como se você fosse seu primeiro filho,
E ninguém tivesse vivido antes de você!*

Do ponto de vista da consciência normal, isto é pura delinquência intelectual. Mas é o que o artista, o visionário e o místico têm que fazer e, na verdade, sempre fizeram. “Olhar para uma pessoa, uma paisagem, qualquer objeto comum, como se o estivesse vendo pela primeira vez.” Este é um dos exercícios de consciência direta e não-verbalizada prescritos nos antigos textos do budismo tântrico. Artistas, visionários e místicos recusam-se a escravizar-se aos hábitos condicionados pela cultura de sentir, pensar e agir que sua sociedade considera corretos e naturais. Quando quer que isso pareça desejável, eles deliberadamente deixam de projetar sobre a realidade aqueles padrões de palavras consagrados dos quais todas as mentes humanas têm um estoque tão copioso. Eles sabem, tanto quanto qualquer outra pessoa, que a cultura e a linguagem nas quais qualquer cultura é enraizada são absolutamente necessárias e que, sem elas, o indivíduo não seria humano. Mas mais vividamente do que o resto da humanidade eles também sabem que, para ser *inteiramente* humanos, o indivíduo tem que aprender a descondicionar-se, tem que ser capaz de abrir buracos no muro de símbolos verbalizados que o prende.

Na exploração do mundo vasto e misterioso das potencialidades humanas, os grandes artistas, visionários e místicos têm sido pioneiros. Mas onde eles foram outros podem seguir. Potencialmente, todos nós somos “infinitos em capacidades e como deuses na apreensão”. Modos de consciência diferentes da consciência normal estão ao alcance de quem quer que saiba como aplicar os estímulos necessários. O universo no qual um ser humano vive pode ser transfigurado para uma nova criação. Temos apenas que abrir um buraco no muro e olhar à nossa volta com o que o filósofo Plotino descreve como “essa outra espécie de ver, que todo o mundo tem mas poucos utilizam”.

Dentro de nossos sistemas atuais de educação, o treinamento ao nível não-verbal é parco em quantidade e pobre em qualidade. Além disso, seu propósito, que é simplesmente

ajudar quem o recebe a ser, mais “como deuses na apreensão”, não é claramente declarado nem coerentemente perseguido. Podíamos e, enfaticamente, devíamos agir melhor do que temos agido nesse campo tão importante. A sabedoria prática das civilizações mais antigas e as descobertas de espíritos aventureiros dentro de nossa própria tradição e em nossa própria época são acessíveis. Com sua ajuda, poder-se-ia fazer um currículo e uma metodologia de treinamento não-verbal, sem muita dificuldade. Infelizmente, a maioria das autoridades tem um interesse disfarçado na manutenção dos muros culturais. Eles franzem a testa para o fato de abrir buracos, con-siderando-o subversivo, e consideram o “outro modo de ver” de Plotino um sintoma de distúrbio mental. Se um sistema eficiente de educação não-verbal pudesse ser planejado, será que as autoridades permitiriam que ele fosse amplamente aplicado? É uma questão em aberto.

Do mundo não-verbal da consciência culturalmente não-contaminada, passamos para o mundo subverbal da fisiologia e da bioquímica. Um ser humano é um temperamento e um produto do condicionamento cultural; ele é também, e primeiramente, um sistema bioquímico extraordinariamente complexo e delicado, cujo interior, à medida que o sistema passa de um estado de equilíbrio para outro, é a mudança de consciência. É porque cada um de nós é um sistema bioquímico que (segundo Housman)

O malte faz nuus do que Milton pode fazer

Para justificar ao homem a vontade de Deus.

A cerveja consegue seu triunfo teológico porque, nas pala-vras de William James, “A embriaguez é o grande excitante da função Sim no homem”. E ele acrescenta que “É parte do mistério e tragédia mais profundos da vida que idéias e vislumbres de algo que imediatamente reconhecemos como excelentes sejam concedidos a tantos de nós apenas nas fugazes primeiras fases do que, em sua totalidade, é um veneno tão degradante.” Conhece-se a árvore pelos frutos, e os frutos de álcool etílico em demasia, usado como excitante da função Sim, são realmente amargos. Não menos amargos são os frutos de sedativos viciantes, alucinógenos e excitantes como o ópio e seus derivados, como a cocaína (tão alegremente recomendada pelo Dr. Freud a seus amigos e pacientes), como os barbitúricos e anfetaminas. Mas nos últimos anos os farmacólogos extraíram ou sintetizaram vários compostos que afetam poderosamente a mente sem causar qualquer dano ao corpo, nem na hora da ingestão nem, através do vício, mais tarde. Através desses novos psicodélicos, a consciência normal do indivíduo pode ser modificada de várias maneiras diferentes. É como se, para cada indivíduo, seu eu mais profundo decidisse que tipo de experiência será mais vantajosa. Tendo decidido, ele utiliza os poderes da droga que alteram a mente para conseguir a personalidade de que necessita. Assim, se é bom para ele desenterrar suas lembranças mais profundas, as lembranças mais profundamente enterradas serão desenterradas. Em casos onde isso não tem grande importância, acontecerá outra coisa qualquer. A consciência normal pode ser substituída pela consciência estética, e o mundo será percebido em toda a sua beleza inimaginável, toda a ardente intensidade de seu “existir”. E a consciência estética pode modular-se em consciência visionária. Graças a outro tipo de ver, o mundo vai agora revelar-se não apenas inimaginavelmente lindo, mas também inimaginavelmente misterioso – como um tumultuoso abismo de possibilidades, sempre se realizando em formas imprevistas. Novos vislumbres de um mundo novo, transfigurado, de generosidade, novas combinações de pensamento e fantasia

– o fluxo de novidade jorra através do mundo numa torrente, em que cada gota está carregada de significado. Há os símbolos cujo significado está fora deles, nos fatos dados da experiência visionária, e há aqueles fatos dados que significam apenas eles mesmos. Mas “apenas eles mesmos” é também “não menos que o divino substrato de todo o ser”. “Nada além disso” é ao mesmo tempo “a Igualdade de tudo”. E agora a consciência estética e visionária aprofunda-se até a consciência mística. O mundo é visto agora como uma diversidade infinita que no entanto é uma unidade, e o indivíduo sente-se uno com a Unidade infinita que se manifesta, totalmente presente, em todos os pontos do es-paço, em todos os instantes no fluxo do perecimento perpétuo e da renovação perpétua. Nossa consciência normal, condicionada pela palavra, cria um universo de diferenciações agudas, preto e branco, isso e aquilo, eu e você e ele. Na consciência mística de ser uno com a Unidade infinita há uma reconciliação dos opostos, uma percepção do Não-Particular no particular, uma transcendência de nossas relações sujeito-objeto com coisas e pessoas uma experiência direta de nossa solidariedade com todos os seres e uma espécie de convicção orgânica de que, apesar dos mistérios do destino, apesar de nossas escuras tolices e malevolência deliberada, sim, apesar de tudo isso que é tão evidentemente errado no mundo, ele mesmo assim é, de um modo profundo, paradoxal e inteiramente inexprimível, *Perfeito*. Para a consciência anormal, a frase “Deus é Amor” não é mais que um trecho de pensamento positivo. Para a consciência mística, é uma verdade evidente por si mesma.

Mudanças tecnológicas e demográficas inauditamente rápidas estão regularmente aumentando os perigos que nos rodeiam, e ao mesmo tempo diminuindo regularmente a importância dos tradicionais padrões de sentir-e-pensar impostos a todos os indivíduos, tanto dirigentes quanto dirigidos, por sua cultura. Sempre deejável, um treinamento na arte de abrir buracos nos mãos culturais é agora a mais urgente das necessidades. Será que um treinamento como esse pode ser agilizado e tornado mais eficiente pelo uso correto dos psicodélicos inofensivos agora disponíveis? Com base em experiência pessoal e em evidências publicadas, acredito que sim. Em minha fantasia utópica, *A ilha*, especulei em termos de ficção sobre os modos pelos quais uma substância semelhante à psilocibina poderia ser usada para potencializar a educação não-verbal de adolescentes e lembrar aos adultos que o mundo real é muito diferente do universo desastroso que eles criaram para si próprios por meio de seus preconceitos condicionados pela cultura. “Divertir-se com Fungos” – foi assim que um crítico galhofeiro qualificou o assunto. Mas o que é melhor? Divertir-se com Fungos ou ter Idiotice contra Ideologia, ou ter Guerras por causa de Palavras, extrair os Erros de Amanhã das Crenças Errôneas de ontem?

Como deveriam ser administrados os psicodélicos? Sob que circunstâncias, com que tipo de preparação e continuação? São perguntas que têm que ser respondidas empiricamente, através de experimentação em grande escala. A mente coletiva do homem, tem um alto grau de viscosidade e flui de uma posição para ou-tra com a relutante deliberação de uma maré vazante de limo. Mas num mundo de aumento populacional explosivo, de avanço tecnológico desenfreado e de nacionalismo militante, o tempo à nossa disposição é estritamente limitado. Temos que descobrir, e descobrir logo, novas fontes de energia para superar a inércia psicológica de nossa sociedade, solventes melhores para liquefazer o grude limoso de um estado de espírito anacrônico. Ao nível verbal, uma educação sobre a natureza e as limitações, os usos e abusos da linguagem; no nível sem palavras, uma educação sobre o silêncio mental e a receptividade pura; e finalmente, através do uso de psicodélicos inofensivos, um curso sobre experiências ou êxtases quimicamente ocasionados – isso, eu creio, vai proporcionar todas as fontes de energia mental, todos os solventes para o limo conceitual, que um indivíduo requer. Com sua ajuda,

ele poderia ser capaz de adaptar-se seletivamente à sua cultura, rejeitando seus males, tolices e despropósitos, aceitando com gratidão todos os seus tesouros de conhecimento acumulado, de racionalismo, de generosidade humana e de sabedoria prática. Se o número de tais indivíduos for suficientemente grande, se sua qualidade for suficientemente alta, eles poderão ser capazes de passar da aceitação discriminada de sua cultura para a mudança e a reforma discriminadas. Será isto um esperançoso sonho utópico? A experiência pode nos dar a resposta, pois o sonho é pragmático; as hipóteses utópicas podem ser testadas empiricamente. E nesta época opressiva, um pouco de esperança é certamente um visitante bem-vindo.

Capítulo 40

1963

Oh, Nobre de Berço!

LAURA HUXLEY

A morte de Aldous Huxley – nas palavras de Laura – foi “uma continuação de seu próprio trabalho” e “um último gesto de importância duradoura.” Huxley não tornava psicodélicos havia cerca de dois anos. Em suas últimas semanas ele pensara sobre isso, mas decidira esperar até sentir-se melhor. Suas condições pioraram; e em suas últimas horas ele consciente e corajosamente seguiu um programa que tinha testado antes, tanto em sua vida (quando Maria morreu) e em seus escritos (a morte de Lakshmi em A ilha). Ele pediu LSD – o mais próximo equivalente disponível da medicina-moksha. Laura ministrou-lhe por duas vezes uma dose de 100 microgramas, e improvisou leituras do manuscrito Leary-Alpert-Metzner de seu manual para a experiência psicodélica baseada no Livro Tibetano dos Mortos, a ser publicado. Aldous morreu em paz, inteiramente consciente e, ao que parece, sem dor, com as portas de sua percepção purificadas.

Escrito originalmente para um pequeno número de parentes e amigos, Lawia mais tarde incorporou este relato ao seu livro de memórias de seu marido.’ Em meados da década de 60, o Dr. Eric Kast estava aliviando a dor e a ansiedade de seus pacientes agonizantes com LSD.

Aldous MORREU como viveu, fazendo o possível para desenvolver plenamente em si próprio uma das coisas essenciais que ele recomendava aos outros: a Atenção.

Quando percebeu que o trabalho de seu corpo deixando essa vida poderia diminuir sua atenção, Aldous receitou seu próprio remédio ou – dito de outra forma – seu próprio sacramento.

“Os últimos ritos deviam fazer a pessoa mais consciente, em vez de menos consciente”, dizia ele com frequência, “mais humana em vez de menos humana”. Numa carta para o Dr. Osmond, que lembrava a Aldous que seis anos se tinham passado desde sua primeira experiência com mesalina, ele respondeu; “Sim, seis anos desde aquela primeira experiência. ‘Oh, Morte em Vida, os anos que já foram’ – mas também, Oh, Vida na Morte. [...]” Também para Osmond: “[...3 Minha experiência com Maria convenceu-me de que os vivos podem fazer muita coisa para tornar mais fácil a passagem para os moribundos, para elevar o ato mais puramente fisiológico da existência humana ao nível da conscientização e talvez até da espiritualidade.”

Com demasiada frequência, pessoas inconscientes ou moribundas são tratadas como “coisas”, como se não estivessem ali. Mas frequentemente elas estão muito ali. Embora uma pessoa moribunda tenha cada vez menos meios de expressar o que sente, ela ainda está

aberta para receber comunicações. Nesse sentido, a pessoa muito doente ou moribunda é muito parecida com uma criança: não pode nos dizer como se sente, mas está absorvendo nosso sentimento, nossa voz, e, mais que tudo, nosso toque. Na criança, o maior canal de comunicação é a pele. Do mesmo modo, para o indivíduo mergulhado na imensa solidão da doença e da morte, um toque de mão pode dissolver essa solidão, até mesmo iluminar calidamente o universo desconhecido. Para o “nobre de berço” assim como para o “nobre de morte”, a comunicação pela pele e pela voz pode fazer uma diferença imensurável.

A psicologia moderna descobriu como é forte o trauma do nascimento na vida do indivíduo. E o “trauma da morte”? Se a pessoa acredita na continuidade da vida, não devia dar a ele a mesma consideração?

O *Livro Tibetano dos Mortos* dá a maior importância ao estado de consciência na hora da morte. O guia sempre se dirige à pessoa moribunda com a saudação “Oh, Nobre de Berço!” e insiste: “Não deixeis que vossa mente se confunda.” O guia continua lembrando ao moribundo que não se prenda a visões celestiais ou infernais, que não são reais, mas que são apenas as projeções ilusórias de seus pensamentos e emoções, temores e desejos. O moribundo é exortado a “continuar praticando a arte de viver”, mesmo quando está morrendo. Sabendo o que a pessoa é de fato, estando consciente da vida universal e impessoal que vive a si mesma através de cada um de nós. Esta é a arte de viver, e é o que se pode ajudar o moribundo a continuar praticando. Até o final”.

“Oh, Nobre de Berço!”. Este sinal de respeito e reconhecimento é algo que consola e que me parece conduzir mais facilmente a uma vida melhor – aqui ou depois – do que a imagem de um pecador batendo no peito e implorando desesperadamente o perdão: “O que posso eu, um frágil homem, pedir? Quem vai interceder por mim quando os justos também precisam de misericórdia?”

22 de novembro de 1963 foi o último dia na terra para dois homens de boa-vontade. Embora pertencendo a gerações diferentes, países diferentes, ambientes diferentes, tanto John F. Kennedy quanto Aldous Huxley tinham desfechado uma luta comum contra a ignorância e a má-vontade; ambos dedicaram suas vidas a ajudar a humanidade a entender e amar a si própria. Eles morreram no mesmo dia; nenhuma imaginação poderia ser suficientemente vívida para conceber duas maneiras de morrer tão antônimas quanto essas. Boatos distorcidos circularam sobre a morte de Aldous. relatei os acontecimentos reais daquele dia numa fita gravada para os parentes e alguns amigos, três semanas depois de Aldous morrer. Estes são os fatos.

Caro...

Há tanta coisa que quero lhe contar sobre a última semana de vida de Aldous, e particularmente o último dia. O que aconteceu é importante porque é uma conclusão, ou melhor, uma continuação, do trabalho dele.

Em primeiro lugar, tenho que lhe confirmar, com completa certeza subjetiva, que Aldous não tinha conscientemente pensado no fato de que poderia morrer logo, até o dia em que morreu. Subconscientemente estava tudo ali, e você vai poder ver isso por si mesmo, porque, de 15 de novembro até 22 de novembro eu te-nho gravados muitos dos comentários de Aldous. Aldous nunca estava muito disposto a desistir de escrever a mão e passar a ditar ou fazer anotações num gravador. Ele usava um Dictograph apenas para gravar os trechos

de literatura que ele apreciava, e ficava escutando essas coisas nos momentos sossegados da noite, antes de dormir. No início de novembro, quando Aldous estava no hospital, Ginny nos deu um gravador – um negócio pequenino, fácil de manejar e praticamente invisível. Depois de ter praticado comigo mesma durante alguns dias, mostrei-o a Aldous, que ficou muito feliz com ele, e do dia 15 em diante nós o usávamos um pouquinho todos os dias, gravando os seus sonhos e anotações para futuros escritos.

O período de 15 a 22 de novembro marcou, me parece, um período de intensa atividade mental para Aldous. Tínhamos diminuído aos poucos todos os remédios, o mais possível – apenas sedativos como Percodan, um pouco de Amytal, e alguma coisa para a náusea. Ele tomou também umas poucas injeções de 1/2 cc de Dilaudid, que é um derivado da morfina; o médico diz que essa é uma dose muito pequena de morfina.

Agora, para voltar ao que eu dizia, em seus sonhos, como também às vezes em sua conversa, parecia óbvio e transparente que subconscientemente ele sabia que ia morrer. Mas nem uma vez ele falou sobre isso. Isto nada tem a ver com a opinião de alguns de seus amigos de que ele queria me poupar. Não era isso, porque Aldous nunca tinha conseguido representar um papel, dizer uma única mentira, ele era por natureza incapaz de mentir, e, se quisesse me poupar, poderia certamente ter falado com Ginny.

Durante os dois últimos meses eu lhe dei quase diariamente uma oportunidade, uma abertura, para falar sobre a morte, mas naturalmente essa abertura era sempre de modo a poder ser to-mada de duas maneiras – ou na direção da vida ou na direção da morte; e ele sempre a tornava na direção da vida. Lemos todo o manual do Dr. Leary baseado no *Livro Tibetano dos Mortos*. Ele poderia, até mesmo brincando, ter dito: “Não se esqueça de me lembrar quando chegar a hora.” Seu comentário, em vez disso, era dirigido apenas ao problema da “reentrada” depois de uma sessão psicodélica. É verdade que ele às vezes dizia coisas como “Se eu escapar disso”, em relação a suas novas idéias para escrever, e perguntava-se quando e se ia ter força suficiente para trabalhar. Estava mentalmente muito ativo e parecia que alguns novos níveis de sua mente estavam se movimentando.

1 A ilha

2 *The psychedelic experience* (A experiência psicodélica) (1964).

Na noite antes de sua morte (quinta-feira à noite), mais ou menos às 8 horas, ele teve uma idéia, de repente.

– Querida – disse – acaba de me ocorrer que estou abusando de Ginny. Ter alguém tão doente assim na casa, com as duas crianças, isso é realmente um abuso.

Ginny não estava em casa no momento, portanto eu disse:

– Bem, quando ela chegar eu vou lhe contar isto; vai ser uma boa piada.

– Não – replicou ele, com insistência incomum. – Devíamos fazer alguma coisa a respeito disto.

– Bem – respondi, mantendo o tom leve – certo, levante-se. Vamos fazer uma viagem.

– Não – disse ele. – É sério. Temos que pensar sobre isso. Todas essas enfermeiras na casa. O que podíamos fazer, podíamos alugar um apartamento para este período. Só para este período.

Estava muito claro o que ele queria dizer; era inequivocamente claro. Ele achava que poderia continuar seriamente doente por mais umas três ou quatro semanas, e depois poderia voltar e recomeçar sua vida normal. Essa idéia de começar sua vida normal ocorria com frequência. Nas três ou quatro últimas semanas ele várias vezes se espantava com a própria fraqueza, quando percebia como tinha perdido as forças, e com o tempo que levaria para ficar normal outra vez. Poucos dias antes, quando ele ia dormir, eu lhe perguntei:

– Que é que você está pensando?

– Eu estava pensando que é preciso encontrar um meio de apressar esta recuperação; é verdade que estou melhor, as costas estão melhores, mas é deprimente não ter forças para fazer o que se quer fazer.

Ora, nessa noite de quinta-feira ele tinha comentado sobre alugar um apartamento com uma energia incomum, mas alguns minutos mais tarde e durante toda a noite senti que ele estava caindo, estava perdendo terreno rapidamente. Comer era quase fora de questão. Tinha apenas comido umas colheradas de líquido e purê; cada vez que comia alguma coisa, isso iniciava a tosse. Na noite de quinta-feira liguei para o médico e disse-lhe que n pulso estava muito rápido – 140; ele tinha um pouco de febre, e todo o meu sentimento era de iminência da morte. Tanto a enfermeira quanto o médico disseram que não parecia ser esse o caso, mas que se eu quisesse o doutor viria vê-la naquela noite. Depois voltei para o quarto de Aldous e resolvemos dar-lhe uma injeção. Eram umas 9 horas, ele dormiu e eu disse ao médico para vir na manhã seguinte. Aldous dormiu até mais ou menos 2 horas da manhã e então tomou outra injeção, e eu tornei a vê-lo às 6:30. Senti que a vida estava partindo, que alguma coisa estava mais errada do que o normal, embora eu não soubesse exatamente o que era, e pouco mais tarde mandei telegramas para você, Matthew, Ellen e minha irmã. Então, mais ou menos às 9 horas, Aldous começou a ficar muito agitado, muito desconfortável, muito inquieto. Queria Inudar de posição todo o tempo. Nada estava certo. O médico veio mais ou menos a essa hora e resolveu dar-lhe uma injeção que ele tinha tomado uma vez antes, uma coisa que é dada por via intravenosa, muito lentamente. Leva cinco minutos para ser aplicada, e é uma droga que dilata os tubos bronquiais, de modo que a respiração fica mais fácil.

Essa droga o tinha deixado desconfortável da outra vez – devia ser três sextas-feiras antes – quando ele tinha tido aquela crise sobre a qual lhe escrevi. Dessa vez fez com que se sentisse inquieto. Não conseguia expressar-se, mas estava se sentindo hor-rível – nada estava certo, nenhuma posição o aliviava. Tentei perguntar-lhe o que estava acontecendo. Ele teve dificuldade em falar, mas conseguiu dizer “Tentar lhe dizer piora ainda mais.” Ele queria ser movido o tempo todo. “Mova-me.” “Mova minhas pernas.” “Mova meus braços.” “Mova minha cama.” Ele tinha um desses leitos com botões, que se movem para cima e para baixo, tanto pela cabeceira quanto pelo pé, e incessante-mente, parecia, ele queria ser movido para cima e para baixo, para cima e para baixo. Fizemos isso inúmeras vezes, e de alguma forma isso parecia dar-lhe um pouco de alívio, mas muito, muito pouco.

De repente – deviam ser 10 horas – ele mal podia falar, e sussurrou que queria “uma folha de papel bem grande para escrever”. Eu não queria sair do quarto para procurar o papel, de modo que peguei um bloco de datilografia que estava perto, colou.”i-a sobre uma bandeja e segurei-a. Aldous escreveu: “Se eu partir”, e deu uma instrução para seu testamento.

Eu sabia o que ele queria dizer. Como eu lhe disse, ele tinha assinado o testamento uma semana antes, e no testamento havia uma transferência de um seguro de vida, de mim

para... Eu disse:

– Você quer ter certeza de que o seguro de vida foi transferido?

– Sim – disse ele.

– Os papéis para a transferência acabaram de chegar. Se você quiser, pode assiná-los, mas não é necessário, porque já está legal com o seu testamento – falei.

Ele soltou um suspiro de alívio por não ter que assinar, Eu tinha lhe pedido, na véspera, para assinar alguns papéis importantes, e ele tinha dito: “Vamos esperar um pouquinho.” Aliás, essa era agora a sua maneira de dizer que não conseguia fazer alguma co’sa. Se lhe pediam para comer, ele dizia: “Vamos esperar um pouquinho.” E quando lhe pedi, no dia anterior, para assinar algo que era bastante importante, ele disse: “Vamos esperar um pouquinho.” Ele queria escrever uma carta para você. “E especialmente sobre o livro de Juliette, é maravilhoso”, ele tinha dito várias vezes. Mas quando eu propunha fazer isso, ele dizia “É, daqui a pouquinho”, com uma voz tão cansada, tão diferente de seu modo normal de fazer as coisas imediatamente. Assim, quando eu lhe disse que não era necessário assinar e que tudo estava em ordem, ele soltou um suspiro de alívio.

“Se eu partir.” Essa foi a primeira vez que ele disse isso - com referência a *agora*. Ele escreveu isso. Eu sabia e sentia que pela primeira vez ele estava olhando para a morte – agora. Mas s ou menos meia hora antes, eu tinha ligado para S. C.,³ um psiquiatra que era um dos líderes no uso de LSD. Perguntei-! he se ele já tinha dado LSD a pessoas nessas condições. Ele disse que tinha feito isso apenas duas vezes, e que num dos casos a droga provocou uma reconciliação com a morte, e no outro caso não fez diferença alguma. Eu lhe disse que tinha oferecido várias vezes durante os dois últimos meses, mas Aldous sempre dizia que ia esperar até melhorar.

O Dr. C. disse:

– Não sei, acho que não. Que é que você acha?

– Não sei – respondi. – Devo oferecer a ele?

– Eu ofereceria de uma forma bem indireta – disse ele. – Diga apenas: que é que você acha de tomar LSD?

Essa resposta vaga tinha sido comum aos poucos pesquisadores neste campo a quem eu tinha perguntado: “Você dá LSD *in extremis*?” Em *A ilha há* a única referência definitiva que conheço. Devo ter falado com o Dr. C. mais ou menos às 9: 30. As condições de Aldous pioravam minuto a minuto. Ele não podia dizer o que queria; eu não conseguia entender. Em certo momento ele disse alguma coisa. Disse: “Quem está comendo em minha terrina?” Eu não sabia o que isso significava, e perguntei a ele. Ele conseguiu dar um sorriso leve e misterioso e disse: “Ah, deixe, é só uma brincadeira.” E mais tarde, sentindo minha necessidade de saber um pouco para poder fazer alguma coisa, ele disse, de um modo cruciante: “Neste ponto há tão pouco para compartilhar.” Então vi que ele sabia que estava partindo. No entanto, essa incapacidade de se expressar e:a apenas muscular. Seu cérebro estava claro e realmente, eu sinto, em plena atividade.

Em algum momento da manhã chegou um novo tanque de oxigênio, trazido por um rapaz que tinha vindo várias vezes antes. Ele começou a dizer em voz um tanto alta:

– Já ouviram dizer que o Presidente Kennedy...

Com um olhar interrompi-o. Aldous não percebeu, talvez porque estivesse preocupado

com a gorjeta.

- Esses tanques são pesados; dê-lhe um dólar.

³ O Dr. Sidney Cohen.

Aldous tinha sempre a maior pressa em dar gorjetas, como se a oportunidade para fazer isso estivesse prestes a desaparecer. Era o mesmo sentimento hoje. Respondi que sim, mas estava pensando que não tinha um dólar naquele quarto, e onde estaria minha bolsa. Aldous deve ter sentido a minha hesitação, porque repetiu:

- Dê-lhe um dólar. Há algumas notas no bolso de minhas calças no armário.

Dessa vez falou muito baixo, mas com bastante clareza.

Então, não sei exatamente a que horas, ele me pediu o bloco e escreveu: “Tente LSD 100 intramuscular.” Embora como você pode ver na reprodução não estivesse muito claro, eu sabia que era o que ele queria dizer. Li alto e ele confirmou. De repente algo estava muito claro para mim depois dessa conversa tortuosa dos dois últimos meses. Eu soube então, e soube o que tinha que ser feito. Fui correndo buscar o LSD, que estava no armário de remédios no quarto do outro lado do corredor. Nesse quarto há um aparelho de TV que quase não era usado. Mas eu tinha percebido, naquela última hora, que ele estava ligado. Agora, quando entrei no quarto, Ginny, o médico, a enfermeira e o resto das pessoas da casa estavam vendo televisão. O pensamento atravessou minha mente: “Isto é loucura, essas pessoas vendo televisão quando Aldous está morrendo.” Um segundo mais tarde, enquanto eu abria a caixa que continha o frasco de LSD, ouvi que o Presidente Kennedy tinha sido assassinado. Só então entendi o estranho comportamento das pessoas naquela manhã.

Falei:

- Vou dar a ele uma injeção de LSD. Ele pediu.

O médico teve um momento de agitação – você conhece a inquietação da mentalidade médica sobre essa droga. Mas nenhuma “autoridade”, nem mesmo um exército de autoridades, poderia ter-me impedido então. Fui para o quarto de Aldous com o frasco de LSD e preparei uma seringa. O médico perguntou-me

se eu queria que ele aplicasse a injeção – talvez porque tenha visto que minhas mãos tremiam. Isso me fez consciente de minhas mãos, e respondi “Não, eu preciso fazer isto”. Acalmei-me, e quando apliquei a injeção, minhas mãos estavam firmes. Então, de algum modo, um grande alívio caiu sobre nós dois.

Eram 11:45h quando eu lhe dei a primeira injeção de 100 µg. Sentei-me perto da cama e disse:

– Querido, talvez daqui a pouco eu tome também com você. Você gostaria que eu também tornasse daqui a pouco?

Eu disse “daqui a pouco” porque não tinha idéia de quando poderia tomá-la. E ele indicou que sim. Temos que lembrar que ele já estava falando muito pouco. Então perguntei:

- Quer que Matthew também tome com você?

E ele disse que sim.

– E Ellen?

Ele disse que sim. Então mencionei duas ou três pessoas que tinham trabalhado com LSD, e ele disse:

– Não, não, *basta, basta*.

Então perguntei:

– E Ginny?

E ele disse “Sim” enfaticamente. Depois ficamos quietos. Fiquei sentada ali por algum tempo sem falar. Aldous não estava tão agitado fisicamente. Ele parecia – de alguma forma eu sabia que ele sabia – nós dois sabíamos o que estávamos fazendo, e isso sempre tinha sido um grande alívio para Aldous. Durante sua doença, em algumas ocasiões eu o tinha visto irritado até saber o que ia fazer; então, tomada a decisão, por mais séria que fosse, ele passava por uma mudança total. Esse enorme sentimento de alívio tornava conta dele, e ele não mais se preocupava. Dizia vamos fazer isso, e nós fazíamos, e ele ficava como um homem liberado. E agora eu tinha a mesma sensação: uma decisão tinha sido tomada. De repente ele tinha aceitado o fato da morte; agora, ele tinha tomado sua medicina-moksha na qual acreditava. Mais uma vez estava fazendo o que tinha escrito em *A ilha*, e tinha a sensação de que ele estava interessado, aliviado e tranquilo.

Depois de meia hora, a expressão de seu rosto começou a mudar um pouco, e eu lhe perguntei se ele sentia o efeito do LSD, e ele indicou que não. Mas acho que alguma coisa já tinha acontecido. Essa era uma das características de Aldous. Ele sempre retardava o reconhecimento do efeito de qualquer remédio, mesmo quando o efeito estava certamente ali; a não ser que o efeito fosse muito, muito forte, ele dizia que não. Agora a expressão de seu rosto estava começando a ficar como quando ele tinha tomado a medicina-moksha, quando esta imensa expressão de contentamento completo e amor o dominava. Não era o caso agora, mas havia uma mudança em comparação com o que seu rosto era duas horas antes. Deixei passar mais meia hora e então resolvi aplicar-lhe mais 100p. Disse a ele que ia fazer isso e ele concordou. Dei-lhe outra injeção, e então comecei a falar com ele. Ele agora estava muito quieto; estava muito quieto e suas pernas estavam ficando frias, cada vez mais eu podia ver as áreas púrpura da cianose. Então comecei a falar com ele, dizendo “Leve e livre”.

Algumas dessas sugestões eu tinha lhe dado à noite, nessas últimas semanas, antes que ele conseguisse dormir, e agora recitei-as mais convincentemente, mais intensamente.

– Leve e livre você vai, querido; para a frente e para o alto. Você está indo para a frente e para o alto; você está indo na direção da luz. De bom grado e conscientemente, e você está indo muito bem; você está indo tão bem, está indo na direção da luz. Você está indo na direção da luz. Está indo na direção de um amor maior. Está indo para a frente e para o alto. É tão fácil, tão bonito. Você está indo muito bem, tão fácil. Leve e livre Para a frente e para o alto. Você está indo na direção do amor de Maria com o meu amor. Você vai na direção de um amor maior do que você já conheceu. Você está indo na direção do amor maior, melhor, e é fácil, é tão fácil, e você está indo muito bem.

– Acho que comecei a falar com ele – deve ter sido mais ou menos uma ou duas horas. Era muito difícil ter consciência da hora. Eu estava muito perto do ouvido dele, e espero que tenha falado de modo claro e compreensível. Uma vez perguntei: “Você está me

ouvindo?” Ele apertou minha mão; estava me ouvindo. Eram 3:15h, de acordo com o registro da enfermeira. Fiquei tentada a fazer mais perguntas, mas de manhã ele tinha me pedido para não fazer mais perguntas, e toda a sensação era de que as coisas estavam certas. Não ousei perguntar, perturbar. E essa foi a única pergunta que fiz: “Você está me ouvindo?”

Mais tarde fiz a mesma pergunta, mas a mão não se moveu mais. Agora, das duas horas até a hora em que ele morreu, que foi às 5:20 da tarde, houve paz total, exceto uma ocasião. Deve ter sido por volta das três e meia ou quatro horas, quando vi o início de uma luta em seu lábio inferior. Seu lábio inferior começou a mexer-se como se estivesse lutando por ar. Então dei a instrução com mais energia ainda:

– É tão fácil, e você está fazendo isso linda e conscientemente, com a atenção total, com a atenção total, querido, você está indo na direção da luz.

Repeti essas palavras, ou outras semelhantes, durante as últimas três ou quatro horas. De vez em quando minha própria emoção me dominava, mas então eu me afastava da cama imediatamente, por uns dois ou três minutos, e só voltava quando conseguia controlar a emoção. O frêmito do lábio inferior durou apenas um pouquinho, e ele parecia reagir inteiramente ao que eu estava dizendo.

– Calma, calma, você está fazendo isso de bom grado e consciente e lindamente. Indo para a frente e para o alto, leve e livre, para a frente e para o alto na direção da luz, para a luz, para o amor completo.

O frêmito cessou, a respiração tornou-se cada vez mais lenta, e não houve absolutamente o menor indício de contração, de luta. Apenas a respiração tornou-se mais lenta – e mais lenta – e mais lenta; a cessação da vida não foi absolutamente como um drama, mas como um trecho de música cessando tão levemente num *sempre più piano, dolcemente...* e às 5:20 a respiração

E agora, depois de ter passado esses poucos dias sozinha, e menos bombardeada pelos sentimentos de outras pessoas, o signi-ficado desse último dia torna-se para mim cada vez mais claro e cada vez mais importante. Aldous ficou apavorado, eu acho (e eu certamente estou) porque o que ele escreveu em *A ilha* não foi levado a sério. Foi tratado como um trabalho de ficção científica quando não era ficção, porque cada uma das maneiras de viver que ele descreveu em *A ilha* não era um produto de sua fantasia, mas algo que tinha sido experimentado em algum lugar, e algumas delas em nossa própria vida cotidiana. Se fosse conhecida a maneira como Aldous morreu, isso poderia despertar as pessoas para a consciência de que não apenas este, mas muitos outros fatos descritos em *A ilha* são possíveis aqui e agora. O fato de Aldous pedir a medicina-moksha ao morrer não é apenas uma confirmação de sua abertura e sua coragem, mas um último gesto de importância duradoura. Tal gesto pode ser ignorantemente mal interpretado, mas é histórico que os Huxley detêm a ignorância, antes que a ignorância detenha os Huxley.

Agora, seu modo de morrer vai continuar a ser para nós, e apenas para nós, um alívio e um consolo, ou outras pessoas deveriam beneficiar-se dele? Não somos todos nobres de berço, e dignos de uma morte nobre?

Fontes¹

capítulo 1 – “1931 A treatise on drugs”, publicado em *The Chicago Herald and Examiner*, em 10 de outubro de 1931. Republicado sob o título “Drugs” em *Pall Mall Magazine* de Nash (março de 1932), p. 54.

CAPÍTULO 2 – “Wanted a new pleasure”, de *Music at night, end atleta essays*, (Chatto & Windus, 1931), *Collected works* ed. de 1970, p. 248-57.

CAPÍTULO 3 – “1982 Soma”, de *Brave New World* (Chatto & Windus, 1932), *Collected works* 1978, p. 44-7, 66-8.

CAPÍTULO 4 – “Propaganda and pharmacology”, de *The olive tree, end other essays* (Chatto & Windus, 1936), *Collected works* 1973, p. 28-9.

CAPÍTULO 6 – “1944 A boundless absence”, de *Time must have a stop* (Chatto & Windus, 1945), *Collected works* 1966, p. 136-42.

CAPÍTULO 6 – “1952 Downward transcendence”, do apêndice a *The devils of Loudun* (Chatto & Windus, 1952), *Collected works* 1970, p. 861-8, 371-2.

CAPÍTULO 8 – “The wise and gentle triphibian”, de *Aldous Huxley, 1894-1968: a memorial volume* (Chatto & Windus, 1965), p. 114-22.

CAPÍTULO 10 – “1954 The doors of perception”, de *The doorg of perception and Heaven and hell* (Chatto & Windus), *Collected works* 1968, p. 5-7, 43-9.

CAPÍTULO 12 – “The far continents of the mind”, de uma conferência no Simpósio Internacional Filosófico de Estudos Parapsicológicos, em Saint-Paul-de-Vence, na França, em 20-26 de abril de 1964. Publicado em *Proceedings of four conferences of parapsychological studies* (Nova Iorque, Parapsychology Foundation, 1967), p. 6-8.

CAPÍTULO 13 – “1955 Mescaline and the ‘other world’ ”, de *Proceedings of the Round Table on bysergic acid diethylamide and mescaline in experimental psychiatry*, na Reunião Anual da American

As indicações bibliográficas aparecerão aqui em sua forma original. (N. da Ed. bras.)

psychiatric Association ; Atlantic City, N.J., cin 12 de maio de 1955 (Nova Iorque, Grune & Stratton, 1956), p. 46-50.

capítulo 15 – “Disregarded in the darkness”, de *This timeless comment: a personal view of Aldous Huxley* (Chatto & Windus, 1969), p. 148-49.

capítulo 17 – “1956 Heaven and hell”, de *The doors of perception and Heaven and hell*, p. 114-17.

capítulo 18 – “Brave New World revisited”, publicado em *Espire*, julho de 1956, p. 81-32 sob o título “Brave new world revisited: proleptic meditations on Mother’s Day, euphoria and Pavlov’s pooch”. Republicado em *The Armchair Esquie* (Nova Iorque, 1958), p. 236-244.

capítulo 20 – “History of tension”, de uma conferência apresentada num Congresso sobre Meprobamato e Outros Agentes Usados em Distúrbios Mentais, promovido pela Academia de Ciências de Nova Iorque, em 18 e 19 de outubro de 1956. Republicado de *Annals of*

tée New York Academia of Sciences, n.º 67, p. 675-684, maio de 1957.

CAPÍTULO 22 – “1958 Chemical persuasion”, de *Brave new world revisited* (Chatto & Windus, 1959), *Collected works 1972*, p. 99-108.

capítulo 24 – “Drugs that shape men’s minds”, de *Collected essays* (Chatto & Windus, 1960), p. 886-46.

CAPÍTULO 26 – “1959 The Final Revolution”, de *Contact: The San Francisco Journal of New Writing, Art, and Ideas*, n.º 2. 1959, p. 5-18. Este artigo baseia-se em conferência feita por Huxley na Universidade da Califórnia, num simpósio da Faculdade de

Medicina sobre “Uma Abordagem Farmacológica do Estudo da Mente”, em São Francisco, em 26 de janeiro de 1959, e foi também publicado numa coleção com o mesmo título (Springfeld, Ill., Thomas, 1959).

capítulo 28 – “1960 The art of fiction”, de *The Paris Review*, n.º 28 (Primavera de 1960), p. 66-69. A entrevista foi conduzida por George Wiekens e Ray Frazer. Republicado em *Writers at work, Second Series* (Secker & Warburg, 1963).

CAPÍTULO 29 – “Mushrooms for lunch”, de *High priest* (Nova Iorque, *New American Libré*, 1968), p. 64-67.

capítulo 30 – “Harvard Session Report”, de anotações tomadas durante uma sessão de psilocibina promovida pelo Projeto de Pesquisa de Psicodélicos, Universidade de Harvard.

capítulo 32 – “1961 London Interview”, de uma entrevista gravada com John Chandos, Landowne Studios, Londres, julho de 1961. CAPÍTULO 38 – “Visionary experience”, de *Proceedings of the XIW International Congress of Applied Psychology*, transcrição verbatim, com ligeiras alterações. Republicado em *Clin. Psych.* e pela The International Federation for Internal Freedom.

CAPÍTULO 34 – “Exploring the borderland of the mind”, de *Fate Magazine*, v. 15, n.º 9, setembro de 1962, p. 86-43. Traduzido para o francês sob o título *Quelle formidable machine que l’homme!* E publicado em *Planète 3* (1962), p. 35-39.

capítulo 35

Love add work, de *This timeless momento*, pg' pg'

capitulo 37 – “Moksha”, de *Island* (Chatto Ez Windus, 1962) *Collected works* 1972, p. 185-40.

capitulo 39 – “1963 *Culture end thc individual*”, de *Playboy Magazine*, novembro de 1968, p. 84-88, 175-79. Republicado em *LSD : thc consciousness-eapanding d«cg* (Nova lorque, 1964), p. 29-30, sob o título “Culture and the individual”.

capitulo 40 – “Oh Nobly Bom!”, de *This timaless moment*, p. 295-308.